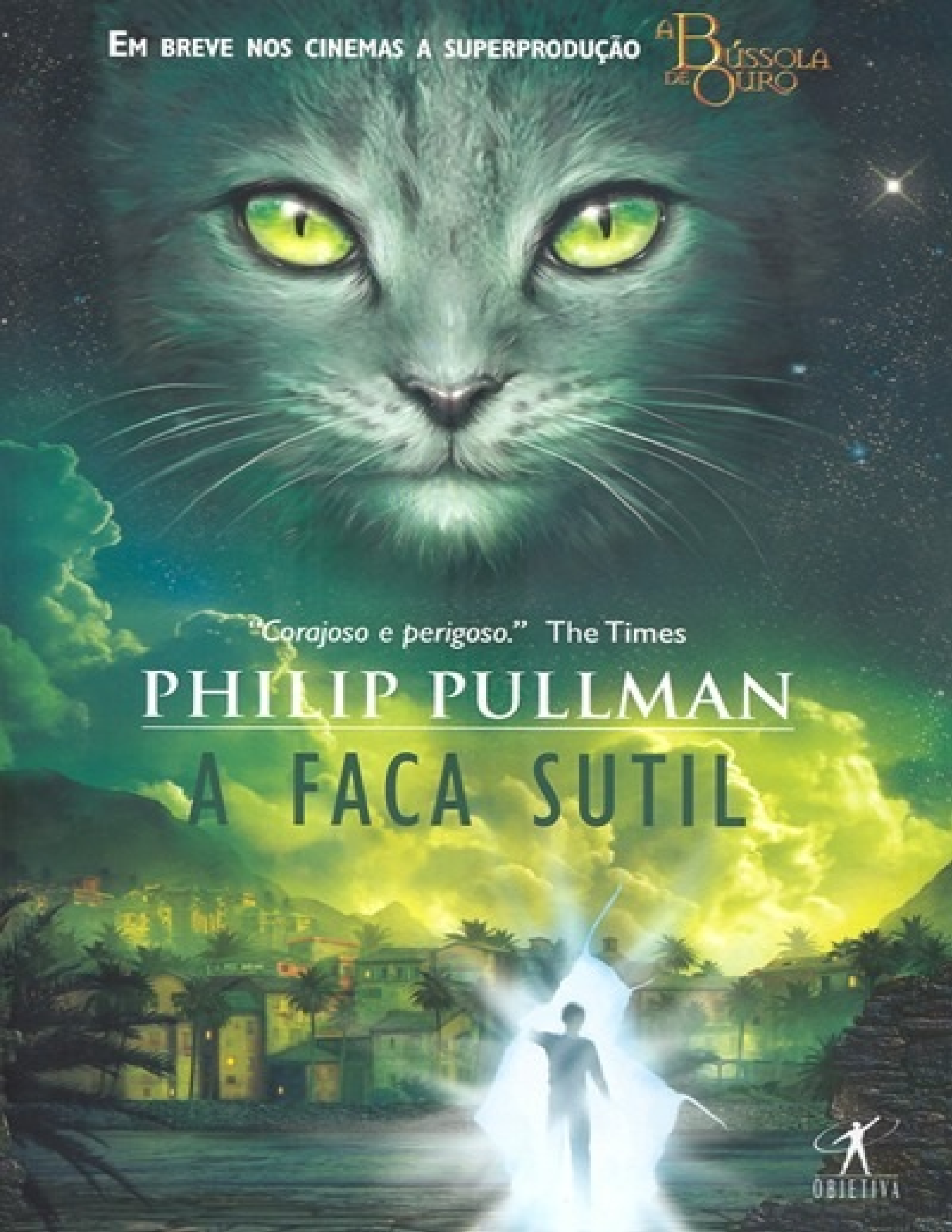

Em breve nos cinemas a superprodução
A Bússola de Ouro
"Corajoso e perigoso." The Times
PHILIP PULLMAN
A FACA SUTIL
OBJETIVA



O mundo dos daemons e das aventuras assombrosas está de volta. Dessa vez, tudo começa quando o jovem Will mata um homem. Com apenas 12 anos, Will está sozinho e precisa fugir. Decidido, ele só tem uma coisa em mente - descobrir toda a verdade que encobre o desaparecimento de seu pai.

Num passe de mágica, Will atravessa uma janela no ar e penetra em outro mundo onde conhece Lyra - uma garota estranha e selvagem. Lyra também tem uma missão e juntos eles vão fazer de tudo para cumprir seus objetivos.

Só que Cittàgazze, o mundo onde Will e Lyra se encontram, é

assustador.

Espectros letais, devoradores de almas, percorrem as ruas, enquanto o rufar de asas de anjos distantes ecoa no céu. É aí, escondida na torre dos anjos, que se encontra a Faca Sutil - um poderoso talismã, capaz de cortar o nada e abrir brechas para outros mundos. Seres de todo o universo são capazes de qualquer coisa para conseguir essa arma.

Qualquer coisa... Até mesmo matar.

Ansiosamente esperado pelos leitores de A Bússola Dourada, este é o segundo volume da trilogia Fronteiras do Universo.

Se você gosta de aventuras aterrorizantes... Se você suporta emoções fortes... Se você está disposto a enfrentar um mundo terrivelmente perigoso, respire fundo e acompanhe Lyra e Will. Os espectros de Cittàgazze aguardam você.

Ansiosamente...

Philip Pullman é considerado um dos mais importantes escritores para jovens da atualidade.

Os dois primeiros livros da trilogia Fronteiras do Universo, grande sucesso de público e crítica, foram traduzidos para 18 línguas, e já são um clássico da literatura.

A Bússola Dourada recebeu a medalha *Carnegie*, o Prêmio de Ficção do *Guardian* e foi eleito o livro do ano na Grã-Bretanha em 1997. A Faca Sutil foi escolido como livro do ano no Reino Unido em 1997.

FRONTEIRAS DO UNIVERSO II

A FACA SUTIL

"Mais do que cumprir a promessa de A Bússola Dourada, este segundo volume da trilogia Fronteiras do Universo começa com um ritmo de acelerar o coração e em momento algum diminui esta velocidade (...) a grandiosa e exuberante narração da história com certeza irá fascinar leitores de todas as idades."

Publishers Weekly

"Em cada época, apenas uma vez surge um autor tão estraordinário, que é capaz de mexer com o imaginário de todas as gerações que vêm depois dele. Lewis Carrol, E. Nesbit, C. S. Lewis e Tolkien fazem parte deste elenco. Philip Pullman, com essa fantástica trilogia, vem juntar-se a esse grupo." *The New Statesman*

"A Faca Sutil é pura fantasia neste final do milênio - fantasia no sentido mais ambicioso e sério. Uma rara história contada por um grande mestre da criatividade."

Times Educational Supplement

"Anjos, bruxas e magia ficam lado a lado com a física, religião e filosofia nesta aventura de tirar o fôlego."

The Guardian

"Pullman deveria ser acorrentado ao seu teclado para terminar logo o volume

três."

New Stateman & Society

Aguarde o próximo livro da série.

A faca sutil é a segunda parte de uma história em três volumes que teve início com A bússola dourada. Este volume movimenta-se entre três universos: o universo de A bússola dourada, que é semelhante ao nosso, porém com várias diferenças; o universo que conhecemos; e um terceiro universo, que apresenta ainda outras diferenças em relação ao nosso. **Sumário**

1. A Gata e os Carpinos 9

2. Entre as Bruxas 40

3. Um Mundo Infantil 69

4. A Trepanação 88

5. Papel de Carta Via Aérea 121

6. Os Voadores Luminosos 136

7. O Rolls Royce 168

8. A Torre dos Anjos 193

9. O Roubo 220

10. O Xamã 238

11. O Belvedere 255

12.A Linguagem da Tela 271

13. AESahaettr 290

14. A Ravina do Álamo 316

15.Musgo-Sangüíneo 348

1 - A GATA E OS CARPINOS

Will puxou a mãe pela mão, dizendo:

- Vamos, vamos...

Mas a mãe relutava, ainda estava com medo.

À luz do entardecer, Will perscrutou os dois lados da ruela estreita - um quarteirão pequeno, cada casa atrás de seu jardinzinho minúsculo e sua cercaviva, com o sol a refletir-se nas janelas de um lado, deixando o outro lado na sombra. Não tinham muito tempo; a essa hora, as pessoas certamente estariam à mesa, mas logo haveria outras crianças por ali, para prestar atenção, perceber, comentar. Era perigoso esperar mas, como sempre, a única coisa que ele podia fazer era tentar convencê-la.

- Mãe, vamos entrar e ver a Sra. Cooper - disse ele. - Olhe, é logo ali.

- A Sra. Cooper? - ela repetiu, em tom de dúvida.

Mas ele já estava tocando a sineta. Para isso teve que deixar a mala no chão, pois a outra mão ainda segurava a da mãe. Com 12 anos de idade, ele poderia até ficar envergonhado de ser visto segurando a mão da mamãe, mas sabia o que aconteceria se não fizesse isso.

A porta abriu-se e surgiu a figura idosa e encurvada da professora de piano, exalando cheiro de lavanda, como ele se lembrava.

- Quem é? É William? - perguntou a anciã. - Não vejo você há mais de um ano. Que é que você quer, meu filho?

- Quero entrar, por favor. Eu e a minha mãe - ele disse em tom firme. A Sra. Cooper olhou para a mulher de cabelos despenteados e um meio-sorriso aturdido, e para o menino com um brilho forte e infeliz nos olhos, lábios contraídos, queixo saliente. E percebeu então que a Sra. Parry, a mãe de Will, distraidamente colocara maquilagem num dos olhos, mas não no outro. E Will não tinha visto isso? Alguma coisa estava errada.

- Bem... - fez ela, pondo-se de lado para dar-lhes passagem no corredor estreito.

William olhou para os dois lados da rua antes de fechar a porta; a Sra. Cooper percebeu a força com que a Sra. Parry agarrava-se à mão do filho, e o carinho com que ele a levou para dentro da sala de estar onde ficava o piano (naturalmente, era o único aposento que ele conhecia) e ela percebeu também que as roupas da Sra. Parry tinham um leve odor de mofo, como se tivessem ficado tempo demais na máquina de lavar antes de serem postas a secar; e que os dois se pareciam muito, sentados no sofá, o sol vespertino caindo em cheio no rosto deles: as maçãs salientes, os olhos largos, as sobrancelhas retas e negras.

- Que foi, William? - perguntou a anciã. - Qual é o problema?

- Mamãe precisa de um lugar para ficar alguns dias - ele explicou. - No momento está muito difícil cuidar dela em casa. Não que ela esteja doente, está só meio confusa, e fica um pouco preocupada. Não é difícil tomar conta dela. Ela só precisa de alguém que a trate com carinho, e acho que a senhora poderia fazer isso facilmente, com certeza.

A mulher olhava para o filho parecendo não entender, e a Sra. Cooper viu um arranhão no rosto dela. Will não tirara os olhos da Sra. Cooper, e sua expressão era de desespero.

- Ela não vai lhe dar despesa - ele prosseguiu. - Eu trouxe alguns pacotes de comida, acho que será suficiente. É para a senhora, também. Ela não vai se importar em dividir.

- Mas... Não sei se devo... Ela não precisa de um médico?

- Não! Ela não está doente.

- Mas deve haver alguém que possa... Quer dizer, não há um vizinho, ou alguém da família...

- Nós não temos família. Somos só nós dois. E os vizinhos são ocupados demais.

- E o serviço social? Não estou querendo enxotar você, filho, mas...

- Não, não. Ela só precisa de um pouco de cuidado. Não vou mais poder fazer isso, mas só por pouco tempo, não vou demorar. Tenho que... Tenho algumas coisas a fazer. Mas logo estarei de volta, e vou levar mamãe de novo para casa, prometo. A senhora não vai precisar cuidar dela por muito tempo.

A mãe olhava para o filho com tanta confiança, e ele voltou-se e sorriu para ela com tanto amor, transmitindo-lhe tanta segurança, que a Sra. Cooper não conseguiu negar.

- Bem, com certeza não será ruim, por um dia ou dois. - Voltou-se para a Sra. Parry: - Minha cara, pode ficar no quarto da minha filha, ela está na Austrália e não vai precisar dele.

- Obrigado - disse Will, pondo-se de pé como se estivesse com pressa de partir.

- Mas onde você estará? - perguntou a Sra. Cooper.

- Vou ficar com um amigo - ele disse. - Vou telefonar sempre que puder. Tenho o seu número. Vai dar tudo certo.

A mãe olhava para ele, confusa, Will inclinou-se para ela e beijou-a desajeitadamente.

- Não se preocupe - disse. - A Sra. Cooper vai cuidar da senhora melhor que eu, acredite. E amanhã eu telefono e falo com a senhora. Os dois se abraçaram com força, e então Will beijou-a novamente e com ternura retirou os braços dela de seu pescoço, antes de se encaminhar para a porta da rua. A Sra. Cooper notava que ele estava perturbado, pois tinha os olhos brilhantes, mas ele virou-se, lembrando-se das boas maneiras, e estendeu a mão.

- Adeus, e muito obrigado - disse.

- William, eu queria que você me contasse qual é o problema... - ela pediu.

- É um pouco complicado, mas ela não vai dar trabalho, eu prometo. Não fora isso que ela perguntara, e ambos sabiam mas, de um modo ou de outro, Will estava cuidando dos seus assuntos, fossem eles quais fossem. A anciã nunca tinha visto uma criança tão determinada. Ele virou-se, já pensando na casa vazia.

O beco onde Will e a mãe moravam era uma curva de estrada num loteamento moderno, com uma dúzia de casas idênticas, das quais a deles era, de longe, a mais modesta.

O jardim da frente era apenas um gramado cheio de ervas; no início do ano, a mãe tinha plantado algumas flores, mas elas secaram e morreram por falta de

água. Quando Will dobrou a esquina, a gata Moxie saiu de seu local favorito, sob a única hortênsia que ainda vivia, e espreguiçou-se antes de cumprimentá-lo com um miado baixo e esfregar a cabeça contra a perna dele. Ele pegou-a no colo e cochichou:

- Eles voltaram, Moxie? Você viu algum deles?

A casa estava silenciosa. Aproveitando os resquícios de luz do dia, o morador da casa em frente estava lavando o carro, mas não prestou atenção em Will, e o garoto não olhou para ele. Quanto menos as pessoas o percebessem, melhor.

Segurando Moxie junto ao peito, Will destrancou a porta e entrou rapidamente. Então ficou escutando com atenção, antes de soltar o animal. Não havia ruído algum, a casa estava vazia.

Abriu uma lata de comida para a gata e deixou-a comendo na cozinha. Quanto tempo até o homem voltar? Will não sabia, de modo que era melhor agir depressa. Subiu a escada e começou a busca.

Estava procurando um escrínio de couro verde, puído pelo tempo. Havia uma quantidade surpreendente de locais para esconder uma coisa daquele tamanho, mesmo numa casa moderna comum - não é preciso haver painéis secretos e porões enormes para dificultar a busca de alguma coisa. Will procurou primeiro no quarto da mãe, constrangido ao revistar as gavetas onde ela guardava as roupas íntimas, e depois vasculhou sistematicamente o resto dos quartos no andar de cima, inclusive o seu próprio. Moxie veio ver o que ele estava fazendo, sentou-se a um canto e pôs-se a lamber-se, fazendo-lhe companhia.

Mas ele não teve sucesso.

Quando escureceu, Will sentiu fome. Preparou uma porção de ervilhas com torradas e sentou-se à mesa da cozinha, estudando a melhor ordem para revistar os aposentos do andar térreo.

Estava terminando de comer quando o telefone tocou.

Ele ficou imóvel, o coração disparado. Contou: 26 toques até parar. Colocou o prato na pia e recomeçou a busca.

Quatro horas depois, ainda não tinha encontrado o escrínio de couro verde. Era

uma e meia da manhã, e ele estava exausto. Deixou-se cair na cama vestido e adormeceu de imediato, teve sonhos tumultuados e cheios de gente, o rosto infeliz e assustado da mãe sempre presente, mas fora do seu alcance.

E quase no mesmo instante, ao que parecia (embora tivesse dormido quase três horas), ele despertou tomando consciência de duas coisas ao mesmo tempo.

A primeira: sabia onde o escrínio estava escondido. A segunda: sabia que os homens estavam lá embaixo, abrindo a porta da cozinha. Ergueu Moxie para fora do seu caminho e com delicadeza silenciou seu protesto sonolento. Depois sentou-se na cama e calçou os sapatos, forçando cada nervo para ouvir os ruídos do térreo - ruídos bastante abafados: uma cadeira erguida e recolocada no chão, um cochicho breve, o ranger de uma tábua do assoalho.

Movendo-se com menos ruído do que eles, o menino saiu do quarto e foi pé ante pé até o quarto de guardados no alto da escada. A escuridão não era total e, à luz cinzenta e fantasmagórica de antes do amanhecer, ele avistou a velha máquina de costura de pedal. Tinha revistado o quarto algumas horas antes, mas esquecera-se do compartimento na lateral da máquina, onde ficavam guardadas agulhas e carretilhas.

Tateou cuidadosamente, sem deixar de escutar. Os homens moviamse no andar térreo, e Will via, pela fresta da porta, uma luz fraca que poderia ser uma lanterna.

Então encontrou o fecho do compartimento e abriu-o com um estalido; lá dentro, como ele sabia, estava o escrínio de couro.

E agora, que poderia fazer?

No momento, nada. Agachou-se na penumbra, o coração disparado, escutando atentamente.

Os dois homens estavam no corredor de entrada. Ele ouviu um deles dizer baixinho:

- Vamos, estou ouvindo o leiteiro entrar na outra rua.

- Mas o negócio não está aqui, vamos ter que procurar lá em cima disse a outra voz.

- Então vá logo. Não perca tempo.

Will retesou-se ao ouvir o estalido baixo do degrau superior. O homem procurava não fazer ruído, mas não pôde evitar o estalido porque não sabia dele. Então houve uma pausa. Will viu por baixo da porta o facho muito estreito da lanterna varrer o chão do lado de fora.

Então a porta começou a mover-se. Will esperou até o homem estar emoldurado pela porta aberta, e então saltou da escuridão e jogou-se contra o estômago do intruso.

Mas nenhum dos dois viu a gata.

Quando o homem chegara ao último degrau, Moxie saíra silenciosamente do quarto e ficara parada, com a cauda erguida, logo atrás das pernas dele, pronta para esfregar-se nelas.

O homem poderia ter dado cabo de Will, pois era grande, forte e treinado, mas a gata estava no seu caminho e ele tropeçou no animal quando tentou retroceder e com um grito abafado caiu de costas escada abaixo, batendo a cabeça brutalmente contra a mesa do saguão.

Will escutou um estalo horrível mas não parou para pensar nisso: desceu a escada num salto, passando por cima do corpo que se contorcia, agarrou a sacola de compras que estava sobre a mesa e saiu pela porta da frente, fugindo antes que o outro homem pudesse fazer algo mais do que surgir à porta da sala de estar.

Mesmo com medo e pressa Will ficou pensando por que o outro homem não gritara ou saíra atrás dele. Mas logo estariam à sua procura com seus carros e seus telefones celulares. A única coisa a fazer era correr. Viu o leiteiro entrar no beco, os faróis de seu carro elétrico pálidos ao brilho da aurora que já enchia o céu. Will pulou o muro para o jardim vizinho, desceu o corredor ao lado da casa, pulou o muro oposto, cruzou um gramado molhado de orvalho, atravessou a cerca-viva e entrou no emaranhado de árvores e moitas que ficava entre o loteamento e a rua principal; lá, rastejou para debaixo de uma touceira e ficou deitado, ofegante e trêmulo. Era cedo demais para ir para a rua: melhor esperar até mais tarde, quando começasse o movimento matinal.

Não conseguia tirar do pensamento o estalo produzido pela cabeça do homem

batendo na mesa, e o modo como o pescoço dele estava torcido, tão estranho, e os horrendos espasmos das pernas. O homem estava morto. Ele o tinha matado.

Não conseguia tirar isso da cabeça, mas precisava. Havia muita coisa em que pensar. Sua mãe: ela estaria realmente segura onde estava? A Sra. Cooper não iria contar, iria? Mesmo se Will não voltasse como tinha prometido? Porque poderia não voltar, agora que tinha matado alguém. E Moxie. Quem daria comida a ela? Moxie ficaria preocupada com ele e a mãe? Tentaria ir atrás dele?

Estava ficando mais claro a cada minuto. Já havia luz suficiente para ele verificar as coisas na sacola de compras: a bolsa da mãe, a última carta do advogado, o mapa do Sul da Inglaterra, barras de chocolate, pasta de dente, meias e calças.

E o escrínio de couro verde.

Estava tudo ali. Na realidade, estava tudo saindo conforme planejado. A não ser uma coisa: ele tinha matado uma pessoa.

Will tinha sete anos de idade quando percebeu que sua mãe era diferente e que ele tinha que tomar conta dela. Estavam num supermercado, e faziam uma brincadeira: só podiam colocar alguma coisa no carrinho quando ninguém estivesse olhando. A função de Will era olhar em volta e cochichar

"Agora!", e ela então pegava depressa uma lata ou um pacote na prateleira e colocava no carro. Com a mercadoria dentro do carrinho, eles estavam seguros, porque ficavam invisíveis.

Era uma boa brincadeira, e durou um bom tempo, pois era uma manhã

de sábado e o mercado estava cheio, mas eles eram bons nisso e juntos trabalhavam bem. Confiavam um no outro. Will amava muito a mãe e sempre lhe dizia isso, e ela dizia a mesma coisa a ele.

De modo que quando chegaram à caixa registradora Will estava excitado e feliz porque quase tinham vencido. E quando a mãe não conseguiu encontrar a bolsa, isso também fazia parte da brincadeira, mesmo quando ela disse que os inimigos a tinham roubado, mas a essa altura Will estava ficando cansado, e faminto também, e a mãe já não estava tão feliz - ela estava realmente assustada, e os dois ficaram dando voltas no mercado, recolocando todas as mercadorias nas

prateleiras, mas dessa vez tiveram que ter ainda mais cuidado, porque os inimigos estavam no rastro dela através dos números do cartão de crédito, que eles conheciam, pois estavam com a bolsa dela... E Will ficava cada vez mais amedrontado. Percebia a esperteza da mãe ao fazer do perigo real uma brincadeira, para que ele não ficasse assustado, e via também que, agora que sabia a verdade, precisava fingir não estar com medo, para que ela ficasse tranqüila.

De modo que o menininho fingiu que ainda era uma brincadeira, para que ela não tivesse que se preocupar com o medo dele, e os dois foram para casa sem as compras, mas a salvo dos inimigos; e então Will encontrou a bolsa na mesa do corredor de entrada. Na segunda-feira foram ao banco e fecharam a conta dela, e abriram uma nova em outro lugar, só para terem certeza. E assim o perigo passou.

Mas ao longo dos meses seguintes Will percebeu, lentamente e a contragosto, que aqueles inimigos de sua mãe não estavam no mundo lá fora, mas dentro da mente dela. Isso não os tornava menos reais, nem menos assustadores ou perigosos, significava apenas que ele teria que protegê-la ainda mais.

E desde o instante, no supermercado, em que ele percebeu que devia fingir para não preocupá-la, parte da sua mente estava sempre alerta à

ansiedade dela. Will amava tanto a mãe, que morreria para protegê-la. Quanto ao seu pai, ele desaparecera muito antes de Will ter capacidade para lembrar-se dele. Will tinha a respeito do pai uma curiosidade apaixonada, e costumava encher a mãe de perguntas que na maioria ela não sabia responder.

- Ele era rico?

- Para onde ele foi?

- Por que ele foi?

- Ele está morto?

- Ele vai voltar?

- Como ele era?

Essa última era a única pergunta a que ela sabia responder. John Parry tinha sido um homem bonito, um oficial da Marinha Real corajoso e inteligente, que deixou a carreira militar para tornar-se explorador e guiar expedições a regiões remotas do mundo. Will adorou saber disso: nenhum pai poderia ser mais empolgante do que um explorador. Daí em diante, em todas as suas brincadeiras ele tinha um companheiro invisível: ele e o pai estavam juntos abrindo uma picada na mata, ou no convés de sua escuna protegendo os olhos com a mão para observar o mar revolto, ou erguendo uma lanterna para decifrar inscrições misteriosas numa caverna infestada de morcegos... Eram os melhores amigos, salvaram a vida um do outro inúmeras vezes, riam e conversavam junto à fogueira até tarde da noite. Mas ao ficar mais velho Will começou a questionar. Por que não havia retratos de seu pai nessa ou naquela parte do mundo, com homens de barba de gelo em trenós no Ártico ou estudando ruínas cobertas pelo mato na selva?

Nada sobrevivera dos troféus e das curiosidades que ele certamente tinha trazido para casa? Não havia um só livro que falasse dele?

A mãe não sabia. Mas uma coisa que ela costumava dizer ficou guardada para sempre na mente dele:

- Um dia você vai seguir os passos do seu pai. Você também vai ser um grande homem. Vai levar o manto dele.

E embora Will não soubesse o que isso significava, entendia o sentido, e sentia-se cheio de orgulho e propósito: todas as suas brincadeiras iam se tornar realidade. O pai estava vivo, perdido em algum lugar, e ele ia salvá-lo e levar o manto dele...

Valia a pena viver uma vida difícil, quando se tinha um propósito grandioso como esse.

De modo que ele guardou em segredo o problema da mãe.

Havia ocasiões em que ela ficava mais calma e mais lúcida, e ele tratava de aprender com ela como fazer compras, cozinhar e manter a casa limpa, para poder fazer essas coisas nos períodos em que ela estava confusa e assustada. E aprendeu também a esconder-se, passar despercebido na escola; não atrair a atenção dos vizinhos, mesmo quando a mãe se encontrava num tal estado de medo e loucura que mal conseguia falar. O que o próprio Will temia mais do que

tudo era que as autoridades descobrissem sobre ela e a levassem embora, e o colocassem num lar adotivo entre pessoas

desconhecidas. Qualquer dificuldade era melhor que isso.

Porque havia ocasiões em que as trevas abandonavam a mente da Sra. Parry e ela ficava outra vez feliz, ria dos próprios temores e o abençoava por cuidar dela tão bem e era tão cheia de amor e carinho que ele não podia imaginar uma companhia melhor, e nada mais desejava senão viver só com ela para sempre.

Mas então apareceram aqueles homens.

Não eram da polícia, não eram do serviço social e não eram criminosos - pelo menos pelo que Will podia julgar.

Não lhe disseram o que queriam, apesar dos esforços dele para afastá-los, só falariam com a mãe dele. E nessa ocasião o estado dela era de fragilidade.

Mas o garoto escutou atrás da porta e ouviu-os perguntar pelo pai dele, e sentiu a respiração acelerar-se.

Os homens queriam saber aonde John Parry tinha ido, e se tinha mandado alguma coisa para ela, e quando ela tivera notícias dele pela última vez, e se ele fizera algum contato com qualquer embaixada estrangeira. Will percebeu que a mãe ficava cada vez mais perturbada, e finalmente ele irrompeu na sala e mandou-os embora.

Will parecia tão feroz que nenhum dos dois homens riu, embora ele fosse tão jovem. Podiam simplesmente tê-lo derrubado, ou prendido seu corpo no chão com uma das mãos, mas ele era destemido e sua raiva era ardente e mortal.

Eles foram embora. Naturalmente esse episódio fortaleceu a convicção de Will: seu pai estava com problemas, e só ele poderia ajudar. Suas brincadeiras já não eram infantis, e ele não brincava tão às claras. A fantasia estava virando realidade, e ele teria que se mostrar à altura. Não muito depois, os homens voltaram, insistindo que a mãe de Will tinha algo a revelar. Vieram quando Will estava na escola, e um deles ficou conversando com ela no andar térreo enquanto o outro revistava os quartos de dormir. Ela não percebeu o que estavam fazendo. Mas Will voltou para casa mais cedo e os encontrou lá, e mais uma vez brigou com eles, e mais uma vez eles partiram.

Pareciam saber que ele não procuraria a polícia, por medo de perder a mãe para as autoridades, e ficaram cada vez mais insistentes. Finalmente arrombaram a porta e entraram na casa quando Will tinha saído para buscar a mãe no parque: ela estava pior agora, e acreditava que tinha que tocar em cada tábua de cada banco junto ao laguinho. Will resolveu ajudá-la, para acabar logo com aquilo. Quando chegavam perto de casa, avistaram a traseira do carro dos homens saindo do beco, e ao entrar ele viu que tinham revistado a casa toda, remexendo na maioria das gavetas e dos armários. Sabia o que eles estavam procurando. O escrínio de couro verde era o objeto mais precioso que sua mãe possuía e ele jamais sonharia em abri-lo, nem sequer sabia onde ela o guardava, mas sabia que ele continha cartas, e sabia que ela as lia às vezes, e chorava, e era então que ela falava sobre o pai dele. De modo que Will imaginava que era isso que os homens procuravam, e concluiu que tinha que fazer alguma coisa.

Decidiu que primeiro encontraria um lugar seguro para a mãe ficar. Pensou e tornou a pensar, mas não tinha amigos a quem pedir, e os vizinhos já

suspeitavam; a única pessoa que ele achava digna de confiança era a Sra. Cooper. Uma vez que a mãe estivesse em segurança lá, ele iria encontrar o escrínio de couro verde, ver o que ele continha, e depois iria para Oxford, onde encontraria resposta para algumas das suas perguntas.

Mas os homens voltaram cedo demais.

E agora ele tinha matado um deles.

De modo que a polícia também estaria atrás dele.

Ora, Will sabia como passar despercebido. Teria que passar mais despercebido do que jamais passara em toda a sua vida, e continuar assim pelo tempo que fosse possível, até encontrar o pai ou até que eles o encontrassem. E se o encontrassem antes, ele não se importaria em matar quantos fosse necessário.

No final desse mesmo dia, já perto da meia-noite, Will estava saindo a pé da cidade de Oxford, a 65 quilômetros de distância da sua casa. Estava exausto, tinha viajado de carona, de ônibus (dois) e a pé, e eram seis da tarde quando chegara a Oxford, tarde demais para fazer o que ele precisava fazer, então comeu no Burger King e foi refugiar-se num cinema (embora não tivesse conseguido prestar a menor atenção ao filme), e agora estava caminhando por uma rua infindável, atravessando os subúrbios na direção norte. Até então ninguém o

tinha notado. Mas ele sabia que era melhor encontrar logo um lugar para dormir, pois quanto mais tarde ficasse, mais conspícuo ele se tornaria. O problema era que não havia onde se esconder nos jardins das casas confortáveis ao longo dessa rua, e ainda não havia sinal do campo aberto.

Chegou a um trevo largo, um grande entroncamento onde a rua que ele percorria rumo ao norte cruzava com a via de acesso a Oxford, esta na direção leste-oeste. A essa hora da noite havia pouco tráfego, e a rua onde ele se encontrava era tranqüila, com casas confortáveis, cercadas de arbustos e separadas da calçada, nos dois lados da rua, por um extenso gramado. Plantadas ao longo do gramado, quase na beira da calçada, havia duas fileiras de carpinos, árvores de aparência estranha, de copas muito densas e perfeitamente simétricas, mais parecidas com desenhos infantis do que com árvores de verdade, a luz dos postes da rua dava-lhes uma aparência artificial, como um cenário montado. Will estava entorpecido de cansaço, e poderia ter seguido para o norte ou se deitado no gramado para dormir sob uma daquelas árvores, mas enquanto estava parado, tentando clarear a mente, ele viu um gato.

Era uma fêmea, como Moxie, surgiu de um jardim na calçada onde Will estava. Will colocou a sacola no chão e estendeu a mão, e a gata aproximouse e esfregou a cabeça nos dedos dele, exatamente como Moxie fazia. Naturalmente todos os gatos faziam isso, mas mesmo assim Will sentiu uma vontade tão grande de voltar para casa que seus olhos encheram-se de lágrimas.

Finalmente a gata deu-lhe as costas, era noite, e havia um território para patrulhar, ratos para caçar. Ela atravessou a rua e o gramado até chegar aos carpinos, e ali estacou.

Will, ainda a observá-la, viu que o animal se comportava de maneira curiosa.

A gata estendeu uma pata para tatear alguma coisa no ar à sua frente, algo invisível para Will. Depois saltou para trás, as costas arqueadas e os pêlos eriçados, a cauda rígida no ar.

Will conhecia o comportamento felino, observou com mais atenção enquanto a gata tornava a se aproximar do local - um trecho de gramado entre as árvores e os arbustos de uma cerca de jardim - e mais uma vez tateou no ar.

Novamente saltou para trás, mas dessa vez com muito menos sobressalto. Depois de mais alguns segundos farejando, tateando e fremindo os bigodes, a

curiosidade venceu o medo.

A gata avançou alguns passos e desapareceu.

Will pestanejou. Então ficou imóvel, grudado ao tronco da árvore mais próxima, enquanto um caminhão virava a esquina e seus faróis deslizavam sobre ele. Depois que o caminhão passou, ele atravessou a rua, olhos postos no local onde a gata estivera. Não era fácil, pois nada havia para marcar o lugar, mas quando chegou lá e olhou em volta com atenção ele viu. Pelo menos de alguns ângulos. Era como se alguém tivesse cortado um pedaço do ar a uns dois metros da calçada, um pedaço que formava um quadrado grosseiro com menos de um metro de lado. Para quem estivesse vendo pelo lado, ele ficava quase invisível, e por trás era totalmente invisível, só podia ser visto pelo lado mais perto da calçada, e mesmo assim com dificuldade, pois tudo que se podia ver através dele era exatamente o mesmo tipo de coisa que havia na frente dele deste lado: um trecho de gramado iluminado por um poste de rua.

Mas Will sabia, sem sombra de dúvida, que aquele gramado do outro lado ficava em outro mundo.

Não sabia por que, mas sabia, como sabia que o fogo queimava e que a bondade era boa: estava olhando para alguma coisa inteiramente alienígena. E apenas por esse motivo ele se inclinou e olhou mais para dentro. O que viu fez sua cabeça girar e o coração bater com mais força, mas ele não hesitou: jogou para dentro a sacola e passou ele mesmo através do buraco no tecido deste mundo, para dentro de outro mundo.

Encontrou-se sob uma fileira de árvores. Mas não eram carpinos: eram palmeiras altas, que, como as árvores em Oxford, cresciam numa fileira ao longo do gramado. Mas a rua ali era uma avenida larga, tendo num dos lados uma fileira de cafés e lojinhas, portas abertas, tudo muito iluminado, e tudo inteiramente silencioso e deserto sob um céu pesado de estrelas. A noite quente trazia o perfume de flores e o cheiro salgado do mar. Will olhou em volta cuidadosamente. Atrás dele a lua cheia brilhava sobre uma paisagem distante de grandes montes verdes, e nas encostas dos morros havia casas com ricos jardins e um parque aberto, com pequenos bosques e o brilho alvo de um templo clássico.

Logo atrás dele ficava o recorte no ar, tão difícil de distinguir deste lado quanto

do outro, mas definitivamente real. Ele se inclinou para olhar através dele e viu a rua em Oxford, no seu próprio mundo. Virou-se com um estremecimento: fosse o que fosse esse outro mundo, tinha que ser melhor do que aquele que ele acabava de deixar. Com um início de vertigem, uma sensação de estar sonhando e estar acordado ao mesmo tempo, ele se endireitou e olhou em volta à procura da gata, a sua guia. Ela não estava à vista. Sem dúvida já estava explorando aquelas ruelas e os jardins atrás dos cafés de luzes tão convidativas. Will pegou sua velha sacola de compras e atravessou lentamente a rua naquela direção, movendo-se com cuidado para o caso de tudo desaparecer.

O ar daquele lugar tinha algo de mediterrâneo, ou talvez de caribenho. Will nunca estivera fora da Inglaterra, de modo que não podia compará-lo com qualquer coisa que conhecesse, mas era o tipo de lugar para onde as pessoas iam tarde da noite para comer e beber, dançar e ouvir música. No entanto, ali não havia vivalma, e o silêncio era imenso.

Na primeira esquina havia um café com mesinhas verdes na calçada, um balcão com tampo de zinco e uma máquina de café expresso. Havia copos cheios pela metade, em algumas das mesas; numa delas, um cigarro queimara até o filtro, um prato de risoto estava ao lado de uma cestinha de pães velhos, duros como papelão.

Ele pegou uma garrafa de refrigerante na geladeira atrás do bar e pensou por um instante antes de deixar uma moeda de uma libra na caixa registradora. Assim que a fechou, tornou a abri-la, imaginando que o dinheiro ali guardado pudesse mostrar-lhe que lugar era aquele. O dinheiro se chamava corona, mas além disso ele nada mais conseguiu descobrir. Guardou de volta o dinheiro e abriu a garrafa com o abridor preso ao balcão antes de sair do café e descer a rua que se afastava da avenida. Pequenas quitandas e padarias ficavam entre joalherias e floristas, e portas com cortinas de contas levavam a casas particulares onde sacadas de ferro trabalhado, cobertas de flores, abriam-se acima da calçada estreita, e onde o silêncio enclausurado parecia ainda mais profundo.

As ruas eram em declive, e logo terminavam numa avenida larga, onde outras palmeiras erguiam-se no ar, aparte inferior das folhas brilhando à luz dos postes.

Do outro lado da avenida estava o mar.

Will encontrou-se diante de um porto fechado à esquerda por um molhe de pedra

e à direita por um promontório onde, entre árvores e arbustos em flor, um prédio grande, com colunas de pedra, larga escadaria e balcões ornamentados, estava iluminado por holofotes. No porto, um ou dois botes a remo estavam ancorados, e para além do molhe o brilho das estrelas refletia-se no mar parado.

A essa altura o cansaço de Will desaparecera: ele estava inteiramente acordado e possuído pelo pasmo. De vez em quando, enquanto caminhava pelas ruas estreitas, ele estendia a mão para tocar numa parede, numa porta, nas flores de uma jardineira sob uma janela, e tudo era sólido e convincente, agora ele queria tocar em toda a paisagem à sua frente, porque ela era ampla demais para ser apreendida somente através dos olhos. Ficou ali parado, respirando profundamente, quase que com medo.

Constatou que ainda estava segurando a garrafa trazida do café, e provou o líquido, que tinha sabor daquilo que realmente era: soda limonada gelada - e muito bem-vinda, porque a noite estava quente. Virou para a direita e seguiu pela avenida à beira-mar, passando por hotéis com toldos acima das entradas brilhantemente iluminadas, ladeadas de buganvílias floridas. O prédio entre as árvores, com sua fachada enfeitada, iluminada por holofotes, poderia ser um cassino, ou até mesmo um teatro lírico. No jardim que o circundava, por entre as espirradeiras floridas de cujos ramos pendiam lâmpadas, havia alamedas que levavam a várias direções. Mas nem um som de vida se ouvia: nenhum pássaro noturno, nenhum inseto, nada além do ruído dos passos do próprio Will. O único som que ele ouvia, abafado e regular, vinha das marolas que quebravam mansamente na praia, além das palmeiras que orlavam o jardim.

Will encaminhou-se para lá. A maré estava a meio, e alguns pedalinhos tinham sido puxados para acima do alcance da água e formavam uma fileira na areia branca e macia. A cada poucos segundos, uma onda minúscula dobrava-se na areia antes de deslizar de volta, harmoniosamente, sob a ondulação seguinte. A uns 50 metros mar adentro, uma plataforma de mergulho flutuava na água calma. Will sentou-se na lateral de um dos pedalinhos e arrancou os sapatos - seus tênis baratos, que já estavam se desmanchando e apertavam seus pés em brasa. Deixou as meias junto aos sapatos e enfiou os dedos dos pés na areia. Segundos depois, tinha arrancado o resto das roupas e entrava no mar.

A água estava deliciosa, entre fresca e morna. Ele nadou até a plataforma de mergulho, alçou-se para sentar-se nas tábuas alisadas pelo tempo e voltou o olhar para a cidade.

A sua direita, o porto limitado pelo seu molhe. Atrás dele, distante cerca de dois quilômetros, ficava um farol listrado de vermelho e branco. Atrás do farol viam-se vagamente penedos distantes, e mais além deles, aquelas grandiosas montanhas que ele avistara assim que atravessou o buraco no ar.

Mais próximas ficavam as árvores luminosas dos jardins do cassino, as ruas da cidade, e a avenida ao longo da praia, com seus hotéis, cafés e lojas acolhedoramente iluminados - tudo silencioso, tudo deserto. E tudo seguro. Ninguém poderia segui-lo até ali; o homem que revistara a casa jamais saberia; a polícia nunca o encontraria. Ele tinha um mundo inteiro onde se esconder.

Pela primeira vez desde que saíra correndo pela porta de sua casa, naquela manhã, Will começou a se sentir a salvo.

Estava novamente com sede, e com fome também, pois, afinal de contas, alimentara-se pela última vez em outro mundo.

Deslizou de volta para a água e nadou devagar para a praia, onde vestiu a cueca e recolheu o resto das roupas e a sacola de compras. Deixou cair a garrafa vazia na primeira lixeira que encontrou e saiu caminhando descalço pela avenida na direção do porto.

Quando seu corpo secou um pouco ele vestiu o jeans e procurou um lugar onde arranjar comida. Os hotéis eram chiques demais; Will olhou para dentro do primeiro que apareceu, mas era tudo tão grandioso que ele se sentiu desconfortável, portanto continuou ao longo da praia até encontrar um pequeno café que parecia ser o lugar certo. Não saberia dizer por quê; era um lugar muito parecido com uma dúzia de outros, mesas e cadeiras na calçada ao ar livre e uma sacada no primeiro andar carregada de flores, mas lhe pareceu acolhedor.

Havia um balcão de bar com fotografias de lutadores de boxe na parede e um pôster autografado de um homem de sorriso largo tocando acordeom. Havia uma cozinha, e ao lado dela uma porta que se abria para uma escada estreita atapetada por um estampado floral de cores vivas. Ele subiu sem ruído até o pequeno patamar do segundo andar e abriu a primeira porta que encontrou. Era uma sala de visitas; lá dentro estava quente e abafado, e Will abriu a porta de vidro da sacada, para deixar entrar o ar vespertino. A sala em si era acanhada, com móveis grandes demais para ela, e modesta, mas era limpa e confortável-ali moravam pessoas hospitaleiras. Havia uma pequena estante de livros, uma

revista sobre a mesa, algumas fotos emolduradas.

Will saiu e olhou os outros aposentos: um banheiro pequeno, um quarto com cama de casal. Alguma coisa fez sua pele arrepiar-se antes de abrir a última porta. Seu coração disparou. Ele não tinha certeza de ter ouvido um som vindo de dentro, mas alguma coisa lhe dizia que aquele quarto não estava vazio. Pensou na estranheza desse dia, que tinha começado com alguém do lado de fora de um quarto escuro, ele esperando lá dentro, e agora as posições eram Inversas.

Enquanto ele pensava nisso a porta escancarou-se de chofre e alguma coisa arremessou-se sobre ele como um animal feroz.

Mas sua memória lhe dera o aviso, e ele não estava suficientemente perto para ser derrubado. E reagiu com truculência: joelhos, cabeça, punhos e a força dos seus braços contra aquela coisa, aquele homem, aquela mulher... Uma garota mais ou menos da idade dele, feroz, a rosnar, roupas sujas e esfarrapadas, membros despidos e magros. No mesmo momento ela percebeu o que ele era, e desvencilhou-se do peito nu dele para ir agachar-se no canto do patamar escuro, como um gato encurralado. E havia mesmo um gato ao lado dela, para espanto de Will: um enorme gato selvagem cuja altura chegava aos joelhos dele, pêlo eriçado, dentes à mostra, cauda ereta. Ela colocou a mão no dorso do animal e lambeu os lábios secos, vigiando cada movimento de Will.

O garoto levantou-se devagar.

- Quem é você? - perguntou.

- Lyra da Língua Mágica - disse ela.

- Você mora aqui?

- Não! - fez ela com veemência.

- Então o que é este lugar? Esta cidade?

- Não sei.

- De onde você veio?

- Do meu mundo. Eles estão grudados. Onde está o seu daemon?

Os olhos dele se arregalaram. Então ele viu uma coisa extraordinária acontecer com o gato: ele saltou para os braços dela e ali se transformou num arminho castanho com garganta e barriga creme, que olhava para ele com raiva, feroz como a própria garota. Mas então ocorreu outra mudança, porque ele percebeu que ambos, a garota e o arminho, tinham um medo profundo dele, como se ele fosse um fantasma.

- Não tenho daemon - ele respondeu. - Não sei o que isso quer dizer. Então: -Ah, esse aí é o seu daemon?

Ela se ergueu devagar. O arminho enrodilhou-se no pescoço dela, e seus olhos escuros não deixaram o rosto de Will.

- Mas você está vivo! -ela exclamou, sem acreditar.

- Você não... você não foi...

- Meu nome é Will Parry - ele disse. - Não sei o que você quer dizer com essa história de daemons. No meu mundo, demônio significa... significa diabo, alguma coisa ruim.

- No seu mundo? Quer dizer que este aqui não é o seu mundo?

- Não. Acabei de descobrir uma... uma maneira de entrar aqui. Como o seu mundo, eu acho. Eles devem estar grudados.

Ela relaxou um pouco, mas continuava a vigiá-lo atentamente, e ele permaneceu calmo e quieto, como se ela fosse um gato desconhecido com quem estivesse fazendo amizade.

- Já viu mais alguém nesta cidade? - ele continuou.

- Não.

- Há quanto tempo está aqui?

- Sei lá. Alguns dias. Não consigo me lembrar.

- Então por que veio para cá?

- Estou procurando Pó - ela explicou.

- Procurando pó? Qual pó, pó de ouro? Que tipo de pó?

Ela entrecerrou os olhos e não respondeu. Ele se virou para descer a escada.

- Estou com fome -declarou. - Tem comida na cozinha?

- Sei lá... - disse ela, e seguiu-o à distância.

Na cozinha Will encontrou os ingredientes para um ensopado de frango com cebola e pimentão, mas naquele calor as coisas estavam cheirando mal. Ele jogou tudo na lata de lixo.

- Você não comeu? - perguntou, abrindo a geladeira.

Lyra veio olhar.

- Não sabia que isto estava aí - disse. - Uh, que frio!

O daemon dela tinha se transformado novamente, tornando-se uma enorme borboleta multicor que esvoaçou para dentro da geladeira por um instante e logo saiu, indo acomodar-se no ombro dela. A borboleta erguia e baixava lentamente as asas. Will sentiu que não devia ficar olhando, embora sua cabeça girasse com a estranheza daquilo.

- Nunca tinha visto uma geladeira? - quis saber.

Encontrou uma lata de refrigerante e entregou-a a ela antes de tirar uma caixa de ovos. Ela apertou a lata entre as mãos comprazer.

- Pode beber - ele disse.

Ela ficou olhando para a lata, de testa franzida, sem saber como se abria aquilo. Ele abriu a lata para ela e o líquido espumou para fora. Ela lambeu-o com suspeita, e então arregalou os olhos.

- Isto é bom? - perguntou, a voz meio esperançosa, meio temerosa.

- É. Obviamente eles têm Coca-Cola neste mundo. Escute, vou beber um pouco para mostrar que não é veneno.

Abriu outra lata. Ao vê-lo beber, ela seguiu o exemplo. Era evidente que estava com sede: bebeu tão depressa que as bolhas subiram-lhe até o nariz. Ela espirrou e arrotou ruidosamente, e fez uma careta quando ele olhou para ela.

- Vou fazer uma omelete - ele disse. - Quer um pouco?

- Não sei o que é uma omelete.

- Bem, fique olhando e saberá. Temos também uma lata de salsichas, se preferir.

- Não sei o que é isso.

Ele lhe mostrou a lata. Ela procurou a lingüeta de abrir, como a da lata de refrigerante.

- Não. É preciso usar um abridor de lata-ele explicou.

- Não existe abridor de lata no seu mundo?

- No meu mundo os criados cozinham - ela disse em tom de desprezo.

- Procure naquela gaveta ali.

Ela remexeu por entre os talheres de cozinha enquanto ele quebrava seis ovos numa tigela e batia-os com um garfo.

- É isto aí - disse, observando-a. - Com o cabo vermelho. Pode me trazer?

Ele perfurou a lata e mostrou-lhe como abri-la.

- Agora pegue aquela panelinha no gancho e despeje isto dentro dela. Ela cheirou as salsichas e mais uma vez seus olhos assumiram uma expressão de prazer e suspeita. Virou a lata na panela e lambeu um dedo, observando Will colocar sal e pimenta nos ovos e cortar um pedaço de manteiga de um pacote na geladeira, jogando-o numa frigideira de ferro. Ele foi até o bar para procurar fósforos, e ao voltar encontrou-a enfiando o dedo sujo na tigela com os ovos batidos, para depois lambê-lo gulosamente. Seu daemon, novamente um gato, estava prestes a enfiar a pata também, mas recuou quando Will se aproximou.

- Ainda não está pronto - disse, retirando a tigela. - Quando foi que fez uma

refeição pela última vez?

- Na casa do meu pai em Svalbard - ela disse. – Faz dias e mais dias e mais dias. Não sei. Encontrei pão e umas coisas aqui e comi. Ele acendeu o gás, derreteu a manteiga, derramou os ovos e espalhou-os na frigideira. Os olhos dela acompanhavam tudo gulosamente, vendo-o puxar para o centro a parte já cozida e inclinar a frigideira para que aparte crua escorresse, preenchendo o espaço vazio. Observava Will, também: o rosto dele, as mãos ocupadas, os ombros nus e os pés descalços. Quando a omelete ficou pronta, ele dobrou-a e cortou-a em dois com a espátula.

- Procure uns pratos - ele disse.

Lyra obedeceu. Parecia disposta a aceitar ordens se as achasse sensatas, de modo que ele mandou que ela fosse preparar uma mesa na calçada em frente ao café. Ele mesmo levou a comida e talheres que achou numa gaveta, e os dois se sentaram, um pouco constrangidos. Ela comeu sua parte em menos de um minuto, e depois ficou a se mexer com impaciência, balançando a cadeira para frente e para trás e arrancando pedacinhos de plástico do assento, enquanto ele acabava de comer. O daemon transformou-se de novo, tornando-se um pintassilgo, bicando migalhas invisíveis sobre a mesa.

Will comia devagar .Dera a ela a maior parte das salsichas, mas mesmo assim demorou muito mais que ela. O porto diante deles, as luzes ao longo da avenida deserta, as estrelas no céu escuro, tudo isso estava suspenso no silêncio imenso, como se nada mais existisse. E durante todo o tempo ele esteve intensamente cônscio da garota. Ela era pequena e leve, mas rija, e tinha lutado como um tigre; o soco dele lhe causara uma equimose no rosto, que ela simplesmente ignorava. Sua expressão era uma mistura de criancice - quando provou o refrigerante - e uma desconfiança triste e profunda. Os olhos eram azuis e os cabelos seriam de um louro escuro quando fossem lavados - pois ela estava imunda e cheirava como se não se banhasse havia dias.

- Laura? Lara? - fez Will.

- Lyra.

- Lyra... da Língua Mágica?

- É.

- Onde é o seu mundo? Como você chegou aqui?

Ela deu de ombros.

- Andando. Estava tudo enevoado. Eu não sabia onde estava indo. Quer dizer, sabia que estava saindo do meu mundo. Mas não conseguia ver este aqui, até a neblina clarear. Então me encontrei aqui.

- Que foi que falou sobre pó?

- Pó, isso mesmo. Vou descobrir. Mas este mundo parece estar deserto. Não encontrei ninguém para perguntar. Já estou aqui há... sei lá, três dias, talvez quatro. E não vi ninguém aqui.

- Mas por que quer descobrir pó?

- É um Pó especial - ela disse em tom seco. - Não é pó comum, obviamente.

O daemon tornou a mudar. Fez isso num piscar de olhos, e de pintassilgo transformou-se em um rato, um enorme rato negro de olhos vermelhos. Will encarou-o com olhos arregalados e assustados, e a garota viu seu olhar.

- Você também tem um daemon-disse em tom firme.

- Dentro de você.

Ele não soube o que dizer.

- Tem, sim - ela continuou. Senão não seria humano. Você seria... um morto-vivo. Já vimos um garoto com o daemon cortado. Você não é assim. Mesmo que não saiba que tem um daemon, você tem. No princípio ficamos com medo quando vimos você. Como se fosse uma assombração ou coisa assim. Mas então vimos que você não era isso.

- Nós quem?

- Eu e Pantalaimon. Nós. O daemon de uma pessoa não é uma coisa separada dela. É ela. U ma parte dela. Um faz parte do outro. No seu mundo não existe ninguém como nós? São todos como você, com os daemons escondidos?

Will contemplou aquele par - a menina magricela, de olhos claros, e seu daemon-rato, agora acomodado em seus

braços e sentiu-se

profundamente solitário.

- Estou cansado. Vou para a cama - disse. - Você vai ficar nesta cidade?

- Sei lá. Tenho que saber mais sobre o que estou procurando. Deve haver alguns catedráticos neste mundo. Tem que haver alguém que saiba sobre isso.

- Talvez não neste mundo. Mas eu vim de uma cidade chamada Oxford. Lá está cheio de catedráticos, se é o que você quer.

- Oxford? - ela exclamou. - É de onde eu vim!

- Então no seu mundo também existe uma Oxford? Você não veio do meu mundo.

- Não mesmo - disse ela. - São mundos diferentes. Mas no meu mundo existe uma Oxford também. Nós dois estamos falando inglês, não estamos? É

óbvio que outras coisas são iguais. Como foi que você passou? Existe uma ponte, ou o quê?

- Só uma espécie de janela no ar.

- Me mostre - fez ela.

Era uma ordem, não um pedido. Ele sacudiu a cabeça.

- Agora não. Quero dormir. De qualquer maneira, estamos no meio da noite.

- Então me mostre de manhã.

- Está bem, vou mostrar. Mas tenho minhas próprias coisas a fazer. Você vai ter que encontrar sozinha os seus catedráticos.

- Fácil - ela afirmou. - Conheço tudo sobre catedráticos. Ele juntou os pratos e se levantou.

- Eu cozinhei, de modo que você pode lavar os pratos.

Ela olhou para ele incrédula.

- Lavar os pratos? - zombou. - Existem milhões de pratos limpos por aí!

Além disso, não sou uma criada. Não vou lavar os pratos.

- Então não vou lhe mostrar a passagem.

- Eu encontro sozinha.

- Não encontra, não. Ela está escondida. Você nunca vai encontrar. Escute. Eu não sei quanto tempo podemos ficar neste lugar. Temos que comer, portanto vamos comer o que houver aqui, mas depois vamos arrumar tudo e manter o lugar limpo, porque temos a obrigação de fazer isso. Temos que tratar direito este lugar. Agora vou para a cama. Vou ficar no outro quarto. Vejo você

de manhã.

Ele entrou, limpou os dentes com o dedo e um pouco do dentifrício que trazia na sacola, caiu na cama de casal e adormeceu num instante. Lyra esperou até ter certeza de que ele estava dormindo e então levou os pratos para a cozinha, colocando-os sob a água da torneira, e esfregou-os com força com um pano até parecerem limpos. Fez o mesmo com garfos e facas, mas esse método não funcionou com a frigideira, de modo que ela tentou com uma barra de sabão amarelo, e foi arrancando a sujeira até a frigideira ficar tão limpa quanto ela achava possível. Então secou tudo com outro pano e arrumou direitinho no secador de louça.

Como ainda estava com sede e queria experimentar abrir outra lata, ela fez isso e levou o refrigerante para cima. Escutou do lado de fora da porta de Will e, nada ouvindo, foi pé ante pé até o outro quarto e tirou o aletômetro de sob o travesseiro.

Não precisava estar perto de Will para perguntar sobre ele, mas queria vê-lo; moveu a maçaneta do quarto dele com o mínimo de ruído, e entrou. Havia uma luz na praia lá fora que brilhava diretamente dentro do quarto, e sob o brilho refletido do teto ela olhou para o rapaz adormecido. Ele tinha a testa franzida e o rosto brilhante de suor. Era forte e parrudo, não como um homem adulto,

naturalmente, porque não era muito mais velho que ela, mas um dia seria muito forte. Como seria mais fácil se o daemon dele estivesse visível! Ela se perguntou que forma ele teria, e se já estava fixo. Fosse qual fosse a forma, ele mostraria uma natureza selvagem, cortês e infeliz. Foi pé ante pé até a janela. A luz do poste da rua, ela moveu cuidadosamente os ponteiros do instrumento e relaxou a mente na forma de uma pergunta. O ponteiro começou a girar em torno do mostrador numa série de pausas e arranques quase rápidos demais para os olhos. Ela tinha perguntado: O que ele é, amigo ou inimigo?

A bússola respondeu: Ele é um assassino.

Ao ver a resposta, ela relaxou imediatamente. Ele conseguia encontrar comida e poderia mostrar-lhe como chegar a Oxford - talentos que eram úteis -, mas podia ser ao mesmo tempo covarde ou indigno de confiança. Um assassino era um bom companheiro. Ela se sentiu tão segura ao lado dele quanto com Iorek Byrnison, o urso de armadura.

Puxou a persiana da janela para que o sol matinal não caísse sobre o rosto dele e saiu do quarto pé ante pé.

2 - ENTRE AS BRUXAS

A bruxa Serafina Pekkala, que tinha resgatado

Lyra e as outras crianças da estação experimental de Bolvangar e voado com ela para a ilha de Svalbard, estava profundamente preocupada. Nas perturbações atmosféricas que se seguiram à fuga de Lorde Asriel do exílio em Svalbard, ela e suas companheiras foram lançadas à grande distância da ilha, percorrendo muitos quilômetros por cima do mar congelado. Algumas delas conseguiram permanecer junto ao balão danificado de Lee Scoresby, o aeronauta texano, mas Serafina foi lançada para o alto, para dentro da neblina que logo veio escoando pelo buraco que a experiência de Lorde Asriel rasgara no céu.

Ao encontrar-se novamente capaz de controlar seu vôo, o seu primeiro pensamento foi para Lyra, pois Serafina não sabia coisa alguma da luta entre o falso urso-rei e o verdadeiro, Iorek Byrnison, nem do que acontecera a Lyra depois disso.

Então pôs-se a procurá-la, voando em seu galho de pinheiro-nubígeno pelo ar nevoento e tingido de dourado, acompanhada por seu daemon Kaisa, o ganso

cinzento. Voltaram um pouco para o sul, na direção de Svalbard, viajando durante várias horas sob um céu turbulento, com luzes e sombras estranhas. Serafina Pekkala sabia, pela sensação perturbadora da luz em sua pele, que aquilo vinha de outro mundo.

Depois de algum tempo Kaisa disse:

- Veja, é o daemon de uma bruxa, extraviado...

Serafina Pekkala olhou através das nuvens de neblina e viu uma andorinha-do-mar voando em círculos nos abismos de luz brumosa, aos gritos; então fez uma curva e voou naquela direção.

Vendo isso, a andorinha-do-mar ganhou altura, assustada, mas Serafina Pekkala sinalisou amizade e ela desceu para perto deles. Serafina Pekkala perguntou:

- De que clã você é?

- Taymyr - disse ela. - Minha bruxa foi capturada. Nossos companheiros foram afastados! Estou perdida...

- Quem capturou a sua bruxa?

- A mulher do daemon-macaco de Bolvangar... Ajude-me! Ajude-nos!

Estou com tanto medo!

- O seu clã era aliado dos cortadores de crianças?

- Sim, até descobrirmos o que eles estavam fazendo... Depois da luta em Bolvangar eles nos expulsaram, mas a minha bruxa ficou prisioneira... Ela está num navio... Que é que eu posso fazer? Ela está me chamando e não consigo encontrá-la! Ah, ajude, ajude-me!

- Silêncio - pediu Kaisa, o daemon-ganso. – Escutem lá embaixo. Desceram mais, escutando com ouvidos aguçados, e Serafina Pekkala logo distinguiu o ruído, que a névoa abafava, de um motor a gás.

- Não conseguiriam dirigir um barco numa névoa como esta - disse Kaisa. - Que é que estão fazendo?

- É um motor menor do que o de um barco – disse Serafina Pekkala. Enquanto ela falava, veio um novo som de outra direção: um urro bestial, baixo e fremente, como alguma imensa criatura marítima clamando das profundezas. O rugido durou vários segundos, depois parou abruptamente.

- A sirene de neblina do navio - identificou Serafina Pekkala. Voando baixo, em círculos acima da água, eles tentaram ouvir de novo o som do motor. De súbito o encontraram, pois a neblina parecia ter trechos de densidades diferentes, e a bruxa subiu como um dardo, bem a tempo de esconder-se de uma lancha que vinha se aproximando devagar através do envoltório de ar úmido. Sua esteira era baixa e oleosa, como se a água relutasse em subir.

Ficaram voando em círculos, o daemon-andorinha-do-mar bem perto, como uma criança agarrada à mãe, e observaram o timoneiro ajustar ligeiramente o curso enquanto a sirene de neblina tornava a se fazer ouvir. Havia uma luz na proa, mas só iluminava a neblina alguns metros à frente. Serafina Pekkala perguntou ao daemon desgarrado:

- Você disse que algumas bruxas ainda estão ajudando esta gente?

- Acho que sim... Algumas bruxas revoltadas de Volgorsk... A não ser que elas tenham fugido também - disse ele.

- Que é que você vai fazer? Vai procurar a minha bruxa?

- Vou. Mas por enquanto fique aqui com Kaisa.

Serafina Pekkala voou na direção da lancha, deixando os daemons lá

no alto, fora de vista, e pousou logo atrás do timoneiro. A daemon-gaivota dele grasnou, e o homem virou-se para olhar.

- Demorou, hein? - disse ele. - Vá lá para a frente e nos guie para encostarmos a bombordo.

Ela decolou imediatamente. Tinha funcionado: eles ainda tinham algumas bruxas a ajudá-los, e o homem pensou que ela fosse uma delas. O

bombordo ficava à esquerda, ela se lembrava, e sua luz era vermelha. Ela procurou na neblina até encontrar a luz baça do bombordo do navio a menos de

cem metros. Voltou correndo e pairou acima da lancha, gritando instruções ao timoneiro, que diminuiu a velocidade e atracou junto à escada que descia do convés do navio até logo acima da água. O timoneiro gritou e um marinheiro jogou uma corda, enquanto outro descia depressa pela escada para prender acorda na embarcação.

Serafina Pekkala voou para a amurada do navio e abrigou-se nas sombras junto aos botes salva-vidas. Não via outra bruxa, mas elas provavelmente estariam patrulhando os céus, Kaisa saberia o que fazer. Abaixo, um passageiro deixava a lancha e subia pela escada. Afigura estava envolta em peles, encapuzada, anônima, mas assim que ela chegou ao convés, um macaco-dourado subiu agilmente para a amurada e olhou em volta com olhar feroz, os olhos azuis irradiando malevolência. Serafina sentiu-se sem fôlego: afigura era a Sra. Coulter.

Um homem de traje escuro correu para o convés para recebê-la, e olhou em volta como se esperasse mais alguém.

- Lorde Boreal... - começou a dizer.

- Ele seguiu para outro local. Já começaram a tortura?

- Sim, Sra. Coulter - foi a resposta. - Mas...

- Mas eu mandei que esperassem! - ela interrompeu.

- Agora vão me desobedecer? Talvez este navio esteja precisando de mais disciplina.

Ela empurrou o capuz para trás. Serafina Pekkala viu claramente o rosto dela à luz amarelada: orgulhosa, passional e, para a bruxa, bem jovem.

- Onde estão as outras bruxas? - quis saber.

O homem do navio explicou:

- Partiram todas, senhora. Voltaram voando para casa.

- Mas uma bruxa nos guiou para atracarmos - disse a Sra. Coulter. Para onde ela foi?

Serafina encolheu-se, obviamente o marinheiro da lancha não tinha conhecimento do novo estado de coisas. O clérigo olhou em volta, confuso, mas a Sra. Coulter estava impaciente demais, e depois de um olhar apressado acima e ao longo do convés ela sacudiu a cabeça e, com seu daemon, cruzou a porta aberta que criava um nimbo amarelado no ar. O homem seguiu-a. Serafina Pekkala olhou em volta de si para determinar a sua posição. Estava escondida atrás de um canal de ventilação na área estreita de convés entre a amurada e a super estrutura central do navio; e nesse nível, de frente para a proa e abaixo da ponte e da chaminé, havia um salão com janelas – não escotilhas - dando para três lados. Era onde as pessoas tinham entrado. A luz jorrava das janelas sobre a amurada perolada pela neblina, permitindo entrever vagamente o mastro de proa e a escotilha do porão coberta por uma lona. Tudo estava encharcado e começando a congelar. Ninguém conseguiria enxergar Serafina Pekkala onde ela estava, mas se ela quisesse ver mais coisas teria que deixar seu esconderijo.

Isso era ruim. Com seu ramo de pinheiro-nubígeno ela podia fugir, e com sua faca e seu arco podia lutar. Escondeu o ramo atrás do tubo de ventilação e esgueirou-se pelo convés até chegar à primeira janela. O vidro estava embaçado e era impossível ver através dele, e Serafina tampouco conseguia ouvir vozes. Tornou a voltar para as sombras.

Havia uma única coisa a fazer; ela relutava, pois era algo desesperadamente arriscado e a deixaria exausta; mas parecia que não havia escolha. Era um tipo de magia que ela podia fazer para tornar-se invisível. Naturalmente, a verdadeira invisibilidade era impossível: tratava-se de magia mental, um tipo de discrição sustentada com intensidade que podia fazer a pessoa ficar, não invisível, mas simplesmente despercebida. Mantendo o grau de intensidade correto, ela poderia atravessar uma sala cheia de gente, ou andar ao lado de um caminhante solitário, sem ser vista.

De modo que agora ela preparou a mente e levou toda a sua concentração para o trabalho de alterar o modo como se postava para desviar completamente a atenção. Precisou de alguns minutos até adquirir confiança. Fez um teste saindo do esconderijo no caminho de um marinheiro que vinha pelo convés com uma sacola de ferramentas; ele deu um passo de lado para evitá-la, sem olhar para ela um instante sequer.

Ela estava preparada. Foi até a porta do salão profusamente iluminado e abriu-a, encontrando o aposento deserto.

Deixou a porta externa apenas encostada, para que pudesse fugir por ela se fosse preciso, e viu uma porta no outro extremo abrindo-se para uma escada que descia para as entranhas do navio. Ela desceu e se encontrou num corredor estreito, iluminado por lâmpadas ambáricas, com canos à mostra pintados de branco, que seguia ao longo do comprimento do casco, com portas nos dois lados. Ela avançou sem ruído, escutando, até que ouviu vozes.

Parecia que havia uma reunião.

Abriu a porta e entrou.

Havia cerca de uma dúzia de pessoas sentadas em volta de uma grande mesa. U ma ou duas ergueram os olhos por um instante, fitaram-na distraidamente e esqueceram-na no mesmo instante. Ela ficou quieta perto da porta, observando.

A reunião era presidida por um ancião em trajes de cardeal, e os outros pareciam clérigos, à exceção da Sra. Coulter, que era a única mulher presente. A Sra. Coulter colocara suas peles sobre as costas da cadeira e tinha as faces rubras pelo calor do interior do navio.

Serafina Pekkala olhou em volta com cuidado e viu mais uma pessoa: um homem de rosto magro, com um daemon-sapo, sentado a uma mesa num canto coberta de livros com encadernação de couro e folhas soltas de papel amarelado.

A princípio ela pensou que se tratasse de um secretário, até ver o que ele estava fazendo: tinha os olhos fixos num instrumento dourado, como um relógio grande ou uma bússola, e a cada instante anotava o que via. Depois abria um dos livros, percorria trabalhosamente o índice e procurava um trecho, antes de escrever também isso e voltar para o instrumento. Serafina tornou a prestar atenção na discussão ao ouvir a palavra

"bruxa".

- Ela sabe alguma coisa sobre a criança - disse um dos clérigos. - Já

confessou que sabe. Todas as bruxas sabem alguma coisa sobre ela.

- Não sei o que a Sra. Coulter sabe - disse o Cardeal.

- Será que há alguma coisa que ela deveria ter nos contado antes?

- Vai ter que falar mais claro - disse a Sra. Coulter em tom gelado. Esquece-se de que sou uma mulher, Eminência, portanto não tão sutil quanto um príncipe da Igreja. Qual é essa verdade que eu deveria saber sobre a criança?

A expressão do Cardeal era muito significativa, mas ele nada disse. Houve uma pausa, e então outro clérigo disse, em tom quase de desculpas:

-Parece que existe uma profecia. Diz respeito à criança, entende, Sra. Coulter? Todos os sinais se cumpriram. As circunstâncias do nascimento dela, para começar. Os gípcios também sabem alguma coisa sobre ela, falam dela em termos de óleo-de-bruxa e fogo-fátuo, sobrenatural, entende? Daí ela ter conseguido levar os homens gípcios para Bolvangar. E além disso houve a façanha extraordinária de depor o urso-rei Iofur Raknison. Não é uma criança comum. Frei Pavel talvez possa nos contar mais...

Ele olhou de relance para o homem de rosto magro que lia o aletômetro; ele pestanejou, esfregou os olhos e olhou para a Sra. Coulter.

- A senhora deve estar sabendo que este é o único aletômetro que sobrou, além daquele que está com a criança -disse. - Todos os outros foram adquiridos e destruídos por ordem do *Magisterium*. Fiquei sabendo por este instrumento que a criança ganhou o dela do Reitor da Universidade Jordan, e que aprendeu sozinha a decifrá-lo, e que consegue usá-lo sem os livros. Se fosse possível duvidar do aletômetro eu o faria, pois acho simplesmente inconcebível alguém usar o instrumento sem os livros. São décadas de estudo diligente para uma pessoa alcançar algum tipo de compreensão; ela começou a ler o instrumento poucos dias depois de ganhá-lo, e agora tem um domínio quase completo. Não se compara a nenhum sábio humano que eu possa lembrar.

- Onde ela está agora, Frei Pavel? - perguntou o Cardeal.

- No outro mundo - disse Frei Pavel. - É tarde demais.

- A bruxa sabe! - bradou outro homem, cujo daemon-almiscareiro mastigava incessantemente um lápis. - Está tudo no lugar, exceto o depoimento da bruxa! Digo que devemos torturá-la outra vez!

- Que profecia é essa? - perguntou a Sra. Coulter, que estava ficando cada vez mais furiosa. - Como ousam esconder isso de mim?

Era visível o poder que ela exercia sobre eles. O olhar raivoso do macaco dourado percorreu a mesa e ninguém o encarou. Só o Cardeal não se perturbou. Seu daemon, uma arara, ergueu uma pata e coçou a cabeça.

- A bruxa insinuou uma coisa extraordinária - disse o Cardeal. - Não ouso crer no que acho que significa. Se for verdade, isso nos traz a mais terrível responsabilidade já tomada por homens e mulheres. Mas torno a perguntar, Sra. Coulter, o que é que a senhora sabe sobre a criança e o pai dela?

A Sra. Coulter tinha o rosto pálido de fúria.

- Como ousa me interrogar? - cuspiu. - E como ousa esconder de mim o que descobriu com a bruxa? E, finalmente, como ousa imaginar que estou escondendo alguma coisa? Pensa que estou do lado dela? Ou acha talvez que estou do lado do pai dela? Talvez pense que eu deveria ser torturada como a bruxa. Bem, estamos todos sob o seu comando, Eminência. Basta estalar os dedos e pode mandar me matar. Mas mesmo procurando em cada pedacinho da minha carne não iria encontrar uma resposta, porque nada sei dessa profecia, nada mesmo. E exijo que me conte o que o senhor sabe. A minha filha, a minha própria filha, concebida em pecado e nascida em desonra, mas ainda assim minha filha, e o senhor esconde de mim aquilo que tenho todo o direito de saber.

- Por favor! - fez outro clérigo, nervoso. - Por favor, Sra. Coulter... A bruxa ainda não falou; ela nos dirá mais coisas. O próprio Cardeal Sturrock disse que ela só insinuou.

- E se ela não revelar? - retorquiu a Sra. Coulter. - E então? Nós adivinhamos, é isso? Nós nos intimidamos, desistimos e tentamos adivinhar?

Frei Pavel respondeu:

- Não, porque é esta a pergunta que estou preparando para fazer ao aletômetro. Havemos de encontrar a resposta, seja pela bruxa, seja pelos livros de símbolos.

- E quanto tempo isso vai levar?

Ele franziu a testa com uma expressão de cansaço e disse:

- Um tempo considerável. É uma pergunta imensamente complexa.

- Mas a bruxa poderia nos dizer imediatamente – disse a Sra. Coulter. E pôs-se de pé. Como se a temessem, quase todos os homens a imitaram. Apenas o Cardeal e Frei Pavel continuaram sentados. Serafina Pekkala recuou, fazendo uma força imensa para manter-se invisível. O macaco dourado rangia os dentes, e seu pêlo brilhante estava todo arrepiado. A Sra. Coulter colocou-o em seu ombro.

- Então vamos perguntar a ela - comandou.

Virou-se e saiu para o corredor. Os homens seguiram-na apressados, empurrando-se, e passaram por Serafina Pekkala, que só teve tempo de dar um passo rápido para o lado, a mente num torvelinho. O último a sair foi o Cardeal.

Serafina demorou alguns segundos para acalmar-se, pois sua agitação estava começando a deixá-la visível. Ela então seguiu os clérigos pelo corredor até um aposento menor, nu, branco e quente, onde todos estavam agrupados em torno de uma figura terrível: uma bruxa firmemente amarrada a uma cadeira de aço, com agonia espelhando-se no rosto cinzento e as pernas retorcidas e quebradas.

A Sra. Coulter postou-se junto a ela. Serafina ficou perto da porta, sabendo que não conseguiria ficar invisível por muito tempo mais; aquilo era demasiado difícil.

- Fale-nos da garota, bruxa - disse a Sra. Coulter.

- Não!

- Você vai sofrer.

- Já sofri o suficiente.

- Ah, ainda virá mais sofrimento. Temos mil anos de experiência, nessa nossa Igreja. Podemos prolongar seu sofrimento infinitamente. Fale-nos da garota - disse a Sra. Coulter, estendendo a mão para quebrar um dedo da bruxa.

O dedo partiu-se facilmente, com um estalido. A bruxa gritou, e por um segundo Serafina Pekkala ficou visível a todos, e um ou dois clérigos olharam para ela, confusos e assustados, mas ela tornou a recuperar o controle e eles voltaram aprestar atenção na tortura.

A Sra. Coulter estava dizendo:

- Se não responder, vou quebrar outro dedo seu, depois outro. Que é

que sabe sobre a criança? Diga!

- Está bem! Por favor, por favor, chega!

- Então responda.

Houve outro estalido e dessa vez a bruxa irrompeu em soluços. Serafina Pekkala mal conseguia conter-se. Então vieram as palavras, num grito:

- Não, não! Chega, eu lhe imploro! A criança que viria... As bruxas sabiam quem ela era antes de vocês... Descobrimos o nome dela...

- Sabemos o nome dela. Que nome é este que você está dizendo?

- O nome verdadeiro dela! O nome do destino dela!

- Qual é esse nome? Fale! - ordenou a Sra. Coulter.

- Não... não...

- E como? Vocês descobriram como?

- Havia um teste... Se ela conseguisse pegar um determinado galho de pinheiro-nubígeno entre muitos outros, ela seria a criança que viria, e aconteceu na casa do nosso Cônsul em Trollesund, quando a criança chegou com os gípcios... A criança com o urso...

A voz dela falhou.

A Sra. Coulter soltou uma pequena exclamação de impaciência, e ouviu-se outro estalido alto, e um gemido.

- Mas qual era a profecia a respeito dessa criança? - continuou a Sra. Coulter, a voz agora metálica e fremente de ânsia. - E que nome é esse que vai esclarecer o destino dela? Serafina Pekkala aproximou-se do grupo de homens que rodeavam a bruxa, e nenhum deles sentiu a presença dela junto a seus cotovelos. Ela precisava dar um fim ao sofrimento daquela bruxa, e logo, mas o esforço de

manter-se invisível era enorme. Ela tremia ao tirar a faca da cintura. A bruxa soluçava:

- Ela é aquela que veio antes, e desde então vocês a odiaram e temeram! Bem, agora ela voltou, e vocês não conseguiram encontrá-la... Ela esteve lá em Svalbard, estava com Lorde Asriel, e vocês a perderam. Ela escapou, e será...

Antes, porém, que ela pudesse terminar, houve uma interrupção. Através da porta aberta uma andorinha-do-mar entrou voando, enlouquecida de terror, e pôs-se abater as asas ao cair com força no chão; ergueu-se com esforço e voou para o peito da bruxa torturada, apertando-se contra ela, acariciando-a, piando, guinchando, e a bruxa gritou:

- Yambe-Akka! Venha a mim, venha a mim!

Ninguém entendeu, além de Serafina Pekkala. Yambe-Akka era a deusa que aparecia para uma bruxa quando ela estava prestes a morrer. E Serafina estava preparada. Tornou-se visível e deu um passo para a frente sorrindo alegremente, porqueYambe-Akka era alegre e feliz, e sua visita era um presente de alegria. A bruxa avistou-a e ergueu para ela o rosto manchado de lágrimas, e Serafina inclinou-se para beijá-lo enquanto enfiava suavemente sua faca no coração da bruxa. O daemon-andorinha-do-mar ergueu os olhos baços e desapareceu.

E agora Serafina Pekkala teria que abrir caminho lutando. Os homens ainda estavam chocados, incrédulos, mas a Sra. Coulter recuperou o sanguefrio quase de imediato.

- Agarrem-na! Não a deixem fugir! - gritou.

Mas Serafina já estava junto à porta, com uma flecha preparada em seu arco. Ergueu o arco e soltou a flecha em menos de um segundo, e o Cardeal caiu no chão em espasmos.

Ela chegou ao corredor, virou-se, fez pontaria, disparou outra flecha; outro homem caiu, enquanto o ruído alto de um sino enchia o navio. Ela subiu a escada e saiu para o convés. Dois marinheiros barraramlhe a passagem e ela disse:

- Lá embaixo! A prisioneira está solta! Ajudem!

Isso foi suficiente para deixá-los confusos, e eles estacaram, indecisos, dando-lhe tempo para passar por eles e pegar o pinheiro-nubígeno escondido atrás do tubo de ventilação.

- Atirem nela! -fez a voz da Sra. Coulter.

No mesmo instante três rifles dispararam. As balas bateram no metal e ricochetearam para dentro da neblina, e Serafina saltou sobre o galho e fê-lo subir como uma de suas flechas. Segundos depois ela estava no céu, em segurança no meio da neblina, e então um grande ganso surgiu do meio dos bancos de névoa cinzenta e chegou ao seu lado.

- Para onde? - perguntou.

- Para longe, Kaisa, para longe - ela disse. – Quero tirar o fedor dessa gente do meu nariz.

Na realidade ela não sabia aonde ir ou o que fazer em seguida. Mas uma coisa ela sabia com certeza: havia uma flecha em sua aljava que encontraria o alvo na garganta da Sra. Coulter .

Viraram para o sul, distanciando-se daquela neblina com seu perturbador brilho de outro mundo, e enquanto voavam uma pergunta começou a formular-se com mais clareza na mente de Serafina: o que era que Lorde Asriel estava fazendo?

Porque todos os acontecimentos que tinham revirado o mundo tinham sua origem nas misteriosas atividades de Lorde Asriel.

O problema era que as costumeiras fontes de conhecimento da bruxa eram naturais. Ela conseguia seguir qualquer animal, pegar qualquer peixe, encontrar as cerejas mais raras e conseguia ler os sinais nas entranhas da marta-do-pinheiro, ou decifrar a sabedoria nas escamas de uma perca, ou interpretar os avisos no pólen do açafrão; mas todos esses eram filhos da natureza e lhe revelavam suas verdades naturais. Para conseguir saber sobre Lorde Asriel ela teria que ir a outro lugar.

No porto de Trollesund, o cônsul das bruxas, Dr. Lanselius, mantinha contato com o mundo de homens e mulheres, e Serafina Pekkala voou rapidamente para lá através da neblina, para ver o que ele poderia lhe contar. Antes de ir à casa dele, ela voou em círculos sobre o porto, onde restos de névoa deslizavam

fantasmagoricamente sobre a água gelada, e observou um rebocador guiar para o porto um grande navio com bandeira africana. Havia muitos outros navios ancorados do lado de fora do porto - ela nunca vira tantos navios juntos.

Quando o curto dia findava, ela aterrissou no jardim dos fundos da casa do cônsul. Bateu na vidraça e o próprio Dr. Lanselius abriu a porta com um dedo nos lábios.

- Serafina Pekkala, saudações-disse. - Entre depressa, e seja bemvinda. Mas é melhor não ficar muito tempo. Ofereceu-lhe uma cadeira junto à lareira, olhou de relance através das cortinas de uma janela que dava para a rua e perguntou:

- Toma um pouco de vinho?

Enquanto bebericava o Tokay dourado, ela contou o que tinha visto e ouvido a bordo do navio.

- Acha que eles compreenderam o que ela falou sobre a criança? - ele perguntou.

- Não completamente, eu acho. Mas sabem que ela é importante. Quanto àquela mulher, tenho medo dela, Dr. Lanselius. Vou matá-la, eu acho, mas mesmo assim tenho medo dela.

- Eu também - fez ele.

E Serafina escutou o que ele lhe contou dos boatos que tinham varrido a cidade. No meio da confusão de boatos alguns fatos começaram a emergir com clareza.

- Dizem que o *Magisterium* está reunindo o maior exército já visto, e esta é a vanguarda. E há boatos desagradáveis sobre alguns dos soldados, Serafina Pekkala. Ouvi contar de Bolvangar, e o que estavam fazendo lá, cortando os daemons das crianças, a maior maldade que já ouvi. Bem, parece que existe um regimento de guerreiros que foram tratados da mesma maneira. Conhece a palavra "zumbi"? Eles nada temem porque não têm mente. Há

alguns aqui na cidade agora. As autoridades os mantêm escondidos, mas os boatos correm, e os habitantes estão apavorados.

- E as bruxas dos outros clãs, que notícias há delas? - perguntou Serafina Pekkala.

- A maioria voltou para suas casas. Todas as bruxas estão esperando, Serafina Pekkala, com medo no coração, o que acontecerá em seguida.

- E o que ouviu sobre a Igreja?

- Estão inteiramente confusos. Eles não sabem o que Lorde Asriel pretende fazer.

- Nem eu - disse ela. - E não consigo nem imaginar o que seja. O que é que o senhor pensa que ele está pretendendo, Dr. Lanselius?

Ele esfregou delicadamente a cabeça da sua daemon-serpente com o polegar.

- Ele é um Catedrático - disse, depois de um momento. - Mas a cátedra não é a sua maior paixão. Tampouco ser estadista é a sua paixão. Conheci-o uma vez, e achei que ele tinha uma natureza ardente e poderosa, mas não despótica.

Não acredito que ele queira governar... Não sei, Serafina Pekkala. Imagino que o criado dele poderia lhe dizer. É um homem chamado Thorold, e foi aprisionado com Lorde Asriel na casa em Svalbard. Pode valer a pena uma visita até lá para ver se ele pode lhe dizer alguma coisa; mas naturalmente ele pode ter ido para o outro mundo com seu amo.

- Obrigada. É uma boa idéia... Vou fazer isso. E agora.

Ela despediu-se do cônsul e saiu voando através da escuridão crescente para encontrar-se com Kaisa nas nuvens.

A viagem de Serafina para o Norte foi dificultada pela confusão no mundo à sua volta. Todos os povos do Ártico estavam em pânico, assim como os animais, não apenas por causa da neblina e das variações magnéticas, mas também pelos estranhos estalidos no gelo e movimentos do solo. Era como se a própria Terra estivesse despertando lentamente de um longo sonho de estar congelada.

Nessa confusão -em que súbitos raios de misterioso brilho vazavam através de rasgões nas torres de neblina e então desapareciam com a mesma rapidez, em que rebanhos do boi-almiscarado típico do Ártico eram tomados pelo impulso de galopar para o sul e então virar repentinamente para o oeste ou novamente para o norte, em que rígidas formações de gansos desintegravam-se num tumulto de grasnidos quando os campos magnéticos que orientavam seu vôo oscilavam e partiam-se em todas as direções -Serafina Pekkala voava para o norte, para a

casa no promontório nas terras desertas de Svalbard.

Ali ela encontrou Thorold, o criado de Lorde Asriel, lutando contra um grupo de avantesmas-dos-penhascos. Ela percebeu o movimento antes de se aproximar o suficiente para ver o que estava acontecendo: asas como de couro e um malévolo grasnar ressoando no pátio coberto de neve, e uma figura solitária, envolta em peles, disparando um rifle no meio da confusão, tendo a seu lado um esquálido daemon-cão rosnando e tentando morder cada vez que uma daquelas coisas nojentas voava suficientemente baixo. Serafina não conhecia o homem, mas um avantesma-dos-penhascos era sempre um inimigo. Ela fez um círculo alto e disparou uma dúzia de flechas no grupo em tumulto. Com guinchos e muita algazarra o bando -desorganizado demais para ser considerado uma tropa -virou-se, viu o novo adversário e fugiu em confusão. No minuto seguinte os céus estavam novamente desertos, e os guinchos assustados ecoavam nas montanhas distantes até desaparecerem no silêncio.

Serafina pousou no pátio e saltou sobre a neve pisoteada e manchada de sangue. O homem empurrou o capuz para trás, ainda segurando o rifle cautelosamente, porque às vezes uma bruxa era inimiga, e ela viu um homem idoso, de rosto comprido, cabelos grisalhos e olhar firme.

- Sou amiga de Lyra - ela disse. - Espero que possamos conversar. Veja, baixei meu arco.

- Onde está a criança? - ele perguntou.

- Em outro mundo. Estou preocupada com a segurança dela. E preciso saber o que Lorde Asriel está fazendo.

Ele baixou o rifle.

- Então entre - convidou. - Veja, baixei meu rifle.

Depois da troca de formalidades, eles entraram na casa. Kaisa deslizava pelos céus, vigiando, enquanto Thorold fazia café e Serafina lhe contava o seu envolvimento com Lyra.

- Ela sempre foi uma criança com força de vontade - ele disse, quando estavam sentados à mesa de carvalho à luz de um lampião de nafta. - Eu a via todo ano, quando Lorde Asriel visitava a universidade dele. Eu gostava dela, sabe, não

conseguia evitar. Mas o lugar dela no esquema geral das coisas eu não sei.

- O que Lorde Asriel estava planejando fazer?

- Não acha que ele me contou, acha, Serafina Pekkala? Sou só o criado dele. Lavo as roupas dele, preparo suas refeições, cuido da casa. Posso ter ficado sabendo de uma ou duas coisinhas durante os anos que passei com Lorde Asriel, mas só acidentalmente. Ele não confiava em mim mais do que confiava no seu pote de sabão de barba.

- Então me conte essas uma ou duas coisinhas que soube acidentalmente - ela insistiu.

Thorold era um homem velho, mas saudável e vigoroso, e sentia-se lisonjeado com a atenção dessa bruxa jovem e bela, como qualquer homem ficaria. Mas era também esperto, e sabia que a atenção não era realmente para ele, mas para o que ele sabia; e era honesto, de modo que não adiou indevidamente aquilo que tinha a dizer.

- Não sei exatamente o que ele está fazendo, porque os detalhes filosóficos estão além do meu alcance. Mas posso lhe dizer o que é que move Lorde Asriel, embora ele não saiba que eu sei. Percebi isso em uma centena de pequenos sinais. Corrija-me se eu estiver enganado, mas as bruxas têm deuses diferentes dos nossos, não é verdade?

- Sim, é verdade.

- Mas sabe alguma coisa sobre o nosso Deus? O Deus da Igreja, aquele que chamam de Autoridade?

- Conheço, sim.

- Bem, Lorde Asriel nunca se sentiu à vontade, por assim dizer, com as doutrinas da Igreja. Já vi um ar de desagrado no rosto dele quando falam de sacramentos, penitência, redenção e coisas assim. Entre o nosso povo, desafiar a Igreja significa a morte, mas no peito de Lorde Asriel vem crescendo uma revolta desde que comecei a trabalhar para ele, é isso que eu sei.

- Uma revolta contra a Igreja?

- Em parte, sim. Houve uma época em que ele pensou em usar a força, mas desistiu disso.

- Por quê? A Igreja era forte demais?

- Não, isso não deteria o meu amo -disse o velho criado. -Olhe, isso pode lhe parecer estranho, Serafina Pekkala, mas conheço aquele homem melhor do que qualquer esposa, melhor do que uma mãe poderia conhecer. Ele tem sido meu amo e meu objeto de estudo há 40 anos. Não consigo acompanhá-lo nas alturas do seu pensamento assim como não consigo voar, mas posso ver aonde ele está indo, mesmo que não possa segui-lo. Não. Acredito que ele desistiu de uma revolta contra a Igreja não porque a Igreja fosse forte demais, mas porque ela é fraca demais para valer a pena lutar.

- Então... o que é que ele está fazendo?

- Acho que está iniciando uma guerra mais elevada. Acho que está

pretendendo uma revolta contra o poder mais alto de todos. Ele foi procurar a morada da própria Autoridade, e vai destruí-la. É o que eu penso. Meu coração estremece quando digo isso, senhora. Mal ouso pensar sobre isso. Mas não consigo imaginar outra coisa que faça sentido para o que ele está fazendo. Serafina ficou quieta por um momento, absorvendo o que Thorold lhe contara. Antes que ela dissesse alguma coisa, ele continuou:

- É claro que qualquer pessoa disposta a uma façanha grandiosa como essa seria alvo da ira da Igreja. Nem é preciso dizer. Seria a mais gigantesca das blasfêmias, é o que diriam. Ele seria levado a um Tribunal Consistorial e condenado à morte num piscar de olhos. Nunca falei sobre isso antes, e não tornarei a falar; até com a senhora eu teria medo de falar, se a senhora não fosse uma bruxa, fora do alcance do poder da Igreja; nenhuma outra coisa faz sentido, e isso faz. Ele vai encontrar e matar a própria Autoridade!

- Isso é possível? - Serafina quis saber.

- A vida de Lorde Asriel sempre foi cheia de coisas que eram impossíveis. Eu não gostaria de dizer que existe alguma coisa que ele não conseguiria fazer, porém, diante disto tudo, Serafina Pekkala, eu diria que sim, ele está louco. Se os anjos não conseguiram, como um homem pode ousar pensar nisso?

- Anjos? Quem são?

- Seres de puro espírito, diz a Igreja. A Igreja ensina que alguns anjos se rebelaram antes da criação do mundo, e foram expulsos do paraíso para o inferno. Eles fracassaram, entende? Não conseguiram o que queriam. E tinham o poder dos anjos. Lorde Asriel é apenas um homem, com poderes humanos, nada mais que isso. Mas a sua ambição é ilimitada. Ele ousa fazer o que homens e mulheres sequer ousam pensar. E veja o que ele já fez: rasgou o céu, abriu caminho para outro mundo. Quem mais já fez isso? Quem mais poderia pensar nisso? De modo que uma parte de mim, Serafina Pekkala, diz que ele é louco, mau, perturbado. Mas outra parte pensa: ele é Lorde Asriel, não é como os outros homens. Quem sabe... Se isso algum dia fosse possível, seria feito por ele e por ninguém mais.

- E o que você vai fazer, Thorold?

- Vou ficar esperando aqui. Vou cuidar desta casa até ele voltar e me dar outra ordem, ou até eu morrer. E agora vou lhe fazer a mesma pergunta, senhora.

- Vou me certificar de que a criança está segura – ela revelou. - Pode ser que eu tenha que passar por esta região outra vez, Thorold. Fico feliz em saber que você ainda estará por aqui. - Não vou arredar pé daqui -ele assegurou.

Ela recusou a comida que ele ofereceu e despediu-se.

Dentro de um minuto ela reuniu-se ao seu daemon-ganso, e o daemon manteve silêncio ao lado dela enquanto voavam num curso sinuoso acima das montanhas enevoadas. Ela estava profundamente perturbada, e não havia necessidade de explicar isso: cada folha de erva, cada poça gelada, cada mosquitinho de sua terra natal vibrava em seus nervos chamando-a de volta. Ela temia por eles, mas temia por si própria também, pois estava tendo que mudar; eram problemas humanos que ela estava investigando, aquilo era um assunto humano, o deus de Lorde Asriel não era o dela. Será que estava se tornando humana? Será que estava perdendo sua condição de bruxa? Se estava, não poderia fazer isso sozinha.

- Vamos para casa - disse. - Precisamos conversar com as nossas irmãs, Kaisa. Esses acontecimentos são grandes demais para nós. E ambos atravessaram velozmente as nuvens de neblina em direção ao lago Enara e ao seu lar. Nas cavernas das florestas ao lado do lago, encontraram as outras do seu clã, e Lee

Scoresby também. O aeronauta tinha lutado para manter sua embarcação flutuando depois da queda de Svalbard, e as bruxas o guiaram para aterra delas, onde ele havia começado a consertar o estrago na cesta e no balão de gás.

- Senhora, fico muito feliz em vê-la - saudou ele. - Alguma notícia da menininha?

- Nenhuma, Sr. Scoresby. Gostaria de juntar-se a nós no Conselho esta noite, para nos ajudar a debater o que fazer?

O texano pestanejou surpreso, pois jamais se soubera que um homem tivesse participado de um conselho de bruxas.

- Será uma grande honra - respondeu. - Pode ser que eu tenha uma ou duas sugestões.

Durante todo o dia chegaram bruxas, como flocos de neve negra nas asas de uma tempestade, enchendo os céus com o fremir da sua seda e o cicio do ar através das agulhas de seus galhos de pinheiro-nubígeno. Os homens que caçavam nas florestas gotejantes ou pescavam entre os pedaços de gelo a se derreter ouviram através da neblina o sussurro espalhado pelo céu, e se o céu estivesse claro eles ergueriam os olhos para ver as bruxas voando como farrapos de escuridão na correnteza de uma maré secreta.

À noite os pinheiros em volta do lago estavam iluminados por uma centena de fogueiras, e a maior fogueira de todas estava montada na frente da caverna de reuniões. Ali, depois que se alimentaram, as bruxas se reuniram. Serafina Pekkala sentava-se no centro, com uma coroa de pequenas flores vermelhas aninhada em seus cabelos louros. À sua esquerda, sentava-se Lee Scoresby e, à sua direita, uma visitante: a Rainha das bruxas de Latvia, cujo nome era Ruta Skadi.

Ela chegara apenas uma hora antes, para surpresa de Serafina. Serafina achava que a Sra. Coulter era bonita, para uma vida-curta, mas Ruta Skadi era tão linda quanto a Sra. Coulter, com uma dimensão extra - o mistério, o sobrenatural. Ela fizera transações com espíritos, e isso era visível. Era viva e apaixonada, com grandes olhos negros; dizia-se que o próprio Lorde Asriel tinha sido seu amante. Usava pesados brincos de ouro e, nos cabelos negros e cacheados, uma coroa ornamentada com um anel de presas de tigres-da-neve. Kaisa, daemon de Serafina, tinha ouvido do daemon de Ruta Skadi que ela própria matara os tigres

para castigar a tribo tártara que os adorava, porque os homens dessa tribo tinham deixado de honrá-la quando ela visitou o território deles. Sem seus deuses-tigres, a tribo decaiu, por medo e melancolia, e implorou a ela que lhes permitisse adorá-la em lugar dos tigres, mas foram recusados com desprezo; ela lhes perguntou: que benefício poderia trazer a ela a adoração deles? Afinal de contas, isso não tinha ajudado os tigres. Assim era Ruta Skadi: linda, orgulhosa e impiedosa.

Serafina não tinha certeza do motivo da vinda dela, mas deu-lhe boa acolhida, e a etiqueta exigia que ela se sentasse à direita de Serafina. Quando estavam todas reunidas, Serafina começou a falar:

- Irmãs! Vocês sabem por que nos reunimos: precisamos decidir o que fazer a respeito desses novos acontecimentos. O universo está partido, e Lorde Asriel abriu o caminho deste mundo para outro. Devemos nos preocupar com isso, ou viver nossa vida como fizemos até agora, cuidando dos nossos próprios assuntos? Além disso há a questão da menina Lyra Belacqua, chamada Lyra da Língua Mágica pelo Rei Iorek Byrnison. Ela escolheu o galho de pinheiro-nubígeno correto, na casa do Dr. Lanselius: é a criança que sempre esperamos, e agora ela desapareceu. Temos dois convidados, que irão nos oferecer suas idéias. Primeiro ouviremos a Rainha Ruta Skadi. Ruta Skadi ficou de pé. Seus braços brancos brilhavam à luz do fogo, os olhos cintilavam com tanta intensidade que até a bruxa mais distante distinguia as expressões em seu rosto vívido.

- Irmãs! - ela começou. - Vou lhes dizer o que está acontecendo, e contra quem devemos lutar. Pois há uma guerra iminente. Não sei quem vai ficar do nosso lado, mas sei contra quem devemos lutar. É o Magisterium, a Igreja: durante toda a sua História, que para nós não é muito tempo, mas para os vidas-curtas significa muitas e muitas gerações, ela tentou reprimir e controlar todos os impulsos naturais. Quando não consegue controlá-los, ela os corta. Algumas de vocês têm conhecimento do que fizeram em Bolvangar. Aquilo foi horrível, mas não é o único lugar, nem a única prática deles. Irmãs, vocês só conhecem o norte; eu viajei pelas terras do sul. Lá existem Igrejas, acreditem, que cortam crianças também, não de igual maneira, mas de uma forma igualmente horrível: cortam fora os órgãos sexuais, sim, de meninas e meninos, para que não possam sentir prazer. É isso que a Igreja faz, e toda a Igreja é igual: quer controlar, destruir, obliterar cada sensação agradável. Se vier uma guerra e a Igreja estiver de um lado, nós temos que estar do outro lado, por mais estranhos que sejam os aliados com quem tivermos que nos envolver.

- O que proponho é que os nossos clãs se unam e sigam para o norte para explorar este novo mundo e ver o que podemos descobrir lá. Se não se consegue encontrar a criança no nosso mundo, é porque ela já terá ido atrás de Lorde Asriel. E Lorde Asriel é a chave de tudo, acreditem. Ele já foi meu amante, e eu de boa vontade uniria minhas forças às dele, porque ele odeia a Igreja e tudo que ela faz. É isso o que tenho a dizer.

Ruta Skadi falou apaixonadamente, e Serafina admirou seu poder e sua beleza. Quando a rainha latviana se sentou, Serafina voltou-se para Lee Scoresby.

- O Sr. Scoresby é amigo da criança, portanto amigo nosso também disse. - Gostaria de nos oferecer suas idéias, senhor?

O texano ficou de pé, magro como um chicote e muito cortês. Parecia não ter consciência da estranheza da ocasião, mas tinha. Seu daemon-lebre Hester estava agachado ao lado dele, orelhas estiradas para trás, coladas nas costas, os olhos dourados entrecerrados.

- Senhora, primeiro tenho que agradecer a todas vocês pela bondade com que me trataram, e pela ajuda que deram a um aeronauta castigado pelos ventos que sopraram de outro mundo. Não vou abusar muito da sua paciência. Quando eu estava indo para o norte, para Bolvangar, com os gípcios, a menina Lyra me falou de uma coisa que tinha acontecido na universidade onde ela morava em Oxford: Lorde Asriel mostrou aos outros Catedráticos a cabeça cortada de um homem chamado Stanislaus Grumman, e com isso convenceuos a lhe dar algum dinheiro para voltar para o Norte e investigar o que tinha acontecido.

Ele continuou:

- Ora, a criança tinha tanta certeza do que tinha visto, que eu não quis questioná-la demais. Mas o que ela disse me trouxe à memória alguma coisa, porém não conseguia lembrar exatamente o que era. Sabia que era sobre esse tal Dr. Grumman. E só na viagem de Svalbard para cá eu me lembrei o que era. Foi um velho caçador de Tungusk quem me contou. Parece que Grumman conhecia o paradeiro de um objeto que dá proteção a quem quer que o carregue. Não quero fazer pouco da magia que vocês, bruxas, dominam, mas essa coisa, fosse o que fosse, tinha um tipo de poder que ultrapassa qualquer coisa de que eu já tenha ouvido falar. E fiquei pensando que poderia adiar a minha volta para o Texas e procurar o Dr. Grumman, pois estou preocupado com aquela menina. Acho que

ele não está morto, entendem? Acho que Lorde Asriel estava enganando aqueles Catedráticos.

Fez uma pausa antes de prosseguir.

- De modo que vou procurar por ele em Nova Zembla, que é o último lugar onde ouvi falar dele vivo. Não consigo ver o futuro, mas consigo ver muito bem o presente. E estou com vocês nessa guerra, se é que as minhas balas valem alguma coisa. Mas é esta a tarefa que vou empreender, senhora oncluiu ele, virando-se mais uma vez para Serafina Pekkala: -Vou procurar Stanislaus Grumman, descobrir o que ele sabe e, se conseguir encontrar o tal objeto, vou levá-lo para Lyra.

Serafina perguntou:

- O senhor já foi casado, Sr. Scoresby? Tem filhos?

- Não, senhora, não tenho filhos, embora gostasse de ser pai. Mas entendo a sua pergunta, e a senhora tem razão: aquela garotinha teve má

sorte com os pais verdadeiros, e talvez eu possa compensar. Alguém tem que fazer isso, e eu estou disposto a fazê-lo.

- Obrigada, Sr. Scoresby - ela disse.

Serafina Pekkala retirou a coroa e desprendeu dela uma das pequenas flores vermelhas, que permaneciam frescas, como se fossem recém-colhidas, enquanto ela as usasse.

- Leve isto com você - disse. - E sempre que precisar da minha ajuda, segure-a e me chame; vou escutar, não importa onde o senhor esteja.

- Ora, obrigado, senhora - disse ele, surpreso. Pegou a florzinha e guardou-a com cuidado no bolso da camisa.

- E vamos chamar um vento para ajudá-lo achegar a Nova Zembla disse-lhe Serafina Pekkala. - Agora, irmãs, quem gostaria de falar?

Iniciou-se o conselho propriamente dito. As bruxas eram democratas até certo ponto; todas as bruxas, até mesmo as mais jovens, tinham o direito de falar, mas

só a rainha tinha o direito de decidir. O debate durou a noite toda, com muitas vozes veementes a favor da guerra declarada imediatamente, e outras pedindo cautela - e algumas poucas, as mais sábias, sugerindo que se enviasse uma missão a todos os outros clãs para chamá-los a unir-se pela primeira vez.

Ruta Skadi concordava com isso, e Serafina mandou imediatamente as mensageiras. Quanto ao que ela própria deveria fazer, Serafina escolheu vinte das suas melhores guerreiras e ordenou que se preparassem para voar para o norte com ela, para aquele mundo novo que Lorde Asriel tinha aberto, para procurar Lyra.

- E você, Rainha Ruta Skadi? - Serafina perguntou finalmente. - Quais são os seus planos?

- Vou procurar Lorde Asriel, e ouvir dos lábios dele o que ele está

fazendo. E parece que ele também foi para o norte. Posso fazer a primeira parte da viagem com você, irmã?

- Pode, e será bem-vinda - disse Serafina, feliz em ter a companhia dela.

Assim ficou decidido.

Logo depois que o conselho terminou, porém, uma bruxa idosa procurou Serafina Pekkala e disse:

- É melhor conversar com Juta Kamainen, Rainha. Ela é cabeça-dura, mas pode ter alguma coisa importante a dizer.

A jovem bruxa Juta Kamainen -isto é, jovem pelos padrões das bruxas, pois tinha pouco mais de cem anos de idade - mostrava-se embaraçada e de má vontade, e seu daemon-tordo estava agitado, voando do ombro para a mão dela e em círculos acima de sua cabeça antes de voltar a pousar por um breve instante em seu ombro. As bochechas da bruxa eram gorduchas e vermelhas: ela possuía uma natureza viva e passional. Serafina não a conhecia muito bem.

- Rainha, conheço o humano Stanislaus Grumman - disse a jovem bruxa, incapaz de permanecer em silêncio sob o olhar de Serafina. - Já o amei. Mas agora o odeio com tanto fervor, que se o encontrar vou matá-lo. Não ia contar, mas a minha irmã me obrigou.

Olhou com raiva para a bruxa idosa, que retribuiu com um olhar de compaixão: conhecia o amor .

- Bem, se ele ainda estiver vivo, vai ter que ficar vivo até o Sr. Scoresby o encontrar - declarou Serafina. - É melhor vir conosco para o novo mundo, assim não haverá perigo de você matá-lo antes. Esqueça, Juta Kamainen. O amor nos faz sofrer. Mas a nossa missão é maior do que a vingança. Lembre-se disso.

- Sim, Rainha - fez a jovem bruxa com humildade.

E Serafina Pekkala, suas 21 companheiras e a Rainha Ruta Skadi da LatVia prepararam-se para voar para o novo mundo, onde bruxa alguma jamais estivera.

3 - UM MUNDO INFANTIL

Lyra acordou cedo. Tinha tido um sonho horrível: alguém lhe dera a caixa térmica que ela vIra o pai, Lorde Asriel, mostrar ao Reitor e aos Catedráticos da Universidade Jordan.

Quando aquilo aconteceu na vida real, Lyra estava escondida no armário, e vira Lorde Asriel abrir a caixa e mostrar aos Catedráticos a cabeça cortada de Stanislaus Grumman, o explorador desaparecido; mas no sonho Lyra tinha que abrir ela mesma a caixa, e não queria fazer isso. Na verdade, estava apavorada. Mas tinha que abrir, querendo ou não, e sentia as mãos fracas de terror ao soltar o fecho da tampa e ouvir o ar entrando no vácuo da caixa térmica. Então retirou a tampa, quase engasgada de terror, mas sabendo que era preciso, tinha que fazer isso. E dentro não havia coisa alguma. A cabeça sumira. Não havia o que temer.

Mas mesmo assim ela despertou chorando e transpirando no quartinho de frente para o porto, com o luar entrando pela janela, e ficou deitada na cama de outra pessoa, agarrada ao travesseiro de outra pessoa, com Pantalaimon na forma de um arminho acariciando-a com o focinho e murmurando que se acalmasse. Ah, ela estava com tanto medo! E como era estranho que ela ficasse tão apavorada no sonho - logo ela, que na vida real tivera tanta vontade de ver a cabeça de Stanislaus Grumman, chegando a pedir a Lorde Asriel para abrir de novo a caixa para ela olhar .

Quando amanheceu, ela perguntou ao aletômetro o que o sonho significava, mas ele respondeu apenas: Foi um sonho a respeito de uma cabeça.

Ela pensou em acordar o garoto desconhecido, mas ele dormia tão profundamente, que ela desistiu. Em vez disso, desceu para a cozinha e tentou fazer uma omelete; 20 minutos depois ela se sentou a uma mesa na calçada e comeu com grande orgulho a mixórdia escura e crocante, enquanto Pantalaimon, agora um pardal, bicava os pedacinhos de casca de ovo. Ela ouviu um ruído atrás de si e lá estava Will, com os olhos pesados de sono.

- Sei fazer omelete - ela anunciou. - Posso fazer para você, se quiser. Ele olhou para o prato dela.

- Não, obrigado. Vou comer flocos de milho. Achei na geladeira um pouco de leite que ainda está bom. Eles não devem ter ido embora há muito tempo, o pessoal que mora aqui.

Ela o observou colocar flocos de milho numa tigela e

derramar leite em cima -mais uma coisa que ela nunca tinha visto. Ele levou a tigela para a rua e perguntou:

- Se você não é deste mundo, onde é o seu mundo? Como chegou até

aqui?

- Atravessando uma ponte. Meu pai fez essa ponte e... eu atravessei atrás dele. Mas ele foi para outro lugar, não sei onde. Não me importo. Mas, enquanto eu estava atravessando, havia tanta neblina que me perdi, eu acho. Fiquei andando no meio da neblina durante dias, comendo só cerejas e coisas que eu encontrava. Então um dia a neblina sumiu e a gente estava no alto daquele rochedo lá atrás...

Fez um gesto para trás de si. Will olhou ao longo da praia, para além do farol, e verificou que a costa se erguia numa grande fileira de rochedos que desapareciam na neblina à distância.

- E vimos a cidade aqui, e descemos, mas não tinha ninguém aqui. Pelo menos tinha coisas para comer e cama para dormir. Não sabíamos o que íamos fazer depois.

- Tem certeza de que isto aqui não é outra parte do seu mundo?

-Claro. Este não é o meu mundo, disto eu tenho certeza.

Willlembrava-se da sua certeza absoluta, quando viu o trecho de gramado através da janela no ar, de que aquilo não ficava no seu mundo, e então fez um gesto de assentimento.

- Então existem pelo menos três mundos ligados - disse.

- Existem milhões e milhões - disse Lyra. – Aquele outro daemon me contou. Era o daemon de uma bruxa.

Ninguém consegue calcular quantos mundos existem, todos no mesmo espaço, mas ninguém conseguia ir de um para outro antes do meu pai fazer essa ponte.

- E a janela que eu encontrei?

- Isso eu não sei. Talvez os mundos estejam começando a entrar uns nos outros.

- E por que você está procurando pó?

Ela o encarou friamente.

- Pode ser que um dia eu lhe conte - declarou.

- Está bem. Mas como é que vai procurar esse pó?

- Vou encontrar um Catedrático que saiba sobre ele.

- Como assim? Qualquer Catedrático?

- Não. Um teólogo experimental-ela esclareceu. - Lá na minha Oxford, eram eles que sabiam dessas coisas. É lógico que deve ser o mesmo na sua Oxford. Vou primeiro à Universidade Jordan, porque a Jordan tinha os melhores teólogos.

- Nunca ouvi falar em teologia experimental – ele duvidou.

- Eles sabem tudo sobre partículas elementares e forças fundamentais

-ela explicou. -E ambaromagnetismo, coisas assim. Naves atômicas.

- Magnetismo o quê?

- Ambaromagnetismo. Vem de ambárico. Essas luzes - disse, apontando para os

postes ornamentais. - Elas são ambáricas.

- Nós chamamos de elétricas.

- Elétricas... Parece *electrum*. É um tipo de pedra, uma jóia, feita de resina de árvore. Às vezes tem um inseto dentro delas.

- Ah, você está falando de âmbar - disse ele.

Ambos falaram ao mesmo tempo:

- Ambárico!

E ambos viram a expressão no rosto do outro. Durante muito tempo Will lembrou-se desse momento.

- Bom, eletromagnetismo - disse ele, desviando os olhos. - Parece o que a gente chama de física, essa sua teologia experimental. Você vai precisar de cientistas, não de teólogos.

- Ah, vou conseguir encontrar - disse ela em tom cauteloso. Estavam sentados ao ar livre naquela manhã sem nuvens, e qualquer um dos dois poderia ter falado a seguir, porque ambos estavam cheios de perguntas; mas nesse momento ouviram uma voz que vinha de mais longe ao longo da calçada da praia, da direção dos jardins do cassino. Ambos olharam para lá, espantados. Era uma voz infantil, mas não havia ninguém à vista.

Will perguntou baixinho a Lyra:

- Há quanto tempo mesmo você está aqui?

- Três, quatro dias, perdi a conta. Nunca vi ninguém. Não tem ninguém Aqui. Procurei em quase toda parte.

Mas havia. Duas crianças, uma delas uma garota da idade de Lyra e a outra um menino mais jovem, saíram de uma das ruas que levavam ao porto. Carregavam cestas, e ambos tinham cabelos ruivos. Estavam a menos de 100

metros quando avistaram Will e Lyra à mesa do pequeno restaurante. Pantalaimon mudou de pintassilgo para camundongo e subiu correndo pelo

braço de Lyra para o bolso da camisa dela.

Ele reparou que aquelas novas crianças eram como Will: nenhuma das duas tinha um daemon visível.

As duas crianças aproximaram-se e ocuparam uma mesa próxima.

- Vocês são de Ci'gazze? - a menina perguntou.

Will sacudiu a cabeça.

- De Sant'Elia?

- Não. Somos de outro lugar - Lyra respondeu.

A menina assentiu; era uma resposta razoável.

- O que é que está acontecendo? - Will perguntou. - Onde estão os adultos?

A menina franziu a testa.

- Os Espectros não vieram à sua cidade? - quis saber.

- Não - disse Will. - Acabamos de chegar. Não sabemos nada sobre Espectros. Qual é o nome desta cidade?

- Ci'gazze - a menina informou, cheia de suspeita. - Quer dizer, Cittàgazze.

- Cittàgazze... - Lyra repetiu. - Ci'gazze. Por que os adultos tiveram que ir embora?

- Por causa dos Espectros - a menina explicou com enorme sarcasmo.

- Qual é o seu nome?

- Lyra. E ele é Will. Qual é o seu?

- Angélica. O meu irmão é Paolo.

- De onde vocês vieram?

- Dos morros. Houve uma grande tempestade e muita neblina, e todo mundo ficou assustado, de modo que corremos para o alto dos morros. Então, quando a neblina clareou, os adultos viram pelos telescópios que a cidade estava cheia de Espectros, de modo que eles não podiam voltar. Mas as crianças, a gente não tem medo de Espectros, ora. Mais crianças estão vindo aí. Vão chegar mais tarde, mas nós fomos os primeiros.

- Nós e o Tullio - disse o pequeno Paolo com orgulho.

- Quem é Tullio?

Angélica ficou zangada: Paolo não devia ter mencionado o outro irmão. Agora já não era segredo.

- O nosso irmão mais velho - explicou. - Ele não está conosco. Está

escondido até conseguir... Está escondido, só isso.

- Ele vai pegar... - Paolo começou, mas Angélica deu-lhe um tapa com força e ele calou a boca, apertando os lábios trêmulos.

- Que foi que você disse sobre a cidade? - quis saber Will. - Que está

cheia de Espectros?

- É, Ci'gazze, Sant'Elia, todas as cidades, os Espectros vão aonde as pessoas estão. De onde você vem?

- De Winchester - Will informou.

- Nunca ouvi falar. Lá não tem Espectros?

- Não. Também não estou vendo nenhum aqui.

- Claro que não! - ela exclamou. - Você não é adulto! Quando a gente fica adulto, vê Espectros.

- Eu não tenho medo de Espectros - disse o garotinho, erguendo o queixo sujo. - Mato todos eles.

- Os adultos não vão mais voltar? - Lyra perguntou.

- Vão, daqui a alguns dias - disse Angélica. – Quando os Espectros forem para outro lugar. Nós gostamos quando os Espectros vêm para cá, porque podemos correr pela cidade, fazer tudo que queremos.

- Mas o que os adultos acham que os Espectros vão fazer com eles? Will perguntou.

- Bom, quando um Espectro agarra um adulto, a coisa é feia de se ver. Eles comem a vida dele ali, na hora. Não quero ser adulta, eu juro. No princípio eles sabem o que está acontecendo e ficam com medo, e gritam e gritam, tentam olhar para outro lado e fingir que não está acontecendo, mas está. É

tarde demais. E ninguém chega perto deles, eles ficam sozinhos. Então ficam pálidos e param de se mexer. Ainda estão vivos, mas é como se tivessem sido comidos por dentro. A gente olha nos olhos deles e vê o fundo da cabeça. Não tem nada lá dentro.

A menina virou-se para o irmão e limpou o nariz dele na manga da camisa.

- Eu e Paolo vamos procurar sorvete - informou. - uerem vir também?

- Não - disse Will. - Temos uma coisa a fazer.

- Então até logo - disse ela.

- Morte aos Espectros! - Paolo completou.

- Até logo - fez Lyra.

Assim que Angélica e o menininho desapareceram, Pantalaimon surgiu do bolso de Lyra, olhos brilhantes, os pêlos da cabecinha de camundongo eriçados. Disse a Will:

- Eles não sabem da janela que você encontrou.

Era a primeira vez que Will o ouvia falar, e isso quase o deixou mais espantado do que tudo que ele vira até então. Lyra riu do seu espanto.

- Mas... ele falou... Todos os daemons falam? – quis saber.

- Claro que sim! - disse Lyra. - Achou que ele era só um bichinho de estimação?

Will passou a mão pelos cabelos e pestanejou. Depois sacudiu a cabeça e voltou-se para Pantalaimon:

- Não, você tem razão, eu acho. Eles não sabem da janela.

- Então é melhor termos cuidado com isso - Pantalaimon continuou. Durou um instante a estranheza de conversar com um camundongo, e logo passou a ser tão normal quanto falar ao telefone, porque na verdade ele estava falando com Lyra. Mas o camundongo era um ser independente; tinha alguma coisa de Lyra em sua expressão, mas alguma outra coisa também. Era difícil raciocinar, com tantas coisas esquisitas acontecendo ao mesmo tempo. Will tentou organizar os pensamentos.

- Primeiro você tem que arrumar algumas roupas, Lyra, antes de entrar na minha Oxford -afirmou.

- Por quê? - ela perguntou, rebelde.

- Porque no meu mundo você não pode ir falar com as pessoas vestida assim, elas não iam deixar você chegar perto. Tem que parecer que faz parte delas. Tem que andar camuflada. Eu sei, entende? Faço isso há anos. É

melhor você me escutar, senão vai ser apanhada, e se descobrirem de onde você veio, a Janela, e tudo... Ora, este mundo é um bom esconderijo. Sabe, eu... Preciso me esconder de certas pessoas. Este é o melhor esconderijo que eu poderia sonhar, e não quero que seja descoberto. Portanto, não quero que você estrague tudo com sua aparência de quem não faz parte de lá. Tenho minhas coisas a fazer em Oxford, e se me descobrirem por sua causa eu mato você.

Ela engoliu em seco. O aletômetro nunca mentia: aquele garoto era um assassino - e, se tinha matado antes, podia matá-la também. Ela assentiu com ar sério.

- Está bem - disse, e era verdade.

Pantalaimon tinha virado um lêmure e o encarava com um olhar desconcertante. Will encarou-o de volta, e o daemon virou camundongo outra vez, entrando para o bolso dela.

- Ótimo - ele disse. - Agora, enquanto estivermos aqui, vamos fingir para as outras crianças que viemos de algum lugar do mundo delas. É bom não haver adultos. Podemos ficar à vontade, ninguém vai perceber. Mas no meu mundo você vai ter que me obedecer. E a primeira coisa é tomar um banho. Você vai precisar parecer limpa, senão vai ser notada. Temos que estar camuflados em toda parte. Temos que parecer que fazemos parte dali, com tanta naturalidade que as pessoas nem nos percebam. Então, para começar, vá lavar os cabelos. Eu vi um xampu no banheiro. Depois vamos procurar algumas roupas.

- Não sei fazer isso - ela admitiu. - Nunca lavei meus cabelos. A governanta fazia isso na Jordan, e depois de lá eu nunca mais precisei.

- Bom, vai ter que dar um jeito - ele insistiu. – Tome logo um banho completo. No meu mundo as pessoas são limpas.

- Hum... -fez Lyra, e foi para o segundo andar. O olhar de um camundongo feroz fixou-se nele por cima do ombro dela, mas ele retribuiu o olhar com frieza.

Parte dele queria passear nessa manhã ensolarada, explorar a cidade, mas outra parte tremia de ansiedade pela mãe, e mais outra parte estava ainda dopada pelo choque da morte que ele provocara. E acima de tudo havia a missão que ele tinha que cumprir. Mas era bom manter-se ocupado, de modo que enquanto esperava por Lyra ele limpou a cozinha, lavou o chão e esvaziou a lata de lixo no recipiente que encontrou no beco nos fundos. Depois pegou dentro da sacola o escrínio de couro verde e contemplou-o com anseio. Assim que tivesse mostrado a Lyra como atravessar a janela para dentro da Oxford dele, ia voltar e examinar o seu conteúdo; mas até então ele o enfiou sob o colchão da cama onde havia dormido. Neste mundo ele estava em segurança.

Quando Lyra desceu, limpa e molhada, os dois saíram em busca de roupas para ela. Encontraram uma loja de departamentos, modesta como tudo mais, com roupas que aos olhos de Will pareciam um pouco fora de moda, mas acharam para Lyra uma saia escocesa e uma blusa verde sem mangas, com um bolso para Pantalaimon. Ela recusou-se a usar jeans: recusou-se até a acreditar quando Will lhe disse que a maioria das garotas usava.

- São calças! -protestou. -Eu sou mulher. Não seja burro. Ele deu de ombros; a saia escocesa era discreta, isso era o principal. Antes de partirem, Will deixou algumas moedas na caixa atrás do balcão.

- O que é que você está fazendo? - ela quis saber.

- Pagando. Você tem que pagar pelas coisas. No seu mundo não se paga pelas coisas?

- Não neste aqui! Aposto que aquelas outras crianças não estão pagando por nada!

- Elas podem não pagar, mas eu pago.

- Se começar a se comportar como adulto, os Espectros vão lhe pegar

-ela avisou, embora ainda não soubesse se podia brincar com ele ou se devia continuar tendo medo dele.

À luz do dia Will via como eram antigos os prédios no centro da cidade, e o estado de ruína a que alguns deles tinham chegado.

A rua estava cheia de buracos não consertados; havia janelas quebradas, rebocos caindo. No entanto, já houvera nesse lugar beleza e esplendor: através de arcos entalhados viam-se pátios espaçosos, cheios de plantas, e havia grandes construções que pareciam palácios, embora as escadarias estivessem rachadas, e as molduras das portas, soltas das paredes. Parecia que, em vez de derrubar um prédio e construir um novo, os cidadãos de Ci'gazze preferiam remendá-lo indefinidamente. A certa altura chegaram a uma torre solitária numa pracinha. Era a construção mais antiga que tinham visto: uma torre simples, de quatro andares, com amei as no topo. Alguma coisa na sua imobilidade à luz forte do sol era intrigante, e tanto Will quanto Lyra sentiram-se atraídos para a meia-porta aberta no topo da escadaria larga; mas não falaram sobre isso, e com certa relutância seguiram seu caminho.

Quando chegaram à alameda larga, com as palmeiras, ele mandou-a procurar um pequeno café de esquina, com mesas de metal pintadas de verde na calçada. Ela encontrou-o num minuto. Parecia menor e mais pobre à luz do dia, mas era o mesmo lugar, com o balcão de tampo de zinco, a máquina de café expresso, o prato de risoto pela metade, agora começando a cheirar mal no ar quente.

- É aqui? - Lyra perguntou.

- Não. Fica no meio da rua. Veja se não há outras crianças por perto... Mas

estavam sozinhos. Will levou-a para o canteiro central sob as palmeiras e olhou em volta para se orientar.

- Acho que era por aqui - disse. - Quando atravessei, via muito mal aquele morro alto atrás da casa branca lá em cima, e olhando para este lado eu vi o café, e...

- Como é essa coisa? Não estou vendo nada.

- Você não vai confundir. Não parece nada que você já tenha visto. Ele caminhava de um lado para outro. A janela teria desaparecido?

Teria fechado? Ele não conseguia encontrá-la. E de repente encontrou-a. Estivera observando a borda do canteiro enquanto caminhava; assim como na noite anterior, no lado de Oxford, ela só podia ser vista de um lado, quando se passava para trás dela, ela ficava invisível. E o sol no gramado do outro lado era exatamente como o sol no gramado deste lado, a não ser por alguma coisa indizivelmente diferente.

- Achei! - exclamou, quando teve certeza.

- Ah! Estou vendo!

Ela estava alvoroçada. Parecia tão atônita quanto ele ao escutar Pantalaimon falar. O daemon, incapaz de continuar dentro do bolso, tinha saído como uma vespa, e voou zumbindo até o buraco algumas vezes, recuando sempre, enquanto ela enrolava entre os dedos os cabelos ainda molhados.

- Fique de lado - ele instruiu. - Se ficar na frente dele, as pessoas vão ver só um par de pernas, e isso ia causar sensação. Não quero que ninguém perceba.

- Que barulho é este?

- Trânsito. Vamos sair no trevo de Oxford. Deve estar muito movimentado. Abaixe-se e dê uma olhada por este lado. Na verdade, não é

uma hora boa para a gente atravessar, muitas pessoas passando. Mas vai ser difícil encontrar um lugar para ir se atravessarmos no meio da noite. Pelo menos, depois de atravessarmos poderemos nos misturar com facilidade. Você

passa primeiro. Mergulhe depressa e depois se afaste da janela. Desde que

saíram do café, ela vinha carregando uma pequena mochila azul e, antes de agachar-se e olhar para o outro lado, ela tirou a mochila das costas e segurou-a nos braços.

- Ah! - exclamou. - Este aí é o seu mundo? Não está parecendo ser Oxford. Tem certeza que estava em Oxford?

- Claro que tenho. Quando atravessar, vai ver uma rua bem na sua frente. Vá para a esquerda, e depois, um pouco à frente, pegue a rua que vai para a direita. Ela leva ao centro da cidade. Não deixe de marcar bem esta janela e não se esqueça de onde ela está, certo? É a única maneira de voltar.

- Certo, não me esquecerei.

Com a mochila nos braços, ela mergulhou no ar através das janela e desapareceu. Will agachou-se para ver aonde ela ia. E lá estava ela, parada no gramado na Oxford dele, com Pan ainda como vespa no ombro dela, e ninguém, pelo que ele podia dizer, a tinha visto surgir do nada. A poucos passos, carros e caminhões voavam, e nesse cruzamento movimentado nenhum motorista teria tempo de olhar para o lado e reparar num pequeno trecho de ar esquisito, mesmo se conseguisse vê-lo, e o trânsito escondia a janela de qualquer pessoa que olhasse da outra calçada.

Houve o guinchar de freios, um grito, uma batida. Ele jogou-se no chão para olhar.

Lyra estava caída na grama. Um carro tinha freado tão subitamente, que foi atingido pelo furgão que vinha atrás, sendo empurrado alguns metros para a frente, e lá estava Lyra, imóvel...

Will lançou-se atrás dela. Ninguém o viu surgir; todos os olhos estavam no carro, no pára-choque amassado, no motorista do furgão - que saltava do veículo - e na menina.

- Não consegui impedir... Ela entrou correndo na frente... - disse a mulher de meia-idade que estava ao volante do carro. - E você estava perto demais - acrescentou, voltando-se para o motorista do furgão.

- Depois a gente vê isso - ele retrucou. - Como está a menina?

O motorista do furgão estava falando com Will, de joelhos ao lado de Lyra. Will ergueu os olhos e olhou em volta, mas não havia outro jeito, ele era responsável por ela. No chão, Lyra mexia a cabeça, pestanejando. Will viu Pantalaimon em forma de vespa arrastando-se por um talo de grama ao lado dela.

- Você está bem? - ele perguntou. - Mexa os braços e as pernas.

- Uma estupidez! - dizia a mulher dentro do carro. - Correu na minha frente. Nem olhou. Que é que eu podia fazer?

- Você está bem, querida? - perguntou o motorista do furgão.

- Estou - balbuciou Lyra.

- Tudo no lugar?

- Mexa os pés e as mãos - Will insistiu.

Ela obedeceu. Não havia fratura.

- Ela está bem - Will assegurou. - Vou tomar conta dela. Ela está

ótima.

- Você conhece esta menina? - quis saber o motorista do furgão.

- É minha irmã - disse Will. - Está tudo bem.

Moramos logo ali, dobrando a esquina. Vou levar ela para casa. Lyra agora estava sentada, e, como era evidente que ela não estava gravemente ferida, a mulher voltou sua atenção para o carro. O resto do trânsito passava ao largo dos dois veículos parados, e ao passarem olhavam para a cena com curiosidade, como sempre acontece. Will ajudou Lyra a se levantar; quanto mais depressa saíssem dali, melhor. A mulher e o motorista do furgão tinham chegado à

conclusão de que o problema deveria ser resolvido pelas respectivas companhias de seguros, e estavam trocando endereços quando a mulher viu Will afastando-se, ajudando Lyra, que mancava.

- Esperem! - gritou. - Vocês vão ser testemunhas. Preciso do seu nome e endereço.

- Sou Mark Ransom - disse Will, virando-se. - Minha irmã se chama Lisa. Moramos na Travessa Bourne 26.

- Código postal?

- Nunca me lembro - ele disse. - Escute, quero levar minha irmã para casa.

- Entrem aqui, vou lhes dar uma carona - ofereceu o motorista do furgão.

- Não é preciso, é mais rápido a pé.

Lyra não estava mancando muito. Afastou-se caminhando com Will ao longo do gramado sob os carpinos; os dois viraram na primeira esquina que encontraram.

Sentaram-se num muro baixo de praça.

- Está machucada? - Will perguntou.

- Minha perna bateu. E quando eu caí, a minha cabeça tremeu - ela respondeu.

Mas estava mais preocupada com o que havia dentro da mochila. Tateou lá dentro e pegou um embrulhinho pesado, envolvido em veludo negro, que ela desdobrou. Will arregalou os olhos ao ver o aletômetro: os minúsculos símbolos pintados em volta do mostrador, os ponteiros dourados, o ponteiro maior em movimento, a pesada opulência do envoltório de metal-tudo isso deixou-o sem fôlego.

- Que é isso? -quis saber.

- É o meu aletômetro. É um contador de verdade. Um leitor de símbolos. Espero que não esteja quebrado...

Mas o artefato estava intacto. Mesmo nas mãos trêmulas de Lyra o ponteiro

maior girava regularmente. Ela guardou o aletômetro e disse:

- Nunca vi tantas carroças e coisas... Nunca pensei que andassem tão depressa...

- A sua Oxford não tem carros e furgões?

- Não tantos assim. E não como esses. Eu não estou acostumada. Mas já estou bem.

- Bom, de agora em diante tome cuidado. Se for parar debaixo de um ônibus, ou se se perder ou coisa assim, vão perceber que você não é deste mundo e vão começar a procurar a passagem...

Ele estava muito mais zangado do que precisava. Finalmente declarou:

- Está certo. Escute: se fingir que é minha irmã, isso vai ser um bom disfarce para mim, pois o menino que eles estão procurando é filho único. E se eu estiver com você, posso lhe ensinar a atravessar a rua sem ser atropelada.

- Está bem - ela concordou com humildade.

- E dinheiro. Aposto que você não tem... Ora, como poderia ter dinheiro? Como vai se movimentar, comer e tudo mais?

- Eu tenho dinheiro - ela contestou, e pescou algumas moedas de ouro na bolsa.

Will estudou-as com expressão incrédula.

- É ouro? É, sim, não é? Bom, isto ia fazer todo mundo ficar curioso, se ia. Você não está segura. Vou lhe dar algum dinheiro. Guarde estas moedas bem escondidas. E lembre-se: você é a minha irmã e o seu nome é Lisa Ransom.

- Lizzie. Uma vez fingi que meu nome era Lizzie. Posso me lembrar disso.

- Está bem, Lizzie. E eu sou Mark. Não esqueça.

- Está certo - ela concordou.

A perna ia ficar muito dolorida; estava vermelha e inchada onde o carro tinha batido, e uma grande mancha escura já estava se formando. Com a equimose no rosto, onde ele a golpeara na véspera, ela parecia maltratada, e isso também

preocupava o garoto: e se um policial ficasse curioso?

Tentou tirar isso da cabeça e os dois partiram, atravessando a rua no sinal e lançando um último olhar à janela sob os carpinos. Não conseguiam vêla. Ela estava invisível, e o trânsito retomara seu fluxo. Em Summertown, depois de dez minutos de caminhada pela Rua Banbury, Will parou na frente de um banco.

- O que é que você vai fazer?

- Vou tirar algum dinheiro. É melhor não fazer isso muitas vezes, mas eles só vão registrar o saque no final do expediente, eu imagino. Colocou o cartão bancário da mãe na caixa automática e digitou a senha. Pelo jeito estava tudo certo, portanto ele retirou 100 libras, que a máquina entregou sem um senão.

Lyra observava, boquiaberta. Ele deu a ela uma nota de 20 libras.

- Para usar depois - disse. - Compre uma coisa qualquer para trocar o dinheiro. Vamos procurar um ônibus para a cidade.

No ônibus, Lyra deixou que ele cuidasse das coisas e ficou sentada, muito quieta, observando as casas e os jardins da cidade que era dela e não era. Ela se sentia como se estivesse dentro do sonho de outra pessoa. Saltaram no centro da cidade, junto a uma antiga igreja de pedra, que ela conhecia, na frente de uma grande loja de departamentos que ela não conhecia.

- Está tudo mudado! - disse. - Como... Ali não é o Mercado de Milho? E

esta aqui é a Broad. Ali, o Balliol. E a Biblioteca Bodley's, ali embaixo. Mas onde está a Jordan?

Ela agora tremia com força. Podia ser uma reação retardada por causa do acidente, ou um choque atual por encontrar um prédio inteiramente diferente no lugar da Universidade Jordan, que era o seu lar.

- Não está certo - disse. Falava baixinho, porque Will lhe ordenara que parasse de apontar e comentar em voz tão alta as coisas que estavam erradas.

- É uma outra Oxford.

- Bom, a gente sabia disso.

Ele não estava preparado para o espanto e a confusão de Lyra. Não tinha como saber até que ponto a infância dela havia transcorrido em correrias por ruas quase idênticas a essas, e o orgulho que ela sentia por pertencer à

Universidade Jordan, cujos Catedráticos eram os mais inteligentes, cujos cofres eram os mais ricos, cuja beleza era a mais esplêndida; e tudo isso agora simplesmente não estava ali, e ela não era mais a Lyra da Jordan; era uma menininha perdida num mundo estranho, que não fazia parte de nenhum lugar.

- Bem, se não está aí... - disse em voz trêmula.

Ia apenas demorar um pouco mais do que ela havia pensado - só isso. **4 - A TREPANAÇÃO**

Assim que Lyra seguiu seu caminho, Will procurou um telefone público e discou o número que constava na carta do advogado que ele tinha na mão.

- Alô? Quero falar com o Sr. Perkins.

- Quem está falando, por favor?

- É a respeito do Sr. John Parry. Sou o filho dele.

- Um momento, por favor...

Passou-se um minuto e uma voz masculina disse:

- Alô? Sou Alan Perkins. Quem está falando?

- William Parry. Desculpe-me incomodar. É sobre o meu pai, John Parry. De três em três meses o senhor manda dinheiro do meu pai para a conta bancária da minha mãe.

- Sim...

- Bem, quero saber onde meu pai está, por favor. Ele está vivo ou morto?

- Quantos anos você tem, William?

- Doze. Quero saber sobre o meu pai.

- Sim... A sua mãe, ela... A sua mãe sabe deste telefonema?

Will pensou cuidadosamente.

- Não - disse afinal. - Mas ela não está muito bem de saúde. Não pode me contar muita coisa, e eu quero saber.

- Certo, entendo. Onde é que você está? Em casa?

- Não. Estou... Estou em Oxford.

- Sozinho?

- É.

- E a sua mãe não está bem, foi o que você disse?

- Isso mesmo.

- Ela está no hospital, ou coisa assim?

- Algo parecido. Escute, o senhor pode me contar ou não?

- Bem, posso lhe contar alguma coisa, mas não muita, e não neste momento, e eu prefiro não fazer isso por telefone. Tenho um cliente daqui a cinco minutos... Você poderia vir ao meu escritório às duas e meia?

- Não - fez Will. Seria arriscado demais: o advogado poderia estar sabendo que ele estava sendo procurado pela polícia. Pensou depressa e prosseguiu: -Tenho que pegar um ônibus para Nottingham. Mas o que eu quero saber o senhor pode me contar pelo telefone, não pode? Só quero saber se o meu pai está vivo, e, se estiver, onde é que ele está. O senhor pode me contar isso, não pode?

- Não é tão simples assim. Não posso fornecer informações pessoais sobre um cliente sem ter certeza de que o cliente deseja isso. E de qualquer maneira preciso de uma prova de quem você é.

- Está certo, eu compreendo, mas pode me dizer só se ele está vivo?

- Bem... Isso não seria confidencial, mas infelizmente não posso lhe informar, porque também não sei.

- Hein?

- O dinheiro vem de um legado de família. Ele deixou instruções para que o pagamento seja feito até que ele me dê outra ordem. Desde esse dia não tive mais notícias dele. O que isso quer dizer é que... Bem, acho que ele desapareceu. É por isso que não posso responder à sua pergunta.

- Desapareceu? Sumiu?

- Essa informação é de domínio público. Escute, por que não vem ao meu escritório e...

- Não posso. Vou para Nottingham.

- Bem, então me escreva ou peça à sua mãe para me escrever, e vou informar o que eu puder. Mas tem que entender que não posso fazer isso pelo telefone.

- É, entendo. Está bem. Mas pode me dizer onde foi que ele sumiu?

- Como já lhe disse, isso é de domínio público. Na época muitos jornais publicaram. Você sabe que ele era um explorador?

- Mamãe me contou algumas coisas...

- Bem, ele estava trabalhando como guia para uma expedição que desapareceu. Há uns 10 anos.

- Onde?

- No extremo norte. No Alasca, eu acho. Você pode procurar na biblioteca pública. Por que você não...

Mas nesse ponto acabou o dinheiro que Will colocara no telefone público, e ele não tinha mais trocado. O sinal de discar zumbia em seu ouvido. Ele baixou o fone e olhou em volta. O que queria acima de tudo era falar com a mãe. Teve que fazer força para não discar o número da Sra. Cooper, porque se ouvisse a voz da mãe seria muito difícil não voltar para perto dela, e isso colocaria os dois em perigo. Mas podia mandar-lhe um cartão-postal. Escolheu uma foto da cidade e escreveu: "Mamãe querida, estou bem e logo estarei de volta. Espero que esteja tudo certo. Eu te amo. Will." Então endereçou-o e comprou um selo, e segurou o

cartão junto ao peito por um instante antes de deixá-lo cair na caixa de coleta.

Era o meio da manhã e ele estava na principal rua de comércio, onde os ônibus abriam caminho por entre a massa de pedestres. Ele começou a perceber como estava exposto; era um dia de semana, e uma criança da sua idade deveria estar na escola. Aonde poderia ir?

Não demorou a se esconder. Will conseguia desaparecer com facilidade, pois era bom nisso; tinha até orgulho da sua habilidade. O modo como fazia isso foi parecido com o modo como Serafina Pekkala ficou invisível no navio: ele se fazia intensamente discreto. Tornava-se parte da paisagem. Agora, conhecendo o tipo de mundo em que vivia, ele entrou numa papelaria e comprou uma caneta esferográfica, um bloco de notas e uma prancheta. Muitas vezes as escolas enviavam grupos de alunos para fazer pesquisas de compras, ou algo assim, e, se desse a impressão de estar envolvido num projeto desse tipo, não causaria estranheza. E assim ele vagou, fingindo tomar notas, olhos atentos à procura da biblioteca pública.

Lyra, enquanto isso, estava procurando um lugar sossegado para consultar o aletômetro. Na sua Oxford haveria uma dúzia de lugares a menos de cinco minutos a pé, mas essa Oxford era tão desconcertante, tão diferente, com trechos de pungente familiaridade vizinhos a trechos inteiramente disparatados.

Por que tinham pintado aquelas linhas amarelas na rua? Que eram aqueles círculos brancos pontilhando as calçadas? (No seu mundo nunca se ouvira falar de goma de mascar). Que poderiam ser aquelas luzes vermelhas e verdes em cada esquina? Era tudo muito mais difícil de decifrar do que o aletômetro.

Mas ali estavam os portões da Universidade St. John's, que ela e Roger uma vez saltaram depois que escureceu para plantar fogos de artifício nos canteiros de flores; e aquela pedra no muro, na esquina da Rua Catte -lá

estavam as iniciais SP que Simon Parslow tinha feito, as próprias! Ela tinha visto Simon fazer aquilo! Alguém neste mundo, com as mesmas iniciais, parou ali e fez exatamente a mesma coisa. Talvez houvesse um Simon Parslow neste mundo. Talvez houvesse uma Lyra!

Aquela Oxford diferia da dela também em outra coisa: a enorme quantidade de pessoas enchendo todas as calçadas, entrando e saindo de todos os prédios; havia gente de todo tipo - mulheres vestidas como homens, africanos, até mesmo um

grupo de tártaros pacificamente seguindo seu líder, todos bem vestidos, levando caixinhas pretas penduradas no pescoço. Ela os contemplou a princípio com medo, porque eles não tinham daemons, e no mundo dela seriam considerados avantesmas, ou coisa pior. Mas o mais estranho era que pareciam inteiramente vivos.

Aquelas criaturas demonstravam vivacidade, exatamente como se fossem humanos, e Lyra teve que admitir que provavelmente eram mesmo humanos, e que seus daemons estavam dentro deles, como o de Will. Depois de vagar por uma hora observando aquela falsa Oxford, ela sentiu fome e comprou uma barra de chocolate com sua nota de 20 libras. O

vendedor olhou para ela com estranheza, mas vinha das índias e com certeza não entendia o sotaque dela, embora ela tivesse pronunciado com clareza. Com o troco ela comprou uma maçã no Mercado Coberto, que era muito mais parecido com a Oxford de verdade, e se encaminhou para o parque. Ali se encontrou diante de um prédio grandioso, um prédio do tipo Oxford de verdade, mas que não existia no mundo dela, embora não fosse parecer deslocado lá. Ela sentou-se na grama do lado de fora para comer, e ficou contemplando o prédio com olhar de aprovação.

Descobriu que era um museu. As portas estavam abertas, e lá dentro ela encontrou animais empalhados, esqueletos de fósseis e caixas de minerais, exatamente como o Museu Geológico Real que ela visitara com a Sra. Coulter na sua Londres.

Atrás do grande saguão de ferro e vidro, ficava a entrada para outra parte do museu, e como ali parecia quase deserto, ela entrou e olhou em volta. O aletômetro ainda era a coisa mais urgente em sua mente, mas naquele segundo salão ela se viu rodeada de coisas que conhecia bem: trajes árticos iguaizinhos ao dela, trenós, objetos entalhados em presas de leões-marinhos, arpões para a caça às focas, uma mistura de mil e um troféus, relíquias, objetos -mágicos, ferramentas e armas, não apenas do Artico - ela percebeu mas de todas as partes daquele mundo. Ora, que coisa estranha! As peles de caribu eram exatamente iguais às delas, mas tinham atado as tiras do trenó de modo inteiramente errado! Mas ali estava um fotograma mostrando alguns caçadores samoiedes, a imagem exata dos que tinham raptado Lyra para vendê-la para Bolvangar. Veja só! São os mesmos homens! E aquela corda tinha se esgarçado exatamente no mesmo lugar, que ela conhecia intimamente, tendo passado várias horas de sofrimento

amarrada naquele mesmo trenó... O que eram esses mistérios? Haveria, afinal, um único mundo, que passava o tempo sonhando com outros mundos?

E então ela encontrou uma coisa que lhe lembrou novamente o aletômetro. Numa antiga estante de vidro com moldura de madeira pintada de preto havia alguns crânios humanos, e alguns tinham buracos; alguns na frente, outros do lado, outros no topo. O do centro tinha dois. Uma caligrafia ornamentada, num cartão, informava que aquele processo se chamava

"trepanação". O cartão afirmava também que todos os orifícios tinham sido feitos durante a vida das pessoas porque o tecido cicatrizara em volta da borda. Um deles, no entanto, era diferente: o orifício tinha sido feito por uma flecha de ponta de bronze que ainda estava lá dentro, e a borda era aguçada e irregular, de modo que era óbvio que aquele era outro caso. Era exatamente o que os tártaros do Norte faziam. E o que Stanislaus Grumman tinha feito a si mesmo, segundo os Catedráticos da Jordan que o conheceram. Lyra olhou em volta, não viu ninguém e então pegou o aletômetro. Focalizou a mente no crânio central e perguntou: a que tipo de pessoa esse crânio pertenceu, e por que ela mandou fazer esses buracos?

Enquanto estava concentrada, à luz empoeirada que se filtrava pelo telhado de vidro e passava pelas galerias superiores, ela não percebeu que estava sendo observada.

Um homem corpulento, de 60 e poucos anos, usando um terno de linho muito bem cortado e segurando um chapéu panamá, estava parado na galeria superior, junto ao parapeito de grade de ferro, olhando para ela. Seus cabelos grisalhos estavam penteados para trás, desnudando a testa lisa, bronzeada, com pouquíssimas rugas. Ele tinha os olhos grandes, escuros e profundos, cílios longos, e a cada minuto sua língua pontuda, de ponta escura, assomava no canto da boca e dardejava umidamente sobre os lábios. O lenço no bolso do paletó, branco como neve, era perfumado com algum perfume forte, como aquelas plantas de estufa tão ricas que se pode sentir o cheiro da sua degenerescência exalado pelas raízes. Ele

estava

observando

Lyra

havia

alguns minutos.

Tinha

acompanhado da galeria superior o percurso da menina no andar abaixo e, quando ela parou junto à estante de crânios, ele ficou a observá-la atentamente, estudando todos os detalhes: os cabelos despenteados, a equimose no rosto, as roupas novas, o pescoço nu curvado sobre o aletômetro, as pernas nuas.

Ele tirou o lenço do bolso e enxugou a testa, depois se dirigiu para a escada.

Lyra, absorta, estava aprendendo coisas estranhas. Aqueles crânios eram inimaginavelmente velhos; os cartões na estante diziam simplesmente

"Idade do Bronze", mas o aletômetro, que nunca mentia, disse que o homem a quem aquele crânio pertencera tinha vivido 33.254 anos antes, e que tinha sido um feiticeiro, e que o orifício tinha sido feito para que os deuses entrassem em sua cabeça. E então o aletômetro, na maneira casual com que às vezes respondia a uma pergunta que Lyra não tinha formulado, acrescentou que havia muito mais Pó em volta dos crânios trepanados do que daquele com a flecha.

O que aquilo poderia significar? Lyra saiu da tranqüilidade forçada que compartilhava com o aletômetro e voltou para o momento presente, onde constatou que já não estava sozinha: contemplando a estante seguinte estava um homem idoso de terno claro e cheiro bom. Ele lembrava-lhe alguém que ela não conseguiu identificar.

Ele percebeu que ela o observava e ergueu os olhos com um sorriso.

- Você está olhando para os crânios trepanados? Que coisas estranhas as pessoas fazem a si mesmas!

- Hum -fez ela, sem expressão.

- Sabe que as pessoas ainda fazem isso?

- É?

- Os hippies, sabe, gente assim. Aliás, você é jovem demais para se lembrar dos hippies. Dizem que é mais eficaz do que usar drogas. Lyra tinha guardado o aletômetro na mochila, e estava pensando em como sair dali; ainda não tinha feito a pergunta principal, e agora aquele velho estava puxando assunto com ela. Ele parecia bonzinho, e certamente cheirava bem. Ele chegou mais perto. Sua mão roçou a dela quando ele se inclinou para a estante.

- Não dá para acreditar, não é mesmo? Nada de anestesia, nem desinfetante. Provavelmente feito com ferramentas de pedra. Eles devem ter sido durões, não concorda? Acho que nunca vi você por aqui antes. Venho sempre aqui. Qual é o seu nome?

- Lizzie - ela respondeu, muito naturalmente.

- Lizzie. Oi, Lizzie, eu sou Charles. Você estuda em Oxford?

Ela não sabia como responder.

- Não - disse finalmente.

- Está de visita? Bom, escolheu um lugar maravilhoso para visitar. Em que tipo de coisa você está especialmente interessada?

Aquele homem deixava-a mais confusa do que qualquer outra pessoa que ela tivesse conhecido durante muito tempo.

Por um lado ele era bonzinho e simpático, muito limpo e bem vestido, mas por outro lado Pantalaimon, dentro do bolso dela, estava pedindo sua atenção e implorando que ela tomasse cuidado, porque ele também estava quase recordando alguma coisa; e ela sentia, vindo de algum lugar, não um cheiro, mas a idéia de um cheiro, e era cheiro de esterco, de putrefação. Isso lhe lembrou o palácio de Iofur Raknison, onde o ar era perfumado mas o chão era coberto de imundície.

- Em que estou interessada? Ah, em tudo, na verdade.

Acabei de ficar interessada nesses crânios; não sei como alguém ia querer fazer isso. É horrível.

-Não, eu também não ia gostar, mas juro a você que isso acontece mesmo. Eu

poderia levar você para conhecer alguém que fez - ele ofereceu, com ar tão simpático e prestativo que ela quase ficou tentada a aceitar. Mas nesse instante ele dardejou a ponta escura da língua pelos lábios com a rapidez de uma serpente, e ela sacudiu a cabeça.

- Preciso ir - disse. - Obrigada pelo oferecimento, mas não vou poder. E tenho que ir agora porque vou me encontrar com uma pessoa. A minha amiga - acrescentou.

- Com quem estou morando.

- Ah, claro - ele respondeu em tom bondoso. - Bem, foi um prazer conversar com você. Até logo, Lizzie.

- Até - fez ela.

- Ah! Só para garantir, eis meu nome e endereço – ele disse, estendendo-lhe um cartãozinho. - Para o caso de você querer saber mais sobre coisas como esta.

- Obrigada - ela respondeu inexpressivamente.

Guardou o cartão no bolso traseiro da mochila, antes de sair, e sentiu que ele a observava durante todo o percurso até a porta. Uma vez fora do museu, ela entrou no parque, que conhecia como um campo de críquete e outros jogos, e encontrou um lugar sossegado sob algumas árvores, onde tentou novamente o aletômetro.

Dessa vez perguntou onde poderia achar um Catedrático que soubesse do Pó. A resposta que recebeu foi simples: mandava que ela fosse a um certo aposento no prédio alto e quadrado atrás dela. Na verdade, a resposta foi tão direta e veio tão abruptamente que Lyra teve certeza de que o aletômetro tinha mais alguma coisa a dizer; ela agora estava começando a sentir que ele tinha diferentes estados de espírito, como uma pessoa, e a distinguir quando ele queria lhe contar mais alguma coisa. E ele queria mesmo. O que disse foi: Você tem que se preocupar com o garoto. A sua tarefa é ajudá-lo a encontrar o pai.

Concentre-se nisto.

Ela pestanejou. Estava realmente atônita. Will surgira do nada para ajudá-la; certamente isso era óbvio. A idéia de que ela havia ido até ali para ajudá-lo

deixou-a sem fôlego.

Mas o aletômetro ainda não terminara. O ponteiro estremeceu, e ela leu: Não minta para a pessoa que você vai procurar.

Ela embrulhou o aletômetro no veludo e escondeu-o dentro da mochila. Depois ficou de pé e olhou em volta à procura do prédio onde o seu Catedrático seria encontrado, e encaminhou-se para lá sentindo-se insegura, mas decidida.

Will encontrou a biblioteca com facilidade. A bibliotecária estava perfeitamente preparada para acreditar que ele estava pesquisando para um dever de geografia e ajudou-o a encontrar os exemplares do índice do Times para o ano do nascimento dele, que foi quando o pai tinha desaparecido. Will sentou-se para procurar. Sem dúvida havia várias referências a John Parry em relação a uma expedição arqueológica.

Cada mês ficava num rolo de microfilme separado, ele colocou um por um no projetor, localizou os artigos e leu-os com grande atenção. O primeiro deles contava a partida de uma expedição para o Norte do Alasca. A expedição era patrocinada pelo Instituto de Arqueologia da Universidade de Oxford, e ia estudar uma região onde esperavam encontrar evidências de habitação humana em outras eras. John Parry, um explorador profissional que tinha pertencido à Marinha Real, guiava a expedição.

O segundo artigo era de seis semanas mais tarde. Relatava concisamente que a expedição tinha chegado à Estação de pesquisa NorteAmericana em Noatak, no Alasca. O terceiro datava de dois meses depois do segundo. Dizia que os sinais enviados pela Estação de Pesquisa não estavam recebendo resposta e que se presumia que John Parry e os companheiros estavam mortos. Depois disso houve uma curta série de reportagens descrevendo as expedições que tinham partido em vão à procura deles, os vôos de busca acima do Mar Bhering, a reação do Instituto de Arqueologia, entrevistas com parentes.

Seu coração bateu forte, porque havia um retrato da sua própria mãe. Segurando um bebê: ele.

O repórter tinha escrito um artigo padrão - a esposa chorosa esperando angustiada notícias do marido - que Will achou decepcionantemente carente de fatos reais. Havia um breve parágrafo dizendo que John Parry fizera uma carreira de sucesso na Marinha Real e tinha partido para especializar-se em

organizar expedições geográficas e científicas - e isso era tudo. No índice não havia outra menção, e Will sentia-se confuso ao levantar-se do leitor de microfilmes. Devia haver mais informações em algum outro lugar; mas aonde ele poderia ir? E se levasse tempo demais nessa busca, acabaria sendo descoberto...

Devolveu os rolos de microfilme e perguntou à bibliotecária:

- Sabe o endereço do Instituto de Arqueologia, por favor?

- Posso descobrir... De que escola você é?

- St. Peter's - Will respondeu.

- Isto não fica em Oxford, fica?

- Não, é em Hampshire. A minha classe está fazendo uma espécie de pesquisa de campo. Uma espécie de desenvolvimento dos instrumentos de pesquisa ambiental...

- Ah, entendo. O que você queria mesmo... Arqueologia... Pronto, aqui está.

Will copiou o endereço e o telefone; como era seguro admitir que não conhecia Oxford, ele perguntou onde encontrar esse lugar. Não era longe. Ele agradeceu à funcionária e partiu.

Dentro do prédio, Lyra encontrou uma grande escrivaninha ao pé de uma escadaria, e atrás dela um porteiro.

- Aonde você vai? - ele quis saber.

Era como estar em casa de novo. Ela sentiu que Pan, dentro do seu bolso, estava se divertindo.

-Tenho um recado para uma pessoa no segundo andar -ela disse.

- Para quem?

- O Dr. Lister.

- O Dr. Lister fica no terceiro andar. Se tem alguma coisa para ele, pode deixar

aqui, que eu aviso a ele.

- Ah, mas é uma coisa de que ele precisa agora mesmo. Acabou de mandar buscar .Não é um objeto, na verdade, é uma coisa que preciso contar a ele.

Ele a estudou atentamente, mas não era páreo para a docilidade humilde que Lyra conseguia afetar quando queria, e finalmente assentiu e voltou ao seu jornal.

O aletômetro não contava a Lyra o nome das pessoas, é claro. Ela lera o nome do Dr. Lister num escaninho na parede atrás do porteiro, pois é mais fácil conseguir entrar quando a gente finge que conhece alguém. De certo modo Lyra conhecia o mundo de Will melhor que ele.

No segundo andar ela encontrou um corredor comprido onde havia uma porta aberta que dava para um auditório deserto, e outra dando para um aposento menor, onde dois Catedráticos discutiam algo junto a um quadronegro. Essa sala e as paredes daquele corredor eram vazias e sem adornos, de um modo que Lyra associava à pobreza, não à erudição e ao esplendor de Oxford; no entanto, as paredes de tijolos eram bem pintadas, e as portas eram de madeira pesada e os corrimões de aço polido, de modo que eram caros. Essa era apenas mais uma coisa estranha daquele mundo.

Ela logo encontrou a porta mencionada pelo aletômetro.

O cartaz preso a ela dizia: "Unidade de Pesquisa de Matéria Escura", e sob ela alguém rabiscara Descanse em Paz. Outra mão acrescentara a lápis:

"Diretor: Lázaro".

Lyra não entendeu nada daquilo. Bateu à porta e uma voz feminina respondeu:

- Entre!

Era uma sala pequena, atulhada de pilhas instáveis de livros e papéis, e os quadros-negros nas paredes estavam cobertos de algarismos e equações. Preso nas costas da porta aberta Lyra entrevia outro aposento, onde havia uma complicada máquina ambárica desligada.

Lyra, por seu lado, ficou um pouco surpresa ao constatar que o Catedrático que

procurava era mulher, mas o aletômetro não tinha mencionado um homem, e aquele era um mundo estranho, afinal. A mulher estava sentada diante de um mecanismo que mostrava números e formas numa pequena tela de vidro diante da qual todas as letras do alfabeto estavam dispostas em bloquinhos numa bandeja de marfim. A Catedrática tocou num deles e a tela escureceu.

- Quem é você? - perguntou.

Lyra fechou a porta atrás de si. Pensando no que o aletômetro lhe dissera, ela tentou não fazer o que normalmente faria, e falou a verdade.

- Lyra da Língua Mágica - respondeu. - Qual é o seu nome?

A mulher pestanejou. Tinha seus 30 e tantos anos, Lyra imaginava, talvez um pouco mais velha que a Sra. Coulter, com cabelos negros curtos e faces vermelhas. Usava um jaleco branco aberto sobre uma camisa verde e aquelas calças de lona azul que tanta gente usava neste mundo. Diante da pergunta de Lyra, a mulher passou a mão pelos cabelos e disse:

- Bem, você é a segunda coisa inesperada que me acontece hoje. Sou a Doutora Mary Malone. O que é que você quer?

- Quero que me fale do Pó - disse Lyra, depois de olhar em volta para ver se estavam sozinhas. - Sei que a senhora sabe sobre ele. Posso provar. A senhora tem que nos contar.

- Pó? De que é que você está falando?

- Pode ser que a senhora não chame assim. São partículas elementares. No meu mundo os Catedráticos chamam de Partículas de Rusakov, mas normalmente chamam de Pó. Elas não aparecem facilmente, mas vêm do espaço e se fixam nas pessoas. Não tanto nas crianças. Mais nos adultos. E uma coisa que só descobri hoje: eu estava no museu no fim desta rua e havia uns crânios com buracos, como os tártaros fazem, e havia muito mais Pó em volta deles do que em volta de um que não tinha o mesmo tipo de buraco. Quando foi a Idade do Bronze?

A mulher encarava-a de olhos arregalados.

- A Idade do Bronze? Meu Deus, não sei. Talvez há uns 5 mil anos disse.

- Ah, bom, então eles erraram quando escreveram aquilo. Aquele crânio com os dois buracos tem 33 mil anos de idade.

Ela então silenciou, porque a Dra. Malone parecia prestes a desmaiar. A cor das faces tinha desaparecido completamente, ela levou uma das mãos ao peito enquanto com a outra agarrava-se ao braço da poltrona, e tinha o queixo caído.

Lyra, firme e sem saber o que pensar, ficou esperando que ela se recuperasse.

- Quem é você? - a mulher perguntou finalmente.

- Lyra da Língua...

- Não, de onde você vem? O que você é? Como é que sabe dessas coisas?

Lyra suspirou de cansaço, tinha se esquecido de como os Catedráticos são complicados. Era difícil contar-lhes a verdade quando eles entenderiam muito mais facilmente uma mentira.

- Eu venho de outro mundo - começou a garota. - E nesse mundo existe uma Oxford como esta aqui, só que diferente, e foi de lá que eu vim. E...

- Espere, espere, espere. Você vem de onde?

- De outro lugar - disse Lyra, com mais cuidado. - Não sou daqui.

- Ah, de outro lugar - repetiu a mulher. – Estou entendendo. Quer dizer, acho que estou.

- E tenho que descobrir o que é esse Pó – Lyra explicou. - Porque as pessoas da Igreja no meu mundo, sabe, elas têm medo do Pó porque acham que é o pecado original. Então é muito importante. E o meu pai... Não! –

exclamou com veemência, chegando a bater o pé no chão. - Não era isso que eu ia dizer. Estou fazendo tudo errado!

A Dra. Malone olhou para a expressão de desespero da menina, os punhos cerrados, os machucados na face e na perna, e disse:

- Meu Deus, menina, acalme-se e...

Parou de falar e esfregou os olhos, que estavam vermelhos de cansaço.

- Mas por que estou escutando tudo isso? Acho que estou ficando doida. O caso é que este é o único lugar no mundo onde você conseguiria a resposta que deseja, e estão prestes a fechar isto aqui... O que você está

mencionando, o seu Pó, parece uma coisa que estamos estudando já há algum tempo, e o que você diz sobre os crânios no museu me deu um susto, porque... Ah, não, é demais. Estou cansada demais. Quero escutar o que você tem a dizer, acredite, mas não agora, por favor. Eu já lhe contei que vão fechar isso aqui? Tenho uma semana para montar uma proposta para o comitê de financiamento, mas não temos a menor esperança...

Ela bocejou longamente.

- Qual foi a outra coisa inesperada que aconteceu hoje? - Lyra perguntou.

- Ah, sim, uma pessoa que eu esperava que nos apoiasse retirou seu apoio. Afinal, talvez isso não fosse tão inesperado assim. Ela tornou a bocejar.

- Vou fazer um café - disse. - Senão vou dormir em pé. Quer também?

Encheu de água uma chaleira elétrica e, enquanto ela colocava café

solúvel em duas xícaras, Lyra estudava o desenho chinês nas costas da porta.

- O que é aquilo? - quis saber.

- É chinês. Os símbolos do I Ching. Sabe o que é isso? Vocês têm I Ching no seu mundo?

Lyra olhou para ela de olhos apertados, sem saber se a outra estava sendo sarcástica. Respondeu:

- Algumas coisas são iguais e outras são diferentes, só isso. Não sei tudo sobre o meu mundo. Talvez eles tenham essa coisa Ching lá também.

- Desculpe - disse a Dra. Malone. - É, pode ser que tenham.

- O que é matéria escura? - Lyra perguntou. - É o que diz no cartaz, não é?

A Dra. Malone tornou a se sentar e com o pé puxou outra cadeira para Lyra.

- Matéria escura é o que a minha equipe de pesquisa está procurando. Ninguém sabe o que é. Existem mais coisas no universo do que nós podemos ver, o caso é esse. Vemos as estrelas e as galáxias e as coisas que brilham, mas para que tudo isso fique coeso e não se espalhe, precisa haver mais outra coisa. Para fazer a gravidade funcionar, entende? Mas ninguém consegue descobrir essa coisa. De modo que existem muitos projetos de pesquisa tentando descobrir do que se trata, e o nosso é um deles. Lyra prestava a maior atenção. Finalmente a mulher estava falando sério.

- E o que a senhora pensa que é? -perguntou.

- Bem, o que nós pensamos... - começou a Dra. Malone, mas a água ferveu e ela se levantou para fazer o café.

Continuou:

- Achamos que é alguma espécie de partícula elementar. Algo completamente diferente de qualquer coisa que foi descoberta até agora. Mas é muito difícil de detectar. Onde é que você estuda? Está estudando física?

Lyra sentiu Pantalaimon mordiscar-lhe a mão, advertindo-a para não ficar zangada. Tudo bem que o aletômetro lhe mandasse falar a verdade, mas ela sabia o que aconteceria se contasse a verdade inteira. Tinha que pisar com cuidado e evitar as mentiras diretas.

- Sim, sei um pouquinho. Mas não sobre a matéria escura.

- Bem, estamos tentando detectar essa coisa quase imperceptível no meio do ruído de todas as outras partículas em colisão. Normalmente colocam detectores a centenas de metros abaixo do solo, mas o que nós fizemos foi criar um campo eletromagnético em volta do detector para filtrar as coisas que não queremos e deixar passar as que queremos. Então amplificamos o sinal e o passamos pelo computador.

Ela estendeu uma xícara de café. Não havia leite nem açúcar, mas ela encontrou alguns biscoitos de gengibre numa gaveta, e Lyra comeu um com avidez. A Dra. Malone continuou:

- E encontramos uma partícula que combina. Achamos que combina. Mas é tão estranho... Porque estou lhe contando isso? Não devia. Não está

publicado. Não tem referências, não está sequer escrito. Estou meio doida, hoje. Bem... - continuou, e bocejou durante tanto tempo que Lyra pensou que ela não iria mais parar. -As nossas partículas são figurinhas esquisitas, sem dúvida. Nós as chamamos de partículas de sombra. Sombras. Sabe o que quase me derrubou da cadeira? Quando você mencionou os crânios no museu. Porque um membro da nossa equipe, entende, é arqueólogo amador. E ele um dia descobriu uma coisa em que não conseguimos acreditar. Mas não podíamos ignorar, porque combinava com a coisa mais louca de todas a respeito dessas Sombras. Sabe o que é? Elas têm consciência. Isso mesmo. As Sombras são partículas de consciência. Já ouviu alguma coisa tão idiota?

Não é de estranhar que não queiram renovar o nosso financiamento. Ela bebericou seu café. Lyra bebia cada palavra como se fosse uma florzinha sedenta.

- Sim, elas sabem que estamos aqui -continuou a Dra. Malone. -Elas respondem. E aí vem a parte louca: você só as enxerga se quiser. Se colocar a mente em certo estado. Tem que estar confiante e relaxada ao mesmo tempo. Tem que ser capaz de... Onde está aquela citação?

Ela remexeu nos papéis sobre a escrivaninha e encontrou um pedaço de papel no qual alguém escrevera com tinta verde. Ela leu:

-"... capaz de passar por incertezas, mistérios, dúvidas, sem qualquer gesto impaciente de procurar o fato e a razão..." Tem que estar nesse estado de espírito. Aliás, isso é do poeta Keats. Encontrei outro dia. A pessoa fica no estado de espírito correto e então olha para a Caverna...

- Caverna? -estranhou Lyra.

- Ah, desculpe, o computador. Nós o chamamos de Caverna. Sombras nas paredes da Caverna, entende, de Platão. Coisa do nosso arqueólogo, também. É um intelectual. Mas ele foi a Genebra para candidatar-se a um emprego, e acho que não voltará... Onde é que eu estava? Certo, a Caverna, isso mesmo. U ma vez ligada ao computador, se a pessoa pensar, as Sombras reagem. Não há a menor dúvida quanto a isso. As Sombras acorrem para o seu pensamento como pássaros...

- E os crânios?

- Já vou chegar a eles. Oliver Payne, o meu colega, um dia estava passando tempo testando coisas com a Caverna. E foi muito estranho. Não fazia sentido, do jeito que um físico esperaria. Ele pegou um pedaço de marfim, um pedaço qualquer, e ele não reagiu, não havia Sombras nele; mas uma peça de jogo de xadrez feita de marfim reagiu. Um pedaço de pau não reagiu, mas uma régua de madeira reagiu. E uma estatueta de madeira entalhada tinha mais... Estou falando de partículas elementares, ora bolas!

Como pedacinhos minúsculos de quase nada. Elas sabiam o que eram aqueles objetos. Qualquer coisa associada à manufatura humana e ao pensamento humano era rodeada de Sombras... E então Oliver, o Dr. Payne, conseguiu alguns crânios de fósseis com um amigo no museu e testou-os para ver até

onde no passado o efeito alcançava. Encontrou um limite em uns 30 a 40 mil anos atrás. Antes disso não havia Sombras; depois disso, muitas. E foi mais ou menos então, parece, que surgiram os primeiros seres humanos modernos. Os nossos ancestrais remotos, entende, gente não muito diferente de nós, na verdade...

- É Pó - Lyra afirmou com veemência. - É isso o que é.

- Mas eu não posso dizer esse tipo de coisa num pedido de financiamento, se quiser ser levada a sério. Não faz sentido. Não pode existir. É impossível, e se não for impossível é irrelevante, e se não for qualquer dessas coisas, então é embaraçoso.

- Quero ver a Caverna - disse Lyra.

Ela ficou de pé.

A Dra. Malone passava as mãos pelos cabelos e pestanejava com força para clarear os olhos cansados.

- Bem, não vejo por que não - disse. - Amanhã pode ser que a gente não tenha mais um computador. Venha comigo.

Ela levou Lyra para a outra sala. Era maior, e estava repleta de equipamento eletrônico.

- Ali - disse, apontando para uma tela que brilhava em cinza. - É ali que fica o detector, atrás de todos esses fios. Para ver as Sombras você tem que estar ligada a alguns eletrodos. Como os que a gente usa para medir as ondas cerebrais.

- Quero experimentar - Lyra pediu.

- Você não vai conseguir enxergar. De qualquer maneira, estou cansada. É complicado demais.

- Por favor! Sei o que estou fazendo!

- Ah, sabe? Eu gostaria de saber. Não, pelo amor de Deus! É uma experiência difícil e cara. Você não pode aparecer assim e se intrometer, como se isto fosse um joguinho eletrônico... Aliás, de onde é que você vem? Não deveria estar na escola? Como foi que chegou até aqui?

Lyra estava tremendo. Diga a verdade, pensou.

- Fui guiada por isto aqui - disse, pegando o aletômetro.

- Que coisa é esta? Uma bússola?

Lyra deixou que ela o pegasse. A Dra. Malone arregalou os olhos ao sentir o peso dele.

- Meu Deus, é feito de ouro. Mas onde...

- Acho que ele faz o que a sua Caverna faz. É o que eu quero descobrir. Se eu descobrir a resposta a uma pergunta, alguma coisa que a senhora saiba a resposta e eu não saiba, então posso experimentar a sua Caverna? - continuou, desesperada.

- Como é? Agora vamos ler a sorte? Que coisa é esta?

- Por favor! Faça-me uma pergunta, só isso!

A Dra. Malone deu de ombros.

- Ora, está bem. Diga-me... Diga-me o que eu fazia antes. Ansiosa, Lyra pegou o aletômetro e girou os ponteiros. Sentia a mente procurar as figuras certas antes

mesmo que os ponteiros estivessem apontando para elas, e sentia o ponteiro maior estremecendo, pronto para reagir. Quando ele começou a girar em volta do mostrador, Lyra seguiu-o com os olhos, observando, calculando, acompanhando as longas cadeias de significado até o nível onde estava a verdade.

Então pestanejou, suspirou e saiu do transe temporário.

- A senhora era freira - disse. - Eu nunca teria adivinhado. As freiras costumam ficar para sempre no convento. Mas a senhora parou de acreditar nas coisas da Igreja e eles deixaram que fosse embora. Não é como no meu mundo, nem um pouco.

A Dra. Malone deixou-se cair na única cadeira, os olhos fixos em Lyra. A menina disse:

- Isto é verdade, não é?

- É, sim. E você descobriu nesse...

- No meu aletômetro. Ele funciona pelo Pó, eu acho. Vim até aqui para saber mais sobre o Pó, e ele me disse para vir procurar a senhora. Então acho que a sua matéria escura deve ser a mesma coisa. Agora posso experimentar a sua Caverna?

A Dra. Malone sacudiu a cabeça, mas não para recusar o pedido apenas por espanto. Estendeu as mãos espalmadas.

- Muito bem. Acho que estou sonhando. Sendo assim, não faz mal irmos até o fim.

Ela girou a cadeira e apertou vários botões, provocando um zumbido elétrico e o ruído do ventilador do computador e ouvindo esse som, Lyra soltou uma exclamação de espanto: o som naquela sala era o mesmo que ela ouvira naquela horrível sala brilhante em Bolvangar, onde a guilhotina de prata quase a separara de seu Pantalaimon. Sentiu-o estremecer em seu bolso e acariciouo para acalmá-lo. Mas a Dra. Malone não percebeu, estava entretida demais ajustando botões e apertando as letras em outra daquelas bandejas de marfim. À medida que ela fazia isso, a tela mudava de cor e algumas letras e números apareceram.

- Agora você se senta - disse, cedendo a cadeira a Lyra. Depois abriu um vidro e

explicou: -Preciso colocar um gel na sua pele para ajudar o contato elétrico. Sai facilmente com água. Agora fique imóvel.

A Dra. Malone pegou seis fios, cada um deles terminando numa ponta achatada, e prendeu-os a vários lugares na cabeça de Lyra. A menina estava decidida a ficar imóvel, mas tinha a respiração acelerada e seu coração batia com força.

- Pronto, você está ligada - disse a Dra. Malone. - A sala está cheia de Sombras. Aliás, o universo está cheio de Sombras. Mas esta é a única maneira de poder vê-las: quando a gente esvazia a mente e olha para a tela. Lá vai. Lyra olhou. A tela estava escura e vazia. Ela via seu próprio reflexo, mas só. A título de experiência, ela fingiu que estava lendo o aletômetro, e imaginou-se perguntando: O que é que esta mulher sabe sobre o Pó? Que perguntas ela está fazendo? Moveu mentalmente os ponteiros do aletômetro em volta do mostrador, e a tela começou a piscar. Atônita, ela perdeu a concentração e a tela escureceu. Não percebeu que a Dra. Malone se endireitava, curiosa, ela chegou para a frente e começou de novo a se concentrar.

Dessa vez a resposta veio instantaneamente. Um jorro de luzes dançantes, parecendo a cortina tremeluzente da aurora boreal, atravessou a tela. Elas formavam desenhos que se mantinham por alguns segundos, antes de se desmancharem e se juntarem em formas diferentes, ou cores diferentes, faziam arcos e volteios, espalhavam-se, irrompiam em chuveiros de luz que de repente mudavam de direção como um bando de pássaros mudando de rumo no céu. E Lyra sentia a mesma sensação de estar à beira da compreensão que se lembrava de ter sentido quando estava começando a ler o aletômetro. Fez outra pergunta: Isto é o Pó? A mesma coisa que está fazendo estes desenhos move o ponteiro do aletômetro? A resposta veio em mais arcos de luz. Ela imaginou que isso queria dizer sim. Então outra idéia lhe ocorreu, e ela virou-se para falar com a Dra. Malone, esta estava boquiaberta, a mão na cabeça.

- O que... - começou.

A tela escureceu. A Dra. Malone pestanejou.

- O que foi? - Lyra completou a pergunta.

- Ah, você conseguiu a maior amostra que já vi, só isso - disse a Dra. Malone. - O que é que você estava fazendo? Em que estava pensando?

- Estava pensando que a senhora podia conseguir fazer isto ficar mais claro - disse Lyra.

- Mais claro! Nunca foi tão claro quanto agora!

- Mas o que significa? A senhora consegue ler?

- Bem, não se lê como se lê uma carta, não funciona assim. O que está acontecendo é que as Sombras estão reagindo à atenção que você dedica a elas. Isso por si só já é bastante revolucionário: é à nossa consciência que elas reagem, entende?

- Não, o que eu quero dizer é o seguinte: essas cores e formas aí

dentro, elas poderiam fazer outras coisas, essas Sombras. Poderiam fazer a forma que a senhora quisesse. Poderiam formar figuras, se a senhora quisesse. Olhe.

Ela se virou e tornou a focalizar a mente, mas dessa vez fingiu que a tela era o aletômetro, com todos os 36 símbolos dispostos ao longo da borda. Conhecia-os tão bem que agora seus dedos automaticamente moviam-se no colo como se ela movimentasse os ponteiros imaginários para apontar para a vela (para compreensão), o alfa e ômega (para linguagem) e a formiga (para trabalho), e fez a pergunta: O que aquelas pessoas precisavam fazer para compreender a linguagem das Sombras?

A tela reagiu com a mesma rapidez do pensamento, e da confusão de linhas e clarões formou-se uma série de figuras com perfeita nitidez: bússola, alfa e ômega outra vez, raio, anjo.

Cada figura surgia um número diferente de vezes, e depois vieram outras três: camelo, jardim, lua.

Lyra via claramente o significado delas, e saiu do transe para explicar. Dessa vez, quando se voltou, viu que a Dra. Malone estava recostada na cadeira, pálida, agarrando a borda da mesa.

- Ele está falando a minha linguagem, entende, a linguagem das figuras. Como o aletômetro. Mas o que ele diz é que poderia usar a linguagem comum também, palavras, se a senhora o preparasse para isso. Podia fazer com que ele pusesse palavras na tela. Mas ia precisar de muito raciocínio com os números, isso era a

bússola, entende, e o raio significa energia ambárica, quer dizer, energia elétrica, mais disso. E o anjo, é sobre as mensagens. Há

coisas que ele quer dizer. Mas quando foi para o segundo pedaço... Era a Ásia, quase o Extremo Oriente, mas não tanto. Sei lá que país seria. A China, talvez... É um modo que eles têm lá de falar com o Pó, quer dizer, com as Sombras, a mesma coisa que a senhora tem aqui e eu tenho com... Eu tenho com figuras, só que eles usam pauzinhos. Acho que ele estava falando daquela figura na porta, mas não entendi direito. No princípio, quando vi aquilo, achei que era importante, mas não sabia por quê. Então deve haver muitas maneiras de falar com as Sombras.

A Dra. Malone estava sem fôlego.

- O I Ching-disse. - Ele é chinês, sim. Uma espécie de adivinhação. E

eles usam pauzinhos. Aquele cartaz só está ali para enfeitar -disse, como se quisesse assegurar a Lyra que ela na verdade não acreditava em I Ching. Você está me dizendo que quando as pessoas consultam o I Ching elas estão entrando em contato com as partículas de Sombra? Com a matéria escura?

- É - Lyra respondeu. - Existem muitas maneiras, como eu já disse. Eu não sabia disso. Pensei que só havia uma.

- Aquelas figuras na tela... - começou a Dra. Malone.

Lyra sentiu um lampejo de pensamento no fundo da mente, e voltou-se para a tela. Mal tinha começado a formular uma pergunta quando mais figuras apareceram, passando tão depressa que a Dra. Malone mal conseguia acompanhá-las; mas Lyra sabia o que elas estavam dizendo, e virou-se para ela.

- Diz que a senhora também é importante – revelou à cientista. - Diz que a senhora tem uma coisa importante para fazer. Sei lá o que é, mas ele não diria se não fosse verdade. Então a senhora provavelmente deveria fazer ele usar palavras, para poder entender o que ele diz.

A Dra. Malone ficou em silêncio por um instante, depois perguntou:

- Muito bem. De onde você veio?

Lyra fez uma careta. Sabia que a Dra. Malone, que até agora tinha agido influenciada pela exaustão e pelo desespero, normalmente jamais teria mostrado o seu trabalho para uma criança desconhecida que apareceu do nada, e estava começando a se arrepender. Mas Lyra tinha que dizer a verdade.

- Venho de outro mundo - disse. - É verdade. Atravessei para este aqui. Eu estava... tive que fugir, porque pessoas no meu mundo estavam me caçando, para me matar .E o aletômetro vem... do mesmo lugar. Foi o Mestre da Universidade Jordan quem me deu. Na minha Oxford existe uma Universidade Jordan, mas aqui não. Eu procurei. E aprendi a ler o aletômetro sozinha. Consigo fazer a minha mente ficar vazia, e então simplesmente vejo o que elas significam. Conforme a senhora falou sobre... dúvidas e mistérios e tudo. Então, quando olhei para a Caverna, fiz a mesma coisa, e funciona do mesmo jeito, então o meu Pó e as suas Sombras são a mesma coisa, também. Então...

Agora a Dra. Malone estava inteiramente desperta. Lyra pegou o aletômetro e embrulhou-o no veludo, como uma mãe agasalhando o filho, antes de guardá-lo na mochila.

- Quer dizer, a senhora pode fazer esta tela falar com palavras, se quiser. Então poderia falar com as Sombras como eu falo com o aletômetro. Mas o que eu quero saber é: por que as pessoas no meu mundo odeiam ele?

O Pó, quer dizer, as Sombras. Matéria escura. Querem destruir ele. Acham que é mau. Então o que é isso, as Sombras? É bom ou ruim?

A Dra. Malone esfregou o rosto, deixando as faces ainda mais vermelhas.

- É tudo tão constrangedor... - disse. - Sabe como é embaraçoso falar em Bem e Mal num laboratório científico? Tem idéia disso? Uma das razões de me tornar cientista foi para não ter que pensar nesse tipo de coisa.

- Mas a senhora tem que pensar nisso - disse Lyra em tom severo. Não pode estudar as Sombras, o Pó, seja lá o que for, sem pensar nesse tipo de coisa, o Bem, o Mal, coisas assim. E ele disse que a senhora tem que fazer isso, lembre-se. Não pode recusar. Quando é que vão fechar isto aqui?

- O comitê de financiamento vai decidir no final da semana... Por que.

- Porque então a senhora tem esta noite - disse Lyra. - Poderia ajeitar esta

máquina para colocar palavras na tela em vez de figuras, como eu fiz. Ia ser fácil fazer isso. Então a senhora poderia mostrar para eles e eles teriam que lhe dar o dinheiro para continuar. E a senhora poderia descobrir tudo sobre o Pó, as Sombras, e me contar. Sabe, o aletômetro não me diz tudo que preciso saber - continuou, com certo desdém, como uma duquesa descrevendo uma criada insatisfatória. - Mas a senhora poderia descobrir para mim. Ou então eu provavelmente conseguiria com esse tal Ching, com os pauzinhos. Mas é mais fácil trabalhar com figuras. Pelo menos, eu acho. Vou tirar isto agora - acrescentou, retirando os eletrodos da cabeça.

A Dra. Malone deu-lhe um lenço de papel para limpar o gel, e guardou os fios.

- Então já vai embora? – perguntou. - Bem, você me proporcionou momentos estranhos, sem dúvida.

- Vai fazer ele usar palavras? - Lyra perguntou, pegando a mochila.

- Acho que é tão inútil quanto completar o pedido de verba - suspirou a Dra. Malone. - Não, escute, quero que volte aqui amanhã. Você vai poder?

Mais ou menos a esta hora? Quero que você demonstre para outra pessoa. Lyra franziu a testa. Seria uma armadilha?

- Bom, está certo - concordou. - Mas não se esqueça que eu preciso saber umas coisas.

- Sim, é claro. Você virá?

- Sim. Se digo que venho, venho mesmo. Acho que posso ajudar a senhora.

E partiu. O porteiro ergueu os olhos e logo voltou ao seu jornal.

- A escavação de Nuniatak? - disse o arqueólogo, girando a cadeira. Você é a segunda pessoa em um mês que quer saber sobre isso.

- Quem foi a outra? - Will perguntou, imediatamente em guarda.

- Acho que ele era jornalista, não tenho certeza.

- Por que ele queria saber sobre isso?

- Tinha ligação com um dos homens que desapareceram naquela viagem. Foi no auge da Guerra Fria que a expedição desapareceu. Guerra nas Estrelas. Você provavelmente é jovem demais para se lembrar. Os americanos e os russos estavam construindo enormes instalações de radar em todo o Ártico... Mas, afinal, em que posso ajudar?

- Bem, na verdade estou só tentando saber coisas sobre aquela expedição -disse Will, tentando ficar calmo. – É para um trabalho da escola sobre o homem pré-histórico. Li sobre essa expedição que desapareceu, e fiquei curioso.

- Bem, você não é o único. Na época houve grande repercussão. Eu pesquisei para o jornalista. Tratava-se de uma investigação preliminar, não exatamente escavações. Não se pode escavar até saber se vale a pena, de modo que aquele grupo foi examinar alguns sítios para fazer um relatório. Era uma meia dúzia de sujeitos. As vezes, nesse tipo de expedição, juntam-se pessoas de outros campos, sabe, geólogos ou coisa assim, para rachar o custo. Eles estudam as coisas deles, e nós, as nossas. Nesse caso havia um físico no grupo. Acho que ele estava estudando partículas atmosféricas. A aurora boreal, entende, as luzes do Norte. Parece que ele tinha balões com radio transmissores.

O homem fez uma pausa, depois continuou:

-E havia outro homem com eles. Um ex-militar da Marinha Real, uma espécie de explorador profissional. Iam entrar num território bastante selvagem, e os ursos polares são sempre um perigo no Ártico. Os arqueólogos podem lidar com algumas coisas, mas não somos treinados para atirar, e é muito útil ter alguém que saiba atirar, montar um acampamento, que entenda de navegação e de todo tipo de necessidades de sobrevivência. Mas todos sumiram. Ficaram em contato pelo rádio com uma estação de pesquisa local, mas um dia não responderam ao sinal e nunca mais houve notícias deles. Tinha havido uma tempestade de neve, mas isso era comum. A expedição de busca encontrou o último acampamento deles mais ou menos intacto, embora os ursos tivessem devorado o estoque de comida, mas não havia qualquer sinal de gente. Infelizmente é tudo que tenho para lhe contar.

- Sim... - fez Will. - Muito obrigado. - Fez menção de sair, mas parou à

porta. - Hum... Aquele jornalista, o senhor disse que ele estava interessado num dos homens. Qual deles era?

- O explorador. Um homem chamado Parry.

- Como era ele? Quer dizer, o jornalista?

- Por que você quer saber?

- Porque... - Will não conseguiu pensar numa razão plausível. Não deveria ter perguntado. - Perguntei à toa. Só curiosidade.

- Pelo que me lembro, era um homem grande e louro. De cabelos muito claros.

- Certo, obrigado - repetiu Will, e voltou-se para sair.

O homem observou-o partir sem nada dizer, a testa franzida. Will viu-o estender a mão para o telefone e saiu depressa do prédio. Will percebeu que estava tremendo. O jornalista era um dos homens que tinham ido à sua casa: um homem alto, de cabelos tão louros que parecia não ter sobrancelhas ou cílios.

Não era aquele que Will tinha derrubado na escada: era o que tinha aparecido à porta da sala enquanto Will descia correndo e saltava por cima do cadáver.

Mas não era jornalista.

Havia um grande museu ali perto. Will entrou, segurando a prancheta como se estivesse fazendo um trabalho escolar, e sentou-se numa galeria cheia de quadros. Tremia muito e sentia náuseas, oprimido pelo conhecimento de ter matado alguém, de ser um assassino. Até agora tinha mantido o controle, mas estava ficando difícil. Ele tinha tirado a vida de um ser humano. Ficou meia hora sentado ali, e foi a meia hora mais difícil da sua vida. As pessoas entravam e saíam, contemplavam os quadros, falando em voz baixa, ignorando-o, um funcionário do museu ficou parado à porta durante alguns minutos, mãos atrás das costas, e depois afastou-se devagar e Will, às voltas com o horror daquilo que tinha feito, não movia um músculo. Gradualmente foi ficando mais calmo. Afinal, tinha agido para defender a mãe. Eles a estavam assustando; nas condições dela, eles a estavam perseguindo. Ele tinha o direito de defender o seu lar. O pai iria querer que ele agisse assim. Tinha feito aquilo porque era a coisa certa a fazer. Fez para impedir que roubassem o escrínio de couro verde. Fez para que pudesse encontrar o pai; e não tinha o direito de fazer isso? Todas as suas brincadeiras infantis lhe voltavam agora: ele e o pai, um salvando o outro de avalanches ou combatendo piratas. Bom, agora era de verdade. "Vou achar

você", prometeu em pensamento. "É só me ajudar, e eu vou achar você, e vamos tomar conta da mamãe, e tudo vai ficar bem..."

Afinal, ele agora tinha um lugar onde se esconder, um lugar tão seguro que ninguém jamais o encontraria lá. E os papéis dentro do escrínio (que ele ainda não tivera tempo de ler) também estavam em segurança debaixo do colchão em Citàgazze.

Finalmente percebeu que todas as pessoas tomavam a mesma direção. Estavam saindo, pois o funcionário avisava que o museu fecharia dali a 10 minutos. Will reuniu forças e partiu. Conseguiu encontrar a rua onde ficava o escritório do advogado e pensou em ir vê-lo, apesar do que tinha dito antes. O homem parecia amigável...

Mas ao decidir atravessar a rua e entrar, ele estacou de repente. O homem alto de sobrancelhas claras estava saindo de um carro. Will virou-se imediatamente e ficou olhando de modo casual para a vitrine de uma joalheria. Viu o reflexo do homem olhar em volta, ajeitar o nó da gravata e entrar no escritório do advogado. Assim que ele entrou, Will afastouse, o coração novamente disparado: nenhum lugar era seguro. Tomou a direção da biblioteca da universidade para esperar por Lyra. **5 - PAPEL DE CARTA VIA AÉREA**

- Will! - Lyra chamou.

Ela falou em tom baixo, mas mesmo assim ele levou um susto: a menina estava sentada no banco ao lado dele, e ele nem percebera!

- De onde você surgiu?

- Encontrei o meu Catedrático! Na verdade, é uma Catedrática. Ela se chama Dra. Malone. E tem uma máquina que consegue enxergar o Pó e ela vai fazer a máquina falar...

- Nem vi você chegar!

- Porque não estava prestando atenção - ela explicou. - Devia estar pensando em outra coisa. Ainda bem que eu vi você. Escute, é fácil enganar as pessoas. Veja...

Dois policiais em patrulha vinham na direção deles: um homem e uma mulher, com as camisas brancas da farda de verão, com seus rádios, seus cassetetes e

seus olhos cheios de suspeitas. Antes que chegassem perto, Lyra estava de pé falando com eles.

- Por favor, pode me dizer onde fica o museu? - pediu.

- Meu irmão e eu ficamos de encontrar nossos pais lá, e nos perdemos.

O policial olhou para Will, e o menino, controlando a raiva, deu de ombros como se dissesse: ela tem razão, nós nos perdemos, não foi uma tolice? O homem sorriu. A mulher perguntou:

- Qual museu? O Ashmoleano?

- Esse mesmo - disse Lyra, e fingiu escutar cuidadosamente as instruções que a mulher lhe dava.

Willlevantou-se e agradeceu, e afastou-se com Lyra. Não olharam para trás, mas os policiais já tinham perdido o interesse neles.

- Viu só? Se estavam procurando você, eu atrapalhei - disse Lyra. Porque eles não estão procurando alguém com uma irmã. É melhor eu ficar com você de agora em diante - continuou, em tom de reprimenda, depois de virarem a esquina. - Não está seguro sozinho.

Ele não respondeu. Seu coração batia forte, de raiva.

Seguiram em frente, na direção de um prédio redondo com um grande domo de chumbo, situado numa praça rodeada de prédios universitários cor de mel, uma igreja e árvores de grandes copas acima de altos muros. O sol da tarde realçava os tons mais quentes, e o ar estava repleto disso tudo, quase da cor de vinho dourado. Todas as folhas estavam imóveis, e naquela pracinha até mesmo o ruído do trânsito era abafado. Ela finalmente tomou consciência do estado de espírito de Will e perguntou:

- Qual é o problema?

- Se falar com as pessoas, você atrai a atenção delas - disse ele, em voz trêmula. -Devia ter ficado quieta, parada, e eles não iam prestar atenção. Fiz isso a minha vida inteira. Sei fazer isso. Do seu jeito, você só consegue... se fazer visível. Não devia fazer isso. Não devia brincar com isso. Você não está sendo séria.

- Você acha? - fez ela, e sua raiva explodiu. - Acha que não sei mentir? Sou a melhor mentirosa que já existiu. Mas não minto para você, e nunca mentirei, eu juro. Você está em perigo, e se eu não tivesse feito aquilo naquela hora você teria sido preso. Não viu que estavam olhando para você?

Estavam, sim. Você não é cuidadoso. Se quer a minha opinião, é você que não é sério.

- Se eu não sou sério, que é que estava fazendo, esperando você, quando podia estar a quilômetros de distância? Ou escondido, em segurança, naquela cidade? Tenho as minhas coisas para resolver, mas estou plantado aqui para poder ajudar você. Não me diga que não sou sério.

- Você tinha que atravessar - ela retrucou, furiosa. Ninguém podia falar com ela assim, era uma aristocrata. Era Lyra. -Você precisava, senão não ia descobrir nada sobre o seu pai. Você fez isso por sua causa, não por mim. Estavam discutindo apaixonadamente, mas em voz baixa, por causa do silêncio da praça e das pessoas que passavam.

Quando ela disse isso, porém, Will estacou. Teve que se encostar no muro atrás de si. Tinha o rosto pálido.

- O que é que você sabe do meu pai? – perguntou baixinho. Ela respondeu no mesmo tom:

- Não sei nada de nada. Tudo que sei é que você está procurando por ele. Foi só isso que eu perguntei.

- Perguntou? A quem?

- Ao aletômetro, é claro.

Ele levou um instante para se lembrar. E então pareceu tão zangado e desconfiado que ela pegou o aletômetro na mochila e disse:

- Está bem, vou lhe mostrar.

Sentou-se no muro de pedra em volta ao gramado no meio da praça, inclinou a cabeça sobre seu instrumento dourado e pôs-se a girar os ponteiros, movendo os dedos quase depressa demais para a vista, e fez uma pausa de alguns segundos

enquanto o ponteiro mais fino girava no mostrador, parando aqui e ali, ela então tornou a mover os ponteiros com a mesma rapidez para uma nova posição. Will olhou em volta cautelosamente, mas não havia ninguém perto para ver; um grupo de turistas olhava para o domo no alto do prédio, um sorveteiro empurrava seu carrinho ao longo da calçada, mas ninguém prestava atenção neles.

Lyra pestanejou e suspirou, como se despertasse.

- A sua mãe está doente, mas está em segurança – disse em voz baixa. - Uma mulher está tomando conta dela. E você pegou umas cartas e fugiu. E um homem, acho que era um ladrão, você matou ele. E está

procurando o seu pai, e...

- Está bem, cale a boca - disse Will. - Chega. Você não tem o direito de revistar a minha vida desse jeito. Nunca mais faça isso. Isso é espionagem.

- Eu sei a hora de parar de perguntar - ela retrucou. - Sabe, o aletômetro é quase como uma pessoa. Eu sei mais ou menos quando ele vai ficar zangado ou quando não quer que eu saiba de alguma coisa. Eu sinto. Mas quando você surgiu do nada ontem, eu tinha que perguntar quem você era, para saber se eu estava segura. Tinha que fazer isso. E ele disse... -Ela baixou mais ainda a voz. - Ele disse que você era um assassino, e eu pensei: que bom, isto é ótimo, posso confiar nele. Mas não perguntei mais nada até agora, e se você não quiser que eu pergunte, prometo que não vou fazer isso, O

aletômetro não é um aparelho de bisbilhotice. Se eu simplesmente espionasse os outros, ele pararia de funcionar. Sei disso tão bem quanto conheço a minha Oxford.

- Você poderia ter perguntado a mim, em vez de perguntar a essa coisa. Ele disse se o meu pai está vivo ou morto?

- Não, porque eu não perguntei.

Estavam ambos sentados. Will, exausto, descansou a cabeça nas mãos.

- Bem, acho que vamos ter que confiar um no outro - disse finalmente.

- Tudo bem. Eu confio em você.

Will assentiu desanimado. Estava muito cansado, e não havia a menor possibilidade de dormir naquele mundo. Lyra não costumava ser tão perceptiva, mas alguma coisa no jeito dele a fez pensar: ele está com medo, mas está dominando o medo, como Iorek Byrnison disse que temos que fazer; como eu fiz na peixaria junto ao lago congelado.

- Will, não vou contar seu segredo a ninguém. Prometo - ela acrescentou.

- Ótimo.

- Uma vez eu fiz isso. Traí uma pessoa. E foi a pior coisa que já fiz. Na verdade, pensei que estava salvando a vida dele, só que estava levando ele direto para o lugar mais perigoso que poderia existir. Fiquei com ódio de mim mesma por isso, por ter sido tão idiota. De modo que vou tentar com todas as minhas forças não ser descuidada, nem me distrair e denunciar você sem querer.

Ele não respondeu; esfregou os olhos e pestanejou várias vezes, para tentar manter-se acordado.

- Não podemos atravessar a janela tão cedo - disse. - Foi imprudência termos atravessado durante o dia. Não podemos arriscar que alguém veja. E

agora temos que esperar horas...

- Estou faminta - Lyra declarou.

- Já sei! -exclamou ele então. - Podemos ir ao cinema!

- Ao quê?

- Vou lhe mostrar. Lá poderemos comer alguma coisa, também. Havia um cinema perto do centro da cidade, a 10 minutos de distância. Will pagou a entrada de ambos e comprou cachorros-quentes, pipocas e CocaCola. Os dois se acomodaram na platéia bem na hora em que o filme ia começar.

Lyra ficou maravilhada. Já tinha visto fotogramas projetados, mas nada no mundo dela a tinha preparado para o cinema. Ela engoliu o cachorro-quente e as pipocas, bebeu de uma vez a Coca-Cola e ficou a exclamar e rir de prazer diante das personagens na tela. Felizmente a platéia era ruidosa, cheia de crianças, e a empolgação dela não chamou atenção. Will logo fechou os olhos e adormeceu.

Acordou ao ouvir o ruído das pessoas saindo, e pestanejou por causa da luz acesa. Seu relógio mostrava 20h15. Lyra saiu do cinema com relutância.

- Foi a melhor coisa que já vi em toda a minha vida - disse ela. - Sei lá

por que nunca inventaram isso no meu mundo. Lá algumas coisas são melhores do que aqui, mas isto é melhor do que qualquer coisa que a gente tenha lá.

Will sequer conseguia lembrar o nome do filme. Do lado de fora ainda estava claro, e as ruas estavam movimentadas.

- Quer ver outro?

- Claro!

Então foram ao cinema seguinte, a poucas centenas de metros virando a esquina, e fizeram a mesma coisa. Lyra acomodou-se com os pés sobre o assento, abraçada ao joelho, e Will deixou a mente vagar. Quando saíram, dessa vez, eram quase 23h, muito melhor.

Lyra estava com fome novamente, então compraram hambúrgueres numa carrocinha e comeram enquanto caminhavam - outra novidade para ela.

- Nós sempre nos sentamos para comer. Nunca vi alguém comer andando - ela contou. - Este lugar aqui é diferente em muitas coisas. O trânsito, por exemplo. Não gosto. Gostei do cinema e de hambúrguer. Gostei muito. E

aquela Catedrática, a Dra. Malone, ela vai fazer aquela máquina usar palavras. Sei que vai. Amanhã vou voltar lá e ver como ela está indo. Aposto que posso ajudar. Eu poderia provavelmente fazer os Catedráticos lhe darem o dinheiro que ela quer, também. Sabe como o meu pai fez isso? O Lorde Asriel? Ele os enganou...

Enquanto seguiam pela Rua Banbury, ela contou sobre a noite em que se escondeu no armário e viu Lorde Asriel mostrar aos Catedráticos da Jordan a cabeça decepada de Stanislaus Grumman na caixa térmica. Como Will era um ótimo ouvinte, Lyra foi em frente e contou-lhe o resto da sua história, desde a fuga do apartamento da Sra. Coulter até o momento horrível em que ela percebeu que tinha levado Roger para a morte nos penhascos gelados de Svalbard. Will escutou sem fazer comentários, mas prestando atenção, solidário.

A narrativa da viagem num balão, de bruxas e ursos de armadura, de um braço vingativo da Igreja, tudo parecia combinar com seu próprio sonho fantástico de uma linda cidade à beira-mar, deserta, silenciosa e segura: não podia ser verdade, simplesmente.

Mas finalmente chegaram ao trevo e aos carpinos. Havia pouco trânsito: um carro a cada minuto, não mais que isso.

E lá estava a janela no ar. Will sorriu: ia dar tudo certo.

- Espere até não vir carro - instruiu. - Vou atravessar agora. E no instante seguinte ele estava no gramado sob as palmeiras, e logo em seguida Lyra veio atrás.

Sentiam-se como se estivessem em casa. A noite cálida, o cheiro de flores e do mar, o silêncio - tudo isso os engolfava como um banho de água calmante.

Lyra espreguiçou-se e bocejou, e Will sentiu-se livre de um grande peso. Passara o dia inteiro carregando esse peso, e não tinha percebido o esforço que vinha fazendo; mas agora sentia-se leve, livre e em paz. E então Lyra agarrou-lhe o braço com força. No mesmo segundo ele ouviu o motivo desse gesto. Em algum lugar, numa das ruelas atrás do café, alguma coisa berrava.

Will partiu de imediato naquela direção e Lyra seguiu-o por um beco escuro, escondido do luar. Depois de várias curvas e voltas, eles surgiram na praça diante da torre de pedra que tinham visto pela manhã. Cerca de 20 crianças faziam um semicírculo na base da torre, e algumas seguravam pedaços de pau, outras jogavam pedras no que quer que estava encurralado contra a parede da torre. A princípio Lyra achou que era outra criança, mas de dentro do semicírculo vinha um ganido horrível que não era humano. E as crianças também gritavam de medo e de ódio. Will correu até lá e puxou uma delas pelo ombro. Era um menino mais ou menos da sua idade, usando uma camiseta listrada. Quando ele se virou, Lyra viu as estranhas bordas brancas em volta das pupilas dele; então as outras crianças perceberam o que estava acontecendo e pararam para olhar. Angélica e seu irmãozinho também estavam lá, com pedras nas mãos, e os olhos de todas as crianças brilhavam ferozmente ao luar. Ficaram todos em silêncio. Só o ganido continuava, e então Will e Lyra viram o que era: uma gata encolhida contra a parede da torre, a orelha rasgada e a cauda torcida. Era a gata que Will tinha visto na Avenida Sunderland, aquela que se parecia

com Moxie, aquela que o levara à janela. Assim que ele a viu, jogou para o lado o menino que estava segurando pelo ombro. O garoto caiu no chão, mas levantou-se em seguida, furioso; mas os outros o contiveram.

Will já estava ajoelhado junto à gata.

E logo ela estava em seus braços. Quando ela saltou para o peito dele, ele a segurou junto ao corpo e ergueu-se para enfrentar as crianças; por um segundo Lyra teve a idéia louca de que o daemon dele tinha finalmente aparecido.

- Por que estão machucando esta gata? - ele perguntou.

Ninguém soube responder. Todos tremiam diante da raiva de Will, ofegantes, segurando seus paus e pedras, e não conseguiam falar . Mas então a voz de Angélica soou com clareza:

- Você não é daqui! Não é de Ci'gazze! Não sabia dos Espectros, não sabe dos gatos também. Não é como nós!

O menino de camiseta listrada que Will tinha derrubado estava cheio de vontade de lutar, e se não fosse pelo gato nos braços de Will ele o teria atacado com punhos, dentes e pés, e Will adoraria entrar nessa briga: havia uma corrente elétrica de ódio entre os dois que apenas a violência conseguiria dissipar. Mas o menino tinha medo da gata.

- De onde você veio? - ele perguntou em tom de desprezo.

- Não importa de onde nós viemos. Se estão com medo desta gata, eu vou levar ela para longe de vocês. Se ela para vocês é sinal de azar, para nós será de sorte. Agora saiam da frente.

Por um instante Will pensou que o ódio deles seria maior do que o medo, e estava prestes a colocar a gata no chão e lutar, mas então ouviu-se um rosnado baixo e forte vindo de trás das crianças, elas se viraram e viram Lyra de pé com a mão no ombro de um enorme leopardo pintado, cujos dentes brilhavam quando ele rosnava. Até mesmo Will, que reconheceu Pantalaimon, ficou assustado por um segundo. O efeito nas crianças foi drástico: elas fugiram imediatamente. Segundos depois a praça estava deserta. Mas antes de se afastar de lá, Lyra olhou para o alto da torre.

Um rosnado de Pantalaimon a fez fazer isso, e por um segundo ela viu alguém lá bem no alto, olhando por cima das ameias, e não era uma criança, mas um rapaz de cabelos cacheados.

Meia hora depois, estavam no apartamento em cima do café. Will tinha encontrado uma lata de leite condensado, que a gata bebeu com ar faminto, pondo-se depois a lamber suas feridas. Pantalaimon tinha se tornado um gato, por curiosidade, e a princípio a gata tinha se arrepiado, cheia de suspeitas, mas logo percebeu que, fosse o que fosse Pantalaimon, não era um gato de verdade nem uma ameaça, e passou a ignorá-lo.

Lyra observou com fascinação Will cuidar da gata. Os únicos animais que ela vira de perto em seu mundo (além dos ursos de armadura) eram animais de trabalho: os gatos serviam para manter a Jordan livre dos ratos, não para animais de estimação.

- Acho que a cauda dela está quebrada - disse Will. - Não sei o que fazer. Talvez se cure sozinha. Vou colocar um pouco de mel na orelha dela. Li em algum lugar que é anti-séptico...

Foi uma operação melada, mas pelo menos aquilo ia manter a gata ocupada lambendo o mel, e a ferida ia ficando cada vez mais limpa.

- Tem certeza que foi esta que você viu? – Lyra perguntou.

- Ah, tenho, sim. E, além disso, se todos aqui têm tanto medo, não deve haver gatos neste mundo. Ela com certeza não conseguiu encontrar o caminho de volta.

- Pareciam loucos - Lyra comentou. - Iam matar a coitadinha. Nunca VI crianças agindo assim.

- Eu já - disse Will.

Mas sua expressão era sombria: era evidente que ele não queria falar sobre aquilo, e ela achou melhor não perguntar. Sabia que não devia perguntar sequer ao aletômetro. Estava muito cansada, de modo que logo foi para a cama e adormeceu.

Pouco mais tarde, quando a gata enrodilhou-se para dormir, Will pegou uma xícara de café e o escrínio de couro verde, e foi sentar-se na sacada. Havia luz

suficiente entrando pela janela e ele queria ler os papéis. Não havia muitos. Como ele pensava, eram cartas, escritas em papel de via aérea com tinta preta. Aquelas letras tinham sido feitas pela mão do homem que ele tanto queria encontrar; passou os dedos sobre elas muitas vezes e apertou-as contra o rosto, tentando chegar mais perto da essência do seu pai. Então pôs-se a ler.

Fairbanks, Alasca

Quarta-feira, 19 de junho de 1985

Minha querida; a costumeira mistura de eficiência e caos - todas as provisões já chegaram, mas o físico, um idiota genial chamado Nelson, não tomou nenhuma providência para levar seus malditos balões para o alto das montanhas - temos que ficar ociosos enquanto ele procura um transporte. Mas isso serviu para me dar a oportunidade de conversar com um velhote que conheci na expedição passada, um minerador de ouro chamado Jake Petersen - segui o rastro dele até um bar modesto e sob o som de uma partida de beisebol na TV eu lhe perguntei sobre a anomalia.

Ele não queria conversar ali. Me levou ao seu apartamento. Com a ajuda de uma garrafa de Jack Daniels, ele falou durante muito tempo. Ele mesmo não tinha visto, mas tinha conhecido um esquimó que viu, e o cara disse a ele que era uma porta para o mundo dos espíritos, que eles sabem disso há

séculos e que faz parte da iniciação de um xamã esquimó atravessar e trazer de volta um troféu qualquer, mas muitos não voltaram. De qualquer maneira, o velho Jake tinha um mapa da região e marcou nele o lugar onde o companheiro disse que a coisa ficava. (Só para garantir: é 69°02'11"N, 157°12'19"0, num contraforte da Serra Lookout, a uns dois ou três quilômetros ao norte do Rio Colville.) Então passamos a conversar sobre outras lendas do Ártico - o navio norueguês que está vagando sem tripulação há 60 anos, coisas assim. Os arqueólogos são uma turma legal, estão ansiosos para começar o trabalho, contendo a impaciência com Nelson e seus balões. Nenhum deles jamais ouviu falar na anomalia, e pode acreditar que vou deixar que isso continue assim. Muito amor e carinho para vocês dois.

Johnny.

Umiat, Alasca

Sábado, 22 de junho de 1985

Minha querida: e eu que chamei o homem de idiota genial - o físico Nelson não é nada disso, e se não estou enganado ele também está procurando a anomalia. O atraso em Fairbanks foi planejado por ele, dá para acreditar?

Sabendo que o resto da equipe não iria querer esperar por qualquer coisa abaixo de um argumento irrespondível como o transporte, ele pessoalmente mandou cancelar os veículos que tinham sido alugados. Descobri isso por acidente, e ia perguntar que diabos ele estava planejando, mas ouvi quando ele falava com alguém pelo rádio descrevendo a anomalia, só que ele não sabia a localização. Mais tarde paguei-lhe uma bebida, banquei o soldado meio tapado, o veterano no Ártico, tipo existem mais coisas entre o céu e a terra do que podemos explicar, coisas desse tipo, fingi brincar com ele a respeito das limitações da ciência (aposto que você não consegue explicar o Abominável Homem das Neves etc.). Fiquei só observando. Então falei da anomalia - uma lenda esquimó de uma porta para o mundo dos espíritos, invisível, em algum lugar perto da Serra Lookout, dá para acreditar, é para onde estamos indo, imagine só. E você sabe que ele teve um choque? Sabia exatamente do que eu estava falando. Fingi que não percebi e passei a falar em bruxaria, contei a história do leopardo do Zaire - espero que ele tenha me tomado por um milico supersticioso. Mas estou certo, Elaine, que ele também está procurando a mesma coisa. A questão é: devo contar a ele ou não? Tenho que descobrir qual é o jogo dele. Todo o meu amor e carinho para vocês dois.

Johnny.

Collvile Bar, Alasca

24 de junho de 1985

Querida: não terei oportunidade de enviar outra carta durante algum tempo - esta é a última cidade antes de subirmos para as montanhas, a Serra Brooks. Os arqueólogos estão doidos para chegar lá em cima. Um sujeito está

convencido de que vai encontrar provas de habitação humana de período muito anterior ao que se imagina - perguntei de quanto tempo atrás e por que ele estava convencido disso, ele falou de uns entalhes em marfim de narval que ele encontrou numa escavação; pelo carbono 14, eles tinham uma idade inacreditável, muito superior ao que se imaginava antes - uma anomalia, na

verdade. Não seria estranho se esses entalhes tivessem vindo de outro mundo através da minha anomalia. Por falar nisso, o físico Nelson agora é o meu maior amigo, brinca comigo, insinua que sabe que eu sei que ele sabe etc. Eu finjo ser o Major Parry, um sujeito confiável durante uma crise, mas não muito dotado de miolos, ora - mas sei que ele está procurando. Para começar, embora ele seja um acadêmico de verdade, sua verba vem do Ministério da Defesa, conheço os códigos financeiros que eles usam. Além disso, os seus balões meteorológicos não são nada disso - espiei dentro do caixote: tem um traje anti-radiação, se é

que conheço essas coisas. Muito esquisito, minha querida. Vou manter o meu plano: levar os arqueólogos para o destino deles e tirar alguns dias para ir sozinho procurar a anomalia. Se eu esbarrar com Nelson vagando pela Serra Lookout, vou agir segundo as circunstâncias.

Mais tarde - um lance de sorte. Encontrei o esquimó amigo de Jake Petersen, Matt Kigalik. Jake tinha me dito onde encontrá-lo, mas não ousei ter esperança de que ele estivesse lá. Ele me contou que os soviéticos também andaram procurando a anomalia - no início do ano ele encontrou um homem no alto da serra e observou-o por alguns dias sem ser visto, porque adivinhou o que o outro estava fazendo, e tinha razão, e o homem era russo, um espião, ele só me contou isso. Tive a impressão que ele liquidou com o sujeito. Mas ele me descreveu a coisa. É como um buraco no ar, uma espécie de janela. A gente olha por ela e vê o outro mundo. Mas não é fácil de encontrar, porque aquela parte do outro mundo é parecida com a nossa - pedras, musgo, etc. Fica na margem norte de um regato, uns 50 passos a oeste de uma pedra alta que tem a forma de um urso de pé, e a posição que Jake me forneceu não está correta - é mais 12"N

do que 11.

Torça por mim, minha querida. Vou levar para você um troféu do mundo dos espíritos. Te amo eternamente. Um beijo no garoto. Johnny.

Os ouvidos de Will zumbiam.

Seu pai estava descrevendo exatamente o que ele próprio tinha descoberto sob os carpinos. Ele também tinha encontrado uma janela - tinha até usado o mesmo nome para ela!

Então devia estar no caminho certo. E era isso que os homens haviam

procurado... Então era perigoso, também.

Will tinha um ano de idade quando aquela carta foi escrita. Seis anos depois disso, acontecera aquela manhã no supermercado, quando ele ficou sabendo que a mãe corria um perigo terrível e ele tinha que protegê-la, e então, nos meses seguintes, aos poucos ele percebeu que o perigo estava na mente dela, e por isso tinha que protegê-la mais ainda.

E então, de maneira brutal, a revelação de que afinal nem todo o perigo estava na mente dela. Havia mesmo alguém atrás dela. Depois, essas cartas, essa informação.

Mas ele não tinha idéia do que isso significava. Sentia-se profundamente feliz por compartilhar com o pai uma coisa tão importante; por John Parry e seu filho Will terem, separadamente, descoberto aquela coisa extraordinária. Quando se encontrassem, poderiam conversar sobre isso, e o pai teria orgulho por Will ter seguido seus passos.

A noite estava quieta, e o mar, parado. Ele guardou as cartas e adormeceu.

6 - OS VOADORES LUMINOSOS

- Grumman? - repetiu o barbudo mercador de peles. - Da Academia de Berlim? Um insensato! Eu o conheci há cinco anos, lá no extremo norte dos Urais. Pensei que tivesse morrido.

Sentado no bar, enfumaçado e recendendo a nafta, do Samirsky Hotel, Sam Cansino, um velho conhecido e texano como Lee Scoresby, bebeu de um só gole a vodca estupidamente gelada. Depois empurrou o prato de peixe em conserva e pão preto na direção de Lee, que comeu um bocado e assentiu para que Sam lhe contasse mais coisas.

- Ele pisou numa armadilha montada por aquele idiota do Yakovlev e cortou a perna até o osso - continuou o mercador. - Em vez de usar remédio normal, ele cismou de passar um negócio que os ursos usam, chamado musgo-sangüíneo, musgo-de-sangue, uma espécie de líquen, não é um musgo de verdade, de qualquer maneira, ele ficava deitado no trenó, alternando rugidos de dor com instruções para os homens que trabalhavam para ele. Estavam fazendo medições das estrelas, e tinham que fazer direito, senão ele dava uma grande bronca, e, pode acreditar, a língua dele era igual a arame farpado. Um homem magro, duro,

forte, curioso, queria saber tudo. Sabia que ele havia sido iniciado como tártaro?

- Não diga! - fez Lee Scoresby.

Enquanto falava, vertia mais vodca no copo de Sam. Seu daemon Hester estava deitado no balcão junto ao seu cotovelo, os olhos semicerrados como de costume, as orelhas estendidas ao longo das costas. Lee havia chegado naquela tarde, trazido a Nova Zembla pelo vento que as bruxas tinham chamado, e depois de guardar o equipamento ele se dirigiu diretamente para o Samirsky Hotel, perto do posto de embalagem de pescado. Aquele era um lugar onde os andarilhos do Ártico paravam para trocar notícias, procurar trabalho ou deixar recados, e Lee Scoresby no passado tinha ficado muitos dias por lá, esperando um contrato ou um passageiro ou um vento bom, de modo que nada havia de estranho em seu comportamento atual.

E com as grandes mudanças que eles intuíam estarem acontecendo no mundo à sua volta, era natural que as pessoas se reunissem e conversassem. A cada dia que passava, surgiam mais notícias: o rio Yenisei estava degelado - e nessa época do ano! - parte do oceano tinha esvaziado, expondo estranhas formações regulares de pedra em seu leito; um polvo de 30

metros de comprimento tinha arrancado três pescadores de um barco e despedaçado todos os três...

E a névoa continuava a chegar do norte, densa e fria, ocasionalmente encharcada da luz mais estranha que se poderia imaginar, na qual se podia ver vagamente formas enormes, e ouvir vozes misteriosas.

De maneira geral, era um tempo ruim para trabalhar, por isso o bar do Samirsky Hotel estava repleto.

- Você disse Grumman? - quis saber a pessoa sentada ao lado dele junto ao balcão do bar, um homem de idade, usando trajes de caçador de foca, cujo daemon-lêmure espiava solenemente de dentro do bolso do seu casaco. Ele era mesmo tártaro. Eu estava lá quando ele entrou para aquela tribo. Vi quando furaram o crânio dele. Ele ganhou outro nome, também. Um nome tártaro. Daqui a pouco me lembro qual era.

- Ora, quem diria! - fez Lee Scoresby. - Deixe-me pagar-lhe uma bebida, amigo. Estou procurando notícias desse homem. Para qual tribo ele entrou?

- Os pakhtars de Yenisei. No sopé da Serra Semyonov. Perto da confluência do Yenisei com o rio... Esqueci o nome. Um rio que desce dos morros. Existe uma pedra do tamanho de uma casa no local de pouso.

- Ah, certo, agora me lembro - disse Lee. - Já voei por cima dela. E

Grumman teve o crânio perfurado? É mesmo? E por quê?

- Ele era um xamã - disse o velho caçador de focas. - Acho que, antes da adoção, a tribo reconheceu que ele era um xamã. Foi uma cerimônia e tanto, aquela perfuração. O ritual dura dois dias e uma noite. Usam uma broca de arco, como se faz para acender fogo.

- Ah, isso explica o modo como a equipe dele obedecia. - Sam Cansino comentou. - Era a turma de velhacos mais braba que já vi, mas corriam para cumprir as ordens dele como meninos amedrontados. Pensei que eram os palavrões dele que tinham esse efeito. Se eles pensavam que ele era um xamã, faz até mais sentido. Mas, sabe, a curiosidade daquele sujeito era forte como os dentes de um lobo, ele simplesmente não desistia. Me fez contar tudo que eu sabia sobre o terreno das vizinhanças, e os hábitos dos lobos e das raposas. Estava sentindo bastante dor por causa da maldita armadilha de Yakovlev, a perna aberta, e ele anotando os efeitos daquele musgo-sangüíneo, musgo-de-sangue, medindo a temperatura, vendo a cicatriz se formar, anotando tudinho... Um homem estranho. Havia uma bruxa que queria ser amante dele, mas ele recusou.

- É mesmo? - fez Lee, pensando na beleza de Serafina Pekkala.

- Ele não devia ter feito isso - disse o caçador de focas.

- Se uma bruxa nos oferece seu amor, temos que aceitar. Se não, a culpa é nossa se coisas ruins nos acontecerem. É como ter que escolher entre uma bênção e uma maldição. A única coisa que não podemos fazer é deixar de escolher uma das duas.

- Ele podia ter seus motivos - disse Lee.

- Se ele tinha algum juízo, o motivo tinha que ser muito bom.

- Ele era cabeça-dura - disse Sam Cansino.

- Talvez por fidelidade a outra mulher - Lee sugeriu. - Ouvi contar outra coisa sobre ele, que ele conhecia o paradeiro de um objeto mágico, não sei o que poderia ser, que protegia qualquer pessoa que o tivesse. Já ouviram essa história?

- Já ouvi isso, sim - disse o caçador de focas. – Ele não tinha essa coisa, mas sabia onde estava. Um homem tentou fazer ele contar, mas Grumman matou o sujeito.

- O daemon dele, isso é curioso - interpôs Sam Cansino -, era uma águia, uma águia preta com cabeça e peito brancos, um tipo que eu nunca tinha visto, não sei que bicho era aquele.

- Era uma águia-pesqueira - disse o barman. – Vocês estão falando do Stan Grumman? O daemon dele era uma águia-pesqueira. Um gaviãopescador.

- Que foi que aconteceu com ele? - perguntou Lee Scoresby.

- Ah, ele se envolveu nas guerras dos escraelingues em Beringland. A última notícia que tive foi que atiraram nele - disse o caçador de focas. - Morreu na hora.

- Pois eu soube que eles cortaram a cabeça dele – disse Lee Scoresby.

- Não, vocês dois estão errados - contestou o barman. - E eu sei, porque quem me contou foi um esquimó que estava com ele na ocasião. Parece que estavam acampados em algum lugar de Sakhalin e houve uma avalanche. Grumman ficou soterrado por toneladas de pedra. O esquimó viu isso acontecer.

- O que eu não entendo é o que o sujeito estava fazendo - Lee Scoresby comentou, oferecendo a garrafa em roda. - Procurando óleo pétreo, talvez? Ou ele era militar? Ou era alguma coisa filosófica? Você falou em medidas, Sam. Que seria isso?

- Estava medindo a luz das estrelas. E a aurora boreal Ele tinha paixão pela aurora boreal. Mas seu maior interesse eram ruínas, eu acho. Coisas antigas.

- Sei quem poderia lhe contar mais coisas - disse o caçador de focas. No alto da montanha existe um observatório que pertence à Real Academia Moscovita. Lá eles saberão informar. Sei que ele subiu até lá mais de uma vez.

- Afinal, por que você quer saber, Lee? - Sam Cansino perguntou.

- Ele me deve dinheiro - Lee Scoresby respondeu.

Essa explicação era tão satisfatória, que a curiosidade dos outros cessou na mesma hora. A conversa mudou para o assunto na boca de todos: as mudanças catastróficas que estavam ocorrendo e que ninguém conseguia ver.

- Os pescadores, eles dizem que se pode navegar direto até esse mundo novo - declarou o caçador de focas.

- Existe um mundo novo? - Lee perguntou.

- Assim que essa maldita neblina clarear, vamos enxergar esse tal mundo - contou-lhes em tom confidencial o caçador de focas. - Quando aconteceu, eu estava no meu caiaque olhando para o norte, por acaso. Nunca vou esquecer o que vi. Em vez da terra se curvar no horizonte, ela continuava reta. Eu enxergava longe, e só via terra e costa, montanhas, portos, árvores verdes e campos de milho, infindavelmente, no céu. Eu lhes digo, amigos, valeu a pena trabalhar 50 anos para ver aquilo. Eu teria remado para o céu naquele mar calmo, sem olhar para trás; mas então veio a neblina...

- Nunca vi uma névoa como esta - resmungou Sam Cansino. - Parece que vai ficar um mês inteiro, talvez mais. Mas você está sem sorte se quer receber dinheiro de Stanislaus Grumman, Lee, o cara morreu.

- Ah, lembrei o nome tártaro dele! - exclamou o caçador de focas. Acabei de me lembrar como ele era chamado durante a perfuração. Qualquer coisa como "Jopari".

- Jopari? Nunca ouvi esse tipo de nome - Lee comentou.

- Deve ser nipônico, imagino. Bom, se quero meu dinheiro, talvez eu possa procurar os herdeiros dele. Ou talvez a Academia de Berlim possa pagar a dívida. Vou perguntar no observatório, ver se eles têm um endereço que eu possa procurar.

O observatório ficava a alguma distância para o norte, e Lee Scoresby alugou um trenó puxado por cães e um guia. Não foi fácil encontrar alguém disposto a arriscar-se a viajar na neblina, mas Lee era convincente, ou o seu dinheiro o era,

e finalmente, depois de uma prolongada negociação, um velho tártaro da região do Ob concordou em levá-lo.

Felizmente o guia não se orientava pela bússola, pois seria impossível usá-la. Ele navegava por outros sinais - seu daemon-raposa polar, por exemplo, que ficava sentado na frente do trenó farejando atentamente o caminho. Lee, que levava sua bússola consigo para toda parte, já tinha constatado que o campo magnético da Terra estava tão perturbado quanto tudo mais. Quando pararam para fazer um café, o velho guia disse:

- Já aconteceu antes, esta coisa.

- O quê? O céu se abrir? Isso já aconteceu antes?

- Há muitos milhares de gerações. Meu povo se lembra. Muito tempo atrás, muitos milhares de gerações.

- O que é que falam?

- O céu abre e os espíritos passam entre este mundo e o outro. Todas as terras se movem. O gelo derrete, depois torna a congelar. Os espíritos fecham o buraco depois de um tempo. E selam. Mas as bruxas dizem que lá o céu é fino, atrás das luzes do Norte.

- O que é que vai acontecer, Umaq?

- A mesma coisa que antes. Tudo igual outra vez. Mas só depois de grande perturbação, grande guerra. Guerra de espíritos.

O guia não quis dizer mais, e logo seguiram viagem, percorrendo lentamente as ondulações, crateras e erupções de pedra escura na névoa clara, até que o velho disse:

- Observatório lá em cima. Agora você anda. Caminho ruim para trenó. Se quer voltar, espero aqui.

- É, vou querer voltar quando terminar, Umaq. Faça uma fogueira, amigo, sente-se e descanse um pouco. Vou levar três, quatro horas, talvez. Lee Scoresby partiu, com Hester dentro do casaco, e depois de meia hora de árdua subida deparou com um conjunto de edificações que pareciam ter sido colocadas ali

pela mão de um gigante. Mas o efeito devia-se apenas a uma clareira momentânea na neblina, e depois de um minuto ela tornou a fechar-se. Ele viu o grande domo do observatório principal, um domo menor ali perto e, entre eles, um grupo de prédios de administração e alojamento de empregados. Não havia luz alguma, pois as janelas eram permanentemente vedadas para não atrapalhar a escuridão necessária aos seus telescópios. Alguns minutos depois de sua chegada, Lee estava conversando com um grupo de astrônomos ansiosos por qualquer notícia que ele pudesse lhes trazer, e poucos filósofos naturais ficam tão frustrados quanto um astrônomo durante uma neblina.

Ele contou-lhes tudo que tinha visto e, esgotado o assunto, pediu notícias de Stanislaus Grumman. Havia semanas que os astrônomos não recebiam uma visita, e falaram de bom grado.

- Grumman? Ah, sim, vou lhe contar uma coisa sobre ele - disse o Diretor. - Ele era inglês, apesar do nome. Eu me lembro...

- Claro que não - contestou o Vice-Diretor. – Ele era membro da Academia Imperial Alemã. Eu o conheci em Berlim. Estava certo de que ele era alemão.

- Não. Acho que você vai constatar que ele era inglês. Seu domínio desse idioma era impecável - replicou o Diretor .

- Mas concordo, ele certamente era membro da Academia de Berlim. Era um geólogo...

- Não, está enganado - disse outra pessoa. - Ele de fato estudava aTerra, mas não como geólogo. Tive uma longa conversa com ele, certa vez. Acho que se poderia chamá-lo de paleoarqueólogo.

Os cinco estavam sentados em volta de uma mesa no aposento que servia de salão, refeitório, bar, sala de recreação e mais ou menos todo o resto. Dois eram moscovitas, um era polonês, um era iorubá e o outro, escraelingue. Lee Scoresby sentia que a pequena comunidade ficava feliz ao receber uma visita, quanto mais não fosse porque isso proporcionava uma mudança na conversa. O polonês tinha sido o último a falar, e então o iorubá perguntou:

- Que quer dizer paleoarqueólogo? Os arqueólogos já estudam o que é

velho, por que é preciso colocar um prefixo que também significa "velho"?

- O campo de estudos dele recuava muito mais do que seria de se esperar, é isso. Ele estava procurando vestígios de civilizações de 20 a 30 mil anos atrás .- respondeu o polonês.

- Besteira! - exclamou o Diretor. - Total idiotice! O camarada estava brincando com você. Civilizações há 30 mil anos? Ora! Onde estão as provas?

- Debaixo do gelo - disse o polonês. - O problema é esse. Segundo Grumman, o campo magnético da Terra mudou drasticamente várias vezes no passado, e até o eixo da Terra moveu-se, de modo que regiões temperadas ficaram cobertas de gelo.

- Como assim? - quis saber o iorubá.

- Ah, ele tinha uma teoria complicada. O caso é que qualquer evidência que possa haver de antigas civilizações está há muito tempo coberta pelo gelo. Ele dizia ter fotogramas de formações rochosas incomuns...

- Bah! Isso é tudo? - fez o Diretor.

- Só estou relatando, não estou defendendo o sujeito - disse o polonês.

- Há quanto tempo vocês conhecem Grumman? – Lee Scoresby perguntou.

- Bem, deixe-me ver... Faz sete anos que eu o conheço - disse o Diretor .

- Ele criou fama um ou dois anos antes disso, com seu trabalho sobre as variações do pólo magnético - contou o iorubá. - Mas veio do nada. Quero dizer, ninguém o conheceu quando estudante ou viu qualquer trabalho seu anterior a esse...

Conversaram durante algum tempo, trocando reminiscências e oferecendo sugestões sobre o paradeiro de Grumman, embora a maioria deles achasse que ele estava morto. Enquanto o polonês foi fazer mais café, Hester, o daemon-lebre de Lee, cochichou:

- Examine o escraelingue, Lee.

O escraelingue tinha falado pouco. Lee imaginara que ele era naturalmente taciturno, mas, levado por Hester, no primeiro intervalo da conversa, ele olhou

de modo casual e viu o daemon do sujeito, uma coruja branca, dardejando-lhe um olhar malévolo com seus olhos de um alaranjado vivo. Bem, essa era mesmo a aparência das corujas, elas realmente encaravam as pessoas – mas Hester tinha razão, havia no daemon hostilidade e suspeita, que não transpareciam no rosto do homem.

E então Lee percebeu outra coisa: o escraelingue usava um anel com o símbolo da Igreja. De repente ele entendeu a razão do silêncio do outro. Ouvira dizer que todo estabelecimento de pesquisa filosófica tinha que incluir na equipe um representante do *Magisterium* para atuar como censor e reprimir as notícias de qualquer descoberta herética.

Percebendo isso, e recordando algo que ele tinha ouvido Lyra dizer, Lee perguntou:

- Digam-me, senhores, por acaso sabem se Grumman alguma vez estudou a questão do Pó?

E imediatamente fez-se silêncio no aposento abafado, e a atenção de todos voltou-se para o escraelingue, embora ninguém tenha olhado

diretamente para ele. Lee sabia que Hester ficaria impassível, com os olhos semicerrados e as orelhas estendidas ao longo das costas. E ele próprio fez uma expressão de jovialidade inocente enquanto olhava de um rosto para outro. Finalmente fixou o olhar no escraelingue e perguntou:

- Perdão. Será que perguntei alguma coisa proibida?

O escraelingue perguntou de volta:

- Onde ouviu mencionarem esse assunto, Sr. Scoresby?

- Foram uns passageiros que transportei há algum tempo - Lee respondeu com naturalidade. - Eles nunca disseram o que era, mas pelo modo como falavam parecia o tipo de coisa que o Dr. Grumman poderia ter estudado. Entendi que era alguma coisa celestial, como a aurora boreal. Mas achei estranho, porque como aeróstata conheço muito bem os céus, e nunca vi essa coisa. O que é, afinal?

- Como você disse, um fenômeno celestial - respondeu o escraelingue.

- Não tem a menor importância prática.

Finalmente Lee achou que era hora de partir, não descobrira mais nada, e não queria deixar Umaq esperando. Deixou os astrônomos em seu observatório cercado de névoa e pôs-se a descer a trilha invisível, acompanhando Hester, cujos olhos estavam mais perto do chão. E depois de 10 minutos na trilha, alguma coisa passou pela cabeça dele na neblina e mergulhou sobre Hester. Era o daemon-coruja do escraelingue.

Mas Hester pressentiu o ataque e atirou-se ao solo bem na hora, escapando por pouco às garras da coruja. Hester sabia lutar: também tinha garras afiadas, e era forte e corajosa. Lee sabia que o escraelingue devia estar por perto, e pegou o revólver no cinto.

- Atrás de você, Lee - disse Hester, e ele girou, mergulhando, uma flecha assobiou perto do seu ombro.

Atirou imediatamente. O escraelingue caiu, gemendo, quando a bala cravou-se em sua perna. No momento seguinte, o daemon-coruja, girando no ar com suas asas silenciosas, mergulhou e caiu ao lado dele, e ficou caído na neve, lutando para fechar as asas.

Lee Scoresby armou a pistola e segurou-a junto à testa do outro.

- Certo, seu maldito idiota - disse. - Por que tentou isso? Não vê que estamos todos com o mesmo problema, agora que aconteceu essa coisa no céu?

- É tarde demais - declarou o escraelingue.

- Tarde demais para quê?

- Tarde demais para impedir. Já mandei um pássaro mensageiro. O

Magisterium vai ficar sabendo das suas perguntas, e vão ficar contentes em saber sobre Grumman...

- Que é que tem ele?

- Saber que outras pessoas estão procurando por ele. Isso confirma o que pensávamos. E que outras pessoas sabem do Pó. Você é um inimigo da Igreja,

Lee Scoresby. Pelos frutos os conhecereis. Por suas perguntas vereis a serpente devorando o coração deles...

A coruja gemia fracamente, erguendo e baixando as asas. Seus olhos brilhantes estavam nublados de dor. Havia uma poça vermelha na neve em volta do escraelingue: mesmo no meio da névoa Lee via que o outro ia morrer.

- Pelo jeito, a bala deve ter atingido uma artéria - disse.

- Solte o meu braço para eu fazer um torniquete.

- Não! - bradou o escraelingue. - Estou feliz por morrer! Terei a palma do manírio! Você não vai me privar disso!

- Então morra, se quiser. Só me diga uma coisa...

Mas Lee Scoresby não teve tempo de completar a pergunta, porque com um leve estremecimento a coruja desapareceu: a alma do escraelingue tinha partido. Lee vira certa vez um quadro em que um santo da Igreja estava sendo atacado por assassinos.

Enquanto eles espancavam seu corpo moribundo, o daemon do santo era levado para o céu por querubins, recebendo uma palma, o símbolo do martírio. O rosto do escraelingue tinha agora a mesma expressão do santo naquele quadro: um êxtase intenso, uma ânsia pelo esquecimento. Lee soltouo com desagrado. Hester fez um muxoxo.

- Devia ter imaginado que ele mandaria uma mensagem - disse. Pegue o anel dele.

- Para quê, droga? Não somos ladrões, ou somos?

- Não, somos renegados - disse ela. - Não por escolha nossa, mas por causa da maldade dele. De qualquer maneira estaremos perdidos quando a Igreja tomar conhecimento do que houve. Enquanto isso, vamos obter todas as vantagens que pudermos. Ande logo, pegue o anel e esconda, pode ser que nos seja útil.

Lee compreendeu que ela estava com a razão e retirou o anel do dedo do cadáver. Perscrutando a neblina, ele viu que a trilha tinha de um lado um precipício, e rolou para lá o corpo do escraelingue. Demorou algum tempo até

ouvir o impacto do corpo no solo lá embaixo. Lee nunca gostara de violência e odiava matar, embora por três vezes já tivesse sido obrigado a isso.

- Não adianta pensar nisso - Hester interveio. – Ele não nos deu uma chance, e não atiramos para matar. Droga, Lee, ele queria morrer. Essa gente é louca.

- Acho que tem razão - concordou ele, guardando a pistola. No final da trilha encontraram o guia com os cachorros já arreados e prontos para a partida.

Enquanto partiam de volta para o posto de embalagem de pescado, Lee perguntou:

- Diga-me, Umaq, você já ouviu falar de um homem chamado Grumman?

- Ah, claro - disse o guia. - Todo mundo conhece o Dr. Grumman.

- Sabia que ele tinha um nome tártaro?

- Tártaro, não. Está falando de Jopari? Não é tártaro.

- Que foi que aconteceu com ele? Morreu?

- Se o senhor me pergunta isso, eu tenho que dizer que não sei. Portanto nunca vai saber a verdade por mim.

- Entendo. Então a quem posso perguntar?

- Melhor perguntar na tribo dele. Melhor ir até o Yenisei, perguntar a eles.

- A tribo dele... Está falando dos que o iniciaram? Que perfuraram o crânio dele?

- É. Melhor perguntar a eles. Talvez não morreu, talvez morreu. Talvez nem morto, nem vivo.

- Como é que ele pode estar nem morto nem vivo?

- No mundo dos espíritos. Talvez esteja no mundo dos espíritos. Já

falei demais. Agora não falo mais.

E não falou.

Mas quando voltaram ao posto, Lee foi logo às docas procurar um barco que pudesse levá-lo à foz do Yenisei.

Enquanto isso, as bruxas também estavam procurando.

A Rainha Ruta Skadi da Latvia voou na companhia de Serafina Pekkala durante muitos dias e noites, através da névoa e dos redemoinhos, sobrevoando regiões devastadas por enchentes e avalanches. O certo era que estavam num mundo que nenhuma delas conhecera antes, com ventos estranhos, perfumes estranhos no ar, grandes pássaros desconhecidos que as atacavam ao vê-las e tinham que ser repelidos com rajadas de flechas e quando encontravam terra para fazerem um descanso, as próprias plantas eram estranhas.

Mesmo assim algumas dessas plantas eram comestíveis, e havia pequenas criaturas, não muito diferentes de coelhos, que forneciam uma refeição saborosa, e não havia carência de água. Poderia ser um bom lugar para se morar, se não fossem as formas espectrais que vagavam como névoa acima das campinas e se reuniam perto de regatos ou lagos. Em certas condições de luz elas quase não apareciam, visíveis apenas como uma qualidade da luz, uma evanescência rítmica, como véus de transparência girando diante de um espelho. As bruxas nunca tinham visto algo assim, e encheram-se de suspeitas.

- Acha que estão vivas, Serafina Pekkala? – perguntou Ruta Skadi enquanto voavam em círculo nas alturas acima de um grupo daquelas coisas, que estavam imóveis na borda de um trecho de floresta.

- Vivas ou mortas, são cheias de maldade – respondeu Serafina. Sinto isso daqui. E não quero chegar mais perto sem saber qual tipo de arma pode acabar com elas.

Os Espectros pareciam presos ao chão, sem o poder de voar, para sorte das bruxas. Mais tarde, nesse mesmo dia, elas viram o que os Espectros podiam fazer.

Aconteceu junto a um local de travessia de um rio, onde uma estrada empoeirada cruzava uma ponte baixa de pedra ao lado de um grupo de árvores. O sol do final da tarde caía em raios oblíquos sobre a campina, realçando a cor verde intensa do chão e um dourado embaciado no ar, e àquela rica luz oblíqua, as bruxas avistaram um bando de viajantes demandando a ponte, alguns a pé, alguns em carroças puxadas por cavalos, dois deles cavalgando. Não tinham visto as

bruxas, pois não tinham motivo para olhar para cima, mas eram as primeiras pessoas que as bruxas viam naquele mundo, e Serafina estava prestes a descer para falar com eles quando se ouviu um grito de alarme.

Veio do cavaleiro que ia à frente. Ele apontava para as árvores, onde as bruxas viram uma torrente dessas formas espectrais espalhando-se pela campina, parecendo fluir sem esforço na direção das suas presas - os viajantes. Todos debandaram. Serafina ficou chocada ao ver o líder dar meiavolta e fugir galopando, sem ficar para ajudar os companheiros, e o segundo cavaleiro o imitou, fugindo com toda rapidez em outra direção.

- Voem mais baixo e observem, irmãs – instruiu Serafina Pekkala. Mas não interfiram até eu mandar. Viram que o pequeno bando continha crianças também, algumas viajando nas carroças, outras caminhando ao lado delas. E estava claro que as crianças não conseguiam ver os Espectros, e os Espectros não estavam interessados nelas: em vez disso, dirigiam-se para os adultos. Uma mulher idosa sentada numa carroça segurava duas crianças no colo, e Ruta Skadi ficou furiosa com a covardia: a mulher tentava esconder-se atrás delas, empurrando-as para a frente, na direção do Espectro que se aproximara, como se as oferecesse para salvar a própria pele.

As crianças desvencilharam-se da mulher e saltaram da carroça, e agora, como as outras crianças, corriam, assustadas, de um lado para outro, ou juntavam-se em grupos, chorando, enquanto os Espectros atacavam os adultos. A anciã na carroça logo foi envolvida por um brilho transparente que se mexia sem parar, alimentando-se de alguma maneira invisível que deixou Ruta Skadi doente só de ver. O mesmo destino coube a todos os adultos do grupo, com exceção dos dois que tinham fugido a cavalo.

Fascinada e horrorizada, Serafina Pekkala desceu ainda mais. Havia um pai com o filho que tentara atravessar o rio para fugir, mas um Espectro os alcançara e, enquanto a criança agarrava-se às costas do pai, chorando, o homem parou, com água até a cintura, indefeso.

O que estava acontecendo com ele? Serafina pairou acima da água a poucos metros de distância, observando, horrorizada. Ouvira de viajantes de seu próprio mundo a lenda do vampiro, e pensou nela enquanto observava o Espectro alimentando-se de... alguma coisa, alguma qualidade que aquele homem tinha, sua alma, talvez seu daemon,

pois

naquele

mundo,

evidentemente, os daemons ficavam dentro das pessoas. Os braços do homem perderam as forças e a criança caiu na água ao lado dele, em vão tentava segurar a mão do pai, engasgando-se, chorando, mas o homem simplesmente girou a cabeça devagar e ficou olhando, com absoluta indiferença, enquanto seu filho se afogava ao seu lado.

Aquilo era demais para Serafina. Ela baixou ainda mais e tirou a criança da água, nisso Ruta Skadi gritou:

- Cuidado, irmã! Atrás de você...

E Serafina sentiu por um instante uma terrível apatia no coração e estendeu a mão para a mão de Ruta Skadi, que a puxou para fora do perigo. Voaram mais alto, a criança gritando, agarrada à sua cintura com dedos fortes, e Serafina viu o Espectro atrás de si, uma lufada de névoa girando sobre a água, sem dúvida procurando sua presa perdida. Ruta Skadi desfechou uma flecha para o meio daquela coisa, sem qualquer efeito.

Serafina colocou a criança na margem do rio, certificando-se de que ela não corria perigo, e tornaram a levantar vôo.

O pequeno bando de viajantes não mais iria prosseguir viagem, os cavalos pastavam na grama ou sacudiam a cabeça por causa das moscas, as crianças choravam e agarravam-se umas às outras, observando de longe, e todos os adultos estavam imóveis. Tinham os olhos abertos, alguns estavam de pé, embora a maioria tivesse se sentado e sobre eles pairava uma terrível imobilidade. Quando o último dos Espectros deslizou para longe, saciado, Serafina veio pousar diante de uma mulher sentada na grama, uma jovem forte e de aparência saudável, de faces vermelhas e cabelos louros brilhantes.

- Mulher, está me ouvindo? - Serafina chamou. Não houve resposta Está me vendo?

Sacudiu a mulher pelo ombro. Com um esforço imenso a mulher ergueu o olhar.

Mal parecia perceber. Tinha os olhos vagos, e quando Serafina beliscou-lhe o braço, ela simplesmente baixou os olhos devagar e depois desviou-os.

As outras bruxas andavam pelas carroças dispersas, contemplando as vítimas. Enquanto isso, as crianças reuniam-se numa pequena elevação a certa distância, observando as bruxas e cochichando, temerosas.

- O cavaleiro está vigiando - disse uma bruxa.

Ela apontou para o lugar onde a estrada passava por um desfiladeiro entre dois morros. O cavaleiro que fugira tinha parado ali para olhar para trás, protegendo os olhos com as mãos para melhor enxergar.

- Vamos falar com ele - disse Serafina, e lançou-se ao ar. Apesar do comportamento do homem diante dos Espectros, ele não era covarde: ao ver as bruxas se aproximando, pegou o rifle e cutucou o cavalo para que o animal avançasse para a campina onde ele podia enfrentá-las em terreno aberto. Mas Serafina Pekkala pousou devagar e estendeu o arco à

frente antes de colocá-lo no solo diante de si.

Mesmo que esse gesto não existisse ali, seu significado era inconfundível. O homem baixou o rifle e esperou, olhando de Serafina para as outras bruxas, e para os daemons delas, que voavam em círculos no céu lá em cima. Mulheres jovens, de aparência feroz, vestidas de farrapos de seda negra e cavalgando ramos de pinheiro pelo céu - não havia coisa assim no mundo dele, mas ele as enfrentou com uma cautelosa tranqüilidade. Ao chegar mais perto, Serafina viu também dor no rosto dele, e força. Era difícil conciliar isso com a lembrança da fuga enquanto os companheiros pereciam.

- Quem são vocês? - ele perguntou.

- Meu nome é Serafina Pekkala. Sou a rainha das bruxas do Lago Enara, que fica em outro mundo. Qual é o seu nome?

- Joachim Lorenz. A senhora disse bruxas? Então têm trato com o diabo?

- Se tivéssemos, isso faria de nós inimigas suas?

Ele meditou por alguns instantes e acomodou o rifle sobre o colo.

- Podia ser que sim, há mais tempo, mas os tempos mudaram - disse. Por que vieram para este mundo?

- Porque os tempos mudaram. Que criaturas são aquelas que atacaram o seu grupo?

- Bem, os Espectros... - disse ele, dando de ombros, espantado. - Não conhecem os Espectros?

- Nunca vimos no nosso mundo. Presenciamos a sua fuga, e ficamos sem saber o que pensar. Agora entendo.

- Não há defesa contra eles - disse Joachim Lorenz.

- Só as crianças estão a salvo. Diz a lei que cada grupo de viajantes tem que incluir um homem e uma mulher a cavalo, e eles têm que fazer o que fizemos, senão as crianças não terão quem cuide delas. Mas os tempos estão difíceis agora, as cidades estão repletas de Espectros, e antes não havia mais que uma dúzia em cada lugar.

Ruta Skadi estava olhando em volta. Viu o outro cavaleiro voltando na direção das carroças, e viu que se tratava, realmente, de uma mulher. As crianças correram ao encontro dela.

- Mas diga-me o que estão procurando – prosseguiu Joachim Lorenz. Não me respondeu antes. Não teriam vindo sem motivo. Responda agora.

- Estamos procurando uma criança, uma menina do nosso mundo contou Serafina. - O nome dela é Lyra Belacqua, chamada também Lyra da Língua Mágica. Mas não fazemos idéia de onde ela pode estar. Não viu uma menina desconhecida, sozinha?

- Não. Mas na outra noite vimos anjos indo para o Pólo.

- Anjos?

- Batalhões de anjos no ar, com armaduras brilhantes. Nestes últimos anos eles não têm sido tão comuns, embora costumassem passar com freqüência através deste mundo, no tempo do meu avô; pelo menos era o que ele costumava contar.

Protegeu os olhos com a mão e olhou na direção das carroças. A mulher a cavalo tinha desmontado e estava consolando algumas crianças. Serafina seguiu o olhar dele e perguntou:

- Se acamparmos com vocês esta noite e ficarmos montando guarda contra os Espectros, você nos contará mais sobre este mundo e os anjos que viu?

- Certamente. Venha comigo.

As bruxas ajudaram a levar as carroças para mais adiante na estrada, do outro lado da ponte e longe das árvores de onde os Espectros tinham saído. Os adultos atacados tinham que ficar onde estavam, embora fosse doloroso ver as criancinhas agarradas à mãe que não mais lhes respondia, ou puxando a manga do pai que nada dizia e olhava para nada com olhos vazios. As crianças mais novas não conseguiam entender por que tinham que abandonar seus pais, as mais velhas, algumas das quais já tinham perdido os pais e já

tinham presenciado esse tipo de coisa, estavam simplesmente chocadas e emudecidas. Serafina pegou no colo o menininho que tinha caído no rio e que chamava pelo pai, estendendo a mão por cima do ombro de Serafina na direção da figura silenciosa ainda parada dentro da água, indiferente. Serafina sentia as lágrimas dele na sua pele nua.

A mulher a cavalo, que usava grosseiras calças de lona e cavalgava como homem, não se dirigiu às bruxas. Tinha uma expressão soturna no rosto. Levava as crianças, falando-lhes com severidade, ignorando suas lágrimas. O

sol da tarde enchia o ar de uma luz dourada na qual cada detalhe era claro e nada era ofuscante, e o rosto das crianças, do homem e da mulher pareciam também imortais, fortes e belos.

Mais tarde, enquanto as brasas de uma fogueira brilhavam num círculo de pedras sujas de cinza e os grandes montes eram tranqüilos ao luar, Joachim Lorenz contou a Serafina e Ruta Skadi a história do seu mundo. Já tinha sido um mundo feliz. As cidades eram espaçosas e elegantes, os campos eram férteis e bem cuidados. Navios mercantes percorriam os mares azuis e pescadores traziam redes repletas de bacalhau e atum, perca e tainha, nas florestas a caça abundava, e nenhuma criança passava fome. Nas alamedas e praças das grandes cidades, embaixadores do Brasil e de Benin, da Irlanda e da Coréia misturavam-se a vendedores de tabaco, a atores de comédia de Bérgamo, a vendedores de bilhetes

da sorte. A noite, amantes mascarados encontravam-se sob os caramanchões de rosas ou nos jardins iluminados por lamparinas, e o ar recendia a jasmim e vibrava com a música das cordas do mandarone.1

As bruxas escutavam de olhos arregalados aquela história de um mundo tão parecido com o seu, no entanto tão diferente.

- Mas não deu certo - ele continuou. - Há 300 anos alguma coisa saiu errada. Algumas pessoas acham que a Liga dos filósofos da Torre degli Angeli, a Torre dos Anjos, na cidade que acabamos de deixar, é a culpada. Outros dizem que foi um castigo por algum grande pecado, embora eu nunca tenha encontrado concordância a respeito de qual seria esse pecado. Mas de repente, do nada, surgiram os Espectros, e desde então somos caçados. Vocês viram o que eles podem fazer, agora imaginem o que é viver num mundo com Espectros. Como podemos prosperar, quando não podemos confiar que alguma coisa continue como era? A qualquer momento um pai pode ser atacado, ou uma mãe, e a família se desagrega, um mercador pode ser atacado, e sua empresa fracassa, e todos os seus funcionários perdem o emprego e como os amantes podem confiar em seus votos de amor? Toda a confiança e toda a virtude abandonaram o nosso mundo quando os Espectros chegaram.

-Quem são esses filósofos? - Serafina quis saber. - E onde fica essa Torre?

- Na cidade que acabamos de deixar, Cittàgazze. A cidade das gralhas. Sabe por que tem esse nome? Porque as gralhas roubam, e é só isso que podemos fazer agora. Nada criamos, nada construímos há centenas de anos, tudo que podemos fazer é roubar de outros mundos. Ah, sim, temos conhecimento dos outros mundos. Aqueles filósofos da Torre degli Angeli descobriram tudo que precisamos saber sobre o assunto. Eles têm um feitiço que, quando alguém o pronuncia, consegue atravessar uma porta que não existe, e passa para outro mundo. Alguns dizem que não é um feitiço, mas uma chave que consegue abrir até mesmo quando não há fechadura. Quem sabe?

Seja como for, isso deixou os Espectros entrarem. E os filósofos ainda o usam, pelo que sei. Eles passam para outros mundos, roubam deles e trazem de volta o que encontram. Ouro e jóias, é claro, mas outras coisas também, como idéias, sacos de milho, lápis. São a fonte de toda a nossa riqueza, essa Liga de ladrões - arrematou com amargura.

1 Mandarone - instrumento provavelmente imaginário; nenhuma referência foi encontrada.

[N.T.]

- Por que os Espectros não fazem mal às crianças? - quis saber Ruta Skadi.

- Este é o maior mistério de todos. Na inocência das crianças existe algum poder que repele os Espectros da Indiferença. Mas é mais que isso. As crianças simplesmente não os enxergam, embora não possamos entender por quê. Nunca conseguimos. Mas são comuns os órfãos dos Espectros, como vocês podem imaginar; crianças cujos pais foram atacados. Elas se juntam e andam por aí em bandos, e às vezes alugam-se para os adultos, para procurar comida e suprimentos em áreas cheias de Espectros, e às vezes simplesmente vagueiam sem rumo, saqueando.

Ele fez uma pausa, depois continuou:

- Assim é o nosso mundo. Ah, nós conseguimos viver com essa maldição. Eles são verdadeiros parasitas: não matam a sua presa, embora retirem dela quase toda a vida. Mas havia um certo equilíbrio até recentemente, até a grande tempestade. Foi uma fortíssima tempestade, parecia que o mundo inteiro estava rachando e se esfacelando, ninguém se lembra de ter visto uma igual. Depois veio a névoa que durou muitos dias e cobriu todo o mundo que conhecemos, e ninguém podia viajar e quando a névoa clareou, as cidades estavam cheias de Espectros, centenas e milhares deles. Então fugimos para as montanhas e para o mar, mas desta vez não há como escapar deles, onde quer que a gente vá. Como vocês mesmas viram. Agora é a sua vez: contemme como é o seu mundo e por que o deixaram para vir para este. Serafina contou-lhe toda a verdade - ele era um homem honesto, e não era necessário esconder qualquer coisa dele. Ele escutou com atenção, sacudindo a cabeça de espanto, e disse, quando ela terminou:

- Eu lhes falei do poder que dizem que têm os nossos filósofos de abrir o caminho para outros mundos; bem, algumas pessoas acham que eles ocasionalmente deixam uma porta aberta, por esquecimento, eu não ficaria surpreso se de tempos em tempos viajantes de outros mundos encontrassem o caminho para cá. Sabemos que os anjos passam, afinal.

- Anjos? - repetiu Serafina Pekkala. - Você já os mencionou. Nunca ouvimos falar em anjos. Quem são eles?

- Quer saber sobre anjos? Muito bem. Eles se dão o nome de bene elim, segundo eu soube. Algumas pessoas os chamam de Vigilantes. Não são seres de carne como nós, são seres de espírito, ou talvez a carne deles seja mais etérea que a nossa, mais leve e mais clara, não sei dizer, mas não são como nós. Transportam mensagens dos céus, esta é a missão deles. As vezes os vemos no céu, passando através deste mundo a caminho de outro, brilhando como vaga-lumes bem lá no alto. Numa noite sossegada, pode-se até ouvir o ruflar das asas deles. Eles têm preocupações diferentes das nossas, embora nos tempos antigos eles descessem e tratassem com homens e mulheres, e também se acasalassem conosco, dizem alguns. Joachim Lorenz respirou fundo e continuou:

- E quando veio a névoa, depois da grande tempestade, eu estava encurralado nas montanhas atrás da cidade de Sant'Elia, a caminho da minha casa. Refugiei-me na choupana de um pastor junto a uma nascente ao lado de um bosque de bétulas, e durante toda a noite ouvi vozes acima de mim na neblina, gritos de susto e raiva, e batidas de asas, também, mais perto do que eu jamais tinha ouvido antes e perto do amanhecer ouvi o som de combate, o silvar de flechas e o clangor de espadas. Mas não ousei sair para investigar, pois tive medo, embora estivesse muito curioso. Eu estava inteiramente apavorado, se querem saber. Quando o céu ficou tão claro quanto poderia ficar naquela névoa, aventurei-me a olhar para fora e vi uma figura enorme caída, ferida, perto da nascente. Sentia que eu estava vendo coisas que não tinha o direito de ver: coisas sagradas. Tive que desviar os olhos, e quando tornei a olhar, a figura tinha sumido.

Em seguida, ele continuou:

- Foi o mais perto que já estive de um anjo. Mas como lhes contei, nós os vimos outra noite, bem no alto, entre as estrelas, indo para o Pólo, como uma frota de poderosos navios de guerra... Alguma coisa está acontecendo, e aqui embaixo não sabemos o que pode ser. Poderia ser uma guerra prestes a explodir. Certa vez houve uma guerra no céu, há milhares de anos, mas não sei qual foi o desfecho dela. Não seria impossível haver outra. Mas a destruição seria enorme, e as conseqüências para nós... Não consigo sequer imaginar.

Ele se ergueu para avivar o fogo.

- Embora esse desfecho possa ser melhor do que eu imagino continuou. - Pode ser que uma guerra no céu leve os Espectros deste mundo de volta para o fosso de onde saíram. Que bênção seria, ah, como viveríamos felizes, livres dessa praga terrível!

No entanto, Joachim Lorenz, a contemplar as chamas, parecia tudo, menos esperançoso. A luz tremeluzente lançava sombras que se moviam em seu rosto, mas não modificavam a expressão de suas feições; ele parecia triste e soturno.

Ruta Skadi perguntou então:

- O Pólo, senhor. Disse que esses anjos iam para o Pólo, sabe por que fariam isso? É lá que fica o céu?

- Não sei. Não sou um homem erudito, isso se percebe facilmente. Mas o Norte do nosso mundo, bem, dizem que lá é a morada dos espíritos. Se os anjos estivessem se reunindo, é para lá que iriam, e se pretendessem atacar o céu, acho que é lá que construiriam sua fortaleza, de onde partiriam para o ataque.

Ele ergueu os olhos e as bruxas seguiram o seu olhar. As estrelas neste mundo eram as mesmas do mundo delas: a Via Láctea brilhava cruzando o domo do céu, e inúmeros pontos de luz empoeiravam a escuridão, e seu brilho quase se igualava ao da lua...

- Senhor, já ouviu falar no Pó? - Serafina quis saber.

- Pó? Imagino que está falando outra coisa, não da poeira das estradas. Não, nunca ouvi. Mas vejam, lá vai uma tropa de anjos... Ele apontou para a constelação de Ofiúco. E realmente, alguma coisa se movia através dela - um pequeno grupo de seres iluminados. E eles não vagavam a esmo, mas moviam-se com o vôo determinado dos gansos ou dos cisnes.

Ruta Skadi ficou de pé.

- Irmã, é hora de me separar de você - disse ela a Serafina. - Vou subir lá e falar com esses anjos, seja lá o que forem eles. Se vão até Lorde Asriel, irei com eles. Se não, vou continuar procurando sozinha. Obrigada pela sua companhia, e boa sorte.

Beijaram-se, e Ruta Skadi pegou seu ramo de pinheiro-nubígeno e saltou para o

ar. Seu daemon Sergi, um rouxinol acompanhou-a.

- Vamos voar alto? - ele perguntou.

- Até a altura daqueles voadores luminosos em Ofiúco. Eles estão indo depressa, Sergi. Vamos alcançá-los!

Ela e o daemon subiram velozmente, voando mais depressa do que fagulhas de uma fogueira, o ar soprando através dos raminhos do seu galho de pinheiro-nubígeno e seus cabelos negros como uma esteira atrás dela. Ela não tornou a olhar para a pequena fogueira na imensa escuridão, para as crianças adormecidas e para as bruxas suas companheiras, aquela etapa da viagem estava encerrada e, de mais a mais, aquelas criaturas brilhantes à frente dela ainda não estavam mais próximas, e não mantivesse os olhos fixos nelas, poderia facilmente perdê-las naquele enorme cenário de estrelas reluzentes. De modo que ela continuou voando sem perder os anjos de vista, e, à

medida que se aproximava deles, passou a vê-los mais claramente. Eles brilhavam, não como se estivessem ardendo, mas como se, onde quer que estivessem e por mais escura que fosse a noite, a luz do sol brilhasse neles. Eram como os humanos, porém com asas, e muito mais altos, como estavam nus, a bruxa conseguia ver que três deles eram do sexo masculino e dois do sexo feminino.

As asas nasciam nas omoplatas, e tinham o tórax bastante musculoso. Ruta Skadi ficou atrás deles por algum tempo, observando, avaliando a força deles, caso fosse necessário combatê-los. Não estavam armados, mas por outro lado estavam voando com facilidade por seu próprio poder, e poderiam até voar mais depressa que ela se houvesse uma perseguição. Preparando o arco por via das dúvidas, ela avançou e passou a voar ao lado deles, gritando:

- Anjos! Parem e me escutem! Sou a bruxa Ruta Skadi, e quero falar com vocês.

Eles se viraram. Suas grandes asas bateram para dentro, diminuindo a velocidade, e os corpos tomaram a posição vertical até ficarem em pé no ar, mantendo a posição através de curtos movimentos das asas. Rodearam-na, cinco figuras enormes brilhando no ar escuro, acesas por um sol invisível. Ela olhou em volta, sentada em seu galho de pinheiro-nubígeno, orgulhosa e destemida, embora seu coração batesse forte com a estranheza de tudo aquilo, e seu daemon aproximou-se e sentou-se perto do calor do seu corpo.

Cada anjo era um indivíduo em separado, no entanto tinha mais coisas em comum com os outros anjos do que com qualquer humano que ela tivesse conhecido. O que tinham em comum era uma manifestação brilhante e dinâmica de inteligência e sentimento, que parecia dominar todos eles simultaneamente. Estavam nus, mas ela se sentiu nua sob o olhar deles, tão penetrante, indo tão fundo.

Mesmo assim ela não se envergonhava do que era, de modo que retribuiu de cabeça ergui da o olhar deles.

- Então vocês são anjos - disse. - Ou Vigilantes, ou bene elim. Aonde vão?

- Estamos atendendo a um chamado - disse um.

Ela não tinha certeza de qual deles tinha falado. Poderia ter sido qualquer um, ou todos ao mesmo tempo.

- Chamado de quem? - ela perguntou.

- De um homem.

- De Lorde Asriel?

- Poderia ser.

- Por que estão fazendo isso?

- Porque queremos – foi a resposta.

- Então, onde quer que ele esteja, vocês podem me levar até ele - ela ordenou.

Ruta Skadi tinha 416 anos e todo o orgulho e o conhecimento de uma bruxa-rainha adulta. Era muito mais sábia do que qualquer humano vida-curta, mas não tinha a menor idéia de como parecia infantil ao lado daqueles seres imemoriais. Tampouco imaginava até que ponto a consciência deles se espalhava além dela como tentáculos até os cantos mais remotos de universos nunca sonhados por ela e tampouco que os enxergava como formas humanas simplesmente porque seus olhos esperavam isso, se fosse percebê-los em sua forma verdadeira, eles pareceriam mais uma arquitetura do que um organismo, como imensas estruturas compostas de inteligência e sentimento. Mas eles esperavam isso mesmo -

afinal, ela era muito jovem. Imediatamente bateram as asas e saltaram para a frente, e ela disparou com eles, surfando na turbulência que essas asas causavam no ar e adorando a velocidade e a força que isso conferia ao seu vôo. Voaram durante toda a noite. As estrelas giravam ao seu redor, e desmaiavam e desapareciam à medida que a aurora subia do leste. O mundo explodiu em luz quando a borda do sol apareceu, e então passaram a voar através de um céu azul e um ar claro, fresco, doce e úmido. A luz do dia, os anjos eram menos visíveis, embora a sua singularidade ficasse óbvia para qualquer um. A luz que permitia que Ruta Skadi os visse ainda não era a do sol que agora se erguia no céu, mas alguma outra luz, vinda de outro lugar.

Incansavelmente voaram, e incansavelmente ela os acompanhava. Sentia uma alegria intensa possuí-la por poder ter à sua disposição aquelas presenças imortais. E alegrava-se por seu sangue e sua carne, pela áspera casca de pinheiro-nubígeno que ela sentia perto da pele, alegrava-se porque seu coração batia e pela vida de todos os seus sentidos, pela fome que agora estava sentindo e pela presença de seu daemon rouxinol de voz tão doce, e pela terra lá embaixo e pela vida de cada criatura, tanto planta quanto animal e deliciava-se em ser da mesma substância daquilo tudo, e em saber que, quando morresse, sua carne iria nutrir outras vidas como elas a tinham nutrido. E alegrava-se, também, por estar indo ver novamente Lorde Asriel. Outra noite chegou, e os anjos continuavam a voar. E em certo momento a qualidade do ar mudou, não para pior ou melhor, mas mudou, e Ruta Skadi percebeu que tinham saído daquele mundo e entrado em outro. Como isso acontecera, ela não tinha a menor idéia.

- Anjos! - chamou, quando sentiu a mudança. - Como foi que deixamos o mundo onde os encontrei? Onde fica a fronteira?

- Existem no ar lugares invisíveis, portas para outros mundos - foi a resposta. - Podemos vê-los, você não.

Ruta Skadi não conseguiu enxergar a porta invisível, e nem era necessário: as bruxas conseguiam orientar-se melhor que os pássaros. Assim que o anjo falou, ela fixou sua atenção em três picos pontiagudos lá embaixo, memorizando sua configuração exata. Agora poderia encontrar de novo a porta, se precisasse, apesar do que os anjos pudessem pensar. Continuaram voando, e finalmente ela ouviu uma voz de anjo:

- Lorde Asriel está neste mundo, e ali vemos a fortaleza que ele está

construindo...

Estavam voando mais devagar, fazendo círculos no céu como águias. Ruta Skadi olhou para onde um anjo apontava.

O primeiro alvor tingia o leste, embora todas as estrelas acima brilhassem com a intensidade de sempre contra o veludo profundamente negro dos céus. E na própria borda do mundo, onde a luz aumentava a cada momento, uma grande serra erguia seus picos - aguçados picos de pedra negra, poderosas

lajes irregulares e cristas serrilhadas empilhadas

caoticamente, como ruínas de uma catástrofe universal. Mas no ponto mais alto, que enquanto ela olhava foi tocado e delineado pelos primeiros raios do sol matinal, havia uma estrutura: uma imensa fortaleza cujas amei as eram formadas por lajes do basalto com a metade da altura de um monte, e cuja extensão só podia ser medida em termos de tempo de vôo.

Sob essa fortaleza colossal, ardiam fogueiras e chaminés soltavam fumaça na escuridão do início do amanhecer e, a muitos quilômetros de distância, Ruta Skadi ouviu o clangor de martelos e o ruído de grandes oficinas. E de todas as direções ela via grupos de anjos voando para lá, e não apenas anjos, mas máquinas também, naves com asas de aço deslizando como albatrozes, cabines de vidro sob tremeluzentes asas de libélulas, zepelins que zumbiam como enormes abelhas - todos na direção da fortaleza que Lorde Asriel estava construindo nas montanhas no fim do mundo.

- Lorde Asriel está lá? - ela perguntou.

- Está, sim - responderam os anjos.

- Então vamos voar ao encontro dele. Vocês precisam ser minha guarda de honra.

Obedientemente eles abriram as asas e partiram na direção da fortaleza orlada de dourado, com a ansiosa bruxa voando à frente. **7 - O ROLLS ROYCE**

Lyra acordou cedo, a manhã era cálida e quieta, como se a cidade nunca tivesse tido outra estação além daquele calmo verão. Ela saltou da cama, desceu a escada e, ao ouvir vozes de crianças na praia, saiu para ver o que elas estavam fazendo.

Em frente ao porto ensolarado, três meninos e uma menina em dois pedalinhos apostavam corrida na água em direção aos degraus. Ao verem Lyra, interromperam a corrida, mas logo voltaram a ela. Os vencedores bateram nos degraus com tanta força, que um deles caiu na água, e depois tentou subir para o outro pedalinho, virando-o, ficaram todos brincando dentro d'água como se o terror da noite anterior nunca tivesse acontecido. Pareciam mais novas do que a maioria das crianças que estavam junto à torre. Lyra juntou-se a elas na água, com Pantalaimon a seu lado na forma de peixinho brilhante. Ela nunca tivera dificuldades em se relacionar com outras crianças, e logo estavam todas reunidas em volta dela, sentadas em poças d'água na pedra quentinha, suas camisas secando rapidamente sob o sol. O pobre Pantalaimon teve que voltar para o bolso dela, em forma de sapo, por causa do pano molhado e frio.

- Que é que vocês vão fazer com aquela gata?

- Vocês conseguem mesmo tirar o azar?

- De onde vocês vieram?

- O seu amigo, ele não tem medo dos Espectros?

- O Will não tem medo de nada - Lyra afirmou. - Nem eu. Por que vocês têm medo de gatos?

- Não sabe? - perguntou o menino mais velho em tom incrédulo. - Os gatos, eles têm o diabo dentro, têm mesmo. É preciso matar todo gato que aparecer. Eles mordem, colocam o diabo dentro da gente, também. E o que você estava fazendo com aquele bicho enorme?

Ela compreendeu que ele estava falando de Pantalaimon em forma de leopardo, e sacudiu a cabeça inocentemente.

- Você deve ter sonhado - disse. - As coisas ficam diferentes ao luar. Mas eu e Will, de onde a gente vem não tem Espectros, de modo que não sabemos muita coisa sobre eles.

- Se você não consegue ver os Espectros, tudo bem, você está segura

- explicou um garoto. - Mas se vir, pode ficar sabendo que eles vão te pegar. Foi o que papai disse, e depois pegaram ele. Daquela vez ele nem viu eles.

- E eles estão aqui em volta de nós agora?

- É - disse a menina. Ela estendeu a mão e agarrou um punhado de ar, bradando:
- Peguei um!

- Eles não conseguem nos machucar - disse um dos garotos. - E nós não podemos machucar eles, também.

- E sempre teve Espectros neste mundo? - Lyra quis saber .

- É-disse um dos meninos. Mas o outro o desmentiu:

- Nada disso! - retrucou a menina. - Minha avó disse que eles vieram porque as pessoas eram más e Deus mandou eles para nos castigar .

- A sua avó não sabe de nada - disse um menino. - Ela tem barba, a sua avó. Igual a um bode.

- Que negócio é esse de Liga? - Lyra insistiu.

- Sabe a Torre degli Angeli, a torre de pedra? Certo, ela pertence à

Liga, e tem um lugar secreto lá. A Liga, eles lá sabem todo tipo de coisa. Filosofia, alquimia, todo tipo de coisa eles sabem. E foram eles que deixaram os Espectros entrarem.

- Isso não é verdade - disse outro menino. – Eles vieram das estrelas.

- É, sim! Foi isso mesmo que aconteceu: um sujeito da Liga, há muitos séculos, estava separando um metal. Chumbo. Ele ia transformar em ouro. Cortou, cortou cada vez menor até que ficou o menor pedaço que ele conseguiu fazer. Não existe nada menor. Tão pequeno que a gente nem consegue enxergar. Mas ele cortou esse pedaço também, e dentro do pedacinho mais pequenininho era onde estavam todos os Espectros juntos, enrolados e dobrados, tão apertados que quase não ocupavam lugar. Mas depois que ele cortou, bum! Eles saíram todos, e estão por aí até hoje. Foi o que o meu pai me contou.

- Tem algum homem da Liga na torre agora? – Lyra perguntou.

- Não! Eles fugiram como todo mundo - contou a menina.

- Não tem ninguém na torre. É mal-assombrado, aquele lugar declarou um menino. - Foi por isso que a gata veio de lá. A gente não entra lá, de jeito nenhum. Nenhuma criança vai lá. Dá medo.

- Os homens da Liga não têm medo de entrar lá - comentou outro.

- Eles devem ter uma mágica especial, ou coisa assim. São ambiciosos, vivem às custas dos pobres - disse a menina.

- Os pobres trabalham e os homens da Liga vivem lá de graça.

- Mas não tem ninguém na torre agora? – Lyra perguntou. - Nenhum adulto?

- Não tem nenhum adulto na cidade inteira!

- Eles não têm coragem, de jeito nenhum.

Mas ela havia visto um rapaz lá em cima. Tinha certeza.

E havia alguma coisa no jeito daquelas crianças falarem: como mentirosa experiente, Lyra reconhecia outros mentirosos, e sabia que aquelas crianças estavam escondendo alguma coisa. E de repente ela se lembrou: o pequeno Paolo tinha dito que ele e Angélica tinham um irmão mais velho, Tullio, que também estava na cidade, e Angélica tinha mandado o menino se calar... O rapaz que ela viu poderia ser esse irmão?

As crianças foram buscar os pedalinhos para trazê-los de volta à praia, e Lyra voltou a entrar para fazer café e verificar se Will estava acordado. Mas ele ainda dormia, com a gata enrodilhada a seus pés, e Lyra estava impaciente para visitar novamente a sua Catedrática, portanto, escreveu um bilhete e deixou-o no chão junto à cama dele, depois pegou a mochila e saiu para procurar a janela.

O caminho que tomou levou-a através da pracinha que tinham visto na véspera. Estava vazia agora, e o sol batia na fachada da torre, ressaltando os entalhes ao lado da porta: figuras humanas com asas dobradas, as feições erodidas por séculos de exposição ao tempo, mas de alguma forma, em sua imobilidade, exprimindo poder, compaixão e força intelectual.

- Anjos - fez Pantalaimon, um grilo no ombro dela.

- Talvez Espectros - retrucou ela.

- Não! Eles disseram que isto aí é alguma coisa "angeli" - ele insistiu. Aposto que quer dizer anjos.

- Vamos entrar? - Olharam para a grande porta de carvalho com suas ferragens negras, a meia dúzia de degraus que levavam a ela estavam muito gastos, e a própria porta estava ligeiramente aberta. Nada havia para impedir que Lyra entrasse, a não ser seu próprio medo.

Ela subiu os degraus pé ante pé e espiou pela abertura.

Tudo que conseguia enxergar era um saguão escuro, com piso de pedra, e só uma parte dele, mas Pantalaimon esvoaçava ansiosamente em seu ombro, exatamente como tinha feito quando ela trocara os crânios na cripta da Universidade Jordan, e agora ela era um pouco mais esperta. Aquele era um lugar ruim. Lyra desceu correndo os degraus e saiu da praça rumando para o sol brilhante da avenida de palmeiras. E, assim que se certificou de que ninguém estava olhando, atravessou a janela e entrou na Oxford de Will. Quarenta minutos depois, Lyra estava mais uma vez dentro do prédio da Física, discutindo com o porteiro, mas dessa vez tinha um trunfo.

- Pergunte à Dra. Malone - disse em voz doce. - Basta fazer isso. Pergunte a ela.

O porteiro pegou o telefone, apertou alguns botões e falou, enquanto Lyra observava com pena: ele não tinha sequer uma guarita para ficar, como qualquer universidade na Oxford de verdade, só um grande balcão de madeira, como se aquilo fosse uma loja.

- Está certo - disse o porteiro, virando-se para Lyra.

- Ela disse para subir. Não vá para outro lugar.

- Não vou, não - disse ela em tom obediente, como uma menina boazinha fazendo o que lhe mandavam. No alto da escada, porém, ela teve uma surpresa, pois, quando estava passando por uma porta com um desenho de uma mulher, a porta se abriu e ali estava a Dra. Malone, chamando-a com gestos.

Ela entrou, intrigada. Ali não era o laboratório, era um banheiro, e a Dra. Malone estava nervosa.

- Lyra, tem gente lá no laboratório, policiais ou coisa assim, eles sabem que você veio me visitar ontem, não sei o que estão procurando, mas não gostei. O que é que está acontecendo?

- Como é que eles sabem que eu vim?

- Não sei! Eles não sabem o seu nome, mas eu compreendi de quem eles estavam falando...

- Ah, bom, a gente pode mentir para eles. É fácil.

Uma voz de mulher chamou do corredor:

- Dra. Malone, viu a menina?

- Vi, sim - respondeu a Dra. Malone. - Eu estava mostrando a ela onde era o banheiro...

Lyra achou que não havia necessidade de ficar tão nervosa, mas talvez a mulher não estivesse acostumada com o perigo.

A mulher no corredor era jovem e estava muito bem vestida, e tentou sorrir quando Lyra saiu, mas seus olhos continuaram hostis e cheios de suspeita.

- Olá! Você é a Lyra, não é?

- Sou, sim. Qual é o seu nome?

- Sou a sargento Clifford. Entre aqui.

Lyra achou que a outra era muito cara-de-pau, agindo como se o laboratório fosse seu, mas assentiu humildemente. Foi o momento em que sentiu o primeiro espasmo de arrependimento. Sabia que não devia estar ali, sabia o que o aletômetro queria que ela fizesse, e não era aquilo. Indecisa, ficou parada à porta.

No aposento já estava um homem alto e corpulento, de sobrancelhas brancas. Lyra conhecia a aparência de um Catedrático, e nenhum daqueles dois se parecia com um.

- Entre, Lyra - disse a Sargento Clifford. - Está tudo bem. Este é o Inspetor Walters.

- Olá, Lyra - fez o homem. - A Dra. Malone já me falou muito de você. Gostaria de lhe fazer umas perguntas, se você não se importa.

- Que tipo de perguntas?

- Nada difícil - disse ele, sorrindo. - Entre e sente-se Lyra. Ele empurrou uma cadeira na direção dela, a menina sentou-se cautelosamente e ouviu a porta se fechar. A Dra. Malone estava de pé perto dela. Pantalaimon, em forma de grilo no bolso de Lyra, estava agitado: ela o sentia de encontro ao seu peito, e esperava que o tremor dele não fosse visível.

Mandou-lhe um pensamento para ficar quieto.

- De onde você vem, Lyra? - perguntou o Inspetor Walters. Se ela respondesse "de Oxford", eles poderiam checar facilmente. Mas não poderia dizer "de outro mundo"; aquelas pessoas eram perigosas, iam querer saber mais. Lyra pensou no único nome que conhecia nesse mundo: o lugar de onde Will tinha vindo...

- De Winchester - respondeu.

- Você esteve brigando, não esteve, Lyra? – perguntou o inspetor. Onde arranjou esses machucados? Tem uma equimose no rosto, outra na perna... Alguém andou batendo em você?

- Não - disse Lyra.

- Você estuda, Lyra?

- Estudo, sim. De vez em quando - acrescentou.

- Não devia estar na escola hoje?

Ela não respondeu. Sentia-se cada vez mais inquieta. Olhou para a Dra. Malone, cujo rosto estava tenso e infeliz.

- Vim visitar a Dra. Malone - disse Lyra.

- Está hospedada em Oxford, Lyra? Onde está hospedada?

- Com umas pessoas - disse ela. - Uns amigos.

- Qual é o endereço deles?

- Não sei exatamente como se chama o lugar. Sei chegar lá, mas não me lembro do nome da rua.

- Quem são essas pessoas?

- Uns amigos do meu pai, só isso.

- Ah, entendo. Como foi que conheceu a Dra. Malone?

- Porque meu pai é físico e conhece ela.

Ela achava que as coisas estavam ficando mais fáceis, começou a relaxar e a mentir com mais fluência.

- E ela lhe mostrou o que estava fazendo, não foi?

- Foi. O motor com a tela... É, isso tudo.

- Você está interessada nesse tipo de coisa? Ciência, coisas assim?

- É. Especialmente a física.

- Vai ser cientista quando crescer?

Aquele tipo de pergunta merecia como resposta um olhar inexpressivo, e foi o que recebeu. O homem não se perturbou: com seus olhos claros olhou de relance para a outra mulher, depois para Lyra.

- E ficou surpresa com o que a Dra. Malone lhe mostrou?

- Bem, mais ou menos, eu já esperava.

- Por causa do seu pai?

- É. Porque ele está fazendo o mesmo tipo de trabalho.

- Ah, sei. Você compreende esse trabalho?

- Só uma parte.

- Então seu pai está estudando a matéria escura?

- É.

- Está tão adiantado quanto a Dra. Malone?

- Não do mesmo jeito. Algumas coisas ele faz melhor, mas o motor com as palavras na tela, isso ele não tem.

- Will também está hospedado com os seus amigos?

- É, ele...

Ela se calou, sabendo que tinha acabado de cometer um erro terrível. Eles também perceberam, e no mesmo instante ficaram de pé para impedir que ela fugisse, mas a Dra. Malone estava no caminho e a sargento tropeçou e caiu, bloqueando a passagem do inspetor. Isso deu a Lyra tempo para sair correndo, bater a porta atrás de si e disparar para a escada. Dois homens de jaleco branco saíram de uma porta e ela trombou com eles, e de repente Pantalaimon era um corvo a grasnar e bater asas, assustando tanto os dois que eles recuaram, ela desvencilhou-se das mãos deles e disparou escada abaixo, chegando à portaria no mesmo instante em que o porteiro desligava o telefone e saía em sua direção chamando:

- Ei! Pare aí! Ei, você!

Mas o pedaço do tampo do balcão que ele tinha que levantar para sair ficava na outra extremidade, e ela chegou à porta giratória antes que ele conseguisse pegá-la.

Atrás dela, as portas do elevador se abriram, e delas irrompeu o homem de cabelos claros, tão forte e tão veloz... E a porta não girava!

Pantalaimon grasnou para ela: estava empurrando para o lado errado!

Ela soltou um grito de medo e virou-se para a outra parede divisória, jogando

seu corpinho leve contra o vidro pesado, querendo com todas as suas forças que ela girasse, conseguiu movê-la bem a tempo de evitar que o porteiro a agarrasse. O porteiro estava no caminho do homem de cabelos claros, de modo que Lyra conseguiu sair e afastar-se antes que este saísse pela porta. Ela atravessou a rua - ignorando os carros, as freadas e os pneus cantando - e entrou num beco entre prédios altos, depois virou em outra rua com carros indo em ambas as direções, mas ela foi rápida, desviando-se das bicicletas, sempre com o homem de cabelos claros logo atrás dela - tão apavorante!

Entrou num jardim, saltou uma cerca e atravessou um bosquezinho de arbustos, com Pantalaimon, em forma de pássaro, esvoaçando acima da sua cabeça, indicando-lhe o caminho, depois Lyra agachou-se atrás de um recipiente de guardar carvão enquanto ouvia o homem de cabelos claros passar correndo - ele nem sequer estava ofegando, era muito veloz e estava em ótima forma! Pantalaimon instruiu:

- Agora volte para aquela rua...

Ela esgueirou-se para fora de seu esconderijo e atravessou de volta o gramado do jardim, saiu pelo mesmo portão e encontrou-se outra vez na amplidão da Rua Banbury; mais uma vez atravessou a rua e mais uma vez ouviu pneus cantando e então entrou correndo na Norham Gardens, uma rua tranqüila, orlada de árvores, com altas casas vitorianas, perto do Parque. Ela parou para recuperar o fôlego. Havia uma cerca-viva alta diante de um dos jardins, tendo à frente uma mureta, e ali ela se sentou, enfiando-se o mais que pôde sob os alfeneiros.

- Ela nos ajudou! - disse Pantalaimon. - A Dra. Malone atrapalhou eles!

Ela está do nosso lado, não do deles!

- Ah, Pan, eu não devia ter dito aquilo do Will... Eu devia ter sido mais cuidadosa...

- Não devia ter vindo - disse ele severamente.

- Eu sei. Isso, também...

Mas não teve tempo de se lamentar, pois Pantalaimon esvoaçou para seu ombro, dizendo:

- Cuidado, atrás de você...

E imediatamente transformou-se outra vez em grilo e mergulhou no bolso dela. Ela levantou-se, pronta para correr, e viu um sedã azul-escuro deslizando silenciosamente para junto da calçada.

A menina preparou-se para fugir, mas a janela traseira do carro desceu e por ela assomou um rosto que ela reconheceu.

- Lizzie! - fez o velho do museu. - Que bom ver você de novo! Posso lhe dar uma carona?

Ele abriu a porta e recuou para dar lugar a ela ao seu lado. Pantalaimon mordiscou-lhe a pele através do pano fino, mas ela entrou imediatamente, agarrada à mochila, e o homem, inclinando-se sobre ela, fechou a porta do carro.

- Parece que você está com pressa -disse. – Aonde quer ir?

- Para Summertown, por favor.

O motorista usava um quepe pontudo. Tudo naquele carro era bonito, macio e poderoso, e o cheiro da água-de-colônia do homem era forte naquele espaço fechado. O carro afastou-se da calçada sem o menor ruído.

- Então, que foi que você andou fazendo, Lizzie? - perguntou o velho. Descobriu mais alguma coisa sobre aqueles crânios?

- É - disse ela, virando-se para olhar para a janela traseira. Não havia sinal do homem de cabelos claros. Ela conseguira escapar!

E ele nunca a encontraria, agora que ela estava em segurança num carro poderoso, com um homem rico como aquele. Lyra teve uma breve sensação de triunfo.

- Eu também fiz algumas pesquisas - ele disse. – Um antropólogo meu amigo me disse que eles têm muitos outros além dos que estão em exibição. Alguns são realmente muito antigos. De Neandertal, sabia?

- É. Foi o que eu soube também - disse Lyra, sem ter a menor idéia do que ele estava falando.

- E como vai o seu amigo?

- Qual amigo? - perguntou Lyra, assustada, tinha contado a ele também sobre Will?

- Onde você está hospedada.

- Ah, a minha amiga. Ela vai muito bem, obrigada.

- O que é que ela faz? É arqueóloga?

- Não, é... física. Estuda a matéria escura - disse Lyra, ainda um pouco descontrolada.

Naquele mundo era mais difícil contar mentiras do que ela havia imaginado que seria. E alguma coisa a estava incomodando: aquele velho lhe parecia familiar de alguma maneira, e ela não conseguia localizar de onde era.

- Matéria escura? - ele repetiu. - Que coisa fascinante! Ainda hoje de manhã li alguma coisa sobre isso no Times. O universo está repleto dessa coisa misteriosa, que ninguém sabe o que é! E a sua amiga está estudando isso?

- É. Ela sabe um monte de coisas sobre esse assunto.

- E o que você vai fazer depois, Lizzie? Vai estudar física também?

- Pode ser - disse ela. - Depende.

O motorista pigarreou discretamente e diminuiu a velocidade do carro.

- Bem, chegamos a Summertown - disse o velho. - Onde quer ficar?

- Ah, logo depois dessas lojas. Daqui posso ir caminhando - disse Lyra. - Obrigada.

- Vire à esquerda no Passeio Público e encoste do lado direito, Allan ele instruiu.

- Sim, senhor - fez o motorista.

No minuto seguinte estavam parados diante de uma biblioteca pública. O velho abriu a porta do seu próprio lado, de modo que Lyra, para sair, teve que passar

por cima dos joelhos dele. Havia bastante espaço, mas por um motivo qualquer aquilo era constrangedor, e ela não queria ter contato físico com ele, por mais bonzinho que ele fosse.

- Não esqueça a mochila - ele disse, estendendo-lhe o objeto.

- Obrigada.

- Vamos nos ver de novo, espero, Lizzie. Dê minhas lembranças à sua amiga.

- Adeus - fez Lyra.

Deixou-se ficar parada na calçada até o carro virar a esquina e sumir de vista, só então saiu na direção dos carpinos.

Tinha uma sensação estranha em relação àquele homem de cabelos claros, e queria consultar o aletômetro.

Will estava outra vez lendo as cartas do pai. Sentado no terraço, ouvindo os gritos distantes das crianças que mergulhavam da borda do porto, lia a caligrafia firme nas finas folhas de papel de carta via aérea, tentando visualizar o homem a quem ela pertencia, voltando várias vezes à referência ao bebê - que era ele próprio.

Ouviu os passos de Lyra correndo ainda à distância, guardou as cartas no bolso e levantou-se, e quase no mesmo instante Lyra apareceu, com olhos assustados e Pantalaimon rosnando como um gato selvagem, perturbado demais para pensar em esconder-se. Ela, que nunca chorava, estava soluçando de dor, tinha o peito ofegante, rilhava os dentes, e jogou-se sobre ele, agarrando-lhe os braços, gritando:

- Eu mato ele! Eu mato ele! Quero que ele morra! Ah, se Iorek estivesse aqui... Ah, Will, eu agi mal. Sinto muito...

- O que foi? Qual é o problema?

- Aquele velho... não passa de um ladrão sujo... ele me roubou, Will!

Ele roubou o meu aletômetro! Aquele velho podre, com suas roupas de rico, seu carro com motorista... Ah, fiz tanta coisa errada hoje... Ah, eu... E pôs-se a

soluçar tão desesperadamente que ele pensou: um coração pode se despedaçar de verdade, e o dela está se despedaçando agora -pois ela caiu no chão, tremendo, gemendo alto. Ao lado dela, Pantalaimon transformou-se em lobo e pôs-se a uivar com amargo sofrimento. Longe, na saída do porto, as crianças interromperam o que estavam fazendo e sombrearam os olhos com as mãos para ver melhor. Will sentou-se ao lado de Lyra e sacudiu-a pelo ombro.

- Pare! Pare de chorar! Conte-me do princípio. Que velho é esse? O

que foi que aconteceu?

- Você vai ficar tão zangado... Prometi que não ia fazer isso, denunciar você, eu prometi, e agora... - ela soluçou.

Pantalaimon tornou-se um cãozinho jovem e desajeitado, de orelhas caídas e rabo encolhido, rastejando de vergonha e Will compreendeu que Lyra tinha feito alguma coisa da qual se envergonhava demais para conseguir lhe contar, e então falou com o daemon:

- O que foi que aconteceu? Conte-me.

Pantalaimon contou:

- Fomos até a Catedrática, e tinha mais gente lá, um homem e uma mulher, e eles nos prepararam uma armadilha, fizeram muitas perguntas e depois perguntaram sobre você, e antes que a gente percebesse, a gente já

tinha revelado que conhecia você, e então fugimos...

Lyra tinha o rosto escondido nas mãos, a cabeça apertada contra a calçada. Pantalaimon, em sua agitação, mudava de uma forma para outra: cão, pássaro, gato, arminho branco como a neve.

- Como era o homem? - Will quis saber.

- Grandão - fez a voz abafada de Lyra. - E muito forte, de olhos claros...

- Ele viu você voltar pela janela?

- Não, mas...

- Bom, então ele não vai saber onde estamos.

- Mas o aletômetro! - ela exclamou, sentando-se com decisão, as feições rígidas de emoção como uma máscara grega.

- É, fale sobre isso - Will pediu.

Entre soluços e ranger de dentes ela lhe contou o que acontecera: que o velho a tinha visto usar o aletômetro no museu no dia anterior, e que ele hoje tinha parado o carro e ela entrou para escapar do homem louro, e o carro tinha estacionado do outro lado, de modo que ela precisou pular por cima dele para sair, e ele deve ter agido depressa, roubando o aletômetro quando lhe passou a mochila...

Will percebia como ela estava desesperada, mas não entendia por que deveria se sentir culpada. E então ela disse:

- Will, ah, Will, fiz uma coisa horrível. Porque o aletômetro me disse que eu tinha que parar de procurar o Pó e tratar de ajudar você. Eu tinha que ajudar você a encontrar o seu pai. E eu podia mesmo, podia levar você onde ele estiver, se eu tivesse o aletômetro. Mas eu não quis ouvir. Simplesmente fiz o que queria fazer, mas não devia...

Ele já a tinha visto usar o aletômetro, e sabia que o instrumento podia mesmo contar-lhe a verdade. Então deu-lhe as costas. Ela agarrou o pulso dele, mas ele desvencilhou-se e caminhou até a beira d'água. As crianças brincavam novamente no outro extremo do porto. Lyra correu até ele, e disse:

- Will, estou tão arrependida...

- De que adianta isso? Não quero saber se está arrependida ou não. Você errou.

- Mas Will, nós temos que ajudar um ao outro, você e eu, porque não temos mais ninguém.

- Não vejo como.

- Nem eu, mas...

Ela cortou a frase no meio, e seus olhos brilharam. Virou-se e saiu correndo de

volta à mochila abandonada na calçada, pondo-se a remexer febrilmente dentro dela.

- Sei quem ele é! E onde mora! Veja! - disse, estendendo o pequeno cartão de visita. - Ele me deu isso no museu! Podemos ir lá pegar o aletômetro de volta!

Will pegou o cartão e leu:

Sir Charles Latrom

Comandante da Ordem do Império Britânico

Mansão Limefield

Old Headington

Oxford

- Ele é importante - comentou. - É um Cavalheiro. Isso quer dizer que as pessoas vão automaticamente acreditar nele e não em nós. De qualquer maneira, o que é que você quer que eu faça? Chame a polícia? A polícia está

me caçando! Se não estavam ontem, agora estarão. E se você for, eles sabem quem você é, e sabem que você me conhece, de modo que isso também não ia funcionar .

- Podíamos roubar o aletômetro. Podíamos ir até a casa dele e roubar o aletômetro. Sei onde fica Headington, existe esse lugar na minha Oxford também. Não é longe. Podíamos chegar lá em uma hora a pé, facilmente.

- Você é tão boba!

- Iorek Byrnison iria lá direto e arrancaria a cabeça dele. Queria que ele estivesse aqui. Ele iria...

Lyra silenciou. Will simplesmente olhava para ela, e ela se sentiu intimidada. Teria se intimidado do mesmo modo se um urso de armadura tivesse olhado para ela desse jeito, porque havia alguma coisa parecida com Iorek nos olhos de Will, por mais jovem que ele fosse.

- Nunca ouvi uma coisa tão estúpida - disse ele. - Acha que podemos simplesmente ir até a casa dele, entrar escondidos e roubar o aletômetro?

Você tem que pensar, usar essa sua porcaria de inteligência. Se ele é assim tão rico, deve ter todo tipo de alarmes contra ladrões e coisas assim, deve haver sirenes que disparam, trancas especiais e luzes infravermelhas que acendem automaticamente...

- Nunca ouvi falar nestas coisas - disse Lyra. – Não temos nada disso no meu mundo. Eu não sabia, Will.

- Está bem, então pense no seguinte: ele tem a casa inteira para esconder o aletômetro, e quanto tempo um ladrão teria para procurar em todos os armários e gavetas e esconderijos da casa inteira? Aqueles homens que entraram na minha casa tiveram horas para procurar e não encontraram o que queriam, e aposto que a casa dele é muito maior que a minha. E ele com certeza tem cofre, também. Então, mesmo conseguindo entrar na casa, nós não vamos ter tempo para encontrar o aletômetro antes que a polícia chegue. Ela baixou a cabeça. Infelizmente aquilo tudo era verdade.

-Então, o que é que vamos fazer? - perguntou.

Ele não respondeu. Mas tratava-se de nós, sem dúvida - agora, gostando ou não, estava preso a ela.

Caminhou até a beira d'água e de volta ao terraço, e novamente até a água. Batia as mãos uma na outra, procurando em vão uma resposta, e sacudia a cabeça com raiva.

- Ir até lá - disse finalmente. - Ir até lá falar com ele. Não adianta pedir ajuda à sua Catedrática, também, se a polícia já chegou até ela. Ela certamente vai acreditar neles e não em nós. Pelo menos, entrando na casa dele, vamos ver onde ficam os aposentos principais. Já é um começo. Sem outra palavra ele entrou na casa e guardou as cartas debaixo do travesseiro no quarto onde estava dormindo. Assim, se fosse preso, eles nunca teriam as cartas.

Lyra estava esperando no terraço, com Pantalaimon empoleirado em seu ombro como andorinha. Ela parecia mais animada.

-Vamos pegar ele de volta - afirmou. - Eu sinto que vamos. Ele não respondeu, e

os dois partiram rumo à janela.

Caminharam uma hora e meia até chegarem a Headington. Lyra indicava o caminho, evitando o centro da cidade, Will vigiava em volta, sem nada dizer. Para Lyra as coisas estavam muito mais difíceis agora do que até

mesmo no Ártico a caminho de Bolvangar, pois naquela ocasião lá estavam os gípcios e Iorek Byrnison, e mesmo que a tundra estivesse cheia de perigos, era possível reconhecer o perigo quando ele surgia.

Aqui, nesta cidade que era sua e não era, o perigo podia ter aparência amigável, e a traição sorria e cheirava bem e mesmo que não fossem matá-la ou separá-la de Pantalaimon, tinham roubado dela o seu único guia. Sem o aletômetro ela era apenas uma menininha perdida.

A Mansão Limefield tinha a cor cálida do mel, e metade da fachada estava coberta de hera. Ficava num jardim amplo e bem tratado, com uma cerca-viva a um lado e uma alameda de cascalho para automóveis que serpenteava até a porta principal. O Rolls Royce estava parado diante de uma garagem dupla, à esquerda. Tudo que Will enxergava cheirava a dinheiro e poder, o tipo de superioridade informal e estabelecida que algumas pessoas da aristocracia inglesa ainda achavam natural. Havia alguma coisa naquilo tudo que o fazia cerrar os dentes, e ele não sabia por quê, até que de repente lembrou-se de uma ocasião, quando era bem novinho - sua mãe o levara a uma casa parecida com essa... Os dois usavam suas melhores roupas, e ele tinha que se comportar o melhor possível, e um casal de velhos fez a mãe dele chorar, e eles foram embora da casa, ela ainda chorando... Lyra viu que ele tinha a respiração acelerada e os punhos cerrados, mas ela era suficientemente sensível para não fazer perguntas: era algo que dizia respeito a ele, não a ela. Will respirou fundo.

- Bom, não Custa tentar - disse.

Subiu a alameda, com Lyra logo atrás. Sentiam-se muito vulneráveis. A porta tinha um puxador antiquado, como os do mundo de Lyra, e Will não conseguiu descobrir como se tocava a campainha até que Lyra lhe mostrou. Quando o puxaram, a campainha tocou longe, dentro da casa. O homem que abriu a porta era o motorista do carro, só que sem o quepe. Primeiro ele olhou para Will, depois para Lyra, e sua expressão modificou-se um pouco.

- Queremos ver Sir Charles Latrom - Will anunciou.

Tinha o queixo erguido, como na véspera, ao enfrentar as crianças que jogavam pedras junto à torre. O criado assentiu.

- Esperem aqui - disse. - Vou avisar Sir Charles.

Ele fechou a sólida porta de carvalho, com duas trancas pesadas, e fechos em cima e embaixo - embora Will achasse que nenhum ladrão sensato iria tentar a porta da frente. E havia um alarme contra ladrões instalado em lugar bem visível na fachada da casa, e um grande holofote em cada esquina, nunca conseguiriam se aproximar da casa, muito menos penetrar nela. Passos regulares vieram até a porta, que tornou a se abrir. Will olhou para o rosto daquele homem que já possuía tanta coisa e ainda cobiçava mais, e achou-o intrigantemente tranqüilo e seguro de si, nem um pouco culpado ou embaraçado.

Sentindo que a seu lado Lyra se encontrava impaciente e zangada, Will disse depressa:

- Com sua licença, Lyra acha que quando pegou uma carona com o senhor, hoje mais cedo, ela esqueceu um objeto dentro do carro.

- Lyra? Não conheço nenhuma Lyra. Que nome incomum! Conheço uma menina chamada Lizzie. Quem é você?

Amaldiçoando-se por ter esquecido, Will disse:

- Sou Mark, o irmão dela.

- Entendo. Olá Lizzie, ou Lyra. É melhor entrarem.

Ele deu um passo para o lado. Nem Will nem Lyra esperavam por isso, e entraram com hesitação. O vestíbulo estava em penumbra e cheirava a cera de abelha e flores. Todas as superfícies estavam limpas e enceradas, e uma estante de mogno encostada à parede continha delicadas figurinhas de porcelana. Will viu o criado de pé à distância, como se esperasse ser chamado.

- Vamos para o meu escritório - disse Sir Charles, abrindo outra porta do vestíbulo.

Ele estava se mostrando cortês, até mesmo acolhedor, mas havia em seus modos alguma coisa que deixou Will em guarda. O escritório era amplo e confortável,

um ambiente de charutos e poltronas de couro, e parecia estar cheio de estantes, quadros, troféus de caça. Havia três ou quatro estantes com portas de vidro contendo antigos instrumentos científicos: microscópios de cobre, telescópios encapados em couro verde, sextantes, bússolas; era óbvio o seu motivo para querer o aletômetro.

- Sentem-se - disse Sir Charles, indicando um sofá de couro. Acomodou-se na cadeira atrás da escrivaninha e continuou: - E então? O que é

que vocês têm a dizer?

- O senhor roubou... - Lyra começou, com raiva.

Mas Will olhou para ela, e ela silenciou.

- Lyra acha que deixou uma coisa no seu carro - tornou a dizer ele. Viemos pegar de volta.

- Está falando deste objeto? - disse, abrindo uma gaveta da escrivaninha.

Tirou de dentro um embrulho de veludo. Lyra levantou-se. Ele a ignorou e desdobrou o pano, mostrando o esplendor dourado do aletômetro descansando na palma da sua mão.

- É, sim! - explodiu Lyra, estendendo a mão para o aletômetro. Mas o homem fechou a mão. A escrivaninha era larga, e Lyra não conseguia ultrapassá-la, e antes que ela pudesse fazer alguma coisa ele girou e colocou o aletômetro numa estante de porta de vidro, trancou-a e colocou a chave no bolsinho do colete.

- Mas isso não é seu, Lizzie - disse. - Ou Lyra, se é este o seu nome.

- É meu, sim! É o meu aletômetro!

Ele sacudiu a cabeça com ar triste, como se estivesse a repreendê-la e isso lhe causasse dor, mas era para o próprio bem dela.

- Acho que no mínimo existem sérias dúvidas quanto a isso - disse.

- Mas é dela! - disse Will! - Eu juro! Ela mostrou ele para mim! Sei que é dela!

- Entendam, acho que vocês teriam que provar isso - o homem retrucou. -Eu não preciso provar coisa alguma, porque tenho a posse dele, então parte-se do princípio de que ele é meu, como todos os outros itens da minha coleção. Devo dizer, Lyra, que fico surpreso ao perceber que você é tão desonesta...

- Eu não sou desonesta nada! - Lyra gritou.

- Ah, é, sim. Você me disse que o seu nome era Lizzie, agora vejo que não é. Francamente, você não tem a menor chance de convencer alguém que uma peça preciosa como esta lhe pertence. Vou lhe dizer o que vamos fazer: vamos chamar a polícia.

Ele se virou para chamar o criado.

- Não, espere - disse Will, antes que Sir Charles abrisse a boca, mas Lyra correu em volta da mesa, e de repente Pantalaimon estava nos braços dela, um feroz gato selvagem mostrando os dentes e rosnando para o velho. Sir Charles pestanejou diante daquela aparição, mas não se perturbou.

- O senhor nem sabe o que roubou! - Lyra bradou. - Me viu usando ele e resolveu roubar ele, e roubou. Mas o senhor, o senhor é pior do que a minha mãe, ela pelo menos sabe que o aletômetro é importante, e o senhor vai colocar ele numa estante e não vai fazer nada com ele! O senhor devia morrer!

Se eu puder, vou fazer alguém matar o senhor. O senhor não merece ficar vivo. O senhor é...

Ela não conseguiu dizer mais nada, a única coisa que podia fazer era cuspir na cara dele - e foi o que fez, com toda força.

Will continuava sentado, imóvel, observando, olhando em volta, memorizando onde ficava cada coisa.

Sir Charles calmamente pegou um lenço de seda e limpou-se.

- Não sabe se controlar? - falou. - Vá se sentar, sua pivete imunda. Lyra sentiu lágrimas saltando de seus olhos com a força do tremor do seu corpo, e jogou-se sobre o sofá. Pantalaimon, com a cauda ereta, ficou no colo dela, com os olhos em brasa fixos no homem.

Will continuou sentado, confuso. Sir Charles poderia tê-los expulsado muito tempo antes; o que ele estava pretendendo?

E então ele viu algo tão bizarro que achou que tinha imaginado. Da manga do paletó de linho de Sir Charles, junto ao punho branco da camisa, assomou a cabeça cor de esmeralda de uma cobra. A língua branca surgiu e vibrou para um lado e para outro, e a cabeça cheia de escamas, com seus olhos negros orlados de dourado, moveram-se de Lyra para Will e de volta para a garota. Lyra estava zangada demais para perceber essa cena, e Will viu-a apenas durante uns segundos, antes que a cobra se retraísse novamente para dentro da manga do paletó do velho, mas foi o suficiente para que ele arregalasse os olhos de susto.

Sir Charles foi até a janela e calmamente sentou-se no banco sob ela, ajeitando o vinco das calças.

- Acho melhor me escutar, em vez de se comportar deste modo descontrolado - declarou. - Você não tem escolha. O instrumento está comigo e vai continuar comigo. Eu o quero para mim. Sou colecionador. Você pode cuspir, bater pé e gritar quanto quiser, mas quando tiver conseguido convencer alguém a escutá-la, já terei muitos documentos provando que eu o comprei. Posso fazer isso com a maior facilidade. E então você nunca vai tê-lo de volta. As crianças nada disseram, pois ele ainda não tinha terminado. Uma enorme perplexidade pesava no coração de Lyra, tornando o aposento muito quieto. Ele continuou:

- No entanto, existe uma coisa que eu desejo ainda mais. E não consigo obtê-la por mim mesmo, de modo que estou preparado para fazer um trato com vocês. Vocês me trazem o objeto que eu quero, e eu lhes devolverei esse... Como foi mesmo que você chamou?

- Aletômetro - disse Lyra em voz fraca.

- Aletômetro... Que interessante! Aletheia, verdade... Os símbolos... É, estou entendendo.

- Qual é essa coisa que o senhor quer? - Will perguntou. - E onde é

que ela está?

- Num lugar aonde eu não posso ir, mas vocês podem. Sei perfeitamente que vocês encontraram uma porta em algum lugar. Acredito que não seja muito

distante de Summertown, onde eu deixei Lizzie, ou Lyra, esta manhã. E do outro lado da porta existe um outro mundo, sem pessoas adultas. Estou certo até agora? Bem, o homem que fez aquela porta tem uma faca. Neste momento ele está escondido nesse outro mundo, com muito medo. E

tem razão para ter medo. Se ele está onde eu penso que está, é numa velha torre de pedra com anjos entalhados em volta da porta. A Torre degli Angeli. E finalizou:

- De modo que é lá que vocês têm que ir, e não me importo como vão fazer isso, mas quero aquela faca. Tragam-na para mim e poderão ficar com o aletômetro. Vai ser uma pena perdê-lo, mas sou um homem de palavra. É isto que vocês têm que fazer: me trazer a faca.

8 - A TORRE DOS ANJOS

- Quem é esse homem que está com a faca? - perguntou Will. Estavam no Rolls Royce, atravessando Oxford. Sir Charles estava sentado na frente, virado para trás, e Will e Lyra sentavam-se no banco traseiro, com Pantalaimon, agora um rato, acalmado pelas mãos de Lyra.

- Uma pessoa que tem tanto direito à faca quanto eu ao aletômetro respondeu Sir Charles. - Infelizmente para todos nós, o aletômetro está comigo e a faca está com ele.

- Como é que o senhor sabe sobre o outro mundo, afinal?

- Sei de muitas coisas que vocês não sabem. Que mais poderiam esperar? Afinal, sou bem mais velho que vocês, e consideravelmente melhor informado. Existem várias portas entre este mundo e o outro, aqueles que sabem onde elas estão podem passar de um lado a outro com facilidade. Em Cittàgazze existe uma Liga de homens eruditos, ou pretensamente eruditos, que costumavam fazer isso o tempo todo.

- O senhor não é deste mundo! - Lyra exclamou de repente. - É

daquele, não é?

E novamente ela sentiu um estranho cutucão da memória. Tinha quase certeza de que já o tinha visto.

- Não sou, não - ele respondeu.

Will interveio:

- Se temos que tirar a faca desse homem, precisamos saber mais sobre ele. Ele não vai simplesmente nos dar a faca, vai.

- Claro que não. É a única coisa que faz os Espectros ficarem longe. Não vai ser uma coisa fácil, de jeito algum.

- Os Espectros têm medo da faca?

- Muito medo.

- Por que eles só atacam os adultos?

- Não é necessário saber isso agora. Não faz diferença. - Sir Charles voltou-se para a menina. - Lyra, fale-me sobre o seu notável amigo. Ele estava se referindo a Pantalaimon. E assim que ele falou isso, Will entendeu que a cobra que ele vira escondida na manga do velho era também um daemon, e que Sir Charles devia vir do mundo de Lyra. Estava perguntando por Pantalaimon para disfarçar, isso significava que ele não tinha percebido que Will tinha visto o seu daemon.

Lyra ergueu Pantalaimon junto ao peito e ele tornou-se um rato negro, que enrolou a cauda em várias voltas em torno do pulso dela e encarou Sir Charles com ódio em seus olhos vermelhos.

- Não era para o senhor ver ele - ela disse. - É o meu daemon. O

senhor acha que neste mundo aqui não tem daemons, mas tem, sim. O seu seria um rola-bosta.

Ele retrucou:

- Se os Faraós do Egito ficavam contentes por serem representados por um escaravelho, eu também fico. Bem, você vem de outro mundo ainda. Que interessante. Foi de lá que veio o aletômetro, ou você o roubou durante as suas viagens?

- Eu ganhei ele - disse Lyra, furiosa. - O Reitor da Universidade Jordan na minha

Oxford me deu ele. É meu por direito. E o senhor não saberia o que fazer com ele, seu velho estúpido e fedorento, o senhor nunca iria conseguir ler ele, nem em mil anos. Para o senhor, é só um brinquedo. Mas eu preciso dele, e Will também. Nós vamos pegar ele de volta, não se engane.

- Veremos - fez Sir Charles. - Bem, foi aqui que deixei você da outra vez. Querem ficar aqui mesmo?

- Não -respondeu Will, tendo avistado um carro da polícia. - O senhor não pode ir a Ci'gazze por causa dos Espectros, de modo que não faz diferença saber onde fica a janela. Vamos mais para frente, na direção da via de acesso.

- Como quiser - disse Sir Charles, e o carro seguiu em frente. Quando, ou se, vocês pegarem a faca, liguem para mim e Allan virá buscá-los. Nada mais disseram até o motorista parar o carro. Quando os dois iam saindo, Sir Charles baixou o vidro da janela e disse a Will:

- Se vocês não conseguirem pegar a faca, nem se dêem ao trabalho de voltar. Se forem à minha casa sem ela, vou chamar a polícia. Imagino que eles vão correr para lá, quando souberem o seu verdadeiro nome. É William Parry, não é? Eu já imaginava. O jornal de hoje traz uma boa fotografia sua. E o carro se afastou. Will estava sem fala. Lyra sacudiu-lhe o braço.

- Não tem problema, ele não vai contar a ninguém - disse ela. - Senão já teria feito isso. Vamos.

Dez minutos depois, estavam na pracinha no sopé da Torre dos Anjos. Will contou a ela sobre o daemon-cobra, e ela estancou no meio da rua, novamente atormentada pelo vislumbre de uma lembrança. Quem era aquele velho? Onde ela o tinha visto? Não adiantava, a lembrança não ficava nítida.

- Eu não quis contar a ele, mas vi um homem lá em cima ontem à noite

- ela contou. - Ele olhou para baixo quando as crianças estavam fazendo aquela algazarra...

- Como ele era?

- Bem moço, de cabelos cacheados. Nem um pouco velho. Mas só vi ele um instante, bem lá no alto, por cima do parapeito. Achei que ele podia ser o...

Lembra-se de Angélica e Paolo? Ele disse que tinham um irmão mais velho que também tinha vindo para a cidade, e ela não deixou Paolo contar o resto, como se fosse um segredo? Pois bem, achei que podia ser ele. Ele podia estar atrás da faca, também. E imagino que todas as crianças estão sabendo. Acho que foi por isso que elas voltaram para cá.

- Hum... Talvez - disse ele, olhando para cima.

Ela se lembrou da conversa das crianças: nenhuma criança entrava na torre, elas disseram, havia coisas apavorantes lá e ela se lembrou da sua própria sensação de inquietação quando ela e Pantalaimon olharam pela porta entreaberta.

Talvez fosse por isso que era preciso um adulto para entrar lá. O daemon agora voejava em torno da cabeça dela, em forma de traça, sussurrando ansiosamente.

- Quieto - ela sussurrou de volta. - A culpa foi nossa. Temos que consertar as coisas, e este é o único jeito.

Will dirigiu-se para a direita, acompanhando a parede da torre. Na esquina havia uma passagem estreita, com o piso de pedras, entre a torre e o muro do prédio seguinte, e Will entrou por ali, olhando para o alto, avaliando o lugar. Lyra seguiu-o.

Ele parou debaixo de uma janela na altura do segundo andar e perguntou a Pantalaimon:

- Consegue voar até lá? Consegue olhar lá dentro?

Pantalaimon imediatamente se transformou numa andorinha e alçou vôo. Mal conseguiu alcançar a janela, Lyra engasgou e soltou um gemido quando ele pousou na moldura da janela, e ele ficou ali durante um ou dois segundos apenas, antes de tornar a descer. Ela suspirou e respirou fundo várias vezes, como uma pessoa que escapou de morrer afogada. Will, confuso, franziu atesta.

- É ruim, quando o daemon se afasta da gente, isso dói... - ela explicou.

- Sinto muito. Viu alguma coisa? - ele quis saber.

- Uma escada - disse Pantalaimon. - Uma escada e salas escuras. Havia espadas penduradas na parede, e lanças e escudos, como um museu. E

eu vi um homem. Ele estava... dançando.

- Dançando?

- Indo de um lado para outro, sacudindo a mão. Ou parecia que estava lutando contra alguma coisa invisível... Ele estava do Outro lado de uma porta aberta. Não vi muito bem.

- Lutando com um Espectro? - Lyra adivinhou.

Mas não conseguiriam descobrir mais que isso, portanto seguiram caminho. Atrás da torre, um alto muro de pedra com o topo coberto de cacos de vidro rodeava um pequeno jardim com canteiros de ervas em volta de um chafariz (mais uma vez Pantalaimon alçou vôo para olhar); e depois havia um beco do outro lado, que os levou de volta à praça. As janelas nas paredes da torre eram pequenas e fundas como olhos.

- Então vamos ter que entrar pela frente – Will decidiu.

Subiu os degraus e empurrou a porta, escancarando-a.

O sol entrou, e as pesadas dobradiças rangeram. Ele deu um ou dois passos para dentro e, não vendo ninguém, avançou mais. Lyra seguia-o de perto. O piso era feito de lajes de pedra desgastadas pelos séculos, e o ar ali dentro era frio.

Will rumou para a escada que levava ao porão e desceu alguns degraus, o suficiente para ver que ela desembocava num aposento comprido, de teto baixo, tendo numa extremidade uma imensa fornalha apagada, com as paredes negras de fuligem, mas não havia ninguém, e ele voltou para o saguão da entrada, onde encontrou Lyra olhando para o alto,com o dedo nos lábios.

- Estou ouvindo ele - cochichou ela. - Está falando sozinho, eu acho. Will prestou atenção, e ouviu também: um murmúrio baixo e cantado, interrompido ocasionalmente por uma risada ríspida ou uma exclamação de raiva. Parecia a voz de um louco. Will respirou fundo e começou a subir a escada. Ela era feita de carvalho escurecido, imensa e larga, com degraus tão gastos quanto as pedras do piso e sólidos demais para rangerem sob o peso de alguém. A luz diminuía à medida que eles subiam, porque a única iluminação era a janelinha pequena e funda em cada patamar. Subiram um andar, pararam para escutar, subiram o seguinte, e o som da voz masculina misturava-se agora com o de passos

ritmados. Vinha de um aposento que ficava no outro lado do patamar e cuja porta estava entreaberta. Will foi até lá pé ante pé e abriu-a mais alguns centímetros, para poder espiar.

Era uma sala ampla, com o teto cheio de teias de poeira.

As paredes eram cobertas por estantes com livros mal conservados, as encadernações se desmanchando ou deformadas pela umidade. Vários volumes estavam jogados no chão, abertos no assoalho ou sobre largas mesas empoeiradas, e outros tinham sido enfiados no lugar de maneira brutal e desajeitada.

No centro da sala, um rapaz dançava. Pantalaimon tinha razão: parecia estar fazendo exatamente isso. Estava de costas para a porta, e ia para um lado, depois para o outro, enquanto movia sem cessar a mão na frente do corpo como se estivesse abrindo caminho através de obstáculos invisíveis. Nessa mão havia uma faca - não uma faca de aparência especial, mas simplesmente uma lâmina fosca de uns 25 centímetros de comprimento, e ele lançava-a para a frente, golpeava para o lado, tateava para a frente com ela, movia-a para cima e para baixo, tudo isso no vazio.

Fez menção de virar-se, e Will recuou. Levou um dedo aos lábios e chamou Lyra com um gesto, depois subiu na frente dela para o andar seguinte.

- O que é que ele está fazendo? - ela cochichou.

Ele descreveu o melhor que pôde.

- Parece coisa de maluco - ela comentou. - Ele é magro, de cabelos cacheados?

- É. Cabelos ruivos, como os de Angélica. E parece mesmo maluco. Não sei, não, acho isso mais esquisito do que o que Sir Charles falou. Vamos investigar mais, antes de falarmos com ele.

Ela não questionou, seguiu-o por outra escada até o último andar. Ali era muito mais claro, porque um lance de degraus pintados de branco levava ao telhado - ou, melhor, a uma estrutura de madeira e vidro, como uma pequena estufa.

Mesmo no pé dessa escada eles sentiam o calor que a estufa estava absorvendo.

Enquanto estavam ali parados, ouviram um gemido vindo de cima. Os dois deram um pulo - tinham certeza de que só havia aquele homem na Torre. Pantalaimon levou um susto tão grande, que na mesma hora mudou de gato para passarinho e voou para o peito de Lyra. Will e Lyra perceberam então que estavam de mãos dadas, e soltaram as mãos lentamente.

- Melhor ir ver - Will sussurrou. - Eu vou na frente.

- Eu devia ir na frente - ela sussurrou de volta. – Já que a culpa é

minha.

- Já que a culpa é sua, você tem que fazer o que eu mandar . Ela fez beicinho, mas deixou-o ir primeiro.

Ele subiu em direção ao sol. A luz na estrutura de vidro era cegante. O

ar também era quente como numa estufa, e Will não conseguia ver nem respirar direito. Encontrou uma maçaneta, girou-a e saiu depressa, levantando a mão para tapar o sol nos olhos.

Encontrou-se num telhado de chumbo rodeado por um parapeito de ameias. A estrutura de vidro ficava no centro, e em toda a volta o chumbo tinha um ligeiro declive em direção a uma calha que corria paralela ao lado interno do parapeito, com furos quadrados para escoar a água da chuva. Deitado no chumbo, em pleno sol, estava um homem de cabelos brancos. Tinha o rosto machucado, um dos olhos estava fechado, e ao se aproximarem os dois viram que ele tinha as mãos amarradas nas costas. Ele ouviu-os chegar e tornou a gemer, tentando virar-se para evitar o sol.

- Está tudo bem, não vamos machucar o senhor – disse Will baixinho. O homem da faca fez isto com o senhor?

- Mmm - fez o velho.

- Vamos tirar a corda. Não está muito bem amarrada...

O nó tinha sido feito de maneira desajeitada e apressada, e Will conseguiu desatá-lo com facilidade. Os dois ajudaram o ancião a se levantar e levaram-no para a sombra do parapeito.

- Quem é o senhor? - Will perguntou. - Não sabíamos que havia duas pessoas aqui. Pensamos que era só uma.

- Giacomo Paradisi - o velho balbuciou entre os dentes quebrados. Sou o portador. Ninguem maIs. Aquele rapaz roubou a faca de mim. Sempre existem uns tolos que se arriscam assim por causa dela. Mas esse aí está

desesperado. Ele vai me matar...

- Não vai, não - disse Lyra. - O que quer dizer portador? O que significa?

- Significa que a faca mágica fica comigo, por ordem da Liga. Para onde ele foi?

- Está lá embaixo - disse Will. - Nós passamos por ele. Ele não viu a gente. Estava sacudindo a faca no ar...

- Tentando cortar até o outro lado. Não vai conseguir. Quando ele...

- Cuidado - avisou Lyra.

Will virou-se. O rapaz estava subindo para o pequeno abrigo de madeira. Ainda não os tinha visto, mas não havia onde se esconder, e quando as crianças se levantaram ele percebeu o movimento e girou para enfrentá-los. Pantalaimon imediatamente virou urso e ergueu-se nas patas traseiras. Somente Lyra sabia que ele não conseguiria tocar no outro homem, e este pestanejou e encarou-o por um segundo, mas Will percebeu que na verdade ele não tinha enxergado coisa alguma. Aquele homem estava louco. Tinha os cabelos ruivos empapados, o queixo sujo de saliva, as pupilas dos olhos rodeadas de branco por todos os lados.

E tinha a faca, ao passo que eles não tinham arma alguma. Will deu um passo para o centro do telhado, afastando-se do ancião, e agachou-se, pronto para lutar ou saltar de lado.

O rapaz avançou e tentou atingi-lo com a faca, à esquerda, à direita, à

esquerda, cada vez mais perto, fazendo Will recuar até ficar encurralado num canto onde dois lados da torre se encontravam.

Enquanto isso, Lyra se aproximava do homem por trás, com a corda na mão. De

súbito Will saltou para a frente, como tinha feito com o intruso em sua casa, e com o mesmo efeito: seu antagonista tropeçou para trás inesperadamente, caindo por cima de Lyra e batendo no chumbo. Tudo acontecia depressa demais para Will sentir medo. Mas ele teve tempo de ver a faca voar da mão do homem e cair a poucos metros de distância, cravada no telhado de chumbo, enterrando-se até o punho, como se estivesse cravada numa barra de manteiga.

No mesmo instante o rapaz girou e estendeu a mão para a faca, e Will jogou-se nas costas dele, agarrando-o pelos cabelos. Tinha aprendido a brigar na escola: havia muitas ocasiões para isso, depois que as outras crianças sentiram que havia alguma coisa diferente na mãe dele. E ele tinha aprendido que o objetivo de uma briga na escola não era ganhar pontos pelo estilo, mas forçar o inimigo a desistir, o que significa machucá-lo mais do que estava sendo machucado. Ele sabia que tinha que estar disposto a machucar os outros, e tinha percebido que pouca gente estava, na hora H, mas sabia que ele, sim, estava.

De modo que aquilo não lhe era desconhecido, mas ele nunca tinha brigado com um rapaz quase adulto, armado de faca, e precisava a todo custo impedir que o outro conseguisse pegá-Ia de volta, agora que a tinha deixado cair.

Entrelaçou os dedos nos cabelos grossos e úmidos do rapaz e puxou com toda a força. O rapaz gemeu e jogou-se de lado, mas Will agarrou-se ainda mais, e seu oponente rugiu de dor e raiva.

Esticou-se e jogou-se para trás, esmagando Will entre o seu corpo e o parapeito, e isso foi demais para Will, que perdeu o fôlego com o choque e afrouxou os dedos. O homem desvencilhou-se.

Will caiu de joelhos na calha, sem ar, mas sabia que não podia ficar ali. Conseguiu pôr-se de joelhos e então tentou ficar de pé - e ao fazer isso enfiou o pé num dos furos de drenagem.

Por um terrível segundo ele achou que tinha pisado no vazio, seus dedos rasparam desesperadamente o chumbo quente. Mas nada aconteceu: sua perna esquerda projetava-se para o vazio, mas o resto dele estava a salvo. Ele puxou o pé de volta para dentro do parapeito e se levantou. O

rapaz tinha chegado até a faca, mas não teve tempo de arrancá-la do chumbo antes de Lyra saltar sobre suas costas, arranhando, chutando, mordendo como um gato selvagem, mas a menina não conseguiu agarrar os cabelos dele, e ele

jogou-a longe. E quando se levantou tinha a faca na mão.

Lyra tinha caído para um lado, com Pantalaimon, agora, como gato selvagem, dentes à mostra, pêlo eriçado. Will enfrentou o rapaz e pela primeira vez viu-o claramente. Não havia dúvida, era mesmo o irmão de Angélica, e ele era mau. Toda a sua mente estava concentrada em Will, e tinha a faca em sua mão.

Mas Will também não estava desarmado.

Ele havia agarrado a corda quando Lyra a soltou, e agora enrolou-a em volta da mão esquerda para proteger-se da faca.

Moveu-se de lado entre o rapaz e o sol, para que seu adversário tivesse que piscar e apertar os olhos. Ainda melhor: a estrutura de vidro lançava reflexos brilhantes nos olhos do rapaz, e Will percebeu que por um instante o outro ficou quase cego.

Saltou para o lado esquerdo do seu oponente, o lado oposto à faca, erguendo a mão esquerda, e chutou com força o joelho do outro. Fizera pontaria com cuidado, e o pé acertou no alvo. O homem caiu com um gemido alto e rolou para longe desajeitadamente.

Will saltou atrás dele, golpeando-o com ambas as mãos e chutando inúmeras vezes, acertando onde conseguia alcançar, forçando-o a recuar cada vez mais na direção da estufa. Se conseguisse levá-lo até o alto da escada... Dessa vez o homem caiu com mais força, e sua mão direita, segurando a faca, bateu no chumbo aos pés de Will.

No mesmo instante Will pisou nela com força, esmagando os dedos do rapaz entre o cabo da faca e o telhado de chumbo, e depois enrolou a corda com mais força em torno da mão e pisoteou pela segunda vez. O rapaz gritou e soltou a faca. De imediato Will chutou-a para longe, tendo sorte por seu sapato ter pegado no cabo, e a faca saiu girando sobre o chumbo até parar na calha, junto a um dos orifícios de drenagem. A corda tinha se desenrolado de novo da sua mão, e parecia haver uma surpreendente quantidade de sangue vindo de algum lugar sobre o chumbo e em seus próprios sapatos. O homem estava se levantando...

- Cuidado! -Lyra gritou, mas Will pusera-se alerta.

No momento em que o outro estava desequilibrado, Will jogou-se em cima dele,

batendo com toda força no abdômen do outro. O homem caiu de costas sobre o vidro, que se estilhaçou no mesmo instante, e a frágil estrutura de madeira também não resistiu. Ele caiu sobre os destroços, metade do corpo pendurado sobre o poço da escada, agarrou-se à moldura da porta, mas ela já

não estava presa e cedeu. Ele despencou no buraco, sob outra chuva de vidro. E Will correu até a calha e pegou a faca, a luta terminara. O rapaz, machucado e arranhado, subiu de novo os degraus e viu Will de pé acima dele, segurando a faca, encarou-o com uma raiva alucinada, depois virou-se e fugiu.

- Ai! - fez Will, sentando-se. - Ai...

Alguma coisa estava muito errada e ele não tinha percebido. Deixou cair a faca e apertou a mão esquerda contra o corpo. A corda estava encharcada de sangue, e quando ele a tirou...

- Os seus dedos! - Lyra suspirou. - Ah, Will...

O dedo mínimo e o anular caíram junto com acorda.

Ele sentiu uma vertigem. O sangue jorrava com força dos tocos que restaram dos dedos, e ele tinha o jeans e os sapatos encharcados. Teve que recostar-se e fechar os olhos por um instante. A dor não era tão grande, e uma parte do seu cérebro registrou esse fato com uma surpresa sem emoção: era mais como um estrondo baixo e persistente, em vez daquela sensação breve e aguda que a pessoa sente quando se corta superficialmente. Ele nunca se sentira tão fraco. Achou até que tinha adormecido por um momento. Lyra estava fazendo alguma coisa no seu braço. Ele endireitou-se para olhar o estrago, e sentiu náuseas. O velho estava ali por perto, mas Will não conseguia ver o que estava fazendo, e enquanto isso Lyra falava com ele.

- Se ao menos a gente tivesse um pouco de musgo-de-sangue... - ela dizia. - É o que os ursos usam. Eu ia poder curar isso, Will, ia mesmo. Escuta, vou amarrar este pedaço de corda em volta do seu braço para segurar o sangue, porque não posso amarrar em volta de onde eram os dedos, não tem onde prender... Fique quieto...

Ele deixou que ela fizesse isso, e olhou em volta à procura dos dedos. Ali estavam, curvados como aspas sanguinolentas, sobre o chumbo. Ele riu.

- Ei, pode parar - disse ela. - Agora levante-se. O Sr. Paradisi tem um remédio, uma pomada, sei lá o que é. Você tem que descer. Aquele outro foi embora, nós vimos ele sair correndo pela porta. Já sumiu. Você derrotou ele. Vamos, Will, vamos...

Com autoridade e um pouco de bajulação ela conseguiu que ele descesse a escada, e eles atravessaram os cacos de vidro e farpas de madeira até um quarto exíguo e fresco que dava para o patamar da escada. As paredes eram cobertas de estantes com garrafas, frascos, potes, pilões e almofarizes, e balanças de farmácia. Sob a janela suja havia um tanque de pedra onde o ancião estava derramando alguma coisa com as mãos trêmulas, de uma garrafa maior para um frasco pequeno.

- Sente-se aqui e beba isto - disse ele, e encheu um copinho com um líquido escuro.

Will sentou-se e pegou o copo. O primeiro gole desceu por sua garganta como fogo. Lyra pegou o copo para que ele não caísse enquanto Will engasgava.

- Beba tudo - ordenou o homem.

- Que é isso?

- Conhaque de ameixa. Beba.

Will bebericou com mais cautela. Sua mão agora doía de verdade.

- Consegue curar ele? - Lyra perguntou com desespero na voz.

- Ah, sim, temos remédio para tudo. Você, menina, abra aquela gaveta e me traga uma gaze.

Will viu a faca sobre a mesa no centro do aposento, mas antes que pudesse pegá-la o ancião veio mancando em sua direção com uma jarra com água.

- Beba mais - disse.

Will agarrou o copo com força e fechou os olhos enquanto o homem fazia alguma coisa na sua mão. A ardência foi horrível, mas em seguida ele sentiu a fricção áspera de uma toalha em seu pulso e alguma coisa enxugando a ferida

com mais suavidade. Então houve uma sensação fria por um instante, depois começou a doer de novo.

- Esta é uma pomada preciosa - disse o ancião. - Muito difícil de obter. Muito boa para ferimentos.

Era uma bisnaga velha e empoeirada de pomada anti-séptica comum, que Will poderia comprar em qualquer farmácia do seu mundo. O ancião segurava-a como se fosse feita de mirra. Will desviou os olhos. E enquanto o homem fazia um curativo, Lyra sentiu Pantalaimon chamando-a silenciosamente para ir espiar pela janela. Ele era um gavião empoleirado na moldura da janela aberta, e tinha percebido um movimento lá

embaixo. Ela juntou-se a ele e viu uma figura conhecida: a menina Angélica corria para seu irmão mais velho, Tullio, que estava parado com as costas apoiadas no muro do outro lado da passagem lateral, mexendo os braços no ar como se tentasse manter longe do rosto uma nuvem de morcegos. Ele então se virou e começou a passar as mãos pelas pedras do muro, examinando cada uma delas com atenção, contando-as, tateando pelas beiradas, curvando-se como se fugisse de alguma coisa às suas costas, sacudindo a cabeça. Angélica estava desesperada, assim como o pequeno Paolo atrás dela, ambos chegaram até o irmão, agarraram-no pelos braços e tentaram puxá-lo para longe do que quer que o estivesse perturbando. Com um espasmo de náusea, Lyra compreendeu o que estava acontecendo: o rapaz estava sendo atacado pelos Espectros. Angélica sabia disso, embora naturalmente não conseguisse vê-los, e o pequeno Paolo chorava e golpeava o ar, tentando afastá-los, mas não adiantava, Tullio estava perdido. Seus movimentos ficaram cada vez mais letárgicos, e finalmente cessaram de todo. Angélica agarrou-se ao irmão mais velho, estremecendo e sacudindo o braço dele, mas nada o despertava; e Paolo gritava o nome do irmão sem cessar, como se isso fosse trazê-lo de volta. Então foi como se Angélica sentisse que Lyra a observava, e olhou para cima. Por um instante seus olhos se encontraram. Lyra teve um estremecimento, como se a garota a tivesse golpeado de verdade, tão intenso era o ódio nos olhos dela, e então Paolo viu-a olhando e olhou para cima também, e gritou com sua voz de menino:

- Nós vamos te matar! Você fez isso com Tullio. Nós vamos te matar!

As duas crianças viraram-se e saíram correndo, deixando para trás o irmão ferido, e Lyra, sentindo-se assustada e culpada, afastou-se da janela e fechou-a.

Os outros nada tinham ouvido. Giacomo Paradisi estava colocando mais pomada nos ferimentos, e Lyra tentou tirar da cabeça aquilo que tinha presenciado e concentrar-se em Will.

- Tem que amarrar alguma coisa em volta do braço dele para segurar o sangue. Senão não vai parar.

- É, é, eu sei - disse o velho, mas com tristeza.

Will manteve os olhos desviados enquanto eles faziam um curativo e bebeu o conhaque de ameixa aos golinhos. Finalmente sentiu-se aliviado e distante, embora a mão agora lhe doesse insuportavelmente.

- Agora, aqui está, pegue a faca, ela é sua – disse Giacomo Paradisi.

- Eu não quero - disse Will. - Não quero ter nada a ver com ela.

- Você não tem escolha - afirmou o ancião. – Agora é o portador .

- Pensei que fosse o senhor - intrometeu-se Lyra.

- O meu tempo acabou. A faca sabe quando deixar uma mão e procurar outra, e eu sei distinguir. Não acredita em mim. Ele ergueu a mão esquerda. O dedo mínimo e o anular estavam faltando, exatamente como os de Will.

- É, eu também - disse. - Lutei e perdi os mesmos dedos. É o emblema do portador. E também não sabia de antemão.

Lyra sentou-se, de olhos arregalados. Will apoiou-se na mesa empoeirada com a mão boa. Esforçava-se para encontrar as palavras.

- Mas eu... Só viemos aqui porque... Um homem roubou uma coisa de Lyra e ele queria a faca, e disse que se a gente levasse a faca para ele, então ele ia...

- Conheço esse homem. Ele é mentiroso, um vigarista. Não ia lhes dar coisa alguma, não se enganem. Ele quer a faca, e quando a tiver vai trair vocês. Ele nunca será o portador. A faca é sua por direito. Com pesada relutância Will virou-se para a própria faca e puxou-a em sua direção. Era uma adaga de aparência comum: lâmina de dois gumes, de metal fosco, com uns 20 centímetros de comprimento, um travessão curto do mesmo metal e cabo de pau-

rosa. Ao examiná-la com mais atenção, o garoto percebeu que na madeira do cabo estavam encastoados fios dourados formando um desenho que ele não reconheceu até virar a faca e ver do outro lado um anjo de asas dobradas, no lado oposto havia um anjo diferente, com as asas abertas. Os fios ressaltavam um pouco da madeira, permitindo uma pegada firme, e ao segurar a faca na mão Will sentiu que ela era leve, forte e tinha um equilíbrio perfeito, e que a lâmina afinal não era fosca - aliás, parecia que sob a superfície do metal havia um redemoinho de cores nubladas: os roxos de um hematoma, os azuis do mar, os marrons da terra, os cinzentos das nuvens e os verde-escuros que se encontram sob uma árvore de copa densa, as sombras que se agrupam na boca de uma sepultura quando a tarde cai sobre um cemitério deserto.

Se existe algo como sombras coloridas, era o que refletia a lâmina da faca sutil.

Mas os gumes eram diferentes - aliás, os dois gumes eram diferentes entre si. Um era de aço claro e brilhante, que logo se fundia àquelas sutis sombras coloridas, mas um aço de agudeza incomparável, Will não conseguiu manter o olhar nele, tão afiado ele parecia. O outro gume era igualmente afiado, mas de cor prateada, e Lyra, que olhava por cima do ombro de Will, exclamou:

- Já vi esta cor! É a mesma da lâmina que iam usar para me separar do Pan, a mesma!

- Este gume corta qualquer material no mundo – disse Giacomo Paradisi, tocando o aço com o cabo de uma colher.

- Vejam.

O ancião apertou a colher de prata contra a lâmina. Will, que segurava a faca, sentiu uma resistência mínima enquanto a ponta do cabo era cortada e caía sobre a mesa. Ele continuou:

- O outro gume é ainda mais sutil. Com ele você consegue cortar uma abertura para fora deste mundo. Experimente agora. Faça o que eu digo, você

é o portador. Tem que saber. Só eu posso lhe ensinar e não tenho muito tempo. Fique de pé e escute.

Will empurrou a cadeira para trás e ficou de pé, segurando a faca com dedos frouxos. Sentia-se tonto, enjoado, revoltado.

- Eu não quero... - começou a dizer.

Mas Giacomo Paradisi sacudiu a cabeça.

- Silêncio! - ordenou. - Então não quer? Você não tem escolha! Escute o que eu digo, pois o tempo é curto. Agora segure a faca na sua frente, assim. Não é só a faca que tem que cortar, é a sua mente também. Você tem que pensar nisso. Portanto, faça o seguinte: coloque sua mente na pontinha da faca. Concentre-se, garoto. Enfoque a sua mente. Não pense nesse ferimento, ele vai sarar. Pense na ponta da faca. É onde você está. Agora movimente-a devagar. Você está procurando uma fresta tão pequena que nunca poderia enxergá-la com os olhos, mas aponta da faca vai conseguir encontrá-la, se você colocar a sua mente ali. Vá movimentando pelo ar até sentir uma minúscula fenda no mundo...

Will tentou - mas sua cabeça zunia, sua mão esquerda latejava horrivelmente e ele tornou a ver seus dois dedos caídos no telhado, e então pensou na mãe, coitada... O que ela iria dizer? Como ela iria consolá-lo? E

como ele poderia consolá-la?

O menino colocou a faca sobre a mesa e agachou-se, abraçando a mão ferida e pôs-se a chorar. Tudo aquilo era demais para ele. Os soluços arranhavam-lhe a garganta e o peito, e as lágrimas o cegavam, e ele deveria estar chorando por ela, a pobre querida, assustada e infeliz, ele a tinha abandonado, abandonado...

Estava desconsolado. Mas então sentiu a coisa mais estranha, e enxugou os olhos com as costas da mão direita para ver a cabeça de Pantalaimon em seu joelho. O daemon, em forma de lobo, erguia para ele os olhos cheios de tristeza e ternura, e então pôs-se a lamber suavemente a mão ferida de Will, várias vezes, depois tornou a descansar a cabeça no joelho do garoto.

Will não tinha idéia do tabu que no mundo de Lyra impedia que uma pessoa tocasse no daemon de outra, se ele ainda não tinha tocado em Pantalaimon, isso tinha sido por educação, não por conhecimento da proibição. Lyra estava atônita. Seu daemon fizera isso por iniciativa própria, e agora recuava, voejava até o ombro dela como a menor das vespas. O ancião observava com interesse, mas não com incredulidade. Já devia ter visto daemons, certamente viajara para outros mundos.

O gesto de Pantalaimon funcionou: Will suspirou fundo e tornou a ficar de pé

enxugando as lágrimas dos olhos.

- Está bem, vou tentar outra vez - declarou. - O que é que eu tenho que fazer?

Dessa vez ele forçou a mente a fazer o que Giacomo Paradisi dizia, rilhando os dentes, tremendo com o esforço, suando. Lyra estava doida para interromper, pois conhecia esse processo - assim como a Dra. Malone, e como o poeta Keats, fosse ele quem fosse, todos eles sabiam que não adiantava forçar. Mas ficou calada, apertando as mãos.

- Pare - disse o ancião com suavidade. - Relaxe. Não force. É uma faca mágica, não uma espada pesada. Você está segurando a faca com muita força. Afrouxe os dedos. Deixe a mente descer pelo seu braço até a mão, depois para o cabo da faca, e depois seguir pela lâmina, sem pressa, não force. Devagar .Então vá até a pontinha, onde o gume é mais afiado. Você se torna a ponta da faca. Faça isso agora. Vá até lá, sinta isso e então volte. Will tentou outra vez. Lyra via a Intensidade do corpo dele, a mandíbula contraída, e então viu que uma autoridade descia sobre ele, acalmando, relaxando e esclarecendo. A autoridade era do próprio Will - ou do seu daemon, talvez. Como ele devia sentir falta de um daemon! Tanta solidão... Não era de espantar que ele tivesse chorado e Pantalaimon estava certo em fazer o que fez, embora ela tivesse tido uma sensação muito estranha. Estendeu os braços para seu amado daemon, e, em forma de arminho, ele deslizou para o colo dela.

Juntos observaram Will, que tinha parado de tremer. Continuava concentrado, não menos intensamente, porém de maneira diferente, e a faca também parecia diferente. Talvez fossem aquelas cores nubladas ao longo da lâmina, talvez fosse o modo como ela assentava tão naturalmente na mão de Will, o fato é que o pequeno movimento que ele agora fazia com a ponta da faca parecia cheio de propósito, e não mais casual. Ele tateou para um lado, depois girou a faca e tateou para o outro, sempre usando o gume prateado e então pareceu ter encontrado uma fenda no ar vazio.

- O que é isto? É a abertura? - perguntou com voz rouca.

- É, sim. Não force. Volte agora, volte para si mesmo.

Lyra imaginou que via a alma de Will fluindo de volta ao longo da lâmina até a mão dele, e dali pelo braço até o coração. Ele deu um passo para trás, baixou a mão, pestanejou.

- Eu senti uma coisa ali - disse a Giacomo Paradisi. - No princípio a faca estava só passando pelo ar, e de repente eu senti...

- Muito bem. Agora faça de novo. Desta vez, quando sentir a fenda, deslize a faca para dentro dela e para o lado. Faça um corte. Não hesite. Não fique surpreso. Não deixe a faca cair.

Will teve que agachar-se e respirar fundo duas ou três vezes e colocar a mão esquerda sob o braço direito antes de poder continuar. Mas estava decidido, depois de alguns segundos tornou a levantar-se, a faca apontada para a frente. Dessa vez foi mais fácil - tendo experimentado uma vez, ele sabia o que devia procurar, e em menos de um minuto tornou a sentir a curiosa fenda. Era como procurar delicadamente o espaço entre dois pontos cirúrgicos com a ponta do bisturi. Ele tocou, afastou aponta da faca e tornou a tocar para ter certeza, e então fez o que o ancião lhe ensinara e cortou para o lado com o gume prateado.

Ainda bem que Giacomo Paradisi tinha avisado para ele não ficar surpreso. Will manteve a faca cuidadosamente segura na mão e pousou-a sobre a mesa, antes de ceder à surpresa.

Lyra já estava de pé, sem fala, pois no meio do quartinho empoeirado havia uma janela exatamente como aquela sob os carpinos: um buraco no ar através do qual eles podiam enxergar outro mundo.

E como estavam no alto da torre, estavam bem acima da parte norte de Oxford. Aliás, acima de um cemitério, virado na direção da cidade. Pouco à

frente deles lá estavam os carpinos, havia casas, árvores, estradas e, à

distância, as torres e obeliscos da cidade.

Se já não tivessem visto a primeira janela, teriam pensado que se tratava de algum tipo de truque. Mas não era apenas ótico, por ali entrava ar e eles sentiam o cheiro dos veículos coisa que não existia no mundo de Cittàgazze. Pantalaimon virou uma andorinha e voou para o outro lado, adorando o ar livre, depois abocanhou um inseto antes de voar de volta para o ombro de Lyra.

Giacomo Paradisi observava com um sorriso curioso e triste. Então disse:

- Já aprendeu a abrir. Agora precisa aprender a fechar.

Lyra recuou para dar espaço a Will, e o ancião veio postar-se ao lado dele.

- Para isso, vai precisar dos dedos - explicou. – Basta uma das mãos. Procure a borda como fez com a faca antes de abrir. Só vai conseguir encontrar se colocar a alma na ponta dos dedos. Tateie com muita delicadeza, até encontrar as bordas. Então aperte uma contra a outra. Só isso. Experimente.

Mas Will tremia. Não conseguia levar a mente de volta ao delicado equilíbrio que ele sabia ser necessário, e foi ficando cada vez mais frustrado. Lyra via o que estava acontecendo. Levantou-se, pegou-o pelo braço direito e disse:

- Escute, Will, sente-se e vou lhe contar como se faz. Sente-se só um minuto, porque sua mão está doendo e está distraindo a sua mente. É natural. Vai melhorar daqui apouco.

O ancião ergueu ambas as mãos, então mudou de idéia, deu de ombros e tornou a sentar-se.

Will sentou-se também e olhou para Lyra.

- O que é que estou fazendo de errado? - perguntou.

Ele estava sujo de sangue, tremendo, com o olhar desvairado. Estava uma pilha de nervos: tinha a mandíbula contraída, ofegava e batia o pé no chão.

- É o seu ferimento - ela disse. - Você não está errado. Está fazendo tudo certo, mas a sua mão não deixa você se concentrar. Não conheço um jeito fácil de resolver isso, mas quem sabe, se você não tentasse reprimir...

- Como assim?

- Você está tentando fazer duas coisas com a mente, as duas ao mesmo tempo. Está tentando ignorar a dor e fechar essa janela. Eu me lembro que uma vez estava lendo o aletômetro quando estava com medo, e pode ser que eu já estivesse acostumada com ele, não sei, mas ainda estava assustada o tempo todo enquanto lia ele. Simplesmente relaxe os seus pensamentos e diga sim, está doendo, eu sei. Não tente abafar a dor.

Ele fechou os olhos por um instante. Sua respiração ficou um pouco mais lenta.

- Está bem, vou tentar - ele disse.

E dessa vez foi muito mais fácil. Ele tateou à procura da borda, encontrou-a num minuto e fez o que Giacomo Paradisi tinha ensinado: apertou as bordas uma contra a outra. Era a coisa mais fácil do mundo. Sentiu um entusiasmo breve e calmo, e a janela sumiu. O outro mundo estava fechado. O ancião entregou-lhe uma bainha de couro com um contraforte de chifre sólido, com fivelas para manter a faca no lugar, pois o menor movimento da lâmina cortaria o couro mais grosso. Will deslizou a faca para dentro da bainha e afivelou-a como podia, usando desajeitadamente uma só mão.

- Esta devia ser uma ocasião solene - declarou Giacomo Paradisi. - Se nós dispuséssemos de dias e semanas eu poderia começar a contar-lhes a história da faca sutil e da Liga da Torre degli Angeli, e toda a triste história deste mundo corrompido e descuidado. Os Espectros são culpa nossa, só

nossa. Eles vieram porque os meus predecessores, alquimistas, filósofos, homens eruditos, estavam pesquisando a natureza mais profunda das coisas. Ficaram curiosos sobre o aglutinante que mantinha unidas as mais ínfimas partículas de matéria. Sabe o que eu quero dizer com aglutinante? É o mesmo que cola, grude. Bem, esta era uma cidade comercial, uma cidade de mercadores e banqueiros. Nós pensávamos que sabíamos tudo sobre todas as coisas... Mas sobre esse aglutinante nós estávamos enganados. Nós o desmanchamos e deixamos os Espectros entrarem.

- De onde vêm os Espectros? - Will quis saber. – Por que deixaram uma janela aberta debaixo daquelas árvores, a janela por onde eu entrei?

Existem outras janelas no mundo?

- De onde os Espectros vêm é um mistério. De outro mundo, da escuridão do espaço, quem sabe? O que importa é que estão aqui, e nos destruíram. Se existem outras janelas para este mundo? Sim, umas poucas, porque de vez em quando um portador da faca pode se descuidar ou esquecer, ou então ficar sem tempo para parar e fechar como deveria. E quanto à janela que você atravessou, sob os carpinos... Eu mesmo deixei aquela janela aberta, num momento de tolice imperdoável. O homem que vocês mencionaram, pensei que ele cairia na tentação de atravessar para cá, onde seria vítima dos Espectros. Mas acho que ele é inteligente demais para cair num truque desses. Ele quer a faca. Por favor,

nunca deixe que ele a tenha.

Will e Lyra se entreolharam.

- Bem, tudo que posso fazer é entregar-lhe a faca e ensinar-lhe como usá-la - terminou o ancião, abrindo os braços. - Isso eu já fiz; devo também contar-lhe quais costumavam ser as regras da Liga antes que ela entrasse em decadência. Primeira: nunca abrir sem fechar. Segunda: nunca deixar outra pessoa usar a faca. Ela é só sua. Terceira: nunca usar com propósito vil. Quarta: guardar segredo. Se existem outras regras, eu as esqueci, e se as esqueci foi porque elas não eram importantes. Você tem a faca. Você é o portador. Não devia ser uma criança. Mas o nosso mundo está se esfacelando, e a marca do portador é inconfundível. Nem sei o seu nome. Agora saiam. Vou morrer logo, pois sei onde estão guardadas as drogas venenosas e não pretendo esperar a chegada dos Espectros quando a faca tiver ido embora.

- Mas, Sr. Paradisi... - Lyra começou.

Mas ele sacudiu a cabeça e continuou:

- Não há tempo. Vocês vieram aqui com um propósito, e talvez não saibam qual é esse propósito, mas os anjos que os trouxeram até aqui sabem. Vão. Você é corajoso e a sua amiga é inteligente. E você tem a faca. Saiam.

- Então vai mesmo se envenenar? - Lyra quis saber, inconformada.

- Vamos, Lyra - Will chamou.

- E que história é essa de anjos? - ela insistiu.

Will puxou-a pelo braço.

- Vamos embora - tornou a chamar. -Temos que ir. Obrigado, Sr. Paradisi.

Ele estendeu a mão direita, suja de sangue e poeira, e o velho apertou-a delicadamente. Apertou a mão de Lyra também e fez um aceno para Pantalaimon, que como resposta baixou a cabeça de arminho. Segurando a faca em sua bainha de couro, Will desceu na frente pelos degraus largos e escuros que levavam ao térreo, e saiu da torre. A luz do sol era quente na pracinha, e o silêncio era profundo. Lyra olhou em volta com imensa cautela, mas a rua estava

deserta. E era melhor não preocupar Will contando-lhe o que tinha visto, já havia problemas em número suficiente. Ela o levou para longe da rua onde tinha visto as crianças e onde Tullio ainda estava parado, imóvel, como se estivesse morto.

- Eu queria... - disse ela, quando estavam quase saindo da praça e pararam para olhar para trás. - É horrível pensar em... E os dentes dele, coitadinho, todos quebrados, e ele mal podia enxergar... Vai simplesmente engolir veneno e morrer agora, e eu queria...

Ela estava à beira das lágrimas.

- Psiu - fez Will. - Ele não vai sentir dor. Vai simplesmente adormecer. É melhor do que os Espectros, foi o que ele disse.

- Ah, o que é que nós vamos fazer, Will? O que é que nós vamos fazer? Você tão machucado, e aquele pobre velhinho... Odeio este lugar, odeio mesmo, tenho vontade de botar fogo em tudo. O que é que nós vamos fazer agora?

- Bom, isso é fácil - ele respondeu. - Temos que pegar o aletômetro de volta, então vamos ter que roubar ele. É isso que vamos fazer. **9 - O ROUBO**

Primeiro voltaram ao café para descansar, recuperar as forças e mudar de roupa. Era óbvio que Will não poderia sair por ali coberto de sangue, e o tempo em que ele se sentia constrangido em pegar coisas nas lojas já tinha ficado para trás, de modo que ele reuniu um conjunto completo de roupas e sapatos, e Lyra, que exigira ajudar e vigiava em todas as direções a chegada das outras crianças, carregou tudo de volta para o café.

Lyra ferveu água, que Will levou consigo para o banheiro, onde despiuse para lavar-se da cabeça aos pés. A dor era surda e ininterrupta, mas pelo menos os cortes estavam limpos, tendo visto o que aquela faca podia fazer, ele sabia que nenhum corte poderia ser mais limpo, mas os tocos dos dedos sangravam abundantemente. Quando olhava para eles, Will sentia náusea e seu coração disparava, o que, por sua vez, aumentava o sangramento. Ele se sentou na borda da banheira, fechou os olhos e respirou profundamente algumas vezes.

Finalmente sentiu-se mais calmo e começou o banho. Fez o melhor que pôde, enxugou-se nas toalhas cada vez mais sujas de sangue e depois vestiu as roupas novas, tentando não ensangüentá-las também.

- Você vai ter que refazer o meu curativo - ele pediu a Lyra. - Pode apertar quanto quiser, contanto que pare o sangue.

Ela rasgou um lençol e envolveu a mão ferida, o mais apertado que pôde. Ele trincou os dentes, mas não conseguiu evitar as lágrimas. Enxugou-as sem uma palavra, e ela nada disse.

Quando ela terminou, Will agradeceu, e continuou:

- Escuta, quero que você leve uma coisa para mim na sua mochila, pois pode ser que a gente não consiga voltar para cá. São só umas cartas. Pode ler, se quiser.

Ele pegou o escrínio de couro verde e entregou-lhe as folhas de papel de carta.

- Não vou ler, não, a não ser que...

- Não me importo. Senão não tinha falado nada.

Ela dobrou as cartas e ele estendeu-se na cama, empurrou a gata para o lado e adormeceu.

Muito mais tarde, na mesma noite, Will e Lyra estavam agachados na alameda que corria ao longo do pequeno bosque de arbustos no jardim de Sir Charles. No mundo de Cittàgazze, estavam no gramado de um parque que rodeava uma mansão em estilo clássico, o vulto branco brilhando ao luar. Tinham levado muito tempo para chegar até a casa de Sir Charles, avançando a maior parte do tempo em Cittàgazze, com freqüentes paradas para cortar uma janela e verificar sua posição no mundo de Will, assim que se certificavam de onde estavam, Will fechava cada janela.

Não exatamente junto com eles, mas não muito atrás, vinha a gata. Ela dormira desde que a tinham salvo das pedras lançadas pelas crianças e, agora que estava novamente acordada, relutava em separar-se deles, como se pensasse que estaria segura onde quer que eles estivessem. Will não tinha tanta certeza disso, mas já tinha problemas suficientes sem a gata, portanto resolveu ignorá-la. Ele ficava cada vez mais familiarizado com a faca, mais seguro ao comandá-la, mas o ferimento doía mais do que antes, com um latejar profundo e incessante, e o curativo novo que Lyra fizera já estava encharcado.

Ele cortou uma janela no ar não muito longe da casa em estilo clássico e

atravessaram para a alameda silenciosa em Headington para planejar exatamente como chegariam ao escritório onde Sir Charles tinha guardado o aletômetro.

Havia dois holofotes iluminando o jardim, e todas as janelas da fachada da casa estavam acesas, menos a do escritório.

Naquele lado só o luar clareava, e a janela do escritório estava completamente às escuras. A alameda seguia por entre árvores até

desembocar em outra rua, e não era iluminada. Seria fácil para um ladrão comum entrar sem ser visto no bosque de arbustos e dali para o jardim, se não fosse pela pesada cerca de ferro, com duas vezes a altura de Will e com pontas aguçadas, que cercava todo o perímetro da propriedade de Sir Charles. Mas isso não era impedimento para a faca mágica.

- Segure esta barra para eu cortar - Will cochichou.

- Não deixe cair no chão.

Lyra fez o que ele mandava, e ele cortou quatro barras, o suficiente para que passassem sem dificuldade. Lyra enfileirou-as sobre o gramado, e os dois passaram, avançando por entre os arbustos.

Uma vez tendo uma boa visão da lateral da casa, com a janela do escritório, sombreada pela hera, de frente para eles do outro lado do gramado liso, Will disse baixinho:

- Vou abrir aqui um buraco para Ci'gazze e deixar ele aberto, e avançar em Ci'gazze até onde sei que fica o escritório, e aí abro outro buraco de volta para este mundo. Então pego o aletômetro naquela estante, torno a passar pelo buraco, fecho ele e venho por Ci'gazze até este buraco. Você fica me esperando aqui neste mundo e vigiando. Assim que me ouvir chamar, passe para Ci'gazze por este buraco, e eu torno a fechar ele. Entendeu?

- Entendi - ela cochichou. - Eu e Pan vamos vigiar.

Seu daemon era uma pequena coruja castanha, quase invisível à luz mosqueada de sombras sob as árvores. Seus olhos grandes e claros observavam cada movimento. Will recuou um passo e estendeu a faca, procurando, tocando o ar com movimentos muito delicados, até que, depois de cerca de um minuto,

encontrou um ponto onde poderia cortar. Fez isso depressa, abrindo uma janela para dentro do parque enluarado de Ci'gazze, e então calculou quantos passos precisaria dar para chegar ao escritório, memorizando a direção.

Então, sem uma palavra, ele atravessou e desapareceu.

Lyra agachou-se ali perto. Pantalaimon estava empoleirado num galho acima da cabeça dela, virando-se de um lado para outro, em silêncio. Ela ouvia o trânsito de Headington atrás de si, e os passos abafados de alguém que descia a rua no final do beco, e até mesmo o movimento leve dos insetos por entre as folhas a seus pés.

Passou-se um minuto, e mais outro. Onde estaria Will agora? Ela se esforçou para enxergar pela janela do escritório, mas esta era apenas um quadrado escuro semi-encoberto pela hera. Ainda nessa mesma manhã Sir Charles tinha se sentado lá dentro, junto à janela, cruzara as pernas e ajeitara o vinco das calças. Onde ficava a estante em relação à janela? Will conseguiria entrar sem chamar a atenção de alguém dentro da casa? Lyra ouvia as batidas do próprio coração.

Então Pantalaimon fez um ruído baixo, e no mesmo momento veio um som diferente da frente da casa, à esquerda de Lyra. Ela não conseguia enxergar a fachada, mas via uma luz varrendo as árvores e ouviu o som de pneus no cascalho.

Não tinha ouvido o menor barulho de motor de automóvel.

Procurou Pantalaimon, que já estava deslizando silenciosamente pelo ar, o mais distante que conseguia ficar. Ele se virou na escuridão e foi pousar no pulso dela.

- Sir Charles está voltando - sussurrou. - E está com alguém. Ele tornou a sair voando e dessa vez Lyra foi atrás, pé ante pé pela terra fofa com o maior cuidado, agachando-se atrás das moitas, finalmente pondo-se de quatro para espiar por entre as folhas de um loureiro. O Rolls Royce estava parado em frente à casa e o motorista rodeava o veículo para abrir a porta do passageiro. Sir Charles esperava sorrindo e oferecendo o braço à mulher que saltava do carro, quando ela surgiu à vista de Lyra, esta sentiu um golpe no coração, pois a visitante de Sir Charles era sua mãe, a Sra. Coulter.

Will atravessou com cautela o gramado iluminado pela lua em Cittàgazze, contando os passos, mantendo na mente, com toda a clareza que conseguia, a

lembrança de onde ficava o escritório, e tentando localizá-lo em relação à casa em estilo clássico que se erguia ali perto no mundo de Ci'gazze, caiada de branco e com colunas, no centro de um jardim formal com estátuas e um chafariz. Ele tinha consciência de como estava exposto naquele jardim enluarado.

Quando achou que estava no lugar correto, estacou e tornou a estender a faca, tateando cuidadosamente à frente. Havia daquelas pequenas fendas invisíveis em vários lugares, mas não em todos, caso contrário qualquer golpe com a faca abriria uma janela.

A princípio ele abriu um orifício pequeno, não maior que a sua mão, e espiou por ele. Do outro lado, apenas a escuridão.

Ele não conseguia enxergar onde estava. Fechou esse buraco, fez uma volta de 90 graus e abriu outro. Dessa vez encontrou pano à sua frente, um pesado veludo verde: as cortinas do escritório. Mas onde elas ficavam em relação à estante? Ele teria que fechar esse buraco também, girar para o outro lado e tentar de novo. E o tempo estava passando.

A terceira vez foi melhor: ele conseguiu enxergar o escritório inteiro à

luz fraca que entrava pela porta aberta para o vestíbulo. Lá estavam a escrivaninha, o sofá, a estante! Ele conseguia vislumbrar um leve brilho ao longo da lateral de um microscópio de cobre. E não havia ninguém ali, a casa estava em silêncio. Não podia ser melhor.

Calculou cuidadosamente a distância, fechou a janela, deu quatro passos para frente e tornou a erguer a faca. Se estivesse correto, estaria exatamente no local apropriado para estender a mão pelo buraco, cortar o vidro da estante, pegar o aletômetro e fechar a janela atrás de si. Cortou uma janela na altura certa: o vidro da porta da estante ficava logo à frente. Chegou o rosto bem perto, estudando atentamente as prateleiras, da primeira à última.

O aletômetro não estava lá.

A princípio Will achou que tinha escolhido a estante errada. Havia quatro delas no escritório, ele tinha contado de manhã e decorado onde ficavam, estantes altas e quadradas, de madeira escura, com frente e laterais de vidro e prateleiras forradas de veludo, feitas para exibir preciosos objetos de porcelana, marfim ou ouro. Ele podia simplesmente ter aberto uma janela na frente da estante errada?

Mas na prateleira superior estava o instrumento pesado, com anéis de cobre, ele fizera questão de observá-lo. E na prateleira do meio, onde Sir Charles tinha colocado o aletômetro, havia um espaço. Era a estante certa, e o aletômetro não estava lá.

Will recuou por um momento e respirou fundo.

Teria que atravessar totalmente e procurar em volta, abrir janelas ao acaso iria levar a noite toda. Ele fechou a janela na frente da estante, abriu outra para olhar para o resto do aposento e, depois de um estudo cuidadoso, fechou essa outra e abriu uma maior atrás do sofá, por onde poderia facilmente fugir às pressas se fosse necessário.

A essa altura sua mão latejava brutalmente, e do curativo frouxo pendia uma tira de pano. Ele a enrolou o melhor que conseguiu e enfiou aponta para dentro, depois atravessou para a casa de Sir Charles e agachou-se atrás do sofá de couro, a faca na mão direita, e ficou à escuta. Não ouvindo qualquer ruído, levantou-se devagar e olhou em volta. A porta para o vestíbulo estava entreaberta, e a luz que entrava permitia-lhe enxergar bem. As estantes envidraçadas, as prateleiras, os livros, os quadros, tudo estava como naquela manhã, intocado.

Pisando no tapete, ele esquadrinhou cada uma das estantes. O

aletômetro não estava ali. Nem estava na escrivaninha, no meio dos livros e papéis organizados em pilhas, nem sobre a lareira entre os cartões convidando para estréias e recepções, nem no assento acolchoado junto à janela, nem na mesa octogonal atrás da porta.

Ele voltou à escrivaninha, pretendendo experimentar as gavetas, já

com uma incômoda expectativa de fracasso e nesse momento escutou um ruído leve de pneus no cascalho, tão baixo que ele achou que tinha imaginado, mas mesmo assim ficou imóvel, esforçando-se para ouvir. O ruído cessou. Então ele ouviu a porta se abrir.

Voltou correndo para trás do sofá, onde agachou-se ao lado da janela que ele tinha aberto para o gramado enluarado em Cittàgazze. E mal tinha chegado ali quando ouviu passos naquele outro mundo, passos leves correndo pelo gramado, e olhou através da janela para ver Lyra vindo apressada em sua direção. Só teve tempo de acenar e pedir silêncio com um dedo nos lábios, ela diminuiu a

velocidade, percebendo que ele já sabia que Sir Charles tinha voltado.

- Não consegui - ele sussurrou quando ela se aproximou. - Não estava lá. Provavelmente está com ele. Vou escutar e ver se ele coloca de volta no lugar. Fique aqui.

- Não! É pior ainda! - ela exclamou, quase em pânico.

- Ela está com ele, a Sra. Coulter, a minha mãe, não sei como ela chegou aqui, mas se me encontrar eu estou morta, Will, estou perdida. E agora me lembrei quem é ele! Já sei onde foi que eu o vi antes! Will, o nome dele é

Lorde Boreal! Eu conheci ele no coquetel da Sra. Coulter, quando eu fugi! E ele devia saber quem eu era o tempo todo...

- Psiu. Não fique aqui, se vai fazer barulho.

Ela se controlou, engolindo em seco e sacudindo a cabeça.

- Desculpe. Quero ficar com você - cochichou. - Quero ouvir o que eles vão dizer.

- Agora fique quieta...

Ele escutava vozes no vestíbulo. Os dois estavam ao alcance de um toque de mão, ele no mundo dele, ela em Cittàgazze, e ao ver o curativo frouxo de Will, Lyra bateu de leve no braço dele e com gestos mandou que ele o atasse de novo. Ele estendeu o braço para que ela fizesse isso, agachado, com a cabeça de lado, escutando com atenção.

Uma luz se acendeu no escritório. Ele ouviu Sir Charles falando com o criado, dispensando-o, entrando no escritório, fechando a porta.

- Posso lhe oferecer uma taça de Tokay? - ele perguntou.

Uma voz feminina, baixa e doce, respondeu:

- Quanta gentileza, Carlo. Há muitos anos não provo Tokay.

- Sente-se ali perto da lareira.

Ouviu-se o gorgolejar do vinho sendo servido, depois o tilintar do frasco na borda da taça, um murmúrio de agradecimento, e então Sir Charles foi sentar-se no sofá, a centímetros de distância de Will.

- A sua saúde, Marisa - disse ele, bebendo um gole.

- Agora, diga-me o que deseja.

- Quero saber onde você conseguiu o aletômetro.

- Por quê?

- Porque ele estava com Lyra, e eu quero encontrá-la.

- Não imagino por que motivo. É uma pirralha repelente.

- Tenho que lhe lembrar que ela é minha filha.

- Então é ainda mais repelente, porque deve ter resistido de propósito à sua encantadora influência. Ninguém conseguiria fazer isso sem querer.

- Onde está ela?

- Vou lhe contar, prometo. Mas primeiro você tem que me contar uma coisa...

- Se eu puder... - disse ela, em tom diferente, que Will imaginou ser de advertência. - O que é que você quer saber?

A voz dela era embriagadora: calmante, doce, musical, e jovem, também. Ele tinha uma vontade enorme de saber como ela era, porque Lyra nunca tinha falado dela, e o rosto que acompanhava aquela voz devia ser maravilhoso.

- O que é que Asriel está pretendendo?

Houve então um silêncio, como se a mulher estivesse calculando o que iria dizer. Will tornou a olhar para Lyra através da janela, e viu o rosto dela, iluminado pelo luar, olhos arregalados de medo, mordendo os lábios para ficar quieta e esforçando-se para ouvir, como ele.

Finalmente a Sra. Coulter disse:

- Muito bem, vou lhe contar. Lorde Asriel está reunindo um exército com o propósito de completar a guerra que houve no céu há muitas eras.

- Que coisa mais medieval. No entanto, parece que ele tem alguns poderes bem modernos. O que foi que ele fez com o pólo magnético?

- Ele descobriu um modo de explodir a barreira entre o nosso mundo e os outros. Isso provocou sérios distúrbios no campo magnético da Terra, e deve ter afetado este mundo aqui também... Mas como é que sabe disso?

Carlo, acho que você devia responder a algumas perguntas minhas. Que mundo é este? E como foi que me trouxe aqui?

- É um entre milhões. Existem aberturas entre eles, mas não são fáceis de achar. Conheço uma dúzia delas, mas os lugares para onde elas se abrem mudaram, deve ter sido por causa do que Asriel fez. Parece que agora podemos passar diretamente deste mundo para o nosso, e provavelmente para muitos outros também. Antes, havia um único mundo que servia como uma espécie de encruzilhada, e todas as portas se abriam para lá. De modo que você pode imaginar a minha surpresa quando a vi, quando atravessei hoje, e o meu prazer em poder trazê-la diretamente para cá, sem correr o risco de passar por Cittàgazze.

- Cittàgazze? Que é isso?

- A encruzilhada. Um mundo em que tenho interesse, minha cara Marisa. Mas um mundo perigoso demais para visitarmos no momento.

- Perigoso por quê?

- Perigoso para os adultos. As crianças podem ir livremente.

- Como assim? Preciso saber disso, Carlo - disse a mulher, e Will sentia a sua apaixonada impaciência. – Isto está no centro de tudo, essa diferença entre crianças e adultos! É onde está guardado todo o mistério do Pó!

É por isso que preciso encontrar aquela criança. E as bruxas lhe deram um nome. Quase fiquei sabendo qual era, quase, de uma bruxa mesmo, mas ela morreu depressa demais. Preciso encontrar a menina. Ela tem a resposta, seja como for, e eu preciso dela...

- E terá. Este instrumento vai trazê-la até aqui, não se preocupe. Uma vez que ela tenha me dado o que eu quero, você pode ficar com ela. Mas me fale dessa sua curiosa escolta, Marisa. Nunca vi soldados como aqueles. Quem são?

- São homens, simplesmente. Mas... sofreram a intercisão. Não têm daemons, portanto não têm medo, nem imaginação, nem vontade própria, e lutarão até morrer.

- Não têm daemons... Ora, é muito interessante. Fico imaginando se eu não poderia sugerir uma pequena experiência, se você puder dispor de um deles. Gostaria de ver se os Espectros estão interessados neles. Se não estiverem, pode ser que possamos ir a Cittàgazze afinal...

- Os Espectros? Quem são eles?

- Mais tarde explico, minha cara. São o motivo por que os adultos não podem entrar naquele mundo. Pó, crianças, Espectros, daemons, intercisão... É, podia funcionar. Tome mais um pouco de vinho.

- Quero saber de tudo - ela declarou, enquanto o vinho era servido. Vou lhe cobrar isso. Agora diga-me: o que é que você está fazendo neste mundo? Era para cá que você vinha quando pensávamos que estava no Brasil ou nas Índias?

- Descobri o caminho para cá há muito tempo. Era um segredo bom demais para ser revelado, até mesmo para você, Marisa. Montei uma vida bastante confortável, aqui, como você pode ver. Como em casa eu pertencia ao Conselho de Estado, tive facilidade em avaliar onde estava o poder aqui. Na verdade tornei-me espião, embora nunca tenha contado aos meus chefes tudo que sabia. Durante anos os serviços de espionagem neste mundo se preocuparam com a União Soviética, que nós chamamos de Moscóvia. E, embora essa ameaça tenha diminuído, ainda existem postos de escuta e instrumentos apontados naquela direção, e ainda estou em contato com aqueles que chefiam os espiões.

Ele continuou, depois de uma pausa:

- E eu soube recentemente de um sério distúrbio no campo magnético da Terra. Todos os serviços de segurança estão alarmados. Todos os países que pesquisam física fundamental, o que nós chamamos de teologia experimental, estão colocando seus cientistas em missão urgente a fim de descobrir o que está acontecendo. Porque eles sabem que alguma coisa está

acontecendo. E suspeitam que tenha algo a ver com outros mundos. Aliás, eles já têm algumas pistas disso. Há uma pesquisa sobre o Pó em andamento. Ah, sim, eles aqui também sabem sobre isso. Aqui mesmo nesta cidade há uma equipe trabalhando nisso. E outra coisa: um homem desapareceu há 10 ou 12

anos, no norte, e os serviços de segurança acham que ele estava de posse de certa informação de que eles precisavam demais, ou seja, a localização de uma porta entre os mundos, como essa que você atravessou hoje. A porta que ele encontrou é a única que eles conhecem: você pode imaginar que não lhes contei o que sei. Quando começou esse novo distúrbio, eles saíram em busca desse homem.

Ele arrematou:

- Naturalmente, Marisa, estou curioso. E ansioso para aumentar os meus conhecimentos.

Will estava paralisado, o coração batendo com tanta força que ele temia que os adultos escutassem. Sir Charles estava falando do seu pai! Então era isso que aqueles homens eram, e o que estavam procurando!

Mas durante todo o tempo ele tinha consciência de mais alguma coisa no aposento além das vozes de Sir Charles e da mulher: havia uma sombra movendo-se pelo chão, ou pela parte do chão que o menino conseguia enxergar além da ponta do sofá e atrás das pernas da mesinha octogonal. Mas nem Sir Charles nem a mulher se moviam. A sombra movimentava-se em passos rápidos e curtos, e perturbava muito Will. A única luz na sala era a de um abajur ao lado da lareira, de modo que a sombra era nítida e definida, mas nunca se imobilizava pelo tempo suficiente para Will distinguir o que era. Então duas coisas aconteceram. Primeiro, Sir Charles mencionou o aletômetro.

- Por exemplo, estou muito curioso sobre este instrumento - ele declarou. - E se você me contar como ele funciona?

E ele colocou o aletômetro sobre a mesinha octogonal na ponta do sofá. Will conseguia vê-lo claramente; quase podia tocar nele. A segunda coisa que aconteceu foi que a sombra imobilizou-se. A criatura que a lançava devia estar empoleirada no encosto da cadeira da Sra. Coulter, porque a luz que jorrava sobre ela lançava a sua sombra na parede. E

no momento em que ela se imobilizou, ele tomou consciência de que se tratava

do daemon da mulher: um macaco, agachado, girando a cabeça de um lado para outro, procurando alguma coisa.

Will escutou Lyra inspirar com força atrás de si, quando ela também o viu. Ele se virou sem ruído e murmurou:

- Volte para a outra janela e atravesse para este jardim. Pegue umas pedras e jogue na janela do escritório para desviar a atenção deles por um instante e eu poder pegar o aletômetro. Depois corra de volta para a outra janela e espere por mim.

Ela assentiu, se virou e se afastou correndo sem ruído pela grama. Will voltou-se para o escritório. A mulher dizia:

- ...o Reitor da Universidade Jordan é um velho tolo. Não posso imaginar por que deu o aletômetro a ela, é preciso um estudo intensivo durante vários anos para entender o instrumento. E agora você me deve umas informações, Carlo. Como foi que encontrou o aletômetro? E onde está a minha filha?

- Vi quando ela o usava num museu da cidade. Reconheci a garota, é

claro, pois a conheci naquele seu coquetel há tanto tempo, de modo que imaginei que ela tenha encontrado uma porta. E então percebi que poderia usar isso para um propósito meu. Então, quando esbarrei com ela pela segunda vez, eu o roubei.

- Você é bem franco.

-Não há necessidade de melindres, somos ambos adultos.

- E onde está ela agora? O que foi que ela fez quando descobriu o roubo?

- Ela veio até aqui, o que deve ter exigido coragem, eu imagino.

- Coragem não lhe falta. E o que vai fazer com ela? Qual é esse seu propósito?

- Eu disse a ela que devolveria o aletômetro se ela me conseguisse uma coisa que eu não posso conseguir sozinho.

- E que coisa é essa?

- Não sei se você...

E foi nesse instante que a primeira pedra atingiu a janela do escritório. A vidraça estilhaçou-se num gratificante tilintar, e no mesmo instante o macaco saltou do encosto da cadeira, enquanto os adultos ficavam imóveis, boquiabertos. Veio outra pedra, e mais outra, e Will sentiu o sofá mexer-se quando Sir Charles se levantou.

Will inclinou-se para frente e pegou o aletômetro na mesinha, enfiou-o no bolso e saltou através da janela. Assim que se viu no gramado em Cittàgazze ele tateou no ar em busca das bordas invisíveis, acalmando a mente, respirando devagar, consciente, durante todo o tempo, de que a poucos passos dele havia um perigo terrível.

Então ouviu um guincho que não era humano nem animal, mas pior do que qualquer uma dessas coisas, e entendeu que vinha do horrível macaco. Já

tinha conseguido fechar quase toda a janela, mas ainda restava uma fenda na altura do seu peito - e então ele teve que saltar para trás, porque por essa fenda passou uma pequena pata de pêlos dourados e garras negras, e depois uma cara: um focinho de pesadelo. O macaco dourado tinha os dentes à

mostra, os olhos brilhantes de ódio, e uma malevolência tão intensa emanava dele que Will sentia-a quase como uma lança.

Mais um segundo e o macaco teria atravessado, e isso teria sido o fim, mas Will ainda segurava a faca, ergueu-a e golpeou duas vezes o focinho do macaco - ou o lugar onde o focinho estaria se o animal não tivesse recuado bem a tempo. Isso deu a Will o tempo necessário para ele agarrar as bordas da janela e apertá-las uma contra a outra, fechando-a.

Seu próprio mundo desapareceu, e ele estava sozinho no parque enluarado em Cittàgazze, ofegando, tremendo – e muito assustado. Mas agora tinha que ajudar Lyra. Correu de volta à primeira janela que ele tinha aberto e que dava para o bosque de arbustos, e espiou para o outro lado. As folhas escuras dos loureiros e dos azevinhos atrapalhavam a visão, mas ele enfiou a mão e afastou a folhagem para poder enxergar a lateral da casa, com a vidraça quebrada da janela do escritório destacando-se claramente ao luar.

Enquanto olhava, ele viu o macaco surgir aos saltos do canto da casa, disparando

pelo gramado com a velocidade de um gato e então viu Sir Charles e a mulher seguindo-o de perto. Sir Charles segurava uma pistola. A mulher era bela - Will ficou chocado com a beleza dela -, linda, ao luar, o vulto esguio, leve e gracioso, mas quando ela estalou os dedos, o macaco estacou imediatamente e saltou para os braços dela, e o menino viu que aquela mulher de rosto doce e aquele macaco maligno eram um só ser.

Mas onde estava Lyra?

Os adultos procuravam em volta, e então a mulher colocou o macaco no chão e o animal começou a mover-se pela grama como se estivesse farejando ou procurando pegadas. O silêncio reinava em toda parte. Se Lyra já

estava nos arbustos, não poderia movimentar-se sem fazer algum ruído que a denunciaria no mesmo instante.

Sir Charles fez algo na pistola que provocou um estalido baixo: a trava de segurança. Ele perscrutou os arbustos, parecendo olhar diretamente para Will, e então seus olhos seguiram adiante.

Então ambos os adultos olharam para a esquerda, pois o macaco ouvira alguma coisa. E num segundo ele tinha saltado para onde Lyra devia estar, e no instante seguinte iria encontrá-la... E nesse momento a gata saltou dos arbustos para a grama, sibilando. Ouvindo isso, o macaco girou em pleno ar, como se tivesse levado um susto, embora não estivesse tão assustado quanto o próprio Will. O macaco caiu sobre as quatro patas, de frente para a gata, e esta arqueou o dorso, a cauda erguida, e postou-se de lado, sibilando, rosnando, desafiando.

O macaco saltou sobre ela. A gata ficou de pé nas patas traseiras, golpeando com as garras afiadas, movendo-se depressa demais para a vista, e nesse instante Lyra surgiu junto a Will rolando através da janela, com Pantalaimon ao seu lado. A gata berrou, e o macaco também berrou quando as garras da gata rasgaram-lhe o focinho e então o macaco virou-se e saltou para os braços da Sra. Coulter, e a gata, mergulhando nos arbustos do seu próprio mundo, desapareceu.

Will e Lyra tinham conseguido atravessar, e Will mais uma vez tateou em busca das bordas quase intangíveis no ar e apertou-as com rapidez, fechando o orifício em toda a sua extensão, enquanto ouvia, através do orifício cada vez menor o som de pés esmagando gravetos e mãos afastando galhos. Sobrou apenas um furo do tamanho do punho de Will, que foi logo fechado, e o mundo inteiro ficou

silencioso. Ele caiu de joelhos na grama orvalhada e tateou à procura do aletômetro.

- Pegue - disse a Lyra.

Ela pegou o instrumento. Com as mãos trêmulas ele deslizou a faca de volta na bainha. Depois se deitou, o corpo todo estremecendo, e fechou os olhos, sentindo o luar banhá-lo de prata, e sentindo Lyra desfazer o curativo e tornar a prendê-lo com movimentos delicados. E ouviu-a dizer:

- Ah, Will, obrigada pelo que você fez, por tudo...

- Espero que a gata esteja bem - ele resmungou. - Parece a minha Moxie. Provavelmente foi para casa. Lá no mundo dela. Agora ela vai ficar bem.

- Sabe o que eu pensei? Por um segundo pensei que ela era o seu daemon. De qualquer maneira, ela fez o que um bom daemon teria feito. Nós salvamos ela e ela nos salvou. Vamos, Will, não fique deitado na grama, está

tudo molhado. Você tem que ir se deitar numa cama, senão vai ficar resfriado. Vamos entrar naquela casa grande ali. Deve haver camas, comida, coisas. Vamos, eu vou fazer um curativo novo, vou preparar café, vou fazer um pouco de omelete, o que você quiser, e vamos dormir... Estaremos seguros, agora que temos o aletômetro de volta, você vai ver. Não vou fazer outra coisa a não ser ajudar você a encontrar o seu pai, eu prometo...

Ela o ajudou a se levantar e os dois caminharam devagar através do jardim em direção à casa branca que resplandecia ao luar. **10 - O XAMÃ**

Lee Scoresby desembarcou no porto na foz do rio Yenisei e encontrou o lugar num caos, com pescadores tentando vender seu parco produto da pesca - peixes até então desconhecidos – para as fabricas de peixe enlatado, donos de navio furiosos com as taxas portuárias que as autoridades tinham aumentado para enfrentar as enchentes, caçadores e peleiros chegando à

cidade em grande número, impossibilitados de trabalhar por causa do degelo precoce na floresta e do comportamento inusitado e imprevisível dos animais. Ia ser difícil viajar para o interior pela estrada, isso era certo, em épocas normais a estrada era simplesmente uma trilha de terra congelada, e agora que até mesmo essa camada estava se derretendo, o leito da estrada era um pântano de lama e

água.

Portanto Lee colocou o balão e o equipamento num depósito e com o seu suprimento de ouro - cada vez mais minguado - ele alugou um barco com motor a gás, comprou vários tanques de combustível e alguns suprimentos, e partiu corrente acima pelo rio cheio.

A princípio seu progresso foi lento. Não apenas a corrente era forte, mas as águas carregavam todo tipo de detritos: troncos, galhos, animais afogados, e até mesmo o corpo inchado de um homem. Ele tinha que pilotar com cautela e manter o pequeno motor funcionando com força total, para conseguir avançar.

Seu destino era a aldeia da tribo de Grumman. Como orientação, ele tinha apenas a sua lembrança de ter sobrevoado a região alguns anos antes, mas essa lembrança era forte, e ele teve pouca dificuldade em encontrar o rumo correto em meio aos cursos d'água, mesmo com parte das margens submersas sob a água turva da enchente. A temperatura tinha perturbado os insetos, e uma nuvem de mosquitos deixava todos os contornos esmaecidos. Lee esfregou ungüento de estramônio no rosto e nas mãos e fumou uma sucessão de charutos de cheiro forte, para minorar um pouco o problema. Quanto a Hester, ela ficou sentada na proa, taciturna, as orelhas compridas deitadas sobre o dorso magro e os olhos apertados. Ele estava acostumado ao silêncio dela e ela ao dele, falavam-se quando havia necessidade.

Na manhã do terceiro dia, Lee dirigiu a pequena embarcação contra a corrente de um regato que se juntava ao rio, vindo de uma sucessão de montes baixos que deveriam estar bem cobertos pela neve, mas agora estavam manchados de marrom. Logo o regato passou acorrer entre pinheiros e abetos baixos, e depois de alguns quilômetros chegaram a um rochedo grande e arredondado, com a altura de uma casa, onde Lee atracou e amarrou o barco.

- Havia um atracadouro aqui - contou a Hester. - Lembra-se do que aquele velho caçador de focas em Nova Zembla nos Contou? Deve estar dois metros debaixo d'água.

- Então, espero que tenham tido o bom senso de construir a aldeia no alto - ela respondeu, saltando para a margem.

Não mais de meia hora depois ele colocou sua bagagem no chão diante da casa de madeira do chefe da aldeia e se voltou para cumprimentar a pequena multidão

que se juntara. Usou o gesto universal em direção ao norte para significar amizade, e pousou o rifle no chão aos seus pés. Um velho tártaro siberiano, os olhos quase perdidos em meio às rugas que o rodeavam, colocou sua tigela no chão ao lado do rifle. Seu daemoncarcaju sacudiu o focinho para Hester, que moveu uma orelha em resposta, e então o chefe falou.

Lee respondeu, e os dois passaram por meia dúzia de linguagens antes de encontrarem uma em que pudessem conversar.

- Meus respeitos a você e à sua tribo - disse Lee. - Tenho um pouco de erva de fumar, que não vale muito, mas eu me sentiria honrado em lhe dar de presente.

O chefe assentiu, satisfeito, e uma das suas mulheres recebeu a trouxa que Lee retirou da bagagem.

- Estou procurando um homem chamado Grumman - Lee prosseguiu. Ouvi dizer que ele é um de vocês por adoção. Pode ser que ele tenha adotado outro nome, mas é europeu.

- Ah, estávamos esperando por você - disse o chefe.

O resto dos habitantes, reunidos sob a luz fraca do sol no solo enlameado no meio das casas, não conseguia entender as palavras, mas via a satisfação do chefe - satisfação e alívio, foi o que Lee sentiu Hester pensar. O chefe assentiu várias vezes.

- Estávamos esperando por você - repetiu. – Você veio para levar o Dr. Grumman para o outro mundo.

Lee franziu a testa, mas disse apenas:

- Como quiser, senhor. Ele está aqui?

- Siga-me - disse o chefe.

Os outros afastaram-se respeitosamente. Compreendendo o desprazer de Hester em ter que atravessar a lama imunda, Lee colocou a mochila nas costas e pegou-a nos braços, seguindo o chefe ao longo de uma trilha na floresta até uma cabana situada a 10 longas flechadas da aldeia, numa clareira entre os lariços.

O chefe parou do lado de fora da cabana de estrutura de madeira e cobertura de couro. O local era decorado com presas de javali e chifres de alces e veados, que não eram apenas troféus de caça, pois deles pendiam flores secas e ramos de pinheiro cuidadosamente dispostos, como se para algum ritual.

- Tem que falar com ele com respeito - disse o chefe em voz baixa. Ele é um xamã. E tem o coração doente. De repente Lee sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo, e Hester retesou-se em seus braços, pois os dois se deram conta de que vinham sendo observados todo o tempo: por entre as flores secas e os ramos de pinheiro, um olho amarelo e brilhante os vigiava. Era um daemon, e Lee viu-o virar a cabeça, tirar delicadamente um ramo de pinheiro com seu bico poderoso e passá-lo pelo ar como se puxasse uma cortina.

O chefe chamou em sua própria língua, usando o nome que o velho caçador de focas mencionara a Lee: Jopari. No momento seguinte a porta se abriu.

Parado à soleira estava um homem magro, de olhos brilhantes, vestindo couro e peles. Os cabelos negros eram manchados de cinzento, a mandíbula forte ressaltava, e seu daemon, uma águia-pesqueira empoleirada em seu punho, olhava com raiva para os visitantes.

O chefe curvou-se três vezes e retrocedeu, deixando Lee sozinho com o xamã-acadêmico que ele tinha vindo procurar.

- Dr. Grumman, meu nome é Lee Scoresby. Venho do país do Texas, e sou aeronauta de profissão. Se me deixar sentar e falar um pouco, vou lhe contar o que me trouxe aqui. É isso mesmo, não é? O senhor é mesmo o Dr. Stanislaus Grumman da Academia de Berlim?

- Sou - disse o xamã. - E você diz que vem do Texas. Os ventos o empurraram para bem longe da sua terra natal, Sr. Scoresby.

- Bem, agora existem ventos estranhos soprando pelo mundo, senhor.

- Realmente. O sol está morno, eu acho. Vai encontrar um banco dentro da minha cabana, se me ajudar a trazê-lo para fora, podemos nos sentar sob essa luz tão agradável e conversar ao ar livre. Tenho um pouco de café, se lhe agrada.

- É muita gentileza, senhor - disse Lee.

Ele carregou o banco de madeira enquanto Grumman ia ao fogão e servia o café quente em duas canecas de lata. Aos ouvidos de Lee seu sotaque não era alemão, mas inglês, da Inglaterra Diretor do Observatório estava com a razão, afinal.

Depois que estavam sentados, Hester impassível, de olhos apertados, ao lado de Lee e a grande daemon-águia-pesqueira olhando malevolamente para o sol, Lee pôs-se a falar. Começou com seu encontro em Trollesund com John Faa, chefe dos gípcios, e relatou como tinham recrutado Iorek Byrnison o urso, e viajado para Bolvangar, e resgatado Lyra e as outras crianças, depois contou o que tinha ficado sabendo por Lyra e Serafina Pekkala, no balão, enquanto voavam para Svalbard.

- Sabe, Dr. Grumman, pelo jeito que a menina descreveu, parece que Lorde Asriel simplesmente brandiu diante dos Catedráticos aquela cabeça decepada embalada em gelo, assustando-os tanto que eles não quiseram examinar de perto. Foi o que me fez suspeitar que o senhor poderia estar vivo. E é óbvio que o senhor tem um conhecimento especializado dessa história. Tenho ouvido falar no senhor em todo o litoral do Ártico: da perfuração em sua cabeça, da sua pesquisa, que varia entre escavar o leito do oceano e observar as luzes do norte, e o jeito como o senhor apareceu de repente, saindo do nada, há uns 10 ou 12 anos, e tudo isso é muito interessante. Mas algo mais que a simples curiosidade me atraiu até aqui, Dr. Grumman. Estou preocupado com a menina. Acho que ela é importante, e as bruxas também acham. Se existe alguma coisa que o senhor saiba sobre ela e sobre o que está

acontecendo, eu gostaria que me contasse. Como eu disse, alguma coisa me deu a certeza de que o senhor pode fazer isso, e é por isso que estou aqui. Ele fez uma pausa antes de prosseguir:

- Mas, se não estou enganado, senhor, ouvi o chefe da aldeia dizer que eu tinha vindo para levar o senhor para outro mundo. Entendi errado, ou foi isso mesmo que ele disse? E mais uma pergunta, senhor: que nome foi aquele que ele usou? É algum tipo de nome tribal, algum título de magia?

Grumman sorriu brevemente e respondeu:

- O nome que ele usou é o meu nome verdadeiro, John Parry .Sim, você veio até aqui para me levar para outro mundo. E quanto ao que o trouxe aqui, acho que vai concluir que foi isto.

Ele abriu a mão. Na palma havia uma coisa que Lee viu, mas não entendeu. Ele viu um anel de prata e turquesa, um desenho navajo, que ele reconheceu como o anel de sua própria mãe: conhecia o seu peso, a superfície lisa da pedra e o modo como o ourives tinha dobrado mais o metal no canto onde a pedra estava lascada - Lee sabia que os contornos daquele canto lascado tinham se desgastado com o uso, porque muitas e muitas vezes ele tinha passado os dedos ali, muitos anos antes, em sua infância nos campos de salva do seu país natal.

Quando deu por si, estava de pé. Hester tremia, ereta, orelhas em pé. Sem que Lee percebesse, a águia-pesqueira tinha se movido entre ele e Grumman, defendendo o seu humano, mas Lee não ia atacar. Ele se sentia atarantado, sentia-se criança outra vez, e tinha a voz tensa e trêmula quando perguntou:

- Onde conseguiu isso?

- Pegue - disse Grumman, ou Parry .-Ele já cumpriu sua missão. Trouxe você. Agora não preciso mais dele.

- Mas como... - fez Lee, pegando na palma da mão de Grumman aquele objeto querido. - Não compreendo como foi que o senhor... Será que... Como conseguiu isso? Eu não via esse anel há mais de 40 anos.

- Sou um xamã. Posso fazer muitas coisas que você não entende. Sente-se, Sr. Scoresby. Fique calmo. Vou lhe contar tudo que precisa saber. Lee tornou a sentar-se, segurando o anel, passando os dedos sobre ele vezes sem conta.

- Bem, estou perturbado, senhor. Acho que preciso ouvir o que o senhor puder me contar.

- Muito bem, vou começar. Meu nome, como já lhe disse, é John Parry, e eu não nasci neste mundo. Lorde Asriel não é o primeiro a viajar entre os mundos, embora seja o primeiro a abrir caminho de maneira tão espetacular. Em meu próprio mundo, fui soldado e depois explorador. Há 12 anos eu estava acompanhando uma expedição a um lugar no meu mundo que corresponde ao seu estreito de Bering, meus companheiros tinham outros projetos, mas eu estava procurando uma coisa que tinha ouvido nas velhas lendas: um rasgão no tecido do mundo, um buraco que tinha aparecido entre o nosso universo e outro. Bem, alguns dos meus companheiros se perderam. Procurando por eles, eu e dois outros atravessamos esse buraco, essa porta, sem percebermos, e deixamos o nosso mundo para trás. A princípio não compreendemos o que tinha acontecido.

Caminhamos até encontrarmos uma cidade, e aí não tivemos mais dúvidas: estávamos em outro mundo.

O xamã prosseguiu:

- Bem, por mais que tentássemos, não conseguimos encontrar novamente aquela porta. Tínhamos atravessado durante uma nevasca, e você, que é um veterano do Ártico, sabe o que isso significa. De modo que não tivemos opção senão continuarmos naquele mundo novo. E logo descobrimos que era um lugar perigoso. Parece que havia um estranho avantesma ou uma aparição assombrando o lugar, alguma coisa implacável e mortal. Meus dois companheiros morreram logo depois, vítimas dos Espectros, como aquelas coisas são chamadas. O resultado foi que achei o mundo deles um lugar abominável, e não via a hora de sair de lá. O caminho de volta ao meu próprio mundo estava barrado para sempre, mas havia outras portas para outros mundos, e logo encontrei o caminho para este aqui.

Ele continuou:

- E aqui estou. E assim que cheguei descobri uma coisa que me maravilhou, Lee Scoresby, pois os mundos são muito diferentes uns dos outros, e neste mundo vi meu daemon pela primeira vez. É, eu não sabia da existência de Sayan Kötör até entrar no seu mundo. As pessoas daqui não conseguem conceber um mundo onde os daemons são uma voz silenciosa na mente, nada mais. Pode imaginar o meu pasmo ao descobrir que parte da minha própria natureza era feminina, tinha a forma de pássaro e era linda?

Assim, com Sayan Kötör ao meu lado, vaguei pelas terras do Norte e aprendi muita coisa com os povos do Ártico, como os meus bons amigos nesta aldeia. O que eles me contaram sobre este mundo preencheu algumas lacunas nas informações que eu obtive no meu, e comecei a ver a resposta de muitos mistérios. Fui para Berlim com o nome de Grumman. Não contei a ninguém as minhas origens, era o meu segredo. Apresentei uma tese à Academia e defendi-a num debate, que é o método deles. Eu era melhor informado do que os acadêmicos, e não tive dificuldade em me tornar um deles. O cientista prosseguiu:

- Com as minhas novas credenciais eu poderia começar a trabalhar neste mundo onde encontrei, de maneira geral muito contentamento. Senti falta de algumas

coisas do meu próprio mundo, é claro. É casado, Sr. Scoresby?

Não? Bem, eu era e amava muito a minha esposa, como amava o meu filho, meu único filho, um menino que ainda não tinha um ano quando saí do meu mundo. Senti uma saudade terrível deles. Mas mesmo que procurasse durante mil anos nunca encontraria o caminho de volta. Estávamos separados para sempre. Além disso, o meu trabalho me absorvia, e procurei outras formas de conhecimento: fui iniciado no culto do crânio, tornei-me um xamã. E tenho feito algumas descobertas úteis: descobri um modo de fazer um ungüento com musgo-de-sangue, por exemplo, que conserva todas as virtudes da planta viva. Então o xamã contou:

- Conheço muita coisa deste mundo, Sr. Scoresby. Sei, por exemplo, da existência do Pó. Vejo pela sua expressão que já ouviu essa palavra. É uma coisa que está matando de medo os seus teólogos, mas são eles que me amedrontam. Sei o que Lorde Asriel está fazendo, e sei por quê, e foi por isso que chamei você aqui. Quero ajudar Lorde Asriel, entende, porque a missão que ele tomou para si é a maior na História humana. A maior em 35 mil anos de História humana, Sr. Scoresby. Eu mesmo não posso fazer grande coisa. Meu coração está doente de um mal que ninguém neste mundo conseguirá

curar. Ainda tenho, talvez, energia suficiente para um grande esforço. Mas sei uma coisa que Lorde Asriel não sabe e precisa saber para que seus esforços tenham sucesso. Fiquei intrigado com aquele mundo mal-assombrado onde os Espectros se alimentavam da consciência humana, tinha vontade de saber o que eram, como tinham surgido. Sendo um xamã, consigo descobrir coisas através do espírito quando não posso ir com o corpo, e passei muito tempo em transe explorando aquele mundo. Descobri que os filósofos de lá, há muitos séculos, criaram uma ferramenta para a sua própria destruição: uma ferramenta que eles chamaram de faca sutil. Ela possuía muitos poderes, mais do que eles imaginavam quando a fabricaram, muito mais do que eles sabem, mesmo hoje em dia. E ao usá-la, eles deixaram os Espectros entrar no mundo deles.

E continuou:

- Bem, sei a respeito da faca sutil e o que ela pode fazer. E sei onde ela está, sei como reconhecer o indivíduo que deve usá-la e sei o que ele tem que fazer para ajudar Lorde Asriel. Espero que ele seja capaz de cumprir a tarefa. Portanto, chamei o senhor até aqui para me levar pelo ar para o Norte, para dentro do

mundo que Asriel abriu, onde espero encontrar o portador da faca sutil. É um mundo perigoso, não se engane. Aqueles espectros são piores do que qualquer coisa no seu mundo ou no meu. Teremos que ter cuidado e coragem. Não vou voltar de lá, e o senhor terá que usar toda a sua coragem, toda a sua esperteza, toda a sua sorte, se quiser ver o seu mundo de novo. É

esta a sua missão, Sr. Scoresby. Por isso o senhor me procurou. Com essas palavras o xamã silenciou. Tinha o rosto pálido, com um leve brilho de transpiração.

- É a coisa mais maluca que já ouvi na minha vida - foi o comentário de Lee.

Em sua agitação, ele se pôs de pé e ficou a caminhar de um lado para outro, enquanto Hester, impassível, observava. Grumman tinha os olhos semicerrados e seu daemon, no colo, observava Lee com olhar desconfiado.

- Quer dinheiro? - Grumman perguntou, depois de alguns instantes. Posso lhe arranjar ouro. Não é difícil.

- Droga, não vim até aqui por dinheiro - Lee exclamou. - Vim porque... Vim ver se o senhor estava vivo como eu pensava. Bem, a minha curiosidade quanto a isso já foi satisfeita.

- Que bom.

- E há outra coisa - Lee acrescentou.

Ele relatou a Grumman sobre o Conselho de bruxas no Lago Enara e a resolução a que elas tinham chegado. E terminou:

- Sabe, aquela garotinha, Lyra... Bem, foi por causa dela que resolvi ajudar as bruxas. O senhor diz que me trouxe até aqui com o anel navajo, pode ser que seja, pode ser que não. O que eu sei é que vim aqui porque achei que estaria ajudando Lyra. Nunca vi uma criança como aquela. Se eu tivesse uma filha, queria que ela fosse metade tão forte, corajosa e boa quanto ela é. Ora, eu tinha ouvido falar que o senhor conhecia um objeto, eu não sabia o que podia ser, que dá proteção a qualquer pessoa que o carregue. E pelo que o senhor diz, acho que deve ser essa tal de faca sutil. De modo que este é o meu preço para levar o senhor até o outro mundo, Dr. Grumman: nada de ouro, mas a faca sutil, e não a quero para mim, mas para Lyra. O senhor terá que jurar que vai conseguir que

ela fique sob a proteção desse objeto, e então eu o levo aonde o senhor quiser ir.

O xamã escutou atentamente, e disse:

- Muito bem, Sr. Scoresby, eu juro. Acredita no meu juramento?

- Vai jurar pelo quê?

- Pelo que o senhor quiser.

Lee pensou um pouco e disse:

- Jure por aquilo que fez o senhor recusar o amor da bruxa. Acho que deve ser a coisa mais importante que o senhor conhece.

Grumman arregalou os olhos e disse:

- Tem toda razão, Sr. Scoresby. Jurarei com prazer. Dou-lhe a minha palavra de que vou fazer com que essa menina Lyra Belacqua fique sob a proteção da faca sutil. Mas vou lhe dar um aviso: o portador dessa faca tem sua própria missão a cumprir, e pode ser que essa missão coloque a menina num perigo ainda pior .

Lee assentiu com a fisionomia séria.

- Pode ser - concordou. - Mas, quero que ela tenha uma chance de segurança, por menor que seja.

- Eu lhe dou a minha palavra. E agora preciso ir para o novo mundo, e o senhor precisa me levar.

- E o vento? O senhor não está doente demais para observar as condições meteorológicas, está?

- Deixe que eu cuido do vento.

Lee assentiu. Tornou a sentar-se e ficou passando a mão pelo anel de turquesa enquanto Grumman colocava dentro de uma bolsa de pele de cervo as poucas coisas de que necessitaria, e então os dois voltaram para a aldeia pela trilha na floresta.

O chefe falou durante algum tempo. Cada vez mais pessoas vinham tocar na mão

de Grumman, murmurar algumas palavras e receber em troca algo que parecia uma bênção.

Enquanto isso, Lee examinava as condições do tempo. O céu estava claro para o sul, e uma brisa fresca sacudia de leve os ramos e o topo dos pinheiros. Para o norte, a neblina ainda pairava sobre o rio cheio, mas pela primeira vez em muitos dias parecia haver uma promessa de tempo claro. Junto ao rochedo onde antes ficava o ancoradouro, ele colocou a bolsa de Grumman dentro do bote e abasteceu o pequeno motor, que pegou de imediato. Partiram, com o xamã sentado na proa, o bote desceu velozmente a correnteza, passando sob as árvores e entrando no rio principal com tanta rapidez que Lee temeu por Hester, agachada junto à amurada. Mas ela era uma viajante experiente, ele deveria saber disso, por que estava tão nervoso?

Quando chegaram ao porto na foz do rio, constataram que todos os hotéis, pensões e até quartos em casas particulares tinham sido requisitados para os soldados. E não eram quaisquer soldados: eram as tropas da Guarda Imperial de Moscóvia, o exército mais feroz, mais treinado e melhor equipado do mundo, dedicado sob juramento a defender os poderes do *Magisterium*. Lee tinha pretendido descansar uma noite antes de partirem, pois Grumman parecia estar precisando, mas não havia chance de encontrarem um quarto.

- O que é que está acontecendo? - ele perguntou ao barqueiro, quando devolveu o barco alugado.

- Não sabemos. O regimento chegou ontem e requisitou todos os leitos, toda a comida e todos os barcos da cidade. Este bote seria deles, se não estivesse com o senhor .

- Sabe para onde estão indo?

- Para o Norte - disse o barqueiro. - Vai haver uma guerra, a maior guerra que já houve.

- Para o Norte, para esse novo mundo?

- Isso mesmo. E vão chegar mais tropas, esta é só a tropa de vanguarda. Daqui a uma semana não vamos ter um só pedaço de pão ou um galão de combustível. O senhor me fez um grande favor alugando este barco. O preço já dobrou...

Agora não havia sentido em descansar, mesmo se conseguissem encontrar um lugar. Cheio de ansiedade por seu balão, Lee, acompanhado por Grumman, foi direto ao depósito onde o tinha deixado. Grumman conseguia acompanhar seu passo, parecia doente, mas era durão.

O guardador do depósito, ocupado contando algumas peças de motor para um sargento da Guarda, ergueu os olhos rapidamente de sua prancheta.

- Balão? Infelizmente foi requisitado ontem - disse.

- Está vendo como as coisas estão, não tive escolha.

Hester mexeu as orelhas e Lee entendeu o que ela queria dizer.

- Já entregou o balão? - perguntou.

- Virão buscá-lo esta tarde.

- Nada disso - disse Lee. - Tenho uma autoridade que ultrapassa a da Guarda.

E mostrou ao guardador do depósito o anel que ele tinha tirado do dedo do escraelingue morto em Nova Zembla. O sargento, que estava ao seu lado junto ao balcão, parou o que estava fazendo e fez uma continência ao ver o símbolo da Igreja, mas, apesar de toda a sua disciplina, não conseguiu conter uma breve expressão de espanto.

- Portanto vamos levar o balão agora mesmo, pode colocar alguns homens para trabalhar: quero o balão cheio e abastecido. Isso inclui comida, água e lastro. Eu disse agora mesmo.

O guardador do depósito olhou para o sargento, que deu de ombros, e então saiu apressado para ver o balão. Lee e Grumman foram para o atracadouro onde ficavam os tanques de combustível, para supervisionar o abastecimento e conversar em voz baixa.

- Onde conseguiu esse anel? - Grumman quis saber.

- Tirei do dedo de um morto. É meio arriscado usar isso, mas não vi outra maneira de ter meu balão de volta. Acha que aquele sargento suspeitou de alguma coisa?

- Claro que suspeitou. Mas é um homem disciplinado. Não vai questionar a Igreja. Se ele mencionar o que viu, nós estaremos longe quando resolverem fazer alguma coisa. Bem, eu lhe prometi um vento, Sr. Scoresby; espero que goste.

O céu estava azul e o sol brilhava. Para o norte, a neblina ainda parecia uma cordilheira de montanhas acima do mar, mas a brisa a empurrava cada vez mais para trás, e Lee ficou impaciente para levantar vôo. Enquanto o balão enchia-se de ar, inchando e começando a aparecer por trás do telhado do depósito, Lee examinava a cesta e guardava o equipamento com especial cuidado, quem poderia prever as turbulências que encontrariam no outro mundo? Também os instrumentos foram fixados à

estrutura com a máxima atenção - até mesmo a bússola, cujo ponteiro girava em volta do mostrador. Para terminar, Lee amarrou vários sacos de areia como lastro em volta da cesta.

Quando o balão já estava cheio, pendendo para o norte e forçando as cordas que o ancoravam por causa do vento que aumentava, Lee pagou o guardador do depósito com o resto de seu ouro e ajudou Grumman a entrar na cesta. Então virou-se para os homens que seguravam as cordas para ordenar que as soltassem.

Antes, porém, que pudesse dar a ordem, houve uma interrupção. Do beco ao lado do depósito veio o ruído de botas pisando com força, movendo-se depressa, e um brado de comando:

- Alto!

Os homens das cordas ficaram indecisos, alguns olhando para o beco, outros para Lee, que gritou com veemência:

- Soltem as cordas!

Dois deles obedeceram e o balão tentou subir, mas os outros dois prestavam atenção nos soldados, que estavam rodeando a esquina do depósito. Os dois homens seguravam as cordas ainda em volta dos ganchos, e o balão estava inclinado para um lado. Lee agarrou-se à borda da cesta, Grumman já estava agarrado a ela, e também seu daemon tinha as garras em volta dela.

Lee gritou:

- Soltem as cordas, seus idiotas! O balão já está no ar!

O gás que enchia o balão tinha muita força, e os homens, por mais que resistissem, não conseguiam segurá-lo. Um deles soltou a corda, que se desenrolou do gancho de amarração, mas o outro, ao sentir a corda começando a fugir, agarrou-se instintivamente a ela, em vez de soltá-la. Lee, que já tinha visto isso acontecer uma vez, ficou horrorizado. O daemon do pobre homem, uma pesada cadela husky, uivava de medo e dor, lá no solo, enquanto o balão disparava para o céu. Depois de cinco intermináveis segundos, estava tudo acabado: o homem perdeu as forças e caiu, semimorto, batendo com força na água.

Mas os soldados já tinham os rifles apontados para cima. Uma rajada de balas assobiou perto da cesta, uma delas tirando uma fagulha de um anel de metal e fazendo as mãos de Lee arderem com o impacto, mas nenhuma causou algum estrago.

Quando dispararam a segunda rajada, o balão estava quase fora de alcance, erguendo-se no azul e disparando na direção do mar. Lee sentia o coração erguer-se também. Certa vez dissera a Serafina Pekkala que não fazia questão de voar e que aquilo era apenas um trabalho, mas não tinha dito a verdade. Voar pelo céu, com um bom vento a carregá-lo e um mundo novo a aguardá-lo - alguma coisa poderia ser melhor na vida?

Soltou a borda da cesta e viu que Hester estava agachada, de olhos semicerrados, no seu canto costumeiro. Lá de baixo e de muito longe, outra rajada de balas foi disparada inutilmente. A cidade distanciava-se rapidamente, e abaixo deles a amplidão da foz do rio cintilava ao sol.

- Bem, Dr. Grumman, não sei quanto ao senhor, mas eu me sinto melhor no ar - Lee comentou. - Mas queria que aquele coitado tivesse soltado a corda. É tão fácil, e se a gente não soltar, não tem escapatória.

- Obrigado, Sr. Scoresby, fez um bom trabalho. Agora vamos nos acomodar para o vôo. Eu ficaria muito grato se me passasse essas peles, o ar ainda está frio.

11 - O BELVEDERE

Na grande mansão branca no centro do belo jardim, Will dormiu um sono inquieto, perseguido por sonhos cheios de ansiedade e ternura em igual medida,

de modo que ele lutava para despertar mas ansiava por tornar a dormir. Quando seus olhos abriram-se de vez, ele se sentia tão cansado, que mal podia se mover, ao se sentar, descobriu que o curativo estava frouxo e a cama estava escarlate.

Conseguiu sair da cama e atravessar os aposentos cheios de poeira, luz do sol e silêncio, até chegar à cozinha. Ele e Lyra tinham dormido nos quartos dos criados, sob o sótão (pois não se sentiriam bem nas imponentes camas de dossel nos quartos dos outros andares), e era um percurso longo e difícil.

- Will... - fez ela imediatamente, a voz cheia de preocupação. Ela deixou o fogão para ajudá-lo a sentar-se. Ele se sentia tonto. Imaginava ter perdido muito sangue, aliás, nem precisava imaginar, pois as evidências estavam por toda parte. E os ferimentos ainda sangravam.

- Eu ia justamente fazer café - ela disse. - Quer café primeiro, ou quer que eu faça outro curativo? Como você preferir. E temos ovos, mas não consigo encontrar uma lata de salsichas.

- Este não é o tipo de casa onde se come isso. Primeiro o curativo. Tem água quente na torneira? Quero me lavar. Odeio ficar cheio de sangue... Ela abriu a torneira de água quente e ele se despiu, ficando só de cuecas. Estava fraco e tonto demais para se sentir envergonhado, mas Lyra envergonhou-se por ele, e saiu. Ele se lavou o melhor que conseguiu e depois se enxugou nos panos de prato pendurados perto do fogão.

Quando Lyra voltou, tinha arranjado roupas para ele - uma camiseta, calças de lona e um cinto. Ele se vestiu e ela rasgou um pano de prato em tiras, com as quais fez um curativo apertado. Estava muito preocupada com a mão dele: não apenas os ferimentos ainda sangravam em abundância, como também o resto da mão estava vermelho e inchado. Mas ele nada comentou, nem ela.

Então ela fez café e torrou um pouco de pão velho, os dois levaram a comida para o salão que ficava na parte fronteira da casa, com vista para a cidade. Depois de comer e beber, ele se sentiu um pouco melhor.

- É melhor perguntar ao aletômetro o que devemos fazer agora - ele sugeriu. - Já fez alguma pergunta?

- Não. De agora em diante só vou fazer o que você pedir. Pensei em perguntar ontem à noite, mas não fiz. E não vou fazer, a não ser que você me peça.

- Bom, então é melhor perguntar logo. Existe tanto perigo aqui quanto no meu mundo, agora. Para começar, existe o irmão da Angélica. E se... Ele silenciou, pois ela ia começar a dizer alguma coisa, mas parou assim que ele o fez. Então ela se controlou e falou:

- Will, tem uma coisa que aconteceu ontem que eu não contei a você. Devia ter contado, mas estava acontecendo tanta coisa... Desculpe... Ela então narrou tudo que tinha visto pela janela da Torre enquanto Giacomo Paradisi estava fazendo o curativo nele: Tullio sendo atacado pelos Espectros, Angélica avistando-a na janela e seu olhar de ódio, e mais a ameaça de Paolo. E continuou:

- Você se lembra quando ela falou com a gente pela primeira vez? O

irmão pequeno disse alguma coisa sobre o que todos estavam fazendo. Ele disse: "Ele vai pegar..." mas não terminou, porque ela lhe deu um safanão, lembra-se? Aposto que ele ia dizer que Tullio ia pegar a faca, e foi por isso que todas as crianças vieram para cá. Porque, se elas tivessem a faca, poderiam fazer qualquer coisa, poderiam até crescer sem medo dos Espectros.

- Como era a aparência dele quando estava sendo atacado? - Will quis saber .

Para surpresa dela, Will tinha se sentado ereto, os olhos curiosos e interessados. Ela tentou se lembrar exatamente:

- Ele... Ele começou a contar as pedras na parede. Parecia estar se encostando em cada uma. Mas não conseguiu continuar. No final ele perdeu o interesse e parou. Então ficou imóvel – ela completou. Ao ver a expressão de Will, ela quis saber: - Por quê?

- Porque... Acho que talvez eles tenham vindo do meu mundo, os Espectros. Se eles fazem as pessoas se comportarem assim, não seria estranho que eles tivessem vindo do meu mundo. E quando os homens da Liga abriram a primeira janela, se ela dava para o meu mundo, os Espectros poderiam ter entrado por ali.

- Mas não existem Espectros no seu mundo! Você nunca ouviu falar deles lá, ouviu?

- Talvez eles não sejam chamados de Espectros. Talvez o nome deles seja outro.

Lyra não entendeu o que ele queria dizer, mas não quis pressionar. Ele tinha o

rosto vermelho e os olhos inchados.

- De qualquer maneira, o importante é que a Angélica me viu na janela da Torre. E agora que sabe que a faca está com a gente, ela vai contar para as outras crianças. Vai pensar que foi por nossa culpa que o irmão foi atacado pelos Espectros. Sinto muito, Will, eu devia ter lhe contado antes. Mas aconteceu tanta coisa...

- Bom, acho que não ia fazer diferença. Ele estava torturando o velho, e depois de aprender a usar a faca ele teria matado nós dois, se pudesse. Tínhamos que lutar com ele.

- Eu me sinto mal por causa disso, Will. Quer dizer, ele era irmão dela. E aposto que no lugar deles, íamos querer a faca também.

- É, mas não podemos voltar e mudar o que aconteceu. Tínhamos que pegar a faca para poder ter o aletômetro de volta, e se pudéssemos conseguir isso sem lutar, nós teríamos feito.

- É, teríamos - ela concordou.

Como Iorek Byrnison, Will era um verdadeiro guerreiro, de modo que ela estava preparada para concordar com ele quando ele dizia que melhor seria não lutar: ela sabia que não era uma questão de covardia, mas de estratégia. Ele agora parecia mais calmo e tinha o rosto outra vez pálido, estava olhando para longe, pensativo. Então disse:

- Com certeza é mais importante agora pensar no que Sir Charles vai fazer, ou a Sra. Coulter. Talvez, se ela tem essa escolta especial de que eles estavam falando, esses soldados com os daemons cortados, talvez Sir Charles tenha razão e eles consigam ignorar os Espectros. Sabe o que eu acho? Acho que o que eles comem, esses Espectros, são os daemons das pessoas.

- Mas as crianças também têm daemons. E eles não atacam crianças. Não pode ser isso.

- Então deve ser a diferença entre os daemons das crianças e os dos adultos - Will insistiu. - Existe uma diferença, não é? Você me disse que os daemons dos adultos não mudam de forma. Deve ter alguma coisa a ver com isso. Se aqueles soldados dela não têm daemon, pode ser que o efeito seja o mesmo...

- É! - ela concordou. - Pode ser. E de qualquer maneira, ela não teria medo dos Espectros. Ela não tem medo de nada. E é tão esperta, Will, eu juro, e tão impiedosa e cruel, que ia acabar mandando neles, eu aposto. Ela poderia mandar nos Espectros como faz com as pessoas e eles teriam que obedecer, aposto. Lorde Boreal é forte e inteligente, mas logo, logo vai fazer tudo que ela quiser. Ah, Will, estou ficando assustada de novo, só de pensar no que ela pode fazer... Vou perguntar ao aletômetro, como você disse. Ainda bem que conseguimos pegar ele de volta.

Ela abriu o embrulho de veludo e passou as mãos com ternura sobre o pesado instrumento de ouro.

- Vou perguntar sobre o seu pai, e como podemos encontrar ele disse. - Veja, eu coloco os ponteiros em...

- Não. Pergunte primeiro pela minha mãe. Quero saber se ela está

bem.

Lyra assentiu e girou os ponteiros antes de colocar o aletômetro no colo, puxar os cabelos para trás das orelhas, baixar os olhos e se concentrar. Will observou o ponteiro maior girar em volta do mostrador, correndo e parando e correndo de novo com a rapidez de uma andorinha ciscando, e observou os olhos de Lyra, tão azuis, intensos e cheios de compreensão. Ela então pestanejou e ergueu o olhar.

- Ela ainda está segura - disse. - Essa amiga que está tomando conta dela, ela é muito boa. Ninguém sabe onde sua mãe está, e a amiga não vai denunciar.

Will não tinha percebido a extensão da sua preocupação. Diante dessa boa notícia, ele relaxou, então, livre de uma pequena parte da tensão que o dominava, sentiu com mais força a dor dos ferimentos.

- Obrigado. Muito bem, agora pergunte sobre o meu pai...

Antes, porém, que ela pudesse sequer começar, ouviram um grito lá

fora. Imediatamente os dois olharam para a janela. Na borda do jardim, em frente às primeiras casas da cidade, havia um cinturão de árvores, e alguma coisa se movia ali. Pantalaimon transformou-se num lince e foi até a porta aberta, com olhar feroz.

- São as crianças - disse.

Ambos se levantaram. As crianças surgiam por entre as árvores, uma a uma, talvez 40 ou 50 ao todo. Muitas levavam pedaços de pau. À frente ia o garoto de camiseta listrada, e não era um pedaço de pau o que ele carregava: era uma pistola.

- Ali está Angélica - Lyra sussurrou, apontando.

Angélica estava ao lado do menino líder, puxando-o pelo braço, incentivando-o a continuar em frente. Logo atrás deles, seu irmão Paolo gritava de entusiasmo, e também as outras crianças gritavam e sacudiam os punhos no ar. Duas carregavam pesadas espingardas. Will já tinha visto crianças dominadas por esse estado de espírito, mas nunca tantas, e as crianças da sua cidade não carregavam armas.

Elas gritavam, e Will conseguiu distinguir a voz de Angélica acima das outras:

- Vocês mataram o meu irmão e roubaram a faca! Seus assassinos!

Vocês fizeram os Espectros pegarem ele! Vocês mataram ele e nós vamos matar vocês! Não vão conseguir fugir! Vamos matar vocês como vocês mataram ele!

- Will, você podia abrir uma janela! - Lyra disse com urgência, agarrando o braço bom dele. - Podíamos fugir facilmente...

- É, mas onde a gente ia estar? Em Oxford, em plena luz do dia, a poucos metros da casa de Sir Charles. Provavelmente no meio da rua, na frente de um ônibus. Não posso simplesmente cortar em qualquer lugar e ter certeza de que estaremos seguros. Primeiro tenho que espiar e ver onde vamos sair, e isso ia demorar demais. Atrás desta casa tem uma floresta, um bosque ou coisa assim. Se conseguirmos chegar até lá, estaremos mais seguros entre as árvores.

Olhando pela janela, Lyra exclamou, furiosa:

- Eu devia ter acabado com ela ontem! Ela é tão ruim como o irmão. Eu queria...

- Pare de falar e venha - disse Will.

Ele se certificou de que tinha a faca presa ao cinto, e Lyra colocou nas costas a

mochila com o aletômetro e as cartas do pai de Will. Os dois correram pelo vestíbulo cheio de ecos, desceram o corredor e entraram na cozinha, atravessaram a copa e saíram num pátio com piso de pedras, uma porta no muro dava para uma horta com canteiros de hortaliças e ervas expostos ao sol da manhã.

A borda do bosque ficava a algumas centenas de metros, depois de um gramado em subida, horrivelmente exposto à visão. Numa elevação à

esquerda, mais próxima do que as árvores, ficava uma pequena edificação, uma estrutura circular parecendo um templo, com um segundo andar aberto em arcos como uma varanda, de onde se descortinava a vista da cidade.

- Vamos correr - Will comandou, embora sentisse menos vontade de correr do que de se deitar e fechar os olhos.

Com Pantalaimon em forma de pássaro, voando acima dela para vigiar, os dois partiram através do gramado. Mas a grama era alta e irregular, e Will não conseguiu correr mais do que alguns passos sem ficar tonto demais para continuar.

Passou a andar devagar.

Lyra olhou para trás. As crianças ainda não os tinham visto, ainda estavam na frente da casa, talvez levassem algum tempo para revistar todos os aposentos...

Mas Pantalaimon piou em alarde. Havia um menino parado perto de uma janela aberta no segundo andar da casa, apontando para eles. Ouviu-se um grito.

- Vamos, Will - fez Lyra.

Ela o puxou pelo braço sadio, ajudando-o, levantando-o. Ele tentou reagir, mas não tinha forças. Só conseguia andar bem devagar .

- Está bem, não vamos conseguir chegar até as árvores. É longe demais. Então vamos para aquele templo ali. Com a porta fechada, talvez a gente consiga segurar eles pelo tempo suficiente para eu cortar uma porta... Pantalaimon adiantou-se, e Lyra soltou um arquejo e chamou-o, sem fôlego, fazendo com que ele esperasse. Will quase podia enxergar o elo entre eles, o daemon puxando e a menina reagindo. Ele cambaleava através da grama alta, com Lyra correndo à

frente para enxergar e voltando para ajudar, depois novamente à frente, até chegarem ao piso de pedra em volta do templo. A porta sob o pequeno pórtico estava destrancada, e ao entrarem eles encontraram um aposento circular com várias estátuas de deusas em nichos na parede em volta. Bem no centro, uma escada em espiral, feita de ferro forjado, subia até uma abertura no andar de cima. Não havia chave na porta, de modo que os dois subiram a escada e passaram para o piso de tábuas do que era na realidade um belvedere - um lugar onde as pessoas vinham respirar o ar puro e contemplar a cidade, pois não havia janelas ou paredes, mas simplesmente uma série de arcos abertos em toda volta, sustentando o telhado. Em cada arco havia um parapeito da altura da cintura, onde se podia apoiar, e abaixo dele, pelo lado de fora, o telhado de telhas curvas descia num aclive suave até a calha de chuva que o circundava.

Eles viam a floresta atrás do templo, a uma proximidade tentadora, e a casa abaixo deles, e atrás dela o grande jardim e os telhados marromavermelhados da cidade, com a Torre erguendo-se à esquerda. Havia urubus girando no ar acima das ameias cinzentas, e Will sentiu um espasmo de náusea ao tomar consciência do que os atraíra até lá.

Mas não havia tempo para contemplar a paisagem, primeiro precisavam lidar com as crianças, que vinham correndo em direção ao templo, gritando de fúria e de excitação. O garoto que ia à frente diminuiu a velocidade e ergueu a pistola, e fez dois ou três disparos na direção do templo. Então todos recomeçaram a correr, aos berros:

- Ladrões!

- Assassinos!

- Vamos matar vocês!

- Vocês roubaram a nossa faca!

- Vocês não são daqui!

- Vão morrer!

Will não deu atenção. Já tinha a faca na mão, e rapidamente abriu uma janelinha para ver onde estavam - e recuou no mesmo instante. Lyra também olhou, e retrocedeu, decepcionada. Estavam a uns 15 metros do chão, suspensos sobre

uma avenida bastante movimentada.

- Claro - fez Will em tom amargurado. – Nós subimos uma boa ladeira... Bom, estamos presos. Vamos ter que tentar afastar eles, só isso. Poucos segundos depois, as primeiras crianças entravam em bando pela porta. O som dos berros ecoava dentro do templo e reforçava a selvageria e então ouviu-se um tiro, imensamente alto, e outro, e os gritos tomaram outra entonação, e então a escada pôs-se a estremecer quando as primeiras crianças começaram a subir.

Lyra, paralisada, estava agachada contra a parede, mas Will ainda tinha a faca na mão; correu para a abertura no chão, estendeu a mão e cortou o ferro do degrau superior como se fosse papel. Sem ter o que a segurasse, a escada começou a dobrar sob o peso das crianças, depois caiu com um enorme ruído. Mais gritos, mais confusão e novamente a arma disparou, mas parece ter sido acidental, pois alguém se feriu, e dessa vez o grito era de dor. Will olhou para baixo e viu uma confusão de corpos a contorcerem-se, cobertos de cal, poeira e sangue.

Não eram crianças individuais: eram uma massa única, como uma onda que cresceu abaixo deles quando as crianças saltaram para o ar em fúria, mãos estendidas para agarrá-los, ameaçando, gritando, cuspindo, mas sem conseguir alcançá-los.

Então alguém chamou, e elas olharam para a porta, aquelas que conseguiam se mover saíram naquela direção, deixando várias outras presas debaixo dos degraus de ferro, ou atordoadas, tentando se levantar do chão cheio de entulho.

Will logo percebeu por que elas tinham corrido para fora. Houve um ruído no telhado abaixo dos arcos e ao correr para o parapeito ele viu o primeiro par de mãos agarrando a borda das telhas e alçando o corpo para cima. Alguém ajudava por baixo, e logo surgiu outra cabeça e outro par de mãos, à medida que umas subiam nos ombros das outras e alcançavam o telhado como formigas.

Mas era difícil caminhar sobre as telhas, e as primeiras crianças avançaram de gatinhas, os olhares ferozes grudados no rosto de Will. Lyra postou-se ao lado dele, e Pantalaimon, como leopardo, rosnava, as patas no alto do parapeito, fazendo as primeiras crianças hesitarem. Mas mesmo assim elas avançavam, cada vez em maior número.

Alguém gritava "Mata! Mata! Mata!", e então outras vozes se juntaram, cada vez mais alto, e as crianças que estavam no telhado puseram-se a bater o pé marcando o ritmo, embora não ousassem se aproximar e enfrentar a fúria do daemon.

Então uma telha se partiu e o menino de pé sobre ela escorregou e caiu, mas o que estava ao lado dele pegou um caco e arremessou-o sobre Lyra. Ela mergulhou e a telha espatifou-se na coluna ao seu lado, os pedaços choveram sobre ela. Will tinha reparado na grade de ferro em volta da abertura no chão, e cortou dois pedaços na forma de espada. Entregou um a Lyra, que o girou com toda força em direção à lateral da cabeça do primeiro menino. Ele caiu na mesma hora, mas logo surgiu outra criança - Angélica, cabelos vermelhos, rosto branco, olhos enlouquecidos, ela subiu de gatinhas até o parapeito, mas Lyra golpeou-a com o pedaço de grade e ela caiu. Will estava fazendo a mesma coisa. A faca estava na bainha em sua cintura, e ele atacava e se defendia com o pedaço de ferro; embora muitas crianças tombassem, outras as substituíam, e cada vez mais crianças subiam para o telhado.

Então apareceu o menino de camiseta listrada, mas tinha perdido a pistola, ou talvez estivesse sem munição. No entanto, ele e Will se encararam, e ambos tinham consciência do que iria acontecer: eles iam lutar, e ia ser uma luta violenta e mortal.

- Venha - disse Will, ansioso pelo combate. – Venha então... Mais um segundo e eles teriam lutado. Mas aconteceu uma coisa estranhíssima: um grande cisne branco veio voando baixo, as asas estendidas, grasnando tão alto que até as crianças no telhado, em meio àquela selvageria, viraram-se para olhar .

- Kaisa! - Lyra chamou, cheia de alegria, pois era mesmo o daemon de Serafina Pekkala.

O ganso tornou a grasnar, um som penetrante que encheu o céu, depois girou e passou a poucos centímetros do menino de camiseta listrada. O

garoto recuou, apavorado, e deslizou para a borda do telhado, de onde desceu, as outras crianças puseram-se a gritar de medo também, porque havia mais alguma coisa no céu e quando Lyra viu as pequenas figuras negras surgindo do azul, pôs-se a gritar de alegria.

- Serafina Pekkala! Aqui! Socorro! Estamos aqui no templo... Com um som sibilante, uma dúzia de flechas, e mais uma dúzia logo em seguida, e mais outra dúzia disparada tão depressa, que todas estavam no ar ao mesmo tempo, choveram sobre o telhado do templo, onde bateram como marteladas. Atônitas e atordoadas, as crianças no telhado num instante perderam toda a truculência, que foi substituída pelo pavor: quem eram aquelas mulheres vestidas de preto voando no ar? Que coisa podia ser aquilo?

Seriam fantasmas? Um novo tipo de Espectros?

Gemendo e chorando, as crianças saltaram do telhado, algumas caindo de mau jeito e arrastando-se ou mancando para longe, outras rolando ladeira abaixo e correndo para um lugar seguro, não mais uma massa humana, mas apenas um bando de crianças assustadas e envergonhadas. Um minuto depois do aparecimento do ganso, a última das crianças fugiu do templo, e o único som era o ar passando pelos galhos nos quais as bruxas voavam em círculos.

Will olhou para cima, maravilhado, espantado demais para falar, mas Lyra saltava e chamava, encantada:

- Serafina Pekkala! Como foi que nos encontrou? Obrigada, obrigada!

Eles iam matar a gente! Desça para cá...

Mas Serafina e as outras sacudiram a cabeça e tornaram a subir, para voar em círculos mais acima. O daemon-ganso girou e voou na direção do telhado, batendo as grandes asas para dentro, para diminuir a velocidade, e pousou ruidosamente nas telhas abaixo do arco.

- Saudações, Lyra - disse. - Serafina Pekkala não pode vir ao solo, nem as outras. Este lugar está cheio de Espectros, mais de 100 deles estão rodeando este lugar, e vêm vindo outros pelo gramado. Não conseguem ver?

- Não! A gente não vê nada disso!

- Já perdemos uma bruxa. Não podemos arriscar. Vocês conseguem descer daí?

- Saltando do telhado, como as crianças fizeram. Mas como nos encontrou? E onde...

- Por agora chega. Vêm mais problemas por aí, e maiores ainda. Desçam como puderem e vão para as árvores.

Os dois passaram por cima do parapeito e desceram lateralmente através das telhas quebradas até a calha. Não era alto, e o solo era gramado, com um ligeiro declive. Lyra saltou primeiro e Will seguiu-a, rolando no chão e tentando proteger a mão, que já estava novamente sangrando muito e doendo também. O curativo tinha se soltado e pendia numa tira, enquanto ele tentava enrolá-lo, o ganso pousou na grama ao lado dele.

- Lyra, quem é este? - Kaisa perguntou.

- Will. Ele vem conosco...

- Por que os Espectros estão evitando você? – o daemon-ganso perguntou diretamente a Will.

A essa altura nada mais surpreendia Will, que respondeu:

- Não sei. A gente não consegue ver eles. Não, espere! - E ele ficou de pé,

quando uma idéia lhe ocorreu. – Onde é que estão agora? - perguntou. Onde está o mais próximo?

- A 10 passos de você, ladeira abaixo - disse o daemon.

- Eles não querem chegar mais perto, é evidente.

Will tirou a faca e olhou naquela direção, e ouviu o daemon sibilar, surpreso.

Mas Will não conseguiu fazer o que pretendia porque no mesmo momento uma bruxa pousou seu galho na grama ao lado dele. Ele ficou atônito, não tanto pelo fato de vê-la voar, mas pela espantosa graciosidade, a claridade intensa, fria e amorosa do olhar dela, e pelos membros pálidos, despidos, tão jovens, no entanto tão distantes de serem jovens.

- Seu nome é Will? - ela perguntou.

- É, sim, mas...

- Por que os Espectros têm medo de você?

- Por causa da faca. Onde está o mais próximo? Diga! Quero matar ele!

Mas Lyra veio correndo antes que a bruxa pudesse responder.

- Serafina Pekkala! - exclamou.

E jogou os braços em volta da bruxa, abraçando-a com tanta força que a bruxa riu e beijou-lhe o topo da cabeça.

A menina continuou:

- Ah, Serafina, de onde você surgiu desse jeito? Nós estávamos... aquelas crianças... Eram crianças, e iam matar a gente... Você viu? Pensamos que íamos morrer, e... Ah, estou tão feliz por você ter aparecido! Pensei que nunca mais ia ver você!

Serafina Pekkala olhou por cima da cabeça de Lyra, para onde os Espectros obviamente estavam agrupados a certa distância, depois olhou para Will.

- Agora escutem, há uma caverna neste bosque, não muito longe. Subam a

ladeira e então acompanhem a crista do morro, para a esquerda. Poderíamos até tentar carregar Lyra uma parte do caminho, mas você é grande demais, vai ter que ir a pé. Os Espectros não vão nos seguir, eles não conseguem nos ver no ar, e têm medo de você. Nós nos encontraremos lá, é

uma caminhada de meia hora.

E ela tornou a alçar vôo. Will protegeu os olhos da luz para observar a bruxa e as outras figuras elegantes girarem no ar e voarem céleres rumo às árvores.

- Ah, Will, estamos salvos agora! Vai dar tudo certo, agora que Serafina Pekkala está aqui! - Lyra afirmou. - Nunca pensei que fosse ver a Serafina de novo... Ela chegou bem na hora, não foi? Exatamente como na outra vez, em Bolvangar...

Tagarelando animadamente, como se já tivesse esquecido a luta, ela subiu a ladeira em direção ao bosque. Will acompanhava-a em silêncio. A mão latejava com força, e o sangue escorria sem parar. Ele ergueu a mão junto ao peito e tentou não pensar nisso.

Demorou não meia hora, mas uma hora e três quartos, porque por várias vezes Will teve que parar e descansar. Quando chegaram à caverna, encontraram uma fogueira acesa, um coelho assando e Serafina Pekkala mexendo alguma coisa num pequeno caldeirão de ferro.

- Deixe eu ver a ferida - foi a primeira coisa que ela disse a Will. Ele, como um zumbi, estendeu a mão.

Pantalaimon, em forma de gato, observava com curiosidade, mas Will desviou o olhar. Não gostava de ver seus dedos mutilados. As bruxas cochicharam entre si, e então Serafina Pekkala perguntou:

- Qual foi a arma que fez esse ferimento?

Will pegou a faca e estendeu-a para ela em silêncio. As companheiras contemplaram a faca com espanto e suspeita, pois nunca tinham visto uma lâmina assim tão afiada.

- Vai ser preciso mais do que ervas para curar isto. Vai ser preciso um feitiço - Serafina Pekkala declarou. – Muito bem, vamos preparar um. Vai estar pronto quando a lua sair. Enquanto isso, vocês vão dormir. Ela deu a ele uma pequena

taça de chifre contendo uma poção quente cujo sabor amargo era adoçado com mel, e algum tempo depois ele se deitou e caiu em sono profundo. A bruxa cobriu-o com folhas e voltou-se para Lyra, que ainda comia coelho.

- Agora, Lyra, me conte quem é este menino e o que você sabe sobre este mundo e esta faca - pediu.

Então Lyra respirou fundo e começou.

12 - A LINGUAGEM DA TELA

- Conte tudo outra vez - pediu o Dr. Oliver Payne, no pequeno laboratório com vista para o parque. - Ou não entendi direito, ou você está

dizendo bobagens. Uma criança de outro mundo?

- Foi o que ela disse. Certo, é bobagem, mas pelo menos escute, Oliver, por favor - disse a Dra. Mary Malone. – Ela sabia das Sombras, com o nome de Pó, mas é a mesma coisa. São as nossas partículas de Sombra. Estou lhe dizendo: quando ela estava ligada à Caverna através dos eletrodos, houve uma extraordinária ocorrência de figuras e símbolos na tela... Além disso ela possuía um instrumento, uma espécie de bússola feita de ouro, com vários símbolos em volta do mostrador. Disse que conseguia ler aquilo da mesma maneira, e sabia também sobre o estado de espírito necessário, ela o conhecia intimamente.

Estavam no meio da manhã. A Dra. Malone, a Catedrática de Lyra, tinha os olhos vermelhos por causa do sono atrasado, e seu colega, que acabava de voltar de Genebra, mostrava-se preocupado, cético e impaciente para ouvir mais.

A Dra. Malone prosseguiu:

- E o importante, Oliver, é que ela se comunicou com elas. Elas são conscientes, e conseguem reagir. E você se lembra dos crânios? Pois bem, ela me falou de uns crânios no Museu Pitt-Rivers, descobriu por aquela coisa que eles eram muito mais antigos do que o museu dizia, e havia Sombras...

- Espere um minuto. Pelo menos fale coisa com coisa. O que é que você está dizendo, exatamente? A garota confirmou o que já sabemos, ou revelou alguma novidade?

- As duas coisas. Não sei. Mas vamos supor que tenha acontecido alguma coisa há 30 ou 40 mil anos. Antes disso já havia partículas de Sombra, é claro, elas existem desde a Grande Explosão. Mas não havia um meio físico de amplificar seus efeitos no nosso nível, no nível antropológico, no nível dos seres humanos. E então aconteceu alguma coisa, não consigo imaginar o quê, mas tinha a ver com a evolução. Daí os seus crânios, lembra-se? Antes não havia Sombras, e depois havia um monte delas? E os crânios que a menina viu no museu e testou com aquela espécie de bússola. Ela disse a mesma coisa. O que estou dizendo é que por volta dessa época o cérebro humano tornou-se o veículo ideal para esse processo de amplificação. De repente adquirimos consciência.

O Dr. Payne virou a caneca de plástico e bebeu o resto do café.

- Por que deveria ter acontecido exatamente nesse período?

perguntou. - Por que de repente, há 35 mil anos?

- Ah, quem sabe? Não somos paleontólogos. Não sei, Oliver, só estou especulando. Não acha pelo menos que é possível?

- E esse policial, fale sobre ele.

A Dra. Malone esfregou os olhos.

- O nome dele é Walters. Disse que era da Divisão Especial. Pensei que eles tratassem de política, ou coisa assim.

- Terrorismo, subversão, segurança, tudo isso... Continue. O que ele queria? Por que veio até aqui?

- Por causa da garota. Ele disse que estava procurando um menino mais ou menos da mesma idade, mas não me disse a razão. E esse menino tinha sido visto com a garota que veio aqui. Mas ele tinha outra intenção também, Oliver, ele sabia sobre a pesquisa, chegou até a perguntar... O telefone tocou. Ela se interrompeu, dando de ombros, e o Dr. Payne atendeu. Falou rapidamente e desligou, dizendo:

- Temos visita.

- Quem é?

- Não conheço o nome. Sir Qualquer Coisa. Escute, Mary, você sabe que vou me demitir, não sabe?

- Eles lhe ofereceram o emprego.

- É. Tenho que aceitar. Você certamente compreende.

- Bom, então é o fim de tudo isto.

Ele espalmou as mãos, num gesto que indicava impotência, e disse:

- Para falar com franqueza, não consigo entender o sentido de tudo isso que você me contou. Crianças de outro mundo e Sombras fósseis... É

muita maluquice. Simplesmente não posso me envolver. Tenho uma carreira, Mary.

- E os crânios que você testou? E as Sombras em volta da peça de xadrez feita de marfim?

O Dr. Payne sacudiu a cabeça e virou-se de costas. Antes que ele pudesse responder, ouviram batidas à porta e ele abriu-a de imediato, com alívio.

Sir Charles cumprimentou:

- Bom dia a todos. Dr. Payne? Dra. Malone? Meu nome é Charles Latrom. É muita gentileza me receberem sem hora marcada.

- Entre - convidou a Dra. Malone, perplexa. - Entendi bem? O senhor é Sir Charles? Como é que podemos ajudá-lo?

- Talvez seja o caso de eu poder ajudá-los - ele respondeu. - Ouvi dizer que estão esperando o resultado do seu pedido de verba.

- Como sabe disso? - perguntou o Dr. Payne.

- Já trabalhei para o Ministério. Aliás, eu trabalhava diretamente com a política científica. Ainda tenho muitos contatos nesta área, e ouvi dizer que... Posso me sentar?

- Ah, por favor - disse a Dra. Malone.

Ela puxou uma cadeira e ele se sentou como se estivesse dirigindo uma reunião.

- Obrigado. Soube por um amigo... É melhor não mencionar o nome dele, os regulamentos de segurança são muito rigorosos... Enfim, eu soube que o seu pedido estava sendo estudado, e o que ouvi me intrigou tanto, que devo confessar que pedi para ver alguma coisa do trabalho de vocês. Sei que não era da minha conta, mas ainda atuo como uma espécie de conselheiro não oficial, de modo que usei essa desculpa. E realmente, o que vi era fascinante.

- Isso significa que vamos conseguir? - quis saber a Dra. Malone, inclinando-se para a frente, ansiosa para acreditar nele.

- Infelizmente, não. Tenho que ser sincero: eles não estão dispostos a renovar a sua bolsa.

A Dra. Malone curvou os ombros. O Dr. Payne observava com curiosidade o visitante.

- Então, por que veio aqui? - perguntou.

- Bem, sabe, eles ainda não decidiram oficialmente. Não parece que a resposta será promissora, e vou ser franco com vocês: eles não têm perspectiva de financiar esse tipo de trabalho no futuro. No entanto, se alguém defendesse o caso de vocês, eles poderiam mudar de idéia.

- Um patrono? O senhor está dizendo que poderia fazer isso? Eu não sabia que as coisas funcionavam assim - disse a Dra. Malone, endireitando se. - Pensei que eles consultassem outros cientistas e...

- Na teoria, sim, mas também ajuda saber como esses comitês funcionam na prática. E saber quem faz parte deles. Bem, cá estou: tenho imenso interesse no seu trabalho, acho que ele pode ser muito importante e certamente devia prosseguir. Vocês me deixariam fazer contatos informais para isso?

A Dra. Malone sentia-se como um marinheiro que está se afogando, quando de repente lhe jogam um salva-vidas.

- Ora! Claro que sim! E muito obrigada... Quer dizer, o senhor acha mesmo que vai adiantar? Não estou querendo dizer que... Ah, não sei o que estou querendo dizer. É claro que sim!

- O que é que nós teríamos que fazer? - perguntou o Dr. Payne. A Dra. Malone olhou para ele, surpresa: Oliver não tinha acabado de dizer que ia trabalhar em Genebra? Mas ele parecia estar entendendo Sir Charles melhor do que ela estava, pois uma centelha de cumplicidade passou entre os dois homens, e Oliver veio sentar-se também.

- Fico feliz por você ter me entendido - disse o homem. - Tem toda razão. Existe uma certa direção que me deixaria intensamente feliz se vocês tomassem. E, se pudermos entrar num acordo, eu poderia até arranjar mais dinheiro, de outra fonte.

- Espere, espere - interrompeu a Dra. Malone. - Espere um minuto. O

rumo desta pesquisa é uma questão nossa. Estou inteiramente disposta a discutir os resultados, mas não a meta. O senhor sem dúvida deve entender que...

Sir Charles espalmou as mãos num gesto que exprimia pesar e ficou de pé. Oliver Payne também se levantou, ansioso.

- Não, por favor, Sir Charles, tenho certeza de que a Dra. Malone vai escutar o que o senhor tem a dizer. Mary, escutar não faz mal, e pode fazer uma grande diferença.

- Você não ia para Genebra?

- Genebra? - interpôs Sir Charles. - Excelente lugar. Muitos recursos. Muito dinheiro, também. Não quero prendê-lo aqui.

- Não, não, ainda não está decidido - apressou-se a dizer o Dr. Payne.

- Falta discutir muita coisa, ainda está tudo muito no ar. Sente-se, Sir Charles, por favor... Posso lhe oferecer um café?

- É muita gentileza sua - disse Sir Charles, tornando a sentar-se com ar de um gato satisfeito.

A Dra. Malone estudou-o com atenção pela primeira vez. Viu um homem de quase 70 anos, próspero, confiante, vestido com elegância, habituado ao melhor, acostumado a conviver com pessoas poderosas e a sussurrar em ouvidos importantes.

Oliver tinha razão, ele queria mesmo alguma coisa em troca e só

teriam o apoio dele se o satisfizessem. Ela cruzou os braços. O Dr. Payne estendeu uma caneca ao visitante, dizendo:

- Sinto muito, a nossa louça é modesta...

- De maneira nenhuma. Posso continuar o que estava dizendo?

- Sim, por favor - disse o Dr. Payne.

- Bem, compreendo que vocês fizeram algumas descobertas fascinantes no campo da consciência. Sim, eu sei, vocês ainda não publicaram, e ainda falta muita coisa, aparentemente, para o sucesso da sua pesquisa. No entanto, as notícias se espalham. Estou especialmente interessado no assunto. Eu ficaria muito feliz, por exemplo, se vocês concentrassem sua pesquisa na manipulação da consciência. Em segundo lugar, na hipótese dos mundos diversos, de Everett, vocês se lembram, 1957 ou por aí, acredito que vocês estão na pista de alguma coisa que poderia expandir muito essa teoria. E essa linha de pesquisa poderia até atrair verbas da Defesa, que, como vocês devem saber, ainda é generosa, mesmo hoje em dia, e certamente não está sujeita a esses cansativos processos de aprovação dos pedidos de verbas. Ele ergueu a mão quando a Dra. Malone tentou falar, e prosseguiu:

- Não me peçam para revelar minhas fontes. Mencionei as leis de segurança nacional, é uma legislação incômoda, mas não podemos brincar com ela. Eu tenho confiança de que teremos alguns progressos na área dos mundos diversos. Acho que vocês são as pessoas certas para isso. E, em terceiro lugar, existe um determinado assunto relacionado a uma pessoa. Uma criança.

Ele fez uma pausa e bebericou o café. A Dra. Malone não conseguia falar, ela empalidecera, embora não tivesse consciência disso, mas tinha consciência de que se sentia zonza.

Sir Charles continuou:

- Por diversos motivos estou em contato com os serviços de informações. Eles estão interessados numa criança, uma menina, que possui um instrumento pouco comum, um antigo instrumento científico, certamente roubado, que deveria estar em mãos mais seguras do que as dela. Existe também um menino mais ou menos

da mesma idade, uns 12 anos, que está

sendo procurado por causa de um assassinato. Muito se discute se uma criança desta idade é capaz de assassinato, mas ele certamente matou uma pessoa. E foi visto com a menina. Agora, Dra. Malone, pode ser que a senhora tenha conhecido uma dessas crianças. E pode ser que a senhora, muito corretamente, esteja inclinada a contar à polícia o que sabe. Mas estaria agindo melhor se me contasse em particular. Posso dar um jeito para que as autoridades lidem com o assunto de maneira rápida e eficiente, sem sensacionalismo nos jornais. Sei que o Inspetor Walters veio vê-la ontem, e sei que a garota apareceu. Percebe, sei do que estou falando. E saberia, por exemplo, se a senhora a visse de novo e se não me contasse, eu saberia disso também. Seria bom pensar bastante sobre isso, e tentar clarear a sua lembrança do que ela disse e fez enquanto estava aqui. É um problema de segurança nacional. Sei que a senhora está me entendendo. Ele suspirou e em seguida continuou:

- Bem, vou ficando por aqui. Tomem o meu cartão, para poderem me procurar. Se fosse eu, não perderia muito tempo, o comitê se reúne amanhã, como vocês sabem. Mas podem me encontrar neste número a qualquer hora. Ele deu um cartão a Oliver Payne e, ao ver que a Dra. Malone continuava de braços cruzados, colocou um sobre a mesa para ela. O Dr. Payne abriu a porta para ele. Sir Charles colocou na cabeça o chapéu panamá, dando-lhe um tapinha, depois sorriu para ambos e partiu. Depois de fechar a porta, o Dr. Payne perguntou:

- Mary , você ficou maluca? Por que se comportou dessa maneira?

- Como assim? Você não caiu na conversa desse velho nojento, caiu?

- Você não pode recusar uma oferta como essa! Quer ou não quer que o nosso projeto sobreviva?

- Não foi uma oferta, foi um ultimato - ela retrucou com veemência. Ou fazemos o que ele quer, ou fechamos. E Oliver, pelo amor de Deus, todas aquelas ameaças e indiretas nada sutis sobre segurança nacional e coisas assim, você não consegue enxergar aonde isso iria levar?

- Bem, acho que consigo enxergar melhor do que você. Se você

disser não, eles não vão fechar este lugar; vão se apossar dele. Se estão tão interessados quanto ele diz, vão querer continuar com a pesquisa. Só que nos

termos deles.

- Mas os termos deles seriam... Ora, uma questão de defesa, pelo amor de Deus, isto quer dizer que eles querem encontrar novos métodos de matar. E você ouviu o que ele disse sobre consciência: ele quer manipular consciências! Não vou me envolver com esse tipo de coisa, Oliver, jamais.

- Eles vão fazer de qualquer maneira, e você vai ficar sem emprego. Se permanecer, poderá orientar o trabalho, dirigir a pesquisa para um rumo melhor. E ainda estará trabalhando no projeto! Ainda estará envolvida!

- Mas, de qualquer maneira, em que isso interessa a você? O trabalho em Genebra já não está decidido?

Ele passou as mãos pelos cabelos e disse:

- Decidido, não. Nada foi assinado. E seria uma coisa completamente diferente, eu não gostaria de ir embora agora que acho que estamos realmente conseguindo alguma coisa...

- O que é que você está dizendo?

- Não estou dizendo...

- Está insinuando. Aonde quer chegar?

- Bem... - Ele se pôs a caminhar de um lado para outro no laboratório, espalmando as mãos, dando de ombros, sacudindo a cabeça. - Bom, se você

não entrar em contato com ele, entro eu - disse finalmente. Ela ficou em silêncio por algum tempo. Depois disse:

- Ah, estou entendendo.

- Mary, tenho que pensar na...

- Claro.

- Não que...

- Não, não.

- Você não compreende...

- Compreendo, sim. É muito simples. Você promete fazer o que ele diz, você consegue a verba, eu saio, você assume como Diretor. Não é difícil entender. Você teria um orçamento maior. Muitas máquinas novinhas. Meia dúzia de PhD’s sob suas ordens. Ótima idéia. Faça isso, Oliver. Vá em frente. Mas para mim chega, estou fora. Isso fede.

- Você não...

Mas a expressão dela silenciou - o. A Dra. Malone despiu o jaleco branco e pendurou-o na porta, juntou alguns papéis numa sacola e saiu sem uma palavra. Assim que ela partiu, ele pegou o cartão de Sir Charles e foi para o telefone.

Várias horas mais tarde, pouco antes da meia-noite, a Dra. Malone estacionou o carro em frente ao prédio de ciências e entrou por uma porta lateral. Mas, assim que se virou para subir a escada, deparou com um homem que surgira de outro corredor, assustando-a tanto que ela quase deixou cair a pasta. Ele estava fardado.

- Aonde vai? - quis saber .

Ficou parado diante dela, corpulento, os olhos quase invisíveis sob a aba baixa do quepe.

- Vou para o meu laboratório. Eu trabalho aqui. Quem é você?

- Segurança. Posso ver sua identidade?

- Que segurança? Saí daqui hoje às três da tarde e só havia um porteiro trabalhando, como sempre. Sou eu quem devia estar pedindo a sua identidade. Quem o contratou? E por quê?

- Eis a minha identidade - disse ele, mostrando-lhe um cartão e tornando a guardá-lo sem que ela tivesse tempo de ler. - E onde está a sua?

Ela notou que ele levava um telefone celular num coldre à cintura. Ou seria uma arma? Não, claro que não, ela estava ficando paranóica. E ele não tinha respondido. Mas se ela insistisse, ele ficaria cheio de suspeitas, e o que interessava era chegar ao laboratório, ela pensou: tenho que acalmá-lo, como a

gente faz com um cachorro. Remexeu na bolsa e encontrou a carteira.

- Isto serve? - perguntou, mostrando o cartão que costumava usar para operar a porta automática do estacionamento.

Ele estudou o cartão rapidamente.

- O que é que está fazendo aqui a esta hora da noite? - perguntou.

- Estou no meio de uma experiência delicada. Preciso verificar periodicamente o computador.

Ele parecia estar procurando um motivo para impedi-la, ou talvez estivesse apenas gostando de exercer poder. Finalmente assentiu e pôs-se de lado. Ela passou por ele, sorrindo, mas o rosto dele permaneceu sério. Ela ainda estava tremendo quando chegou ao laboratório. Naquele prédio, a "segurança" sempre tinha se resumido a uma tranca na porta e um porteiro idoso, e ela sabia o motivo daquela mudança. Mas isso significava que ela dispunha de pouco tempo: seria preciso acertar de primeira, pois quando descobrissem o que estava fazendo, ela não poderia voltar lá. A cientista trancou a porta atrás de si e baixou as persianas. Ligou o detector, pegou um disquete no bolso e colocou-o no computador que controlava a Caverna, e um minuto depois já estava manipulando os números na tela, guiando-se metade pela lógica, metade pela intuição e metade pelo programa que ela havia criado em casa, tendo trabalhado até aquela hora e a complexidade da tarefa a que se propunha era tão desconcertante quanto fazer três metades somarem um inteiro.

Finalmente ela afastou os cabelos dos olhos e colocou os eletrodos na cabeça, depois flexionou os dedos e começou a digitar. Sentia-se intensamente constrangida.

Olá. Não sei o que estou fazendo. Talvez seja loucura. As palavras se agruparam à esquerda da tela, o que foi a primeira surpresa. Ela não estava usando um programa de processamento de texto na verdade, estava passando ao largo de grande parte do sistema operacional

- e a formatação das suas palavras não estava sendo feita por ela. Ela sentiu um arrepio nas costas e tomou consciência de todo o prédio à sua volta, os corredores escuros, as máquinas ociosas, as várias experiências em curso, computadores monitorando testes e registrando resultados, o ar - condicionado

analisando e ajustando a umidade e a temperatura, todos os dutos, encanamentos e cabos, que eram as artérias e os nervos do prédio, despertos e vigilantes... Na verdade, quase conscientes.

Ela experimentou de novo.

Estou tentando fazer com palavras o que fiz antes com um estado de espírito, mas

Antes que ela tivesse sequer terminado a frase, o cursor correu para o lado direito da tela e escreveu:

Faça uma pergunta.

Foi quase instantâneo.

Ela sentiu como se tivesse tentado descer um degrau que não existia: todo o seu corpo sofreu um impacto com o choque. Foram necessários vários minutos para que ela se acalmasse o suficiente para tentar de novo. Quando o fez, as respostas se apresentavam no lado direito da tela praticamente antes que ela terminasse.

Vocês são as Sombras?

Sim.

Vocês são a mesma coisa que o Pó de Lyra?'

Sim.

E que a matéria escura

Sim.

A matéria escura tem consciência?

Evidentemente.

O que eu disse hoje a Oliver,a minha idéia sobre a evolução humana, está

Correta. Mas você precisa fazer mais perguntas.

Ela parou, respirou fundo, empurrou a cadeira para trás, flexionou os dedos. Sentia o coração disparado. Aquilo que estava acontecendo era impossível: toda a sua educação, todos os seus hábitos mentais, todo o seu senso de si mesma como cientista berravam com ela silenciosamente: isto está

errado! Não está acontecendo! Você está sonhando! No entanto, ali estavam aquelas coisas na tela: as suas perguntas e as respostas de alguma outra mente.

Ela se controlou e tornou a digitar, e novamente as respostas surgiram sem uma pausa discernível.

A mente que está respondendo não é humana, é?

Não. Mas os humanos sempre souberam de nós.

Nós? Então existe mais de um?

Milhões e milhões.

Mas quem são vocês?

Anjos.

A Dra. Malone sentiu a cabeça girar. Ela fora educada como católica mais que isso: como Lyra havia constatado, ela já tinha sido freira. Nada lhe restava agora de sua fé, mas ela já sabia dos anjos. Santo Agostinho disse:

"Anjo é o nome do trabalho deles, não da natureza deles. Se você procurar o nome da natureza deles, esse nome é espírito, se procurar o nome do trabalho deles, esse nome é anjo, o que eles são, espírito, o que eles fazem, anjo." Zonza, trêmula, ela tornou a digitar:

Os anjos são criaturas de matéria de Sombra?

Estruturas.Complexificações.

De Pó?

Sim.

E a matéria de Sombra é o que chamamos de espírito?

Pelo que somos, espírito. Pelo que fazemos, matéria. Matéria e espírito são uma coisa só.

Ela estremeceu, estavam escutando os seus pensamentos!

E vocês interferiram na evolução humana?

Sim.

Por quê?

Vingança.

Vingança de...

Anjos rebeldes! Depois da guerra no Céu, Satanás e o jardim do Éden... Mas (...) Ah, Encontre a menina e o menino. Não perca tempo. Você precisa bancar a serpente.

(...) isso não é verdade, é?

É isso que vocês... Mas por quê?

Ela tirou as mãos do teclado e esfregou os olhos. Quando tornou a olhar, as palavras ainda estavam lá.

Vá a uma rua chamada Avenida Sunderland e procure uma tenda. Engane o guardião e atravesse. Leve provisões para uma longa viagem. Você

estará protegida. Os espectros não lhe farão mal.

Onde, mas eu

Antes de ir, destrua este equipamento.

Não compreendo, por que eu? Que viagem é essa?

Você vem se preparando para isto desde que nasceu. Seu trabalho aqui chegou ao fim. A última coisa que você tem a fazer neste mundo é impedir que os inimigos tomem o controle. Destrua este equipamento. Faça isto agora mesmo e parta imediatamente.

Mary Malone empurrou a cadeira para trás e levantou-se, trêmula. Apertou as têmporas com os dedos e descobriu os eletrodos ainda presos à

pele. Tirou-os sem prestar atenção.

Podia ter duvidado do que tinha feito e daquilo que ainda podia ver na tela, mas na última meia hora ela havia passado para além da dúvida e da credulidade. Alguma coisa tinha acontecido, e ela estava eletrizada. Desligou o detector e o amplificador. Então anulou todos os códigos de segurança e formatou o disco rígido do computador, esvaziando-o por completo, depois removeu a interface entre o detector e o amplificador, que era um cartão especialmente adaptado, colocou o cartão sobre a mesa e destruiu-o com o salto do sapato, pois nada havia de pesado à mão. Em seguida desligou a fiação entre o escudo eletromagnético e o detector; encontrou a planta da fiação numa gaveta do arquivo e colocou fogo nela. Havia mais alguma coisa que podia fazer?

Não podia fazer coisa alguma a respeito do conhecimento que Oliver Payne tinha do programa, mas a aparelhagem especial estava destruída. Enfiou alguns papéis de uma gaveta dentro da pasta e finalmente tirou da parede o cartaz com os hexagramas do I Ching, que dobrou e guardou no bolso. Depois apagou a luz e saiu.

O segurança estava parado ao pé da escada, falando ao telefone. Guardou o aparelho assim que ela desceu e acompanhou-a em silêncio até a entrada lateral, observando através da porta de vidro até o carro dela desaparecer.

Uma hora e meia mais tarde, ela encostou o carro numa rua perto da Avenida Sunderland. Tinha sido necessário procurar a rua num mapa de Oxford, pois não conhecia essa parte da cidade. Até esse momento ela vinha agindo movida pela empolgação acumulada, mas ao sair do carro na escuridão da madrugada e sentir o ar noturno, frio e silencioso, e a imobilidade à sua volta, ela teve um momento de apreensão. E se estivesse sonhando? E se aquilo tudo fosse uma complicada brincadeira de alguém?

Bem, era tarde demais para se preocupar com isso. Ela já estava envolvida. Pegou a mochila que tantas vezes carregara em excursões na Escócia e nos Alpes, e refletiu que pelo menos sabia sobreviver no mato; se o pior acontecesse, podia sempre fugir correndo, ir para as montanhas... Ridículo.

Colocou a mochila nas costas, deixou o carro e entrou na Rua Banbury, e

caminhou 200 ou 300 metros pela Avenida Sunderland, que começava à esquerda do trevo. Nunca na vida ela havia se sentido tão tola. Mas ao virar a esquina e ver aquelas árvores estranhas, com formato de criança, que Will tinha visto, ela constatou que pelo menos alguma coisa era verdade: sob as árvores, na grama no lado oposto da rua havia uma pequena tenda quadrada de náilon vermelho e branco, do tipo que os eletricistas erguem para proteger-se da chuva enquanto trabalham, e estacionado ali perto havia um caminhão branco, do departamento de transito, com vidros escuros nas Janelas.

Melhor não hesitar. Ela atravessou diretamente para a tenda. Quando estava quase lá, a porta traseira do furgão abriu-se e dali saiu um policial. Sem o capacete ele parecia muito jovem, e a luz do poste brilhava em seu rosto.

- Posso saber aonde vai, senhora? - perguntou.

- Entrar nesta tenda.

- Infelizmente não é possível, senhora. Tenho ordens de não deixar ninguém entrar.

- Ótimo! - ela exclamou. - Que bom que mandaram proteger este lugar. Mas sou do Departamento de Ciências Físicas. Sir Charles Latrom nos pediu para fazer uma avaliação preliminar redigir um relatório antes que comecem a pesquisa. É importante que isso seja feito a esta hora, enquanto não há muita gente na rua. Tenho certeza de que você compreende os motivos.

- Bem, sim - disse ele. - Mas a senhora tem alguma identificação?

- Ah, claro - ela afirmou.

E tirou a mochila das costas, para pegar a bolsa. Entre as coisas que tinha tirado da gaveta no laboratório estava um cartão da biblioteca, já vencido, de Oliver Payne. Com 15 minutos de trabalho, sentada à mesa da sua cozinha, ela havia utilizado a foto do seu próprio passaporte para produzir um documento que ela esperava que passasse por genuíno. O policial pegou o cartão de plástico e estudou-o atentamente.

- Dra. Oliver Payne - leu. - Por acaso a senhora conhece uma Dra. Mary Malone?

- Ah, sim, é uma colega.

- Sabe onde ela está agora?

- Em casa, na cama, se tiver juízo. Por quê?

- Bem, me disseram que ela não trabalha mais na sua organização e não tem permissão para passar por aqui. Na verdade, temos ordens para prender a doutora se ela tentar. E, ao ver uma mulher, naturalmente pensei que só podia ser ela, entende? Desculpe, Dra. Payne.

- Ah, entendo - disse Mary Malone.

O policial tornou a examinar o cartão.

- Bem, isto parece correto - disse, e devolveu - o. Nervoso, com vontade de falar, ele continuou: - Sabe o que existe ali, dentro desta tenda?

- Bem, só de ouvir falar - ela respondeu. - Por isso estou aqui.

- Imagino que sim. Muito bem, Dra. Payne.

O guarda deu um passo para o lado e deixou que ela desatasse a proteção que fechava a porta da tenda. Ela esperava que ele não notasse o tremor de suas mãos. Segurando a mochila contra o peito, ela entrou. Engane o guardião - ela havia feito isso, mas não tinha idéia do que encontraria dentro da tenda. Estava preparada para algum tipo de escavação arqueológica, um cadáver, um meteorito - mas nada em sua vida ou em seus sonhos a tinha preparado para aquele quadrado de cerca de um metro em pleno ar, ou para a cidade adormecida e silenciosa à beira-mar que ela encontrou quando o atravessou.

13 - AESAHaeTTR

Quando a lua nasceu, as bruxas deram início ao feitiço para curar os ferimentos de Will: acordaram o menino e pediram-lhe para colocar a faca no chão, num local onde ela pudesse pegar um raio de luz das estrelas. Lyra estava sentada ali perto, mexendo um caldeirão de água fervente com algumas ervas sobre uma fogueira, Serafina agachou-se junto à faca e, enquanto as suas companheiras batiam palmas, batiam com o pé no chão e soltavam gritos ritmados, começou a cantar em tom alto e estridente: *Pequena Faca! Arrancaram teu ferro das*

entranhas da mãe Terra, fizeram uma fogueira e ferveram o minério, fizeram-no chorar e sangrar e transbordar, teu ferro foi martelado, foi temperado, mergulhado em água gélida, aquecido dentro da forja até tua lâmina ter a cor vermelho-sangue, crestante! Então fizeram-te ferir a água outra vez, e mais outra, até o vapor tornar-se névoa fervente e a água clamar por misericórdia. E quando tu cortaste uma única sombra em 30 mil sombras, então souberam que estavas pronta, então chamaram-te: a sutil. Mas, pequena faca, que foi que fizeste?

Abriste portais de sangue, deixando-os escancarados!

Pequena faca, tua mãe te chama, das entranhas da Terra, de suas minas e cavernas mais profundas, de seu secreto ventre de ferro. Escuta!

E Serafina pôs-se a bater o pé no chão e a bater palmas com as outras bruxas, que ululavam, suas vozes rascantes arranhando o ar como garras. Will, sentado no meio delas, sentiu um arrepio no cerne do seu corpo. Então Serafina Pekkala virou-se para o menino e tomou a mão ferida entre as suas. Dessa vez, quando ela cantou ele quase fez uma careta, tão penetrante era a voz alta e clara, tão brilhantes eram os olhos dela, mas continuou sentado, imóvel, deixando que o feitiço seguisse seu curso. *Sangue! Obedece-me! Faz meia-volta, sendo um lago e não um rio. Quando chegares ao ar livre, pára! E constrói uma parede coagulada, que seja firme, para conter a enchente.*

Sangue, teu céu é o domo do crânio, teu sol é o olho aberto, teu vento, o ar dentro dos pulmões.

Sangue, teu mundo é limitado; fica dentro dele!

Will conseguia sentir todos os átomos do seu corpo respondendo ao comando dela, e então juntou-se a eles, forçando o sangue que gotejava a escutar e obedecer.

Ela largou a mão de Will e se virou para o pequeno caldeirão de ferro sobre o fogo. Dele subia um vapor acre, Will ouvia o líquido borbulhando violentamente.

Serafina cantou:

Casca de carvalho, seda de aranha, musgo moído, erva-barrilheira: agarrem-se

com firmeza, unam-se com força,

tranquem a porta, travem o portão,

reforcem a parede de sangue,

estanquem a enchente sangrenta.

Então a bruxa pegou um broto de amieiro e, com sua própria faca, partiu-o em dois no sentido do comprimento.

A alvura do cerne, exposta, brilhava ao luar .Ela colocou um pouco do líquido quente em cada metade e tornou a juntá-las, pressionando um lado contra o outro em toda a extensão do corte. E o raminho ficou inteiro de novo. Will ouviu um som vindo de Lyra e virou-se, para ver outra bruxa segurando uma lebre, que se contorcia e se debatia nas mãos fortes da mulher. O animal ofegava, de olhos arregalados, chutando furiosamente, mas as mãos da bruxa eram implacáveis: uma delas segurava a lebre pelas patas da frente e a outra pelas patas traseiras, mantendo o frenético animal estendido de barriga para cima.

A faca de Serafina deslizou sobre ele. Will sentiu uma vertigem; Lyra, por sua vez, segurava Pantalaimon - em forma de lebre, para mostrar-se solidário - que tentava desvencilhar-se de suas mãos. A verdadeira lebre imobilizou-se, os olhos saltados, o peito ofegante, as entranhas brilhando. Mas Serafina deixou cair um pouco do líquido do caldeirão dentro do corte aberto na barriga da lebre e então fechou-o com os dedos, alisando sobre ele os pêlos molhados até não haver mais qualquer sinal do corte. A bruxa que segurava o animal colocou-o no chão com delicadeza, ele se sacudiu, virou-se para lamber o flanco, mexeu as orelhas e foi mordiscar um pedaço de capim como se estivesse sozinho. De repente pareceu perceber o círculo de humanos à sua volta e como uma flecha fugiu dali, inteiramente refeito, saltando velozmente para dentro da escuridão.

Lyra, acalmando Pantalaimon, olhou de relance para Will e viu que ele sabia o que aquilo significava: o remédio estava pronto. Ele estendeu a mão e Serafina passou a mistura quente nos tocos sangrentos, enquanto ele desviava os olhos e respirava fundo algumas vezes, mas sem se queixar. Depois que a carne viva estava inteiramente encharcada, a bruxa pressionou sobre os ferimentos as ervas tiradas do caldeirão e fechou tudo com uma faixa de seda.

Pronto: o feitiço estava feito.

Will dormiu profundamente pelo resto da noite. Estava frio, mas as bruxas empilharam folhas sobre o seu corpo, e Lyra dormiu aninhada junto às suas costas. Na manhã seguinte, Serafina refez o curativo e ele tentou ler no rosto dela se o ferimento estava melhorando, mas a bruxa se mostrava tranqüila e impassível.

Depois que comeram alguma coisa, Serafina contou-lhes: as bruxas tinham concordado que, já que tinham vindo a esse mundo para encontrar Lyra e tomar conta dela, iriam ajudar a menina a fazer aquilo que ela agora sabia ser a sua missão: levar Will até o pai dele.

Assim, partiram e a viagem foi tranqüila em sua maior parte. Para começar, Lyra consultou o aletômetro, mas com cautela, e ficou sabendo que deveriam viajar na direção das montanhas distantes, visíveis do outro lado da grande baía. Nunca tendo chegado tão alto acima da cidade, os dois não tinham consciência do modo como a costa se curvava e das montanhas que se encontravam abaixo do horizonte, mas agora eles avistavam, onde as árvores escasseavam ou onde um declive se abria aos pés dos viajantes, o mar deserto da baía, até as altas montanhas azuis que eram o seu destino. Elas pareciam muito distantes.

Os dois não conversaram muito. Lyra ocupava-se em observar a vida na floresta, desde pica-paus até esquilos e cobrinhas de losangos nas costas, e Will precisava de toda a sua energia simplesmente para continuar andando. Lyra e Pantalaimon falavam a respeito dele incessantemente.

- Bem que nós podíamos consultar o aletômetro - disse Pantalaimon, em certo momento em que os dois tinham ficado para trás para ver até que ponto conseguiriam aproximar-se de um cervo antes que este os visse. - Não prometemos não fazer isso. E poderíamos descobrir todo tipo de coisas para ele. Seria por ele, não por nós.

- Não seja estúpido - retrucou Lyra. - Seria por nós, porque ele nunca perguntaria. Você é curioso e intrometido, Pan.

- Já é uma mudança. Normalmente é você quem é curiosa e intrometida, e sou eu quem tem que lhe dizer para não fazer certas coisas. Como na Sala Privativa na Jordan. Eu não queria entrar lá.

- Se a gente não tivesse entrado, Pan, acha que tudo isso teria acontecido?

- Não. Porque o Reitor teria envenenado Lorde Asriel, e tudo ia acabar ali mesmo.

- É, talvez... Quem você acha que é o pai do Will? E por que será que ele é importante?

- É isso que eu estava dizendo! Podemos descobrir num instante!

Ela pareceu hesitar.

- Antigamente, eu até faria isso. Mas estou mudando, eu acho, Pan.

- Não está, não.

- Você pode não estar... Ei, Pan, quando eu mudar, você vai parar de mudar. O que é que vai ser?

- Uma pulga, espero.

- Você não tem nenhum pressentimento do que vai ser?

- Não, e nem quero ter.

- Você está chateado porque eu não vou fazer o que você quer. Ele se transformou num porco e grunhiu, berrou e roncou até que ela risse, e então mudou para um esquilo e correu por entre os ramos ao lado dela.

- E você, quem você acha que o pai dele é? - Pantalaimon quis saber.

- Acha que é alguém que nós já conhecemos?

- Podia ser. Mas deve ser alguém importante, quase tão importante quanto Lorde Asriel. Tem que ser. Sabemos que o que nós estamos fazendo é

importante, afinal.

- Não sabemos, não - retorquiu Pantalaimon. - Achamos que sabemos, mas não temos certeza. Simplesmente resolvemos procurar o Pó porque o Roger morreu.

- Nós sabemos que é importante, sim! - Lyra exclamou com veemência, chegando abater o pé no chão. - E as bruxas também sabem. Elas viajaram até

aqui para nos procurar, só para tomar conta de mim e me ajudar!

E temos que ajudar Will a encontrar o pai dele. Isso é importante mesmo. Você

sabe que é, senão não teria dado aquelas lambidas nele quando ele se feriu. Aliás, por que você fez aquilo? Nem me perguntou se podia! Não consegui acreditar quando vi.

- Fiz porque ele não tem daemon e estava precisando de um. E se você tivesse metade do talento que pensa que tem para perceber as coisas, saberia disso.

- No fundo eu sabia.

Pararam de falar porque alcançaram Will, que estava sentado numa pedra ao lado da trilha. Pantalaimon transformou-se num papa-moscas e passou a voar no meio dos galhos.

Lyra perguntou:

- Will, que será que as crianças vão fazer agora?

- Não vão nos seguir. Estão com muito medo das bruxas. Talvez continuem por aí, andando sem rumo.

- É, talvez... Mas podem querer usar a faca. Podem vir atrás de nós.

- Que venham. Não vão conseguir. No princípio eu não queria ficar com a faca. Mas se ela mata Espectros...

- Nunca confiei na Angélica, desde o princípio - Lyra afirmou virtuosamente.

- Confiou, sim - ele rebateu.

- É. Confiei mesmo... No fim eu estava odiando aquela cidade.

- Eu pensei que era o paraíso, quando cheguei lá. Não podia imaginar coisa melhor. E o tempo todo aquele lugar estava cheio de Espectros, e a gente nem sabia...

- Bom, não vou mais confiar em crianças - Lyra declarou. - Lá em Bolvangar eu pensava que, por mais maldades que os adultos fizessem, as crianças eram

diferentes, não eram capazes de tanta crueldade. Mas agora não tenho certeza. Nunca tinha visto crianças como essas, é verdade.

- Eu já - disse Will.

- Quando? No seu mundo?

- É - fez ele, embaraçado.

Lyra esperou, imóvel, até que ele continuou:

- Foi quando a minha mãe estava tendo outra fase ruim. Ela e eu, a gente era só, entende, porque obviamente o meu pai não estava lá. E de vez em quando ela começava a dizer coisas que não eram verdade. E de vez em quando começava a pensar coisas que não eram verdade. E tinha que fazer coisas que não faziam sentido, pelo menos para mim. Quer dizer, ela precisava fazer essas coisas, senão ficava tão perturbada, com medo de tudo, então eu ajudava ela. Como tocar em todas as ripas da grade em volta do parque, ou contar as folhas de um arbusto, esse tipo de coisa. Depois de algum tempo ela melhorava. Mas eu tinha medo de alguém descobrir, porque achava que podiam levar ela, de modo que eu tomava conta dela e escondia isso de todo mundo. Nunca contei a ninguém. Uma vez ela ficou com medo quando eu não estava. Eu estava na escola. E então ela saiu, estava quase sem roupa, só

que não sabia disso. E alguns meninos da minha escola, eles viram e começaram...

Will tinha o rosto vermelho. Sem conseguir controlar-se, ele começou a andar de um lado para outro, desviando os olhos de Lyra, porque tinha a voz instável e os olhos cheios d'água.

Mas prosseguiu:

- Estavam atormentando ela, igualzinho àqueles meninos na Torre com a gata... Acharam que ela era louca e queriam machucar ela, talvez até

matar, isso não seria surpresa. Simplesmente ela era diferente, e eles tinham ódio disso. De qualquer maneira, eu encontrei ela e levei para casa. E no dia seguinte na escola briguei com o garoto que era o líder da turma. Lutei com ele, quebrei o braço dele e acho que alguns dentes também, não sei. E ia brigar com o resto da

turma, mas comecei a pensar e vi que era melhor parar, porque, se as autoridades ou os professores ficassem sabendo, iam procurar minha mãe para fazer queixa, e então iam descobrir como ela era elevar ela embora. Então fingi que estava arrependido e disse aos professores que não ia fazer de novo, eles me castigaram por ter brigado e eu não disse nada. Mas minha mãe ficou em segurança, entende? Ninguém sabia, além daqueles meninos e eles sabiam o que eu faria se dissessem alguma coisa, sabiam que um dia eu ia matar eles todos, não ia só machucar. E logo depois ela melhorou outra vez. Ninguém nunca ficou sabendo. Mas depois disso deixei de confiar mais nas crianças do que nos adultos. São igualmente maus. De modo que não fiquei surpreso quando aquelas crianças de Ci'gazze fizeram aquilo. Ele tornou a se sentar, de costas para Lyra.

- Mas gostei quando as bruxas vieram - arrematou.

Sem olhar para Lyra, ele enxugou os olhos com a mão. Ela fingiu não perceber.

- Will, o que você contou sobre a sua mãe... E Tullio, quando os Espectros pegaram ele... E ontem, quando você disse que achava que os Espectros vieram do seu mundo...

- É. Porque não faz sentido, o que estava acontecendo com ela. Ela não é louca. Aqueles meninos podiam achar que ela era louca, zombar e querer machucar ela, mas estavam enganados, ela não é louca. Só que tinha medo de umas coisas que eu não conseguia enxergar. E tinha que fazer coisas que pareciam malucas, eu não conseguia entender o motivo, mas obviamente ela entendia. Como contar todas as folhas, feito o Tullio, ontem, tocando nas pedras do muro. Talvez seja um modo de tentar afastar os Espectros. Se a pessoa desse as costas a alguma coisa que a amedrontava e tentasse se interessar realmente pelas pedras ou pelo desenho delas, ou pelas folhas da árvore, se conseguisse achar que aquilo era realmente importante, estaria segura. Não sei. Parece isso. Mamãe tinha medo de coisas reais, como aqueles homens que nos roubaram, mas havia mais alguma coisa. De modo que talvez a gente tenha Espectros no meu mundo, só que ninguém consegue ver, e nós não demos nome a eles, mas eles estão lá, e não param de tentar atacar a minha mãe. Foi por isso que fiquei contente ontem, quando o aletômetro disse que ela está bem.

Ele tinha a respiração acelerada, a mão direita agarrada ao cabo da faca em sua bainha. Lyra nada disse, e Pantalaimon ficou imóvel.

- Quando foi que soube que tinha que ir procurar o seu pai? - ela perguntou depois de um momento.

- Há muito tempo - ele contou. - Eu costumava fingir que ele estava prisioneiro e eu ia ajudar ele a fugir. Brincava sozinho durante horas, durante dias. Ou então ele estava numa ilha deserta e eu ia até lá de barco e levava ele para casa. E ele ia saber exatamente o que era preciso fazer, especialmente com a minha mãe, e ela ia melhorar e ele ia cuidar dela e de mim, e eu ia poder simplesmente ir à escola e ter amigos, e ia ter um pai e uma mãe. Então eu sempre dizia para mim mesmo que, quando crescesse, ia sair para procurar meu pai... E a minha mãe costumava me dizer que eu ia portar o manto do meu pai. Ela dizia isso para me deixar feliz. Eu não sabia o que isso queria dizer, mas parecia importante.

- Você não tinha amigos?

- Como é que eu podia ter amigos? - ele perguntou, realmente sem saber. - Amigos... Eles entram na casa da gente, ficam conhecendo os pais da gente e... Às vezes um garoto me convidava para ir à casa dele, e eu até podia aceitar, mas nunca poderia retribuir o convite. Então nunca tive amigos. Eu gostaria... Eu tinha a minha gata - continuou. - Espero que ela esteja bem. Espero que alguém esteja tomando conta dela...

- E o homem que você matou? - Lyra perguntou, o coração batendo com força. - Quem era?

- Não sei. Se matei, não me importo. Ele merecia. Eram dois. Iam lá

em casa atormentar a minha mãe até ela ficar com medo de novo, cada vez pior. Eles queriam saber tudo sobre o meu pai, e não deixavam ela em paz. Não sei se eram policiais ou o que eram. No princípio pensei que faziam parte de uma quadrilha de bandidos, que achavam que meu pai tinha roubado um banco, talvez, e escondido o dinheiro. Mas eles não queriam dinheiro, queriam papéis. Queriam algumas cartas que o meu pai tinha mandado. Um dia arrombaram a casa, e então eu vi que seria mais seguro se a minha mãe fosse para outro lugar. Entende, eu não podia ir pedir ajuda à polícia, porque iriam levar minha mãe embora. Eu não sabia o que fazer.

Will parou de falar por um instante.

- Finalmente procurei uma senhora que tinha sido minha professora de piano -

retomou. - Na hora só me lembrei dela. Perguntei se a minha mãe podia ficar, e deixei ela lá. Acho que ela vai cuidar dela direito. De qualquer maneira, voltei para casa para procurar as tais cartas, porque eu sabia onde elas estavam. Peguei as cartas e os homens chegaram e tornaram a invadir a casa. Era de noite, ou de madrugada. Eu estava escondido no sótão, e Moxie, a minha gata Moxie, ela saiu do quarto sem eu ver, nem o homem viu, e quando pulei em cima dele ele tropeçou nela e rolou escada abaixo... e eu fugi correndo. Foi o que aconteceu. Eu não pretendia matar ele, mas não me importo se ele morreu. Fugi e vim para Oxford e encontrei aquela janela. E isso tudo só aconteceu porque eu vi a outra gata e parei para ficar olhando, e ela encontrou a janela primeiro. Se eu não tivesse visto aquela gata... ou se Moxie não tivesse saído do quarto naquele instante...

- É, foi sorte - comentou Lyra. - E eu e Pan estávamos pensando agora mesmo: se eu não tivesse entrado no armário da Sala Privativa da Jordan e visto o Reitor colocar veneno no vinho, nada disso teria acontecido, também... Ficaram ambos sentados em silêncio na pedra coberta de musgo, sob os raios oblíquos do sol através dos velhos pinheiros, pensando em quantos acontecimentos casuais ínfimos tinham conspirado para levar os dois até esse lugar. Cada um desses acontecimentos casuais poderia ter tido um desfecho diferente. Talvez outro Will, em outro mundo, não percebesse a janela na Avenida Sunderland e saísse a vagar em direção às Midlands, perdido e exausto, até ser apanhado.

E em outro mundo, talvez outro Pantalaimon tivesse convencido outra Lyra a não entrar na Sala Privativa, e outro Lorde Asriel tivesse sido envenenado, e outro Roger tivesse sobrevivido para brincar para sempre com aquela Lyra sobre os telhados e pelos becos de uma Oxford diferente e imutável.

Finalmente Will estava suficientemente descansado para continuar caminhando, e os dois seguiram viagem, rodeados pelo silêncio profundo da floresta.

Viajaram durante todo o dia. Descansavam, avançavam, tornavam a descansar, enquanto as árvores iam ficando mais escassas e o terreno, mais pedregoso. Lyra consultou o aletômetro, que instruiu: continuem, esta é a direção correta. Ao meio-dia chegaram a uma aldeia que os Espectros não perturbavam: cabras pastavam nas encostas, uma plantação de limoeiros jogava sombras no solo e algumas crianças que brincavam num riacho correram para suas mães ao verem a menina de roupas esfarrapadas e o menino de rosto pálido e feroz e com a camisa suja de sangue, e mais o elegante galgo que os acompanhava.

Os adultos mostraram-se cautelosos, mas dispostos a vender-lhes pão, queijo e frutas em troca de uma das moedas de ouro de Lyra. As bruxas ficaram fora de vista, embora as duas crianças soubessem que num segundo elas estariam ali se surgisse algum perigo. Lyra, depois de muito pechinchar, conseguiu que uma anciã lhes vendesse dois cantis de pele de cabra e uma bela camisa de linho, pela qual Will trocou com alívio a sua camiseta imunda, depois de se lavar no riacho gelado e se deitar ao sol quente para secar. Refeitos, os dois seguiram viagem. O terreno agora era mais inóspito, sombra, só a das rochas, pois não havia árvores, e o calor do solo atravessava a sola dos sapatos. O sol doía-lhes nos olhos. À medida que subiam, os dois avançavam cada vez mais devagar; quando o sol tocou na crista das montanhas e eles viram um pequeno vale abrir-se a seus pés, resolveram não ir mais longe.

Desceram a encosta às pressas, quase perdendo o equilíbrio mais de uma vez, e depois tiveram que atravessar um campo de rododendros-anões, as folhas escuras e brilhantes e os cachos de flores carmim pesados com o zumbido das abelhas, antes de saírem para uma campina aberta ao crepúsculo, ao longo de um riacho. O solo ali era de um capim que chegava aos joelhos, pontilhado de centáureas azuis, gencianas e qüinqüefólios. Will bebeu bastante água no riacho e depois deitou-se.

Não conseguia ficar acordado e tampouco conseguia dormir, a cabeça girava, uma aura de estranheza rodeava todas as coisas, sua mão doía e latejava.

E, pior, tinha recomeçado a sangrar.

Serafina examinou sua mão, colocou mais ervas sobre os ferimentos e apertou a atadura de seda com mais força, mas dessa vez tinha a fisionomia perturbada. Ele não quis fazer perguntas, de que adiantaria? Era evidente que o feitiço não tinha funcionado e ele se dava conta de que ela sabia disso também.

Assim que escureceu, ele sentiu Lyra vir deitar-se perto dele, e logo ouviu um ronronar suave: o daemon dela, em forma de gato, cochilava com as patas dobradas a menos de um metro dele, e Will sussurrou:

- Pantalaimon?

O daemon abriu os olhos. Lyra não se mexeu. Pantalaimon murmurou:

- Sim?

- Pan, eu vou morrer?

- As bruxas não vão deixar você morrer. Lyra também não vai.

- Mas o feitiço não funcionou. Eu não paro de perder sangue. Não deve ter sobrado muito. E continua sangrando, não quer parar. Estou com medo...

- Lyra acha que você não está.

- Acha?

- Ela acha que você é o guerreiro mais corajoso que ela já viu, tão corajoso quanto Iorek Byrnison.

- Então é melhor eu tentar não fazer cara de assustado - Will declarou. Depois de ficar em silêncio por um instante, continuou: - Acho que Lyra é mais corajosa que eu. Acho que é a melhor amiga que eu já tive.

- Ela pensa a mesma coisa de você - cochichou o daemon.

Finalmente Will fechou os olhos.

Lyra estava imóvel, mas tinha os olhos abertos na escuridão, e o seu coração batia com força.

Quando Will tornou a dar por si, estava completamente escuro, e sua mão doía mais que nunca. Ele se sentou com cuidado e viu uma fogueira acesa não muito longe, onde Lyra estava tentando tostar pão num galho em forquilha. Havia também alguns pássaros assando num espeto, e quando Will se aproximou Serafina Pekkala pousou.

- Will, coma estas folhas antes de comer qualquer outra coisa. Deu-lhe um punhado de folhas de sabor levemente amargo, um pouco parecido com salva, que ele mastigou em silêncio e forçou-se a engolir. Eram ligeiramente picantes, mas ele se sentiu melhor, mais desperto e menos friorento. Comeram os pássaros assados, temperando-os com suco de limão, uma bruxa trouxe algumas cerejas que ela havia encontrado, e então as bruxas reuniram-se em volta do fogo. Conversavam em voz baixa, algumas delas tinham voado bem alto, para espionar, e uma tinha visto um balão sobre o mar. Lyra endireitou-se no mesmo instante.

- O balão do Sr. Scoresby? - quis saber .

- Havia dois homens nele, mas estavam distantes demais para eu distinguir quem eram. Atrás deles estava se formando uma tempestade. Lyra bateu palmas.

- Se o Sr. Scoresby está chegando, vamos poder voar, Will! Ah, tomara que seja ele! Eu nem me despedi dele, e ele foi tão bacana... Queria ver ele de novo, queria mesmo...

A bruxa Juta Kamainen estava prestando atenção, com seu daemontordo de peito vermelho e olhos brilhantes empoleirado em seu ombro, porque a menção de Lee Scoresby lhe lembrara a busca que ele tinha partido para fazer. Ela era a bruxa que tinha se apaixonado por Stanislaus Grumman, que desdenhara o seu amor - a bruxa que Serafina Pekkala tinha trazido para este mundo para impedir que ela o matasse em seu próprio mundo. Serafina poderia ter percebido, mas aconteceu alguma coisa, ela ergueu a mão e a cabeça, assim como todas as outras bruxas. Will e Lyra escutavam muito vagamente, vindo do norte, o grito de um pássaro noturno. Mas não era um pássaro comum: as bruxas reconheceram instantaneamente um daemon. Serafina Pekkala levantou-se, olhando atentamente para o céu.

- Acho que é Ruta Skadi - disse.

Ficaram imóveis, as cabeças de lado, voltadas para o grande silêncio, esforçando-se para ouvir. Veio então outro grito, já mais perto, e então um terceiro, diante disso, todas as bruxas pegaram seus galhos e saltaram para o ar - exceto duas, que ficaram bem próximas, flechas preparadas nos arcos, protegendo Will e Lyra.

Em algum lugar na escuridão lá em cima havia uma batalha. E

pareceu-lhes ter-se passado apenas um instante quando ouviram sons de luta, assobios de flechas e gritos de dor, de raiva ou de comando. E então, com um estrondo tão súbito que eles não tiveram tempo de saltar para trás, uma criatura caiu do céu a seus pés: um animal de pele semelhante a couro e pelagem encardida, que Lyra reconheceu como um avantesma-do-penhasco ou algo semelhante.

O animal tinha sofrido na queda, e tinha uma flecha enfiada no flanco, mas virou-se e tentou atacar Lyra com malícia. As bruxas não podiam atirar porque

Lyra estava na linha de fogo, mas Will chegou primeiro, e com a faca cortou fora a cabeça da criatura, que rolou para longe, o ar que ainda havia nos pulmões da fera escapou com um som borbulhante, e ela caiu morta. Eles tornaram a olhar para o céu, pois a batalha agora se desenrolava mais perto do solo, e a luz da fogueira mostrava redemoinhos de seda negra, membros pálidos, ramos verdes de pinheiro-nubígeno, couro descamado, marrom-acinzentado. Como as bruxas conseguiam manter o equilíbrio durante as manobras súbitas, e ainda por cima fazer pontaria e atirar, era algo acima da compreensão de Will.

Outro avantesma caiu, depois um terceiro caiu no riacho ou nas pedras próximas e então o resto do bando fugiu ruidosamente para a escuridão em direção ao norte. Momentos depois, Serafina Pekkala pousou com suas bruxas e com mais uma: uma linda mulher de olhos ferozes e cabelos negros, as maçãs do rosto ruborizadas de raiva e excitação.

Essa bruxa viu o avantesma sem cabeça e cuspiu.

- Não vem do nosso mundo, nem deste - declarou. - Abominações nojentas. Existem milhares delas, reproduzindo-se como moscas... Quem é

esta menina, é a Lyra? E o menino, quem é?

Lyra devolveu-lhe o olhar impassível, embora sentisse o coração bater mais depressa, pois os nervos de Ruta Skadi vibravam tão intensamente que provocavam um frêmito nos nervos de qualquer pessoa que chegasse perto dela.

Então a bruxa voltou-se para Will, que sentiu o mesmo frêmito de intensidade, mas como Lyra ele controlou sua expressão. Ainda tinha a faca na mão, a bruxa viu o que ele tinha feito usando a faca, e sorriu. Ele a enfiou na terra para limpá-la do sangue da criatura imunda e depois lavou-a no riacho. Ruta Skadi dizia:

- Serafina Pekkala, estou aprendendo muito, todas as coisas antigas estão mudando, ou morrendo, ou vazias. Estou com fome...

Ela comeu como um animal, roendo o que sobrara dos pássaros assados e enfiando punhados de pão na boca, com a ajuda de grandes goles de água do riacho. Enquanto ela se alimentava, algumas bruxas carregaram para longe o corpo do avantesma e refizeram a fogueira, depois montaram turnos de vigia.

As outras vieram sentar-se perto de Ruta Skadi, para escutar o que ela ia

começar a contar. A bruxa narrou o que acontecera depois que ela partiu voando atrás dos anjos e a sua viagem até a fortaleza de Lorde Asriel.

- Irmãs, é o maior castelo que se pode imaginar. Muralhas de basalto chegando até o céu, estradas largas descendo de todas as direções, por onde chegam carregamentos de pólvora, comida, placas de armadura, como ele conseguiu isso? Acho que deve ter passado vários anos, várias eras, fazendo preparativos. Ele vem preparando isso tudo desde antes de nós termos nascido, irmãs, embora seja tão mais jovem... Mas como pode ser isso? Não sei. Não consigo entender. Acho que ele comanda o tempo, faz o tempo andar depressa ou devagar, conforme a sua vontade.

Depois de um silêncio ela continuou:

- Nessa fortaleza estão chegando guerreiros de todo tipo, de todos os mundos. Homens e mulheres, sim, e espíritos guerreiros também, e criaturas armadas que eu nunca tinha visto. Lagartos e macacos, e grandes pássaros com esporas venenosas, criaturas estranhas demais para ter um nome que eu conseguisse adivinhar. E outros mundos têm bruxas, sabiam disso, irmãs?

Falei com bruxas que vieram de um mundo como o nosso, mas profundamente diferente, pois aquelas bruxas não vivem mais do que os nossos vidas-curtas, e havia homens, também, bruxos que voam como nós...

As bruxas do clã de Serafina Pekkala ouviam esse relato com assombro, medo e incredulidade. Mas Serafina acreditava, e insistiu para que Ruta Skadi continuasse.

- Viu Lorde Asriel, Ruta Skadi? Conseguiu chegar até ele?

- Sim, consegui, e não foi fácil, pois ele vive no centro de muitos círculos de atividade, e dirige todos eles. Mas fiquei invisível e consegui chegar ao aposento privativo dele, onde ele estava se preparando para dormir. Todas as bruxas sabiam o que tinha acontecido em seguida, mas nem Will, nem Lyra sonhavam com isso. De modo que Ruta Skadi não viu necessidade de contar, e continuou:

- Então eu lhe perguntei por que estava reunindo todas aquelas forças, e se era verdade o que ouvimos sobre o seu desafio à Autoridade, e ele riu. Ele me perguntou: então falam disso na Sibéria? E eu disse que sim, e em Svalbard e em todas as regiões do Norte, o nosso Norte e contei sobre o nosso pacto, e que eu

tinha deixado o nosso mundo para procurar por ele. E então nos convidou para nos juntarmos a ele, irmãs. Para integrarmos o seu exército contra a Autoridade. Eu desejava de todo o coração poder nos comprometer a todas naquele momento, teria jogado o meu clã na guerra com o coração satisfeito. Ele me mostrou que a rebelião era certa e justa, diante das coisas que os a gentes da Autoridade fizeram em nome dela... E pensei nas crianças de Bolvangar, e nas outras mutilações terríveis que vi nas nossas próprias terras meridionais, ele me contou muitas outras crueldades feitas em nome da Autoridade. Em alguns mundos eles capturam as bruxas e as queimam vivas, irmãs, sim, bruxas como nós...

Ela olhou em volta e prosseguiu:

- Ah, irmãs, eu queria me lançar nessa guerra com todo o meu clã!

Mas sabia que devia consultá-la primeiro, Serafina Pekkala, e depois voar de volta ao nosso mundo e conversar com Ieva Kasku, Reina Miti e as outras bruxas-rainhas. Então fiquei invisível, peguei meu pinheiro-nubígeno e parti. Mas, antes de ir muito longe, surgiu um grande vento que me jogou para o alto das montanhas, e tive que me refugiar no topo de um penhasco. Conhecendo o tipo de criaturas que vivem nos penhascos, tornei a ficar invisível, e escutei vozes na escuridão. Parece que eu tinha ido parar no lugar onde ficava o ninho do mais velho de todos os avantesmas-dos-penhascos. Ele era cego, e os outros lhe traziam comida, carniça fedorenta, lá do vale. E lhe pediam orientação. Perguntavam e ele respondia:

"Vovô, até onde vai a sua memória?"

"Até bem longe. Muito antes dos humanos", ele respondeu. Tinha a voz baixa, frágil e alquebrada.

"É verdade que a maior batalha de todas está para acontecer, vovô?"

"É, sim, crianças. Uma batalha maior do que a última. Um belo banquete para todos nós. Serão dias de prazer e abundância para todos os avantesmas de todos os mundos."

"E quem vai vencer, vovô? Lorde Asriel vai derrotar a Autoridade?"

"O exército de Lorde Asriel tem milhões de soldados, vindos de todos os

mundos", contou o velho avantesma. "É um exército maior do que aquele que lutou contra a Autoridade da última vez, e é melhor dirigido. Quanto às forças da Autoridade, ora, elas são 100 vezes maiores. Mas a Autoridade é

muito velha, até muito mais velha do que eu, crianças, e seus soldados estão assustados, ou então complacentes. Seria uma luta difícil, mas Lorde Asriel venceria, pois é apaixonado e corajoso, e acredita que sua causa seja justa. Mas há uma coisa, crianças. Ele não tem AEsahaettr. Sem AEsahaettr, ele e os seus exércitos serão derrotados. E então vamos nos banquetear durante anos, minhas crianças!". Ele riu e começou a roer o osso fedorento que os outros tinham levado, e todos guincharam de alegria. Ora, vocês podem imaginar como eu me esforcei para escutar mais coisas sobre esse tal AEsahaettr, mas só conseguia ouvir o uivo do vento e um avantesma novinho perguntando: "Se Lorde Asriel precisa de AEsahaettr, por que não chama?". E o velho avantesma respondeu: "Lorde Asriel sabe tanto quanto você sobre AEsahaettr, criança! Esta é a piada! Pode rir bastante!"

Ruta Skadi mais uma vez olhou em volta.

- Mas quando tentei chegar mais perto daquelas coisas imundas, meu poder falhou, irmãs, não consegui ficar invisível por mais tempo. Os mais jovens me viram e deram o alarme, e tive que fugir de volta para este mundo através da porta invisível no céu. Um bando deles veio atrás de mim, e aqueles corpos ali são os últimos. Mas é evidente que Lorde Asriel precisa de nós, irmãs. Seja quem for esse AEsahaettr, Lorde Asriel precisa de nós! Eu gostaria de voltar a Lorde Asriel agora e dizer: não se preocupe, nós estamos chegando, nós, as bruxas do Norte, vamos ajudá-lo a vencer... Vamos resolver isso agora, Serafina Pekkala, vamos convocar um grande conselho de todas as bruxas, de todos os clãs, e guerrear!

Serafina Pekkala olhou para Will, que sentiu que ela lhe pedia permissão para alguma coisa. Mas não sabia o que responder, e ela olhou de volta para Ruta Skadi.

- Nós, não - afirmou. - A nossa missão agora é ajudar Lyra, e a missão dela é guiar Will até o pai dele. Você deve voltar para lá, concordo, mas nós devemos ficar com Lyra.

Ruta Skadi fez um gesto de impaciência com a cabeça.

- Bom, se é preciso... - resmungou.

Will deitou-se, porque o ferimento estava doendo, muito mais do que no início. A mão inteira estava inchada. Lyra deitou-se também, com Pantalaimon enrodilhado junto ao seu pescoço, e ficou contemplando o fogo através das pálpebras semicerradas, escutando, sonolenta, o murmúrio das bruxas.

Ruta Skadi avançou um pouco riacho acima, e Serafina Pekkala acompanhou-a.

- Ah, Serafina Pekkala, você devia ver Lorde Asriel - disse baixinho a rainha da Látvia. - É o maior comandante que já existiu. Tem cada detalhe bem nítido no cérebro. Imagine quanta ousadia, entrar em guerra contra o criador?

Mas quem você acha que pode ser esse AEsahaettr? Como é que nunca ouvimos falar dele? E como podemos convencê-lo a se juntar a Lorde Asriel?

- Talvez não seja "ele", irmã. Sabemos tão pouco quanto o avantesma novinho. Talvez o avô estivesse zombando da ignorância dele. Essa palavra parece significar destruidor-de-deus, sabia disso?

- Então pode ser que sejamos nós, Serafina Pekkala! E se formos, então o exército dele ficará muito mais forte com a nossa presença. Ah, que vontade de ver minhas flechas matando aqueles malvados de Bolvangar e de todas as Bolvangares em todos os mundos! Irmã, por que fazem isso? Em todos os mundos os a gentes da Autoridade estão sacrificando crianças ao seu deus cruel! Por quê? Por quê?

- Têm medo do Pó - disse Serafina Pekkala. – Mas não sei o que é

isso.

- E esse menino que você encontrou, quem é? De que mundo ele veio?

Serafina Pekkala contou-lhe tudo que sabia sobre Will.

- Não sei por que ele é importante - concluiu. – Mas nós servimos a Lyra. E o instrumento dela lhe diz que a missão dela é esta. E, irmã, tentamos curar o ferimento dele, mas fracassamos. Tentamos o feitiço da coagulação, e não funcionou. Talvez as ervas neste mundo sejam menos potentes do que as nossas. Aqui é quente demais para o musgo-de-sangue crescer...

- Ele é estranho - Ruta Skadi comentou. - É do mesmo tipo de Lorde Asriel. Já olhou bem nos olhos dele?

- Para falar a verdade, não tive coragem – confessou Serafina Pekkala.

As duas rainhas sentaram-se em silêncio junto ao riacho.

O tempo passou, algumas estrelas desapareceram, outras nasceram. Alguém soltou um gritinho enquanto dormia: era Lyra, sonhando. As bruxas ouviram o ronco de uma tempestade e viram os raios sobre o mar e o sopé

das montanhas, porém muito distante.

Mais tarde Ruta skadi perguntou:

- E a menina Lyra, qual é o papel dela? É só esse? Ela é importante porque pode levar o garoto até o pai? É mais que isso, não é?

- Isso é o que ela tem que fazer agora. Mas depois, sim, muito mais que isso. O que nós, bruxas, dissemos sobre a criança é que ela deveria colocar um fim no destino. Bem, nós conhecemos o nome que iria torná-la importante para a Sra. Coulter, e sabemos que a mulher não o conhece. A bruxa que ela estava torturando no navio perto de Svalbard quase disse qual era, mas Yambe-Akka chegou a tempo. Mas agora estou achando que Lyra pode ser aquilo que você ouviu os avantesmas falando, esse tal AEsahaettr. Nem as bruxas, nem aqueles seres-anjos, mas esta criança adormecida: a arma definitiva numa guerra contra a Autoridade. Por que mais a Sra. Coulter ficaria tão ansiosa para encontrá-la?

- A Sra. Coulter foi amante de Lorde Asriel - informou Ruta Skadi. Claro, Lyra é filha deles... Serafina Pekkala, se eu tivesse uma filha com ele, que bruxa seria ela! A rainha das rainhas!

- Psiu, irmã - fez Serafina. - Escute... E que luz é aquela?

Elas ficaram de pé, alarmadas, imaginando se alguma coisa teria passado despercebida por elas, e viram um brilho de luz vindo do local do acampamento: não era a fogueira, não tinha a menor semelhança com a luz do fogo. Correram de volta sem fazer ruído, as flechas já preparadas nos arcos, e estacaram de repente.

Todas as bruxas dormiam na relva, assim como Will e Lyra. Mas em volta das duas crianças havia mais de uma dúzia de anjos, olhos baixos, a contemplá-las.

E então Serafina entendeu algo para o qual as bruxas não tinham uma palavra: era a idéia de uma peregrinação. Ela compreendeu por que aqueles seres esperavam milhares de anos e viajavam longas distâncias para ficarem perto de alguma coisa importante, e que daí em diante seus sentimentos seriam diferentes até o final dos tempos, por terem estado por um instante na presença dessa coisa. Era o que aquelas criaturas agora simbolizavam, aqueles belos peregrinos de luz rarefeita, postados em volta da menina de rosto sujo e saia escocesa e o menino de mão machucada que franzia a testa enquanto dormia.

Algo se mexeu junto ao pescoço de Lyra: Pantalaimon, um arminho branco como a neve, abriu os olhos negros sonolentamente e olhou em volta sem medo. Mais tarde Lyra iria lembrar-se disso como se fosse um sonho. Pantalaimon pareceu aceitar aquela atenção como algo a que Lyra tinha direito, depois de algum tempo, enrodilhou-se e fechou os olhos novamente. Finalmente uma das criaturas abriu as asas. As outras, embora bem próximas umas das outras, fizeram a mesma coisa, e suas asas se interpenetravam sem resistência, passando uma pela outra como luz passando através de outra luz, até que havia um círculo radiante em volta das crianças adormecidas na relva.

Então os seres alçaram vôo, um de cada vez, erguendo-se como labaredas no céu e aumentando de tamanho, até ficarem imensos; mas então já estavam distantes, movendo-se como estrelas cadentes em direção ao Norte.

Serafina e Ruta Skadi saltaram sobre seus galhos de pinheironubígeno e seguiram-nos para o alto, mas ficaram para trás.

- Eram como as criaturas que você viu, Ruta Skadi? Serafina perguntou, tendo as duas diminuído a velocidade do vôo para contemplar as labaredas brilhantes diminuírem em direção ao horizonte.

- Maiores, eu acho, mas da mesma espécie. Não têm carne, você viu?

São feitos só de luz. Seus sentidos devem ser tão diferentes dos nossos... Serafina Pekkala, vou deixá-la agora, para reunir todas as bruxas do nosso norte. Quando nos encontrarmos outra vez, será tempo de guerra. Fique bem, minha querida...

Abraçaram-se em pleno ar, e Ruta Skadi virou e partiu célere para o Sul.

Serafina ficou a observá-la, depois virou-se para ver os anjos cintilantes desaparecerem de vez na distância. Sentia apenas compaixão por aqueles imensos vigilantes. Quanta coisa eles deviam perder, nunca sentir aterra sob os pés ou o vento nos cabelos ou o arrepio que a luz das estrelas provocava na pele nua! E ela partiu um raminho do galho de pinheiro-nubígeno no qual voava e aspirou com guloso prazer o aroma acre da resina, antes de baixar lentamente para juntar-se às companheiras adormecidas na relva. **14 - A RAVINA DO ÁLAMO**

Lee Scoresby baixou os olhos para o plácido oceano à sua esquerda, a costa verde à sua direita, e protegeu os olhos da luz para procurar sinais de vida humana. Tinham se passado um dia e uma noite desde que eles deixaram o Yenisei.

- E este é um novo mundo? - perguntou.

- Novo para aqueles que não nasceram nele - respondeu Stanislaus Grumman. - Tão velho quanto o seu ou o meu. O que Asriel fez bagunçou tudo, Sr. Scoresby, mais profundamente do que jamais aconteceu antes. Essas portas e janelas de que falei, elas agora se abrem para locais inesperados. A orientação é difícil, mas o vento está bom.

- Novo ou velho, este mundo aí embaixo é estranho - tornou Lee.

- É, sim. É um mundo estranho, embora sem dúvida certas pessoas se sintam em casa aqui.

- Parece deserto - Lee comentou.

- Mas não é. Atrás daquela ponta de terra existe uma cidade que já foi rica e poderosa. E ainda é habitada pelos descendentes dos mercadores e nobres que a construíram, embora ela tenha entrado em decadência há 300

anos...

Minutos depois, à medida que o balão avançava, Lee avistou primeiro um farol, depois a curva de um quebra-mar de pedra, depois as torres, os domos e os telhados marrom-avermelhados de uma linda cidade em torno de um porto, um

prédio suntuoso, como um teatro, e belos jardins e avenidas largas, com hotéis elegantes e ruelas onde árvores carregadas orlavam sacadas sombreadas.

E Grumman tinha razão: havia gente ali. Mas ao se aproximarem, Lee surpreendeu-se ao constatar que se tratava de crianças. Não havia um só

adulto à vista. As crianças estavam brincando na praia ou entrando e saindo de cafés e bares, ou comendo e bebendo, ou recolhendo sacolas de objetos das casas e das lojas. E havia um grupo de meninos brigando, e uma menina ruiva incentivando abriga, e um menininho jogando pedras, tentando quebrar todas as vidraças de um prédio próximo. Era como um playground do tamanho de uma cidade, sem um único professor à vista - um mundo infantil. Mas aquelas não eram as únicas presenças ali. Lee teve que esfregar os olhos quando os viu, mas não havia dúvida: colunas de névoa, ou algo mais tênue do que a névoa, um espessamento do ar... Fossem o que fossem, a cidade estava cheia deles, deslizavam ao longo das avenidas, entravam nas casas, juntavam-se nas praças. As crianças andavam entre eles sem os ver. Mas não sem serem vistas. Quanto mais voavam para o centro da cidade, mais Lee podia observar o comportamento daquelas figuras. E era evidente que elas se interessavam por algumas crianças, e seguiam algumas por toda parte: as mais velhas, aquelas que (pelo que Lee podia ver através do telescópio) estavam às portas da adolescência. Havia um menino, alto, magro, de cabelos negros, que estava tão rodeado pelos seres transparentes que seu próprio contorno parecia desfocado. Eram como moscas em volta da carne. E o menino não tinha idéia disso, embora de vez em quando esfregasse os olhos ou sacudisse a cabeça como se quisesse clarear a visão.

- Que coisas são aquelas? - Lee quis saber.

- As pessoas as chamam de Espectros.

- O que é que eles fazem, exatamente?

- Já ouviu falar de vampiros?

- Ah, as lendas.

- Assim como os vampiros se alimentam de sangue, os Espectros se alimentam de atenção, de um interesse consciente e informado. A imaturidade das crianças não os atrai tanto.

- Então são o oposto daqueles demônios em Bolvangar.

- Pelo contrário. Tanto o Conselho de Oblação quanto os Espectros da Indiferença estão enfeitiçados por esta verdade a respeito dos seres humanos: a inocência é diferente da experiência. O Conselho da Oblação teme e odeia o Pó, e os Espectros se alimentam dele, mas ambos são obcecados por ele.

- Estão cercando aquele menino ali...

- Ele está crescendo. Logo será atacado, e a sua vida será

transformada num sofrimento vazio e indiferente. Ele está condenado.

- Pelo amor de Deus! Não podemos fazer nada?

- Não. Os Espectros nos agarrariam na mesma hora. Aqui em cima não podem nos alcançar; tudo que podemos fazer é observar e seguir viagem.

- Mas onde estão os adultos? Não me diga que este mundo inteiro está cheio só de crianças?

- Estas crianças são órfãs, seus pais foram atacados pelos Espectros. Existem muitos bandos delas neste mundo. Elas vagueiam por aí, vivendo daquilo que encontram quando os adultos fogem. E, como você pode ver, existe muita coisa à disposição delas. Elas não passam fome. Parece que um bando de Espectros invadiu esta cidade, e os adultos fugiram para algum lugar seguro, percebeu como há poucos barcos no porto? As crianças não correm perigo.

- A não ser as mais velhas. Como aquele menino ali embaixo, coitado.

- Sr. Scoresby, é assim que este mundo funciona. E se quiser acabar com a crueldade e a injustiça, precisa me levar mais longe. Tenho um trabalho a fazer .

- Me parece... - começou Lee, procurando as palavras. - Me parece que o lugar de combater a crueldade é onde ela está, e...o lugar onde se presta socorro é onde ele é necessário. Ou estou enganado, Dr. Grumman? Sou apenas um aeronauta ignorante. Sou tão ignorante que acreditei quando me disseram que os xamãs têm o dom de voar, por exemplo. No entanto, aqui está

um xamã que não tem esse dom.

- Ah, mas eu tenho, sim.

- Como assim?

- Eu precisava voar, de modo que convoquei você e aqui estou, voando - disse Grumman.

O balão voava mais baixo, o solo estava mais perto. Uma torre de pedra erguia-se diretamente no caminho deles, e Lee parecia não ter percebido. Grumman estava inteiramente consciente do perigo que corriam, mas evitou insinuar que o aeronauta não estava. E, no momento apropriado, Lee Scoresby inclinou-se por cima da borda da cesta e puxou acorda de um dos sacos de lastro. A areia escorreu, e o balão ergueu-se suavemente, passando por cima da torre a uns dois metros de distância. Algumas gralhas, alvoroçadas, revoaram aos guinchos em volta deles.

- É, está mesmo - disse Lee. - O senhor tem um jeito estranho, Dr. Grumman. Já teve contato com as bruxas?

- Já, sim - disse Grumman. - E com Catedráticos, e com espíritos. Encontrei loucura em toda parte, mas havia grãos de sabedoria em todos os casos de loucura. Sem dúvida havia muito mais sabedoria do que eu consegui reconhecer. A vida é dura, Sr. Scoresby, mas mesmo assim nos agarramos a ela.

- E esta viagem, é loucura ou sabedoria?

- A maior sabedoria que conheço.

- Conte-me outra vez qual é o seu propósito: vai encontrar o portador da faca mágica, e depois?

- Revelar-lhe qual é a sua tarefa.

- Uma tarefa que inclui proteger Lyra - o aeronauta lembrou.

- Vai proteger nós todos.

O vôo prosseguia, e logo a cidade tinha ficado para trás. Lee verificou seus instrumentos. A bússola ainda girava sem parar, mas o altímetro estava funcionando corretamente, pelo que ele podia julgar, e mostrava que estavam

flutuando cerca de 300 metros acima da costa, paralelos a ela. À frente, uma cadeia de altas montanhas verdes erguia-se para dentro da névoa, e Lee sentiu alívio por ter providenciado bastante lastro. Mas quando examinou o horizonte ele sentiu o coração dar um salto. Hester sentiu o mesmo e sacudiu as orelhas, girando a cabeça para olhar para o rosto dele com um olho castanho-dourado. Ele a pegou e a enfiou dentro do casaco, e tornou a abrir o telescópio.

Não. não tinha se enganado. Ao sul (se a direção de onde vinham era realmente o sul) outro balão flutuava na neblina. A distância e a distorção do calor impossibilitavam que ele distinguisse qualquer detalhe, mas o outro balão era maior e voava mais alto.

Grumman também o vira.

- Inimigos, Sr. Scoresby? - perguntou, protegendo os olhos para perscrutar a luz nacarada.

- Sem dúvida. Não sei se solto lastro e subo, para pegar um vento mais rápido, ou continuo voando baixo e fico menos visível. Ainda bem que aquela coisa não é um zepelim, senão poderia nos alcançar em poucas horas. Não. droga, Dr. Grumman. vou subir, porque se eu estivesse naquele balão já

teria visto este aqui. e aposto que eles enxergam bem.

Ele tornou a colocar Hester no chão e inclinou-se para soltar três sacos de lastro. O balão subiu imediatamente, e Lee manteve o telescópio pregado no olho. E no minuto seguinte ele teve certeza de ter sido avistado, pois houve um movimento na névoa que se transformou numa linha de fumaça subindo e se afastando em diagonal do outro balão e quando chegou a certa altura, a fumaça explodiu em luz. Durante um instante ela brilhou em vermelho, depois diminuiu para uma fumaça cinzenta, mas era um sinal tão claro quanto um sino de alarme tocando na noite.

- Pode invocar uma brisa mais forte, Dr. Grumman? Eu gostaria de chegar àquelas montanhas antes de escurecer - pediu Lee.

Pois agora afastavam-se da costa, e seu curso os levava sobre uma grande baía, de uns 50 quilômetros de extensão. As montanhas erguiam-se do outro lado, e agora que tinha ganho altura, Lee viu que eram realmente imensas.

Virou-se para Grumman, mas este estava em transe profundo. O xamã

tinha os olhos fechados, e gotas de suor surgiam em sua testa, enquanto ele se balançava suavemente para a frente e para trás. Da garganta saía-lhe um gemido baixo e ritmado, e seu daemon, igualmente em transe, agarrava-se à

borda da cesta.

Fosse resultado da maior altura, fosse resultado do feitiço do xamã, uma brisa alcançou o rosto de Lee. Ele ergueu os olhos para verificar o balão propriamente dito e viu que se inclinava um ou dois graus na direção das montanhas.

Mas a brisa que os impulsionava estava impulsionando o outro balão também. Ele não estava mais perto, porém também não estava mais longe. E

quando Lee virou o telescópio naquela direção, avistou atrás dele formas menores e mais escuras. Estavam agrupadas de maneira organizada, e a cada minuto ficavam mais sólidas e nítidas.

- Zepelins - ele identificou. - Bem, não temos onde nos esconder. Ele tentou calcular a distância dos zepelins e das montanhas para onde estavam voando. Sua velocidade certamente era maior agora, e a brisa erguia franjas brancas lá embaixo nas ondas do mar.

Grumman descansava num canto da cesta, enquanto seu daemon penteava as penas com o bico. Ele tinha os olhos fechados, mas Lee sabia que estava acordado.

- A situação é a seguinte, Dr. Grumman: não quero ser apanhado no ar por aqueles zepelins. Não há defesa, eles nos derrubariam num minuto. Também não quero pousar na água, por escolha ou não, poderíamos flutuar por algum tempo, mas eles nos pegariam com granadas como quem pesca um peixe. De modo que quero chegar até aqueles montes e pousar lá. Estou vendo uma floresta; podemos nos esconder entre as árvores por algum tempo, talvez por muito tempo. Enquanto isso, o sol está descendo. Faltam umas três horas para o pôr-do-sol, pelos meus cálculos. É difícil dizer, mas acho que a essa hora os zepelins já terão diminuído pela metade a distância entre nós, e já

deveremos ter chegado ao outro lado desta baía. Portanto, entenda o que estou querendo dizer: vou nos levar para aquelas montanhas e então pousar, pois

qualquer outra coisa será morte certa. Eles já devem ter feito a ligação entre o anel que eu mostrei e o escraelingue que matei em Nova Zembla, e não estão atrás de nós com tanto empenho só para nos dizer que esquecemos a carteira em cima do balcão. De modo que este vôo termina hoje, não sei quando. Já pousou de balão?

- Não, mas confio na sua habilidade - afirmou o xamã.

- Vou tentar chegar o mais alto possível. É uma questão de equilíbrio, pois quanto mais voarmos, mais perto eles estarão de nós. Se eu pousar com eles muito perto, eles poderão ver onde pousamos, mas se eu pousar cedo demais, não conseguiremos nos abrigar nas árvores. De qualquer maneira, não vai demorar para haver tiroteio.

Grumman, impassível, jogava de uma mão para a outra um instrumento de magia feito de penas e contas, de um determinado jeito no qual Lee distinguia um certo propósito. Os olhos de seu daemon não abandonavam os zepelins que os perseguiam.

Passou - se uma hora, e mais outra. Lee mastigava um charuto apagado e bebericava café frio de um frasco de lata. O sol baixou no céu atrás deles, e Lee via a longa sombra da noite avançar pela praia da baía e subir as encostas mais baixas das montanhas à frente, enquanto o próprio balão e o topo das montanhas estavam banhados de dourado.

E atrás deles, quase perdidas no brilho do poente, as manchinhas dos zepelins ficavam maiores e mais nítidas. Eles já tinham ultrapassado o outro balão, e podiam ser vistos a olho nu: quatro zepelins, lado a lado. E através do amplo silêncio da baía veio o som dos seus motores, baixo, porém nítido - um insistente zumbido de mosquito.

Quando faltavam alguns minutos para chegarem acima da praia no sopé das montanhas, Lee percebeu uma novidade no céu, atrás dos zepelins: um banco de nuvens vinha crescendo e uma imensa nuvem de tempestade subia milhares de metros no céu, ainda claro lá em cima. Como ele pôde não ter percebido? Se uma tempestade era iminente, quanto mais cedo pousassem, melhor seria.

Então uma cortina verde-escura de chuva desabou da nuvem, e a tempestade parecia estar perseguindo os zepelins como estes perseguiam o balão de Lee, pois a chuva vinha do mar em sua direção, quando o sol finalmente desapareceu,

veio das nuvens um fortíssimo clarão e, segundos depois, o estrondo de um trovão tão alto que sacudiu por inteiro o balão de Lee e ecoou durante longo tempo nas montanhas.

Houve então outro relâmpago, que dessa vez desceu das nuvens diretamente sobre um dos zepelins. No mesmo instante o gás incendiou-se: uma brilhante flor de fogo desabrochou contra as nuvens escuras, e a embarcação começou a cair lentamente, em chamas, como uma rocha, e ficou flutuando no mar.

Lee soltou a respiração. Grumman estava de pé a seu lado, uma das mãos na borda da cesta, o rosto marcado de rugas de cansaço.

- Foi o senhor quem trouxe a tempestade? - Lee perguntou. Grumman assentiu.

O céu agora tinha o colorido de um tigre: listras douradas alternavamse com manchas e mais listras marrom-escuras, e o desenho mudava a cada minuto, pois o dourado desaparecia rapidamente, engolido pelo marrom. O mar era uma colcha de retalhos de água escura e espuma fosforescente, e as derradeiras labaredas do zepelim em chamas minguavam, para finalmente desaparecerem quando ele afundou.

No entanto, os outros três continuavam a perseguição, maltratados pela tempestade, porém mantendo o rumo. Em volta deles os relâmpagos se multiplicaram, e, à medida que a tempestade se aproximava, Lee começou a temer pelo gás de seu próprio balão: um raio iria derrubá-lo no solo, em chamas, e ele não imaginava que o xamã teria tanto controle sobre a tempestade aponto de evitar isso.

- Certo, Dr. Grumman, por enquanto vou ignorar aqueles zepelins e me concentrar em nos levar em segurança para as montanhas e pousar por lá. Quero que o senhor se sente e se segure bem, e fique preparado para saltar quando eu mandar. Vou dar um aviso e vou tentar pousar o mais suavemente possível, mas o pouso nessas condições é tanto uma questão de sorte quanto de habilidade.

- Confio em você, Sr. Scoresby - afirmou o xamã.

Ele foi se recostar num canto da cesta enquanto seu daemon empoleirou-se na borda, as garras enfiadas nas cordas de couro. O vento agora soprava forte sobre eles, e o grande balão sacudia-se e se inclinava. Os cabos estalavam, forçados, mas Lee não temia que eles cedessem. Soltou um pouco mais de lastro,

observando atentamente o altímetro. Numa tempestade, quando a pressão do ar caía, era preciso levar em conta essa queda ao fazer a leitura do altímetro, que muitas vezes permitia apenas um cálculo aproximado. Lee verificou e tornou a verificar as cifras, e então soltou seu último lastro.

O único controle que tinha agora era a válvula do gás. Não poderia subir mais, poderia apenas descer. Perscrutou atentamente o ar tempestuoso e distinguiu o vulto das grandes montanhas escuras contra o céu nublado. De baixo vinha um som como ondas batendo numa praia de pedras, mas ele sabia que era o vento passando com força pela folhagem das árvores. Então já estavam ali! Viajavam mais depressa do que ele tinha Imaginado. E ele não devia demorar muito para pousar. Lee era tranqüilo demais por natureza para vociferar contra o destino, sua reação era erguer uma sobrancelha e aceitá-lo laconicamente. Mas agora não conseguia deixar de sentir uma fagulha de desespero, pois a única coisa a fazer - isto é, voar à

frente da tempestade, esperando até que ela acabasse - era a única coisa que garantiria que eles seriam derrubados a tiros.

Pegou Hester e enfiou-a dentro do casaco de lona, abotoando-o até o pescoço para mantê-la presa. Grumman estava quieto e imóvel; seu daemon, açoitado pelo vento, a plumagem eriçada, agarrava-se firmemente à borda da cesta.

- Vou descer agora, Dr. Grumman - Lee gritou acima do ruído do vento. - O senhor deve ficar de pé, pronto para saltar. Agarre a borda e pule para fora quando eu mandar.

Grumman obedeceu. Lee olhou para baixo, para a frente, para baixo, para a frente, tentando enxergar alguma diferença de uma olhada para outra, pestanejando para tirar a chuva dos olhos - pois uma chuvarada súbita desabou sobre eles como punhados de cascalho, e o tamborilar dos pingos sobre o balão juntava-se ao uivo do vento e ao ruído da folhagem lá embaixo, até que Lee mal conseguia ouvir até mesmo o trovão.

- Lá vamos nós! - gritou. - O senhor preparou uma bela tempestade, Sr. Xamã.

Ele puxou a corda da válvula de gás e enrolou-a numa haste, para manter a válvula aberta. À medida que o gás saía pelo topo, invisível lá em cima, a curva inferior do balão começou a encolher, formando uma prega, depois mais outra, onde antes havia apenas uma esfera.

A cesta sacudia-se com tanta violência que era difícil dizer se eles estavam descendo, e as rajadas de vento eram tão súbitas e fortes que eles poderiam muito bem ter sido soprados para o alto sem perceberem, mas depois de mais ou menos um minuto, Lee sentiu um puxão e verificou que a pequena âncora tinha ficado presa num galho. A freada foi apenas temporária

- o galho que os segurava partiu-se, mas serviu para demonstrar como estavam perto do solo. Ele gritou:

- Quinze metros acima das árvores!

O xamã assentiu.

Houve então outro puxão, mais violento, e os dois homens foram jogados de encontro à parede da cesta. Lee estava acostumado, e logo recuperou o equilíbrio, mas o Dr. Grumman foi pego de surpresa. No entanto, não largou a borda da cesta, e Lee viu que ele estava seguro, pronto para saltar.

No instante seguinte houve um choque violento, quando a âncora prendeu-se a um galho que não se partiu. Imediatamente a cesta tombou de lado, e no segundo seguinte ela batia contra o topo das árvores, e, em meio às chicotadas da folhagem molhada e dos ramos partidos e o estalo dos galhos que suportaram o choque, a cesta conseguiu uma precária imobilidade.

- Ainda está aí, Dr. Grumman? - Lee chamou, pois era impossível ver qualquer coisa.

- Ainda estou aqui, Sr. Scoresby.

- É melhor ficarmos parados um minuto até eu entender claramente a situação - disse Lee.

Estavam a sacudir-se ferozmente ao vento, e ele sentia a cesta vencer, com pequenos puxões, a resistência do que quer que os estava segurando no ar.

O balão, agora quase vazio, operava como uma vela ao vento, puxando-os para um lado. Lee pensou em cortar os cabos que o prendiam, mas se fizesse isso, e o balão não fosse soprado para longe, ficaria sobre as árvores como uma bandeira indicando onde eles se encontravam, era melhor recolhê-lo, se conseguissem.

Houve o clarão de outro relâmpago, e no segundo seguinte o estrondo do trovão: a tempestade estava quase em cima deles. O clarão permitiu que Lee visse o tronco de um carvalho, com uma grande cicatriz branca onde um galho tinha sido quase totalmente arrancado - a cesta descansava sobre ele, perto do lugar onde ele ainda estava precariamente preso ao tronco.

- Vou jogar uma corda e descer - ele gritou. – Assim que estivermos com os pés no chão, poderemos planejar o passo seguinte.

- Vou atrás do senhor - Grumman declarou. – Meu daemon me disse que o solo fica a pouco mais de 10 metros.

E Lee tomou consciência do bater de asas poderosas, enquanto o daemon-águia pousava novamente na borda da cesta.

- Ela consegue afastar-se tanto assim? - perguntou, surpreso. Mas afastou isso da mente e prendeu a corda com segurança, primeiro à cesta e depois ao galho, de modo que, mesmo se este cedesse e a cesta caísse, a queda não seria grande.

Então, com Hester em segurança junto ao seu peito, ele jogou o resto da corda pela borda e desceu por ela até sentir o chão debaixo dos pés. Os ramos cresciam grossos em volta do tronco, era uma árvore imensa, um carvalho gigante, e Lee murmurou um obrigado enquanto dava um puxão na corda para avisar a Grumman que ele podia descer.

Mas havia por acaso outro som no meio do barulho? Lee escutou com atenção. Sim, o motor de um zepelim, talvez mais de um. Impossível dizer sua altitude ou direção, mas o som perdurou por um minuto ou mais, e depois desapareceu.

O xamã chegou ao solo.

- O senhor escutou? - Lee perguntou.

- Escutei. Subindo e se aproximando das montanhas, eu acho. Parabéns por ter pousado em segurança, Sr. Scoresby.

- Ainda não acabou. Quero puxar aquele balão para debaixo das árvores antes do amanhecer, senão ele vai revelar a nossa posição a quilômetros de distância. Está disposto a um trabalho braçal, Dr. Grumman?

- Diga - me o que tenho que fazer.

- Está bem. Vou tornar a subir e baixar algumas coisas para o senhor. Uma delas é uma barraca. O senhor pode ir montando a barraca enquanto eu vejo o que posso fazer para esconder o balão.

Trabalharam por longo tempo, e correram perigo em certo momento, quando o galho que segurava a cesta finalmente se partiu e Lee caiu com ele; mas não caiu muito, já que o balão, ainda preso ao topo das árvores, segurou a cesta no ar.

Na verdade, a queda facilitou esconder o balão, pois a parte inferior foi puxada para baixo, atravessando a ramagem das árvores; trabalhando à luz dos relâmpagos, puxando, torcendo e cortando, Lee conseguiu que todo o corpo do balão descesse por entre os galhos até descansar sobre os ramos inferiores, fora de vista.o vento ainda açoitava o topo das árvores, mas o pior da tempestade tinha passado quando ele concluiu que aquilo era o máximo que podia fazer. Quando finalmente desceu, constatou que o xamã não apenas tinha montado a barraca como também acendido uma fogueira, e estava fazendo café.

- Fez isso com magia? - ele perguntou ao entrar na barraca, dolorido e encharcado, e pegar a caneca que Grumman lhe estendeu.

- Não, pode agradecer aos escoteiros – Grumman respondeu. Existem escoteiros no seu mundo? Um escoteiro prevenido vale por dois. De todas as maneiras de fazer fogo, a melhor delas é usar fósforos secos, e eu nunca viajo sem eles. Podíamos estar menos confortáveis num camping, Sr. Scoresby.

- Ouviu aqueles zepelins de novo?

Grumman ergueu a mão. Lee escutou, e realmente lá estava o ruído de motor, mais discernível agora que a chuva tinha diminuído.

- Já passaram duas vezes - disse Grumman. – Não sabem onde estamos, mas sabem que estamos em algum lugar por aqui.

E no minuto seguinte um brilho bruxuleante veio da direção em que o zepelim voara. Era menos brilhante do que um relâmpago, mas era duradouro, e Lee tomou consciência de que era um foguete de iluminação.

- É melhor apagar o fogo, Dr. Grumman - ele disse. - Por mais pena que me dê

ficar sem ele. Acho que a cobertura das árvores nos esconde, mas nunca se sabe. Vou dormir agora, molhado ou não.

- De manhã o senhor estará seco - o xamã afirmou.

Pegou um punhado de terra molhada e pressionou-o sobre a chama, e Lee estendeu-se com esforço na pequena barraca e fechou os olhos. Teve sonhos fortes e estranhos. Em certo momento, teve certeza de ter despertado e visto o xamã sentado de pernas cruzadas, envolto em chamas, e as chamas consumiram rapidamente o seu corpo, deixando apenas um esqueleto branco, ainda sentado num montinho de cinzas ardentes. Assustado, Lee procurou por Hester e encontrou-a adormecida, coisa que nunca tinha acontecido, pois quando ele estava acordado, ela também estava, assim, ao encontrá-la dormindo, sua daemon lacônica, porém de língua ferina, pareceu-lhe tão boazinha e vulnerável, que ele se comoveu com a estranheza daquilo, e deixou-se ficar, inquieto, ao lado dela, acordado dentro do sonho, mas na realidade dormindo, sonhando que ficara longo tempo acordado. Outro sonho também enfocava Grumman. Lee parecia ver o xamã sacudindo um chocalho enfeitado de penas e dando ordens a alguma coisa, exigindo obediência. Lee viu, com um espasmo de náusea, que essa coisa era um Espectro como aqueles que eles tinham visto do balão. Era alto e quase invisível, e provocava uma repulsa tão profunda em Lee que ele quase despertou de terror. Mas Grumman dava ordens sem ter medo, e não parecia ter problemas, pois a coisa escutou-o com atenção e depois ergueu-se no ar como uma bolha de sabão até perder-se no topo da barraca. Então a exaustiva noite de Lee deu outra reviravolta, pois ele estava na cabine de um zepelim, observando o piloto - aliás, estava sentado no lugar do co-piloto, e voavam acima da floresta, perscrutando a superfície revolta do topo das árvores, um mar bravio de galhos e folhas. Então viu aquele Espectro na cabine com eles. Preso no sonho, Lee não conseguia mexer-se ou gritar, e sofreu o terror do piloto quando este começou a tomar consciência daquilo que estava lhe acontecendo.

O Espectro estava inclinado sobre o piloto, pressionando aquilo que seria o seu rosto contra o dele. O daemon do piloto - uma fêmea de tentilhão bateu asas, grasnou e tentou afastar-se, para cair, quase desmaiado, sobre o painel de instrumentos. O piloto virou o rosto para Lee e estendeu a mão, mas Lee não tinha poder de movimento. A angústia nos olhos do outro era dilacerante. Alguma coisa viva e verdadeira estava a escoar-se dele, e seu daemon bateu as asas e soltou um grasnido alto e selvagem: ele estava morrendo.

Então o daemon desapareceu. Mas o piloto ainda estava vivo, seus olhos tornaram-se opacos e a mão estendida caiu flacidamente sobre o manete. Ele parecia vivo, mas não estava vivo: estava indiferente a tudo. E Lee ficou ali sentado, vendo, sem nada poder fazer, o zepelim voar diretamente para a encosta de uma das montanhas que se erguiam à frente. O

piloto contemplava a montanha crescer sobre eles, mas nada poderia despertar o seu interesse. Lee apertou-se contra o encosto da cadeira, horrorizado, mas nada aconteceu, e no momento do impacto ele apenas gritou:

- Hester!

E despertou.

Estava na barraca, em segurança, e Hester mordiscava o seu queixo. Ele estava coberto de suor. O xamã permanecia sentado de pernas cruzadas, mas Lee sentiu um estremecimento ao ver que o daemon-águia não estava por perto. Obviamente aquela floresta era um lugar ruim, assombrado por fantasmas.

Ele então tomou consciência da luz pela qual estava conseguindo enxergar o xamã, pois o fogo continuava apagado e a escuridão da floresta era total. Um clarão distante mostrava os troncos e a parte inferior da copa das árvores, com as folhas pingando água, e Lee de imediato soube do que se tratava: seu sonho tinha sido realidade e um piloto de zepelim havia voado contra a encosta da montanha.

- Droga, Lee, está tremendo como uma folha de faia. Qual é o problema com você? - Hester resmungou, movendo as grandes orelhas.

- Você não está sonhando também, Hester? – ele resmungou em resposta.

- Não está sonhando, Lee, está vendo. Se eu soubesse que você é um vidente, já o teria curado há muito tempo. Agora vê se sossega, está ouvindo?

Ele esfregou a cabeça do daemon com o polegar e as orelhas dele estremeceram.

E sem a menor transição ele estava flutuando no ar ao lado do daemon do xamã, a águia-pesqueira Sayan Kötör. O fato de estar na presença do daemon de outro homem e distante do seu próprio provocava em Lee um forte sentimento de culpa e um estranho prazer. Estavam planando, como se ele também fosse um

pássaro, nas turbulentas correntes ascendentes acima da floresta, e Lee olhou em volta para a escuridão, agora permeada pelo brilho pálido da lua cheia que ocasionalmente surgia através de uma breve fenda nas nuvens e coloria de prateado as copas das árvores.

A águia-daemon soltou um guincho forte e de baixo vieram, em mil vozes diferentes, os sonidos de mil pássaros: o pio das corujas, o grito de alarme das pequenas andorinhas, a música líquida do rouxinol: Sayan Kötör estava chamando os pássaros. E eles acorreram, todos os pássaros da floresta

- os que estavam deslizando pelo ar com asas silenciosas, os que estavam em plena caça, os que dormiam empoleirados, todos alçaram vôo aos milhares. E Lee sentiu a natureza de pássaro que o dominava reagir com alegria ao comando da águia-rainha, e a humanidade que ele possuía sentiu o mais estranho dos prazeres: aquele de oferecer obediência a um poder mais forte e inteiramente correto. Ele girava e volteava com o resto do enorme bando, cem espécies diferentes voando em formação, em obediência à vontade poderosa da águia, e avistou, contra a capa prateada das nuvens, o odioso vulto escuro de um zepelim.

Todos sabiam exatamente o que deviam fazer. E avançaram para a aeronave, os mais rápidos chegando primeiro, mas nenhum tão rápido quanto Sayan Kötör; as minúsculas cambaxirras, os tentilhões, os andorinhões de vôo rápido, as corujas de Vôo silencioso - em um minuto o zepelim estava rodeado deles, as garras procurando apoio na seda oleada, perfurando-a. Os pássaros evitavam o motor, embora alguns tenham sido atraídos por ele, sendo feitos em pedaços pelas hélices. A maioria simplesmente empoleirou-se no corpo do zepelim, e os que chegavam depois agarravam-se aos primeiros, até cobrirem não apenas todo o balão da aeronave (agora perdendo hidrogênio através de milhares de pequenos orifícios feitos pelas garras) mas as janelas da cabine também, e os espeques e cabos - cada centímetro quadrado de espaço tinha um pássaro, dois pássaros, três ou mais, agarrado a ele. O piloto nada podia fazer. Sob o peso dos pássaros, o zepelim começou a perder cada vez mais altura, e então surgiu outra escarpa, crescendo na noite e naturalmente invisível aos

homens dentro da

embarcação, que movimentavam as armas sem direção e atiravam a esmo. No último instante Sayan Kötör gritou, e o estrondo do ruflar de asas abafou até mesmo o ronco do motor, quando todos os pássaros alçaram vôo e se

distanciaram. E os homens na cabine tiveram quatro ou cinco segundos de constatação e terror antes que o zepelim batesse na rocha e explodisse em chamas. Fogo, calor, labaredas... Lee acordou novamente, o corpo quente, como se estivesse deitado ao sol do deserto.

Do lado de fora da barraca ainda havia o som incessante dos pingos que caíam das folhas sobre a lona da barraca, mas a tempestade passara. Uma luz cinzenta e fraca filtrava-se no interior da barraca, e Lee ergueu-se um pouco e viu Hester a seu lado, pestanejando, e o xamã enrolado numa coberta, dormindo tão profundamente que poderia estar morto, se sua daemon-águia pesqueira Sayan Kötör não estivesse dormindo empoleirada num galho caído do lado de fora. O único som além dos pingos era o cantar dos pássaros na floresta. Nenhum motor no céu, nenhuma voz inimiga, portanto, Lee achou que seria seguro acender o fogo e fazer café - e conseguiu, depois de certo esforço.

- E agora, Hester? - perguntou.

- Depende. Havia quatro zepelins, e ele só destruiu três.

- O que estou querendo saber é: já cumprimos a nossa obrigação?

Ela moveu as orelhas e disse:

- Não me lembro de contrato nenhum.

- Não é questão de contrato, é uma questão moral.

- Ainda temos que nos preocupar com mais um zepelim, antes de você

começar a inventar essa coisa de moral, Lee. São 30 a 40 homens armados querendo nos pegar. Soldados imperiais, ainda por cima. Primeiro a sobrevivência, depois a moral.

Ela estava com a razão, naturalmente, e enquanto bebericava o café

quente e fumava um charuto, contemplando a luz do dia que aumentava gradualmente, ele ficou pensando no que faria se estivesse no comando do único zepelim restante. Retroceder e esperar o dia clarear, sem dúvida, e voar suficientemente alto para esquadrinhar a borda da floresta numa grande extensão e avistar Lee e Grumman quando eles deixassem seu esconderijo. O daemon-

águia-pesqueira Sayan Kötör despertou e estendeu as longas asas acima de onde Lee estava sentado. Hester ergueu os olhos e girou a cabeça para um lado e para outro, encarando o poderoso daemon com um olho dourado de cada vez, e no momento seguinte o próprio xamã saiu da barraca.

- Que noite cheia! - Lee comentou.

- E um dia cheio por vir. Temos que sair imediatamente da floresta, Sr. Scoresby. Eles vão botar fogo nela.

Lee, incrédulo, deu uma olhada para a vegetação encharcada à sua volta e perguntou:

- Como?

- Eles têm um motor que lança uma espécie de nafta misturada com potassa, que se incendeia em contato com a água. Foi desenvolvido pela Marinha Imperial para ser usado na guerra contra os nipônicos. Se a floresta está molhada, vai pegar fogo ainda mais depressa.

- O senhor consegue ver isso?

- Assim como o senhor viu o que aconteceu com os zepelins durante a noite. Prepare o que vai querer levar, e vamos embora agora. Lee esfregou o queixo. As coisas mais valiosas que ele possuía eram também as mais portáteis - os instrumentos do balão, que ele recolheu da cesta e guardou cuidadosamente numa mochila, em seguida, certificou-se de que o rifle estava seco e carregado. Deixou a cesta, os cabos e o balão vazio onde estavam, retorcidos e emaranhados nos galhos. Daí em diante ele não era mais um aeronauta, a não ser que por algum milagre conseguisse escapar com vida e conseguisse dinheiro suficiente para comprar outro balão. Agora tinha que mover-se como um inseto, ao longo da superfície da Terra. Sentiram o cheiro da fumaça antes de ouvirem o fogo, pois uma brisa vindo do mar levava-a para o interior. Quando alcançaram a borda da floresta, escutaram o fogo, um rugido profundo e voraz.

- Por que não fizeram isto à noite? - Lee quis saber. - Podiam ter-nos assado enquanto dormíamos.

- Acho que querem nos pegar vivos – Grumman respondeu, enquanto preparava um galho para servir de bengala. - E estão esperando sairmos da floresta.

De fato, o zumbido do zepelim logo se fez ouvir acima até mesmo do som do fogo e da sua própria respiração ofegante, pois agora estavam correndo, trepando sobre raízes, rochedos e troncos caídos, parando apenas para recuperar o fôlego. Sayan Kötör, voando alto, dava rasantes para informar o progresso que eles tinham feito e a distância das labaredas, mas não demorou até que eles próprios pudessem ver a fumaça acima das árvores atrás deles, e depois uma faixa ondulante de fogo.

Pequenas criaturas da floresta, esquilos, pássaros, javalis fugiam com eles, e um coro de guinchos, berros, sons de alarme de todo tipo erguia-se à

volta deles. Os dois homens avançavam com esforço para a borda da floresta, não muito distante e então a alcançaram, enquanto chegavam cada vez mais perto as ondas de calor das gigantescas labaredas que agora alcançavam 15

metros no ar. As árvores ardiam como tochas, a seiva em suas veias fervia e partia-as em pedaços, a resina nas coníferas prendiam fogo como nafta, os ramos pareciam florescer de um momento para o outro com ferozes flores alaranjadas.

Ofegantes, Lee e Grumman encontraram-se junto à íngreme encosta de rochedos e cascalho. Metade do céu estava obscurecida pela fumaça e pela reverberação do calor, mas acima flutuava a forma atarracada do único zepelim que restava - longe demais para avistá-los, mesmo através de binóculos, Lee pensou esperançosamente.

Vertical e intransponível, a encosta da montanha erguia-se à frente deles. Só havia um caminho para escapar da armadilha em que se encontravam: uma garganta estreita mais à frente, onde um leito seco de rio emergia de uma reentrância na rocha. Lee apontou, e Grumman disse:

- Exatamente o que eu estava pensando, Sr. Scoresby.

Seu daemon, voando em círculos, balançou as asas e voou para a ravina aproveitando uma corrente ascendente. Os homens não pararam, subindo o mais depressa que podiam, mas Lee disse:

- Desculpe a minha pergunta, se ela for impertinente, mas nunca conheci alguém cujo daemon conseguisse se afastar assim, a não ser as bruxas. Mas o senhor não é bruxo. Isso foi uma coisa que o senhor aprendeu, ou veio naturalmente?

- Para um ser humano, nada vem naturalmente - disse Grumman. Temos que aprender tudo que fazemos. Sayan Kötör está me dizendo que a ravina leva a uma passagem. Se chegarmos até lá antes que eles nos vejam, ainda poderemos escapar.

A águia tornou a voar baixo, e os homens continuaram a subida. Hester preferia encontrar seu próprio caminho por sobre as rochas, de modo que Lee a seguiu, evitando as pedras soltas e movendo-se o mais depressa que podia por cima das pedras maiores, sempre em direção à pequena ravina. Lee ficou preocupado com Grumman, pois este estava pálido e abatido, e respirava com dificuldade. Suas atividades noturnas tinham consumido muito da sua energia. Até quando conseguiriam prosseguir era algo em que Lee não queria pensar, mas quando estavam quase perto da entrada da ravina, na margem do leito seco do rio, ele escutou uma mudança no som do zepelim.

- Eles nos viram - disse.

Isso era como receber uma sentença de morte. Hester tropeçou - até

Hester, de passos tão seguros, tropeçou e vacilou. Grumman apoiou-se na bengala que levava e protegeu os olhos para olhar para trás, e Lee virou-se para olhar também. O zepelim descia depressa, rumo à encosta diretamente abaixo de onde eles estavam. Era óbvio que os perseguidores pretendiam capturá-los vivos, pois uma rajada de balas teria acabado com os dois num segundo. Em vez disso, o piloto trouxe habilidosamente a nave para pairar logo acima do solo no ponto mais alto da encosta abaixo deles, da porta da cabine saltaram muitos homens de farda azul, com seus daemons-lobos ao lado, e puseram-se a subir a encosta.

Lee e Grumman estavam quase 600 metros acima deles, e não muito distantes da entrada da ravina. Uma vez chegando lá, poderiam rechaçar os soldados enquanto tivessem munição: mas só tinham um único rifle.

- Estão atrás de mim, Sr. Scoresby - disse Grumman.

- Se me der o rifle e se entregar, vai sobreviver. São soldados disciplinados. O senhor será prisioneiro de guerra.

Lee ignorou isso, e disse:

- Mexa-se. Vá até a ravina e se adiante até o outro lado, enquanto eu fico na boca

da ravina e seguro os soldados. Trouxe o senhor até aqui e não vou deixar que o peguem agora.

Os homens lá embaixo subiam com rapidez, pois eram fortes e estavam descansados. Grumman assentiu.

- Não tive forças para derrubar o quarto zepelim - foi tudo o que disse. Os dois se apressaram para atingir o abrigo da ravina.

- Diga-me só uma coisa antes de ir, porque não terei sossego enquanto não souber - Lee pediu. - Não sei dizer de que lado estou lutando, e não me importo muito com isso. Só quero saber o seguinte: isso que vou fazer agora vai ajudar ou vai prejudicar aquela garota, Lyra?

- Vai ajudar - Grumman afirmou.

- E o seu juramento, não vai esquecer o que jurou?

- Não vou esquecer.

- Porque, Dr. Grumman, ou John Parry, ou seja lá o nome que o senhor arranjar no mundo em que for parar, o senhor fique sabendo de uma coisa: eu amo aquela menininha como uma filha. Se eu tivesse uma filha, não a amaria tanto. E se o senhor quebrar seu juramento, o que quer que sobre de mim irá procurar o que quer que sobre do senhor, e o senhor vai passar o resto da eternidade desejando nunca ter existido. Isto mostra a importância que tem o seu juramento.

- Compreendo. E já dei a minha palavra.

- Então é só o que eu preciso saber. Boa sorte.

O xamã estendeu a mão, que Lee apertou. Então Grumman se virou e seguiu em direção à ravina, e Lee olhou em volta à procura do melhor lugar para assumir sua posição.

- Não o rochedo grande, Lee - aconselhou Hester. - De lá não dá para enxergar à direita, e eles poderiam atacar por ali. Vá para o menor. Havia nos ouvidos de Lee um rugido que nada tinha a ver com o incêndio da floresta abaixo dele, ou com o zumbido forçado do motor do zepelim tentando elevar-se outra vez. Tinha a ver com a sua infância e o Álamo. Quantas vezes ele e seus amiguinhos tinham

encenado de brincadeira aquela batalha heróica, nas ruínas do velho forte, alternando a vez de serem franceses ou dinamarqueses! A sua infância lhe voltava agora, com força redobrada. Ele pegou o anel navajo da mãe e colocou-o na pedra ao seu lado. Nas velhas brincadeiras de Álamo, Hester muitas vezes se transformava em puma ou lobo, e uma ou duas vezes em cascavel, mas em geral em tordo. Agora, porém...

- Pare de sonhar acordado e faça pontaria - ela instruiu. - Isto não é

uma brincadeira, Lee.

Os homens que subiam a encosta tinham se espalhado e avançavam mais devagar, porque entendiam a situação tão bem quanto ele. Sabiam que teriam que invadir a ravina e sabiam que um homem com um rifle poderia detêlos por muito tempo. Atrás deles, para surpresa de Lee, o zepelim ainda tentava subir. Talvez estivesse perdendo a flutuação, ou talvez o combustível estivesse baixo, mas, fosse o que fosse, ele ainda não tinha levantado vôo, e isso lhe deu uma idéia.

Ele ajustou a posição e fez pontaria com o velho Winchester até ter o suporte do motor de bombordo bem na mira, então atirou. Ouvindo o disparo, os soldados que subiam a encosta ergueram a cabeça, mas no segundo seguinte o motor de repente roncou e também de repente morreu. O zepelim tombou de lado. Lee ouvia o outro motor roncando, mas a aeronave agora estava no solo.

Os soldados tinham estacado, tentando proteger-se como podiam. Lee conseguiria contar quantos eram, e fez isso: 25.

E ele tinha trinta balas.

Hester aproximou-se do seu ombro esquerdo.

- Vou vigiar deste lado - disse.

Agachada no rochedo cinzento, as orelhas esticadas sobre as costas, ela parecia uma pequena rocha, marrom-acinzentada e quase invisível, a não ser os olhos. Hester não era nenhuma beleza; era sem graça e magrela como uma lebre pode ser, mas tinha os olhos maravilhosamente coloridos, dourados, com raios de um marrom profundo e um verde vivo. E agora esses olhos contemplavam a última paisagem que veriam: uma encosta árida, de brutais pedras roladas, e atrás dela

uma floresta em chamas. Nem uma folha de capim, nem uma manchinha verde para descansar seus olhos. Ela mexeu de leve as orelhas.

- Estão conversando - disse. - Consigo escutar, mas não consigo entender.

- É russo - ele explicou. - Vão atacar todos juntos e correndo. Seria o pior para nós, portanto é o que eles vão fazer.

- Mire direito - ela recomendou.

- Vou mirar. Mas, que droga, não gosto de matar, Hester.

- Eles ou nós.

- Não, é mais que isso - ele corrigiu. - São eles ou Lyra. Não entendo como, mas estamos ligados àquela garota, e isso me faz feliz.

- Um homem à esquerda vai atirar - disse Hester.

Enquanto ela falava, ouviu-se o disparo, e a bala veio arrancar lascas da pedra a 30 centímetros de onde ela estava agachada. A bala ricocheteou para dentro da ravina, mas ela não moveu um só músculo.

- Bom, isso faz eu me sentir melhor - disse Lee, fazendo pontaria com cuidado.

Ele atirou. Havia apenas um pedacinho de azul para acertar, e ele acertou. Com um grito de surpresa o homem caiu para trás e morreu. E então começou o tiroteio. Dentro de um minuto, o estalido dos tiros e o zumbido das balas que ricocheteavam ecoavam ao longo do flanco da montanha e da ravina atrás de Lee. O cheiro de cordite e de queimado que vinha da pedra pulverizada que as balas atingiam era apenas uma variação do cheiro de queimado que vinha da floresta, até parecer que o mundo inteiro estava em chamas.

Logo o rochedo de Lee estava marcado de balas, ele sentia o impacto quando elas atingiam a pedra. Uma vez ele viu a pelagem das costas de Hester ondular com o deslocamento de ar provocado por uma bala, mas ela não se mexeu, e ele não parou de atirar.

O primeiro minuto foi feroz. E depois, na pausa que se seguiu, Lee constatou que estava ferido: havia sangue na pedra debaixo do seu rosto, e a mão direita - e

o ferrolho do fuzil estavam vermelhos.

Hester virou-se para olhar .

- Nada de grave. Uma bala arranhou o seu couro cabeludo - declarou.

- Você contou quantos caíram, Hester?

- Não, estava ocupada demais me desviando das balas. Recarregue a arma enquanto pode, rapaz.

Ele rolou para baixo atrás do rochedo e moveu o ferrolho para a frente e para trás. O ferrolho estava quente, e o sangue do ferimento que o encharcava estava coagulando, emperrando o mecanismo. Lee cuspiu sobre ele e soltou-o.

Então colocou-se novamente em posição e, antes mesmo que pudesse fazer pontaria, levou um tiro. Pareceu uma explosão no seu ombro esquerdo. Durante alguns segundos ele ficou atordoado, e quando recuperou o sangue-frio tinha o braço esquerdo dormente e inútil. Havia uma dor imensa esperando para dar o bote sobre ele, mas ela ainda não tinha reunido coragem para isso, e essa idéia deu-lhe forças para firmar o pensamento em voltar a atirar.

Apoiou o rifle no braço inútil, que um minuto antes era tão cheio de vida, e fez pontaria com estóica concentração: um tiro, dois, três, e cada um deles encontrou o seu alvo.

- Como vamos indo? - resmungou.

- Bom trabalho - ela cochichou de volta, bem perto do rosto dele. Não pare. Em cima daquela pedra preta... Ele olhou, mirou, atirou. A figura caiu.

- Droga, são homens como eu - desabafou.

- Não faz sentido. Mas atire assim mesmo - ela disse.

- Você acredita nele? Em Grumman?

- Claro. Mande chumbo, Lee.

Um tiro: outro homem caiu, e seu daemon apagou-se como uma vela. Houve

então um longo silêncio. Lee remexeu no bolso e encontrou mais algumas balas. Enquanto recarregava, sentiu algo tão raro que seu coração quase parou, sentiu o rosto de Hester pressionado contra o seu, e ela estava chorando.

- Lee, a culpa foi minha - ela disse.

- Como assim?

- O escraelingue. Eu aconselhei você a trazer o anel dele. Sem ele, não estaríamos nesta situação.

- Você acha que alguma vez segui um conselho seu? Peguei o anel porque a bruxa...

Não terminou, porque outra bala o atingiu. Dessa vez na perna esquerda, e antes que ele pudesse sequer piscar, uma terceira bala raspou por sua cabeça, como um ferro quente encostado no couro cabeludo.

- Agora está por pouco, Hester - ele murmurou, tentando ficar firme.

- A bruxa, Lee! Você falou na bruxa! Lembra-se?

Pobre Hester, agora ela estava deitada, não agachada em postura tensa e vigilante, como estivera em toda a sua vida adulta. E os lindos olhos dourados estavam ficando embaçados.

- Ainda lindos - ele disse. - Ah, Hester, sim, a bruxa. Ela me deu...

- Isso mesmo. A flor...

- No bolso da camisa. Pegue, Hester, eu não consigo me mexer . Foi um esforço grande, mas com seus dentes fortes ela conseguiu puxar para fora a pequena flor escarlate, e colocou-a junto à mão direita dele. Com enorme esforço ele fechou os dedos em volta da flor e disse:

- Serafina Pekkala! Socorro, por favor...

Um movimento lá embaixo: ele soltou a flor, fez pontaria, atirou. O

movimento cessou. Hester estava enfraquecendo.

- Hester, não vá antes de mim - Lee sussurrou.

- Lee, eu não conseguiria ficar longe de você nem por um segundo ela sussurrou em resposta.

- Acha que a bruxa virá?

- Claro que sim. Devíamos ter chamado ela antes.

- Devíamos ter feito um monte de coisas.

- Pode ser...

Outro estampido, e dessa vez a bala penetrou fundo, procurando o centro da vida dele. Ele pensou: ela não vai encontrar isso aqui dentro, o meu centro é Hester. Avistou uma centelha azul lá embaixo e esforçou-se para virar o rifle naquela direção.

- É ele - Hester murmurou.

Lee achou difícil puxar o gatilho. Tudo era difícil. Teve que tentar três vezes, mas finalmente conseguiu, a farda azul rolou encosta abaixo. Outro longo silêncio. A dor que se avizinhava estava deixando de ter medo dele. Era como um bando de chacais, andando em círculos, farejando, aproximando-se, e ele sabia que não iam deixá-lo agora até que o tivessem devorado.

- Ainda falta um - Hester murmurou. - Está indo para o zepelim. Lee viu-o mal e mal: um soldado da Guarda Imperial afastando-se da derrota da sua companhia.

- Não posso matar um homem pelas costas - Lee protestou.

- Mais vergonhoso é morrer com uma bala na arma.

Então ele apontou para o próprio zepelim, que ainda se esforçava para subir com um só motor, e disparou a sua última bala, que devia estar em brasa

- ou talvez um galho em chamas da floresta lá embaixo tenha subido até a aeronave numa corrente ascendente, pois o gás subitamente transformou-se numa bola cor de laranja, e o zepelim ergueu-se um pouco e depois tombou e saiu rolando, devagar, suavemente, mas repleto de morte feroz. E o homem que

fugia, mais os seis ou sete que eram o restante da Guarda e que não tinham ousado chegar mais perto do homem que defendia a ravina, foram envolvidos pelo fogo que caía sobre eles.

Lee viu a bola de fogo e escutou, acima do rugido nos ouvidos, a voz de Hester:

- Já foram todos, Lee.

Ele disse, ou pensou:

- Esses coitados não precisavam chegar a isso, nem nós.

- Nós os rechaçamos. Nós conseguimos. Estamos ajudando Lyra. Ela então apertou seu corpo orgulhoso e alquebrado contra o rosto dele, o mais próximo que conseguiu, e os dois morreram.

15 - MUSGO-SANGÜÍNEO

"A diante", instruiu o aletômetro. "Para frente, para cima". De modo que eles continuaram a subir. As bruxas voavam acima para escolher o melhor o caminho, pois o terreno cheio de colinas logo deu lugar a aclives mais íngremes e solo pedregoso, e enquanto o sol subia em direção ao meio dia, os viajantes se embrenhavam numa região inóspita de solo seco e desbarrancado, grandes rochedos e vales pontilhados de grandes pedras, onde não crescia uma única folha verde e onde o estrídulo dos insetos era o único som.

Seguiram em frente, conversando pouco, parando somente para beber uns goles da água de seus cantis de pele de cabra. Por algum tempo Pantalaimon voou acima da cabeça de Lyra, até que se cansou e transformouse num pequenino cabrito montês de pés firmes e orgulhoso de seus chifres, saltando por entre as rochas enquanto Lyra subia trabalhosamente. Will seguia, melancólico, apertando os olhos por causa da claridade, ignorando a dor que aumentava em sua mão, e finalmente chegando a um estado em que mover-se era bom e ficar parado era ruim, de modo que ele sofria mais descansando do que em marcha. E, desde que o feitiço das bruxas para estancar a hemorragia tinha fracassado, ele achava que elas estavam olhando para ele com medo, também, como se ele fosse marcado por alguma maldição mais forte do que o poder delas.

Em certo momento, chegaram a um laguinho, um pedaço de azul intenso com pouco mais de 25 metros de diâmetro, em meio às rochas vermelhas. Pararam ali

por algum tempo para beber e encher os cantis, e para banhar os pés doloridos na água gelada. Ficaram alguns minutos e seguiram em frente, e logo depois, quando o sol estava mais quente e mais alto, Serafina Pekkala deu um rasante para falar com eles. Estava nervosa.

- Tenho que deixar vocês por algum tempo - declarou. - Lee Scoresby precisa de mim. Não sei por quê. Mas ele não me chamaria se não precisasse de ajuda. Vão em frente, eu os encontro...

- O Sr. Scoresby? - fez Lyra, agitada e ansiosa. - Mas onde... Serafina, porém, já tinha partido, sumindo de vista antes que Lyra conseguisse completar a pergunta. Automaticamente Lyra ia pegar o aletômetro para perguntar o que tinha acontecido com Lee Scoresby, mas desistiu, pois tinha prometido não fazer coisa alguma além de guiar Will. A menina olhou para ele. Will estava sentado por perto, a mão descansando sobre o joelho, ainda pingando sangue devagar, o rosto crestado de sol e pálido sob o bronzeado.

- Will, sabe por que você tem que encontrar o seu pai? - ela quis saber.

- É o que eu sempre quis saber. Minha mãe disse que eu ia levar o manto do meu pai. É só isso que eu sei.

- Que significa isso, levar o manto dele? O que será esse manto?

- Uma missão, eu acho. Seja o que for que ele anda fazendo, tenho que continuar por ele. Não faz o menor sentido.

Ele enxugou o suor dos olhos com a mão direita. O que o menino não podia dizer era que ansiava pelo pai como uma criança perdida anseia pelo lar. Essa comparação não teria lhe ocorrido, pois o lar era para ele o lugar onde ele tomava conta da mãe, não o lugar onde outras pessoas tomavam conta dele, mas já fazia cinco anos desde aquela manhã de sábado no supermercado quando

a

brincadeira

de

se

esconder

dos

inimigos

tornara-se

desesperadamente real, cinco anos era muito tempo em sua vida, e seu coração ansiava por ouvir as palavras: "Muito bem, muito bem, meu filho; ninguém no mundo teria feito melhor; estou orgulhoso de você. Agora venha descansar...".

Will ansiava tanto por isso que mal sabia que ansiava, aquilo simplesmente fazia parte do modo como as coisas eram. Portanto, não conseguia expressar isso para Lyra agora, embora ela conseguisse ler tudo nos olhos dele - e isso era novidade nela, também: ser tão perceptiva. O fato era que em relação a Will ela estava desenvolvendo outro sentido, como se ele simplesmente estivesse mais nítido do que qualquer outra pessoa que ela conhecia. Tudo nele era claro, próximo e imediato.

E teria até dito isso a ele, mas nesse momento uma bruxa pousou.

- Vem vindo gente atrás de nós - informou. - Estão bem longe, mas avançando depressa. Devo chegar mais perto e espiar?

- Sim, faça isso - disse Lyra. - Mas voe baixo, e se esconda, não deixe que vejam você.

Will e Lyra ficaram de pé com esforço e seguiram em frente com dificuldade.

- Já senti frio muitas vezes, mas nunca tinha sentido tanto calor. Faz calor assim no seu mundo? - perguntou ela, para afastar o pensamento dos perseguidores.

- Não onde eu morava. Normalmente, não. Mas o clima está mudando. O verão tem sido mais quente do que costumava ser. Dizem que as pessoas interferiram na atmosfera colocando nela produtos químicos, e o clima está

ficando fora de controle.

- É, colocaram mesmo, e está ficando mesmo - Lyra concordou. - E

nós aqui bem no meio disso tudo.

Ele estava com calor e sede demais para responder, e ambos continuaram a subir, ofegantes. Pantalaimon agora era um grilo, sentado no ombro de Lyra, cansado demais para saltar ou voar. De vez em quando, as bruxas avistavam do alto uma nascente distante demais para Lyra e Will atingirem, e voavam até lá para encher os cantis deles. As crianças teriam morrido sem água, e onde estavam era tudo seco, qualquer nascente que conseguisse aflorar logo afundava outra vez entre as rochas. E assim seguiram, enquanto a tarde findava.

A bruxa que voltou para espionar chamava-se Lena Feldt. Ela voava baixo, de um penhasco a outro, e quando o sol se punha, tingindo de vermelhosangue as rochas, chegou ao laguinho azul e encontrou uma tropa de soldados acampados. Mas ao primeiro olhar ela ficou sabendo mais do que gostaria: aqueles soldados não tinham daemons. E não eram do mundo de Will, nem do mundo de Cittàgazze, onde os daemons das pessoas ficavam dentro delas, e onde elas mesmo assim pareciam vivas: aqueles homens eram do mundo dela mesma, e vê-los sem daemons era um horror grosseiro e nojento. Então, de uma barraca na margem do lago veio a explicação. Lena Feldt viu uma mulher, uma vida-curta, graciosa em suas roupas cáqui de caçadora e tão cheia de vida quanto o macaco dourado que ao seu lado dava cabriolas ao longo da margem.

Lena Feldt escondeu-se entre os rochedos acima do lago e ficou observando enquanto a Sra. Coulter conversava com o oficial comandante, e os homens montavam barracas, faziam fogueiras, ferviam água. A bruxa estivera com Serafina Pekkala resgatando as crianças em Bolvangar, e sentiu uma vontade imensa de atirar na Sra. Coulter ali mesmo, mas alguma boa sorte estava protegendo a mulher, pois a distância era um pouco grande demais para uma flechada, e a bruxa não poderia chegar mais perto - a não ser que se tornasse invisível. Ela então começou a fazer o feitiço para isso.

Foram precisos 10 minutos de profunda concentração.

Finalmente confiante, Lena Feldt desceu a encosta rochosa em direção ao lago, e quando atravessou o acampamento, um ou dois soldados de olhar vazio ergueram os olhos de relance para ela. A bruxa parou do lado de fora da barraca onde a Sra. Coulter tinha entrado e colocou a flecha no arco. Escutou a voz baixa da mulher através da lona e então avançou cautelosamente até a abertura da barraca, que era virada para o lago. Dentro, a Sra. Coulter conversava com um

homem que Lena Feldt nunca tinha visto: um homem mais velho, grisalho e corpulento, com uma daemon-serpente enrolada no pulso. Estavam sentados em cadeiras de lona colocadas lado a lado, e ela falava em voz baixa, inclinada para ele:

- Claro que sim, Carlo - dizia. - Vou lhe contar o que quiser. O que é

que você deseja saber?

- Como é que você comanda os Espectros? – ele perguntou. - Pensei que fosse impossível, mas eles seguem você como cachorrinhos... Eles têm medo da sua escolta? O que é?

- Simples. Eles sabem que posso lhes dar mais alimento se me deixarem viva do que se me consumirem. Posso levá-los a todas as vítimas que seus corações fantasmagóricos desejarem. Assim que você os descreveu para mim, eu soube que poderia dominá-los, e foi o que aconteceu. E um mundo inteiro estremece sob o poder dessas coisas pálidas! Mas, Carlo, posso contentar você também, sabe? - ela sussurrou. - Gostaria disso?

- Marisa, já é prazer suficiente estar perto de você...

- Não é, não, Carlo, você sabe que não é. Sabe que posso lhe dar ainda mais prazer .

As mãozinhas negras e calosas do daemon dela acariciavam o daemon-serpente. Aos poucos a serpente desenrolou-se e começou a deslizar ao longo do braço do homem em direção ao macaco. O homem e a mulher seguravam taças de vinho dourado, e ela deu um gole na sua e inclinou-se para ele um pouco mais.

- Ah... - fez o homem, enquanto seu daemon deslizava lentamente do seu braço para as mãos do macaco dourado.

O macaco ergueu-a devagar até o rosto e passou a face de leve ao longo da pele cor de esmeralda da serpente. Esta dardejou a língua, e o homem suspirou.

- Carlo, me conte por que está perseguindo o menino - a Sra. Coulter pediu, com a voz tão suave quanto a carícia do macaco. - Por que precisa encontrá-lo?

- Ele tem uma coisa que eu quero. Ah, Marisa...

- O que é, Carlo? O que é que ele tem?

Ele sacudiu a cabeça. Mas estava achando difícil resistir, seu daemon enrolara-se em volta do tórax do macaco e deslizava a cabeça pela pelagem longa e lustrosa, enquanto o macaco corria as mãos ao longo do corpo fluido da serpente.

Lena Feldt observava, parada, invisível, a dois passos de onde eles estavam sentados. Mantinha a corda do arco tensa, a flecha preparada: em menos de um segundo a Sra. Coulter poderia estar morta. Mas a bruxa estava curiosa, ficou parada, imóvel, silenciosa, de olhos bem abertos. Mas enquanto ela observava a Sra. Coulter, não olhou para o laguinho azul atrás de si. Na margem oposta, na escuridão, parecia ter nascido um bosque de árvores fantasmagóricas, um bosque que de vez em quando estremecia como se com uma intenção consciente. Mas não eram árvores, naturalmente e, enquanto Lena Feldt e seu daemon dedicavam toda a sua atenção à Sra. Coulter, uma das figuras pálidas afastou-se das outras e deslizou sobre a superfície do lago gelado sem provocar uma única ondulação na água, até parar a cerca de um metro da pedra onde o daemon de Lena Feldt estava empoleirado.

- Você podia muito bem me contar, Carlo - murmurava a Sra. Coulter.

- Você podia sussurrar. Podia fingir que estava falando dormindo, quem poderia culpá-lo por isso? Conte simplesmente o que é que o garoto tem e por que você quer essa coisa. Eu poderia consegui-la para você... Gostaria que eu fizesse isso? É só me contar, Carlo. Não quero essa coisa para mim, eu quero a garota. O que é? Diga-me, e eu lhe trago. Ele estremeceu de leve. Tinha os olhos fechados. Então disse:

- É uma faca. A faca sutil de Cittàgazze. Nunca ouviu falar dela, Marisa? Algumas pessoas a chamam de teleutaia makhaira, a última de todas as facas. Outras pessoas chamam de AEsahaettr...

- O que é que ela faz, Carlo? Por que é tão especial?

- Ah... a faca que corta qualquer coisa... Nem os seus fabricantes sabiam o que ela pode fazer... Nada, ninguém, matéria, espírito, anjo, ar, nada é invulnerável para a faca sutil. Marisa, ela é minha, você entende?

- Claro, Carlo. Eu prometo. Deixe-me encher a sua taça... E enquanto o macaco dourado percorria com as mãos o corpo da serpente esmeralda, apertando de

leve, erguendo, acariciando, enquanto Sir Charles suspirava de prazer, Lena Feldt viu o que estava realmente acontecendo: como o homem tinha os olhos fechados, a Sra. Coulter secretamente colocou na taça dele algumas gotas de um pequeno frasco antes de tornar a enchê-la com vinho.

- Tome, querido - ela sussurrou. - Vamos brindar um ao outro... Ele já estava embriagado, pegou a taça e bebeu gulosamente, gole após gole. E então, sem qualquer aviso, a Sra. Coulter levantou-se, virou-se e ficou cara a cara com Lena Feldt.

- Ora, bruxa, pensou que eu não sabia como é que vocês ficam invisíveis? - falou.

Lena Feldt estava atônita demais para se mover. Atrás da Sra. Coulter o homem lutava para respirar. O peito ofegava, o rosto estava vermelho e o daemon pendia flacidamente das mãos do macaco, que jogou-o longe com desprezo.

Lena Feldt tentou erguer o arco, mas uma paralisia fatal lhe dominava o ombro, não conseguia se mexer. Isso nunca tinha acontecido antes, ela soltou um gritinho.

- Ah, é tarde demais para isso - disse a Sra. Coulter. - Olhe para o lago, bruxa.

Lena Feldt virou-se e viu seu daemon-calhandra batendo as asas e guinchando como se estivesse numa câmara de vidro sendo esvaziada de ar, o daemon debateu-se e caiu, o bico aberto, em pânico, tentando respirar. O

Espectro o tinha envolvido.

- Não! - ela gritou.

Tentou ir até ele, mas foi impedida por um espasmo de náusea. Mesmo naquele estado terrível, Lena Feldt via que a Sra. Coulter tinha mais força na alma do que qualquer outra pessoa que ela conhecia. Não ficou surpresa ao perceber que o Espectro estava sob o poder da Sra. Coulter: ninguém conseguia resistir à sua autoridade. Lena Feldt, angustiada, voltou-se para ela.

- Solte ele! Por favor, solte ele! - implorou.

- Veremos. A criança está com vocês? A menina, Lyra?

- Está!

- E um garoto, também? Um menino com uma faca?

- É... Eu lhe imploro...

- E quantas bruxas são?

- Vinte. Solte ele, solte ele!

- Todas no ar? Ou algumas ficam no chão com as crianças?

- A maioria no ar, três ou quatro sempre no chão... É horrível... Solte ele, ou me mate agora!

- A que distância da montanha eles estão? Estão avançando, ou pararam para descansar?

Lena Feldt contou-lhe tudo. Teria resistido a qualquer tortura, exceto o que estava agora acontecendo com o seu daemon. Quando a Sra. Coulter ficou sabendo tudo que desejava, disse:

- E agora me conte uma coisa. Vocês, bruxas, sabem alguma coisa sobre essa menina. Eu quase fiquei sabendo por uma das suas irmãs, mas ela morreu antes que eu pudesse completar a tortura. Bem, não há ninguém para salvar você agora. Diga-me a verdade sobre a minha filha. Lena Feldt disse, ofegante:

- Ela será a mãe... Ela será a vida... a mãe... Vai desobedecer... vai...

- Diga o nome dela! Você está contando tudo, menos a coisa mais importante! O nome dela! - gritou a Sra. Coulter.

- Eva! A mãe de todos! Eva, outra vez! A Mãe Eva! - balbuciou Lena Feldt, soluçando.

- Ah! - fez a Sra. Coulter .

E soltou um grande suspiro, como se finalmente o propósito de sua vida estivesse claro. A bruxa percebeu vagamente o que tinha feito, e, vencendo o horror que a envolvia, tentou gritar:

- O que é que vai fazer com ela? O que é que vai fazer?

- Ora, vou ter que destruí-la - respondeu a Sra. Coulter. - Para impedir outra Queda... Por que não vi isso antes? Era grandioso demais para ser percebido...

Ela bateu palmas de leve, como uma criança, de olhos arregalados. Lena Feldt, gemendo, ouviu-a prosseguir:

- Claro que sim. Asriel vai guerrear contra a Autoridade, e então... Claro, claro... Como antes, de novo. E Lyra é Eva. E desta vez ela não vai cair. Vou cuidar disso. Não vai haver Queda...

E a Sra. Coulter endireitou o corpo e estalou os dedos para o Espectro que se alimentava do daemon da bruxa. O pequeno daemon-calhandra ficou caído sobre a pedra, em espasmos, enquanto o Espectro avançava para a própria bruxa e então, o que quer que Lena Feldt tenha suportado foi duplicado e triplicado e multiplicado 100 vezes. Ela sentiu náuseas na alma, um desespero terrível e repugnante, melancolia e cansaço, um cansaço tão profundo que ela pensou que fosse morrer. Seu último pensamento consciente foi nojo da vida: seus sentidos tinham-lhe mentido, o mundo não era feito de energia e delícia, mas de sujeira, traição e lassitude. Viver era horrível e morrer não era melhor, e de um lado a outro do universo essa era a primeira e última e única verdade.

Assim ficou ela, o arco na mão, indiferente, morta em vida. De modo que Lena Feldt deixou de ver ou de se importar com o que a Sra. Coulter fez em seguida. Ignorando o homem grisalho derreado, inconsciente, na cadeira de lona, e o daemon-serpente de pele opaca enrodilhada no chão, ela chamou o capitão dos soldados e ordenou que se preparassem para uma marcha noturna montanha acima.

Então foi até a beirada do lago e chamou os Espectros. Eles vieram ao seu comando, deslizando como colunas de névoa por cima da água. Ela ergueu os braços e fez com que se esquecessem de que eram presos à terra, de modo que um por um eles se ergueram no ar e flutuaram, como sombras malévolas deslizando na noite, levados pelas correntes de ar em direção a Will, Lyra e as outras bruxas, mas Lena Feldt nada enxergou disso tudo. Depois que escureceu, a temperatura caiu rapidamente, Will e Lyra comeram o restante do pão seco e foram deitar-se na reentrância formada por um rochedo que assomava, para ficarem aquecidos e tentarem dormir. Lyra, pelo menos, não precisou tentar; em

apenas um minuto estava dormindo, enrodilhada em volta de Pantalaimon. Mas Will não conseguia dormir, por mais que tentasse - em parte por causa da mão, que agora latejava até o cotovelo e estava incomodamente inchada, em parte por causa do solo duro, em parte pelo frio, em parte por pura exaustão e em parte por saudade da mãe. Estava preocupado com ela, naturalmente, e achava que estaria mais segura se ele estivesse lá, tomando conta dela, mas queria que ela tomasse conta dele, também, como quando ele era pequeno; queria que lhe fizesse um curativo, cantasse para ele dormir e levasse embora todos os problemas, que o rodeasse de todo o carinho, suavidade e amor maternal de que ele tanto precisava; e isso nunca iria acontecer. Parte dele ainda era um menininho. De modo que ele chorou, mas sem se mexer, para não acordar Lyra. Mas mesmo assim não conseguia dormir. Estava mais desperto que nunca.

Finalmente

estendeu

as

pernas

doloridas

e

levantou-se

cautelosamente, estremecendo, e com a faca na cintura pôs - se a subir a montanha, para acalmar a sua inquietação.

Atrás dele, o daemon-tordo da bruxa de sentinela inclinou a cabeça e a bruxa virou-se em seu posto de vigia para ver Will subindo pelas pedras. Ela pegou seu ramo de pinheiro-nubígeno e alçou vôo silenciosamente, não para incomodá-lo, mas para protegê-lo e evitar que ele se machucasse. Ele não percebeu. Sentia tal necessidade de se movimentar que já

quase não sentia a dor na mão. Tinha a sensação de que deveria caminhar a noite inteira, o dia inteiro, para sempre, porque nada mais acalmaria aquela febre em seu peito. Então, como se solidário com ele, o vento começara a soprar. Não havia folhas que pudessem ser sacudidas, mas o vento golpeava o corpo de Will,

soprando seus cabelos, havia turbulência dentro e fora dele. Ele subiu cada vez mais alto, mal se lembrando de que precisaria encontrar o caminho de volta para Lyra, até chegar a um pequeno platô que parecia estar quase no topo do mundo; em volta dele, em todos os horizontes, não havia montanha mais alta. Ao luar brilhante, as únicas cores eram o negro total e o branco puro, os contornos eram serrilhados e as superfícies eram nuas.

O vento selvagem devia estar trazendo nuvens, pois de repente a lua foi encoberta e a escuridão cobriu toda a paisagem; e eram nuvens espessas, pois nem um raio de luar brilhava através delas. Em menos de um minuto Will encontrou-se em escuridão quase total.

E no mesmo momento sentiu que lhe agarravam o braço direito. Ele gritou com o choque e tentou desvencilhar-se, mas foi em vão. E

Will tornou-se selvagem. Tinha a sensação de ter chegado ao fim do mundo, se ali fosse também o fim da sua vida, ele iria lutar e lutar até cair. De modo que pôs-se a girar e chutar, mas a mão não o soltava, como era o braço direito que estava preso, ele não conseguia pegar a faca. Tentou fazer isso com a mão esquerda, mas estava sendo tão sacudido, e sua mão estava tão inchada e dolorida, que não conseguiu, tinha que lutar com uma só

mão, machucada, contra um homem adulto.

Enterrou os dentes na mão que lhe prendia o braço, mas o que aconteceu foi que o homem lhe deu um soco estonteante na nuca. Então Will tornou a chutar, alguns dos chutes atingiram o alvo e outros não, e durante todo o tempo ele saltava, girava, empurrava e se debatia, mas não conseguia desvencilhar-se.

Ouvia vagamente a sua própria respiração ofegante junto com os grunhidos e a respiração rascante do homem, então, por puro acaso, conseguiu passar a perna por trás do outro e jogou-se contra o peito dele, e o homem caiu com Will por cima, mas nem por um instante o aperto no braço de Will diminuiu. E Will, rolando com violência no solo pedregoso, sentiu um grande medo apertar-lhe o coração: aquele homem jamais iria soltá-lo, mesmo que o menino conseguisse matá-lo, o cadáver continuaria preso ao seu braço. Mas Will sentia-se enfraquecendo, e agora estava chorando, também, soluçando amargamente enquanto chutava, empurrava e batia no homem com a cabeça e os pés, e sabia que seus músculos logo cederiam. E então percebeu que o homem estava imóvel,

embora a mão continuasse agarrando firmemente o braço de Will. Estava deitado, deixando que Will o surrasse com a cabeça e os joelhos, e assim que percebeu isso Will perdeu o resto das suas forças e caiu ao lado do seu oponente, atordoado, cada nervo em seu corpo retesado e latejante.

Will ergueu o tronco com dificuldade e perscrutou a profunda escuridão, distinguindo um borrão branco no chão ao lado do homem. Era o peito e a cabeça brancos de um grande pássaro, uma águia-pesqueira, um daemon, que estava deitado, imóvel. Will tentou soltar o braço, e o fraco puxão provocou uma reação do homem, cuja mão não tinha afrouxado. Mas ele estava se mexendo: estava tateando a mão direita de Will com sua mão livre. Will arrepiou-se. Então o homem disse:

- Me dê a sua outra mão.

- Tome cuidado - Will pediu.

A mão livre tateou ao longo do braço esquerdo de Will, e as pontas dos dedos deslizaram pelo pulso até a palma inchada e, com enorme delicadeza, pelos dois tocos dos dedos de Will. No mesmo instante a outra mão soltou o menino e ele se sentou.

- Você tem a faca - afirmou. - Você é o portador da faca. A voz era ressonante, áspera, porém ofegante. Will sentia que o outro estava seriamente ferido. Ele teria machucado aquele adversário oculto?

Will ainda estava deitado nas pedras, inteiramente exausto. Tudo que via era o vulto do homem agachado ao seu lado, mas não conseguia ver-lhe o rosto. O homem estava procurando alguma coisa, e depois de um instante uma sensação maravilhosa e calmante espalhou-se pela mão de Will, partindo dos tocos dos dedos, enquanto o homem massageava sua pele com um ungüento.

- O que está fazendo? - Will perguntou.

- Curando o seu machucado. Fique quieto.

- Quem é você?

- Sou o único homem que sabe para que serve a faca. Segure a mão assim. Não se mexa.

O vento soprava mais forte que nunca, e um pingo de chuva bateu no rosto de Will. Ele tremia violentamente, mas apoiou a mão esquerda com a direita enquanto o homem espalhava mais pomada sobre os tocos e enrolava uma faixa de linho em volta da mão.

Assim que o curativo ficou pronto, o homem deixou-se cair de lado e deitou-se. Will, ainda pasmo com a abençoada insensibilidade na mão, tentou sentar-se e olhar para ele. Mas estava mais escuro do que nunca. Ele estendeu a mão direita e tocou no peito do homem, onde o coração batia como um pássaro contra as grades de uma gaiola.

- Sim - disse o homem em voz rouca. - Tente curar isto.

- Está doente?

- Vou melhorar logo. Você tem a faca, não?

- Sim.

- E sabe usá-la?

- Sei, sei. Mas o senhor é deste mundo? Como é que sabe dela?

O homem sentou-se com esforço.

- Escute - disse. - Não me interrompa. Se você é o portador da faca, tem uma missão maior do que pode imaginar. Um menino... Como é que eles deixaram isto acontecer? Bem, já que tem que ser... Vem aí uma guerra, garoto. A maior que já existiu. Já aconteceu uma coisa parecida, e desta vez o lado certo tem que vencer... Durante todos os milhares de anos da História humana, só tivemos mentiras, propaganda, crueldade e hipocrisia. Está na hora de começar de novo, mas desta vez da maneira certa... Ele parou de falar para respirar várias vezes, ruidosamente. Depois de um minuto, continuou:

- E a faca... Eles não sabiam o que estavam fazendo, aqueles filósofos antigos. Inventaram uma coisa que podia partir as menores partículas de matéria, e usaram isso para roubar caramelos. Não tinham idéia de que haviam feito a única arma em todos os universos que poderia derrotar o tirano. A Autoridade. Deus. Os anjos rebeldes fracassaram porque não tinham uma coisa assim, mas agora...

- Eu não queria a faca! E ainda não quero! - Will exclamou. - Se o senhor quer, pode ficar com ela! Eu odeio esta faca e odeio o que ela faz...

- Tarde demais. Você não tem escolha: é o portador. A faca o escolheu. E além disso, eles sabem que você está com ela, e se não usá-la contra eles, vão arrancá-la de você e usá-la contra o resto de nós, para sempre.

- Mas por que eu devo lutar contra eles? Já lutei demais, não posso continuar lutando, eu quero...

- Você venceu as suas lutas?

Will ficou em silêncio. Depois disse:

- É, acho que sim.

- Lutou pela faca?

- Sim, mas...

- Então é um guerreiro. É o que você é, conteste qualquer coisa, menos a sua própria natureza.

Will sabia que o homem estava falando a verdade. Mas não era uma verdade agradável, era pesada e dolorosa. O homem parecia saber disso, pois deixou Will baixar a cabeça antes de tornar a falar.

- Existem dois grandes poderes, e eles lutam desde o início dos tempos. Eles disputam, arrancando dos dentes um do outro, cada progresso na vida humana, cada passo nosso no conhecimento, na sabedoria e na decência. Cada pequeno avanço na liberdade humana foi disputado ferozmente entre aqueles que querem aumentar o nosso conhecimento para que sejamos mais sábios e mais fortes, e aqueles que nos querem obedientes, humildes e submissos. E agora esses dois poderes estão se preparando para a guerra. E

cada um deles quer essa sua faca mais do que qualquer outra coisa. Você tem que escolher, garoto. Nós dois fomos guiados até aqui: você com a faca e eu para lhe falar dela.

- Não! Você está enganado! - Will exclamou. - Eu não estava procurando nada

disso! Não é nada disso que eu estava procurando!

- Você pode achar que não é, mas foi isso que encontrou - disse o homem na escuridão.

- Mas o que devo fazer?

E então Stanislaus Grumman, Jopari, John Parry, hesitou.

Tinha plena consciência do juramento que fizera a Lee Scoresby, e hesitou antes de rompê-lo, mas foi o que fez.

- Você deve ir até Lorde Asriel e dizer-lhe que Stanislaus Grumman mandou você e que você tem a arma de que ele precisa mais do que todas. Gostando ou não, rapaz, você tem um trabalho a fazer. Ignore todo o resto, por mais importante que pareça ser, e vá fazer isso. Vai aparecer alguém para guiá-lo, a noite está cheia de anjos. Agora a sua ferida vai cicatrizar. Espere. Antes de ir, quero ver você direito.

Ele tateou à procura do pacote que estava carregando, tirou alguma coisa, desdobrou várias camadas de lona e depois acendeu um fósforo e com ele acendeu uma pequena lamparina de lata. A essa luz, através do ar ventoso e denso de chuva, os dois se entreolharam.

Will viu olhos ardentes num rosto abatido, dominado pela dor, o queixo forte coberto por uma barba de vários dias, cabelos grisalhos, um corpo curvado e magro envolto numa capa pesada, uma espécie de manto orlado de penas de pássaros diversos.

O xamã viu um garoto ainda mais jovem do que ele tinha imaginado, o corpo magro e trêmulo numa camisa de linho rasgada, e expressão exausta, selvagem e desconfiada, mas iluminada por uma curiosidade feroz, os olhos arregalados sob as sobrancelhas negras e retas, tão parecidas com as da mãe...

E então aconteceu entre ambos a primeira fagulha de outra coisa mais. Mas nesse mesmo momento, enquanto a luz da lamparina iluminava o rosto de John Parry, alguma coisa desceu do céu encoberto e ele caiu morto antes de poder dizer uma palavra, com uma flecha cravada no coração doente. O daemon-águia-pesqueira desapareceu.

Will conseguia apenas olhar, estupefato. Uma faísca cruzou seu campo de visão, e sua mão direita moveu-se como um raio, ele viu que estava segurando um daemon, um tordo de peito vermelho, em pânico.

- Não! Não! - gritou a bruxa Juta Kamainen, e caiu também, apertando o peito, batendo no solo pedregoso e levantando-se outra vez com esforço. Mas Will aproximou-se antes que ela conseguisse se equilibrar, e colocou a faca sutil na garganta dela.

- Por que fez isso? - gritou. - Por que matou ele?

- Porque eu o amava e ele me desprezou! Sou uma bruxa! Eu não perdôo!

E por ser uma bruxa, normalmente ela não teria medo de um menino, mas teve medo de Will. Aquela jovem figura machucada tinha mais força e representava um perigo maior do que ela jamais encontrara num humano, e ela se intimidou. Deu um passo para trás, ele avançou e agarrou-lhe os cabelos com a mão esquerda, sem sentir dor, sentindo apenas um desespero enorme e esmagador.

- Você não sabe quem ele era! - gritou. - Era o meu pai.

Ela sacudiu a cabeça e sussurrou:

- Não, não! Não pode ser verdade! Impossível!

- Você acha que as coisas têm que ser possíveis? As coisas têm que ser verdadeiras! Ele era o meu pai, e nenhum dos dois sabia, até o segundo em que você o matou! Bruxa, eu espero a minha vida inteira e venho até aqui e finalmente encontro o meu pai, e você mata ele...

Ele sacudiu a cabeça dela como a de uma boneca, e jogou-a sobre o solo, deixando-a quase inconsciente. O pasmo dela era quase maior do que o medo que tinha dele, que era bem grande, e ela se levantou, atordoada, e agarrou a camisa dele, em súplica. Ele afastou a mão dela com brutalidade.

- Que foi que ele lhe fez, para precisar matar ele? - gritou. - Diga-me, se puder!

E ela olhou para o morto. Depois olhou outra vez para Will e sacudiu a cabeça com tristeza.

- Não consigo explicar - disse. - Você é novo demais. Não iria entender. Eu o amava. Só isso. Isso basta.

E antes que Will pudesse impedi-la, caiu de lado, com a mão no punho da faca que acabara de tirar de seu próprio cinto e enfiar no peito. Will não sentiu horror; apenas desolação e perplexidade. Levantou-se devagar e olhou para a bruxa morta, para os cabelos negros, a face corada, os membros macios e pálidos molhados de chuva, os lábios entreabertos como os de uma amante.

- Não compreendo. É estranho demais - disse em voz alta.

Will virou-se para o homem morto, seu pai.

Mil coisas lutavam em sua garganta, e só a chuva forte esfriava o fogo em seus olhos. A pequena lamparina ainda tremeluzia ao vento, e à sua luz Will ajoelhou-se e colocou as mãos no corpo do homem, tocando em seu rosto, seus ombros, seu peito, fechando os seus olhos, afastando da sua testa os cabelos grisalhos e molhados, apertando as mãos contra suas faces ásperas, fechando a boca de seu pai, segurando as suas mãos.

- Pai... Papai, paizinho... Meu pai... Não entendo por que ela fez isso. É estranho demais para mim. Mas o que o senhor queria que eu fizesse, prometo, juro que vou fazer. Vou lutar. Vou ser um guerreiro, vou. Esta faca, vou levá-la para Lorde Asriel, onde quer que ele esteja, e vou ajudar ele a lutar contra o inimigo. Vou fazer isso. Pode descansar agora. Está tudo bem. Pode dormir agora.

Ao lado do morto estava a bolsa de pele de cervo, com a lona dobrada, a lamparina e a pequena caixinha de chifre cheia de ungüento de musgo-sangüíneo. Will recolheu essas coisas, e então viu o manto orlado de penas, sujo e encharcado, mas ainda assim um agasalho. Não teria mais utilidade para o pai, e Will estava tremendo de frio. Desabotoou afivela de bronze que prendia o manto na garganta do homem morto e colocou a bolsa de lona sobre o ombro antes de enrolar-se nele.

Apagou a lamparina e olhou para trás, para as figuras desfocadas do pai, da bruxa e novamente do pai, antes de virar-se e descer a montanha. O ar tempestuoso estava elétrico com sussurros, e no fragor do vento Will ouvia outros sons também: ecos confusos de gritos e cânticos, o clangor de metal contra metal, um poderoso ruflar de asas que em certo momento soou tão próximo que poderia até estar dentro da cabeça dele, e no momento seguinte

parecia tão distante que poderia estar em outro planeta. As pedras no chão eram soltas e escorregadias, e foi muito mais difícil descer do que tinha sido subir, mas ele não vacilou.

E quando desceu o último pequeno barranco antes de chegar ao lugar onde Lyra estava dormindo, ele estacou de repente. Havia dois homens simplesmente parados ali, no escuro, como se estivessem esperando. Will levou a mão à faca.

Então um deles falou:

- Você é o menino da faca?

Sua voz tinha a mesma qualidade estranha do ruflar de asas. Fosse quem fosse, não era um ser humano.

- Quem são vocês? - Will perguntou. - São homens, ou...

- Não somos homens, não. Somos os Vigilantes. Beneelim. Em sua língua, anjos.

Will ficou em silêncio. O homem continuou.

- Outros anjos têm outras funções e outros poderes. A nossa missão é

simples: precisamos de você. Viemos seguindo o xamã por todo o caminho, na esperança de que ele nos levasse a você, e ele fez isso. E agora viemos para levar você a Lorde Asriel.

- Vocês estiveram com meu pai todo o tempo?

- Cada minuto.

- Ele sabia?

- Não tinha a menor idéia.

- Então por que não detiveram a bruxa? Por que deixaram ela matar o meu pai?

- Antes nós teríamos feito isso, mas a missão dele estava cumprida, depois que ele nos levou até você.

Will não respondeu. Sua cabeça retinia, aquilo não era menos difícil de entender

do que todo o resto. Finalmente falou:

- Está bem, eu vou com vocês. Mas primeiro tenho que acordar Lyra. Eles se afastaram para deixá-lo passar, e ele sentiu uma vibração no ar ao passar perto das duas figuras, mas ignorou isso e concentrou-se em descer a encosta na direção do pequeno abrigo onde Lyra estava dormindo. Mas alguma coisa fez com que estacasse.

Na penumbra, ele viu que as bruxas que protegiam Lyra estavam todas sentadas ou de pé, imóveis. Pareciam estátuas, respiravam, mas mal estavam vivas. Havia também vários corpos vestidos de seda negra caídos no chão, e enquanto contemplava a cena, horrorizado, Will entendeu o que devia ter acontecido: elas tinham sido atacadas no ar pelos Espectros e morrido na queda, indiferentes.

Mas...

- Onde está Lyra? - ele bradou.

A pequena reentrância sob o rochedo estava vazia. Lyra tinha desaparecido. Havia alguma coisa onde Lyra estivera deitada. Era a pequena mochila de brim, e pelo peso ele soube, sem precisar olhar, que o aletômetro ainda estava ali dentro.

Will sacudiu a cabeça. Não podia ser verdade, mas era: Lyra tinha sumido, Lyra tinha sido capturada, Lyra estava perdida.

As duas figuras escuras dos beneelim não tinham se movido. Mas disseram:

- Agora tem que vir conosco. Lorde Asriel precisa de você

imediatamente. O poder do inimigo cresce a cada minuto. O xamã lhe disse qual é a sua missão. Siga-nos e nos ajude a vencer. Venha conosco. Venha por aqui. Venha agora.

Will olhou para eles, depois para a mochila de Lyra e de novo para eles, e não escutou uma só palavra do que eles disseram.